

ॐ
BHAGAVAD GĪTĀ¹



Traduzido do original para o inglês e comentado por Swami Nikhilananda²

MEDITAÇÃO

Om. Ó *Bhagavad Gītā*, foi através de Tua ajuda que Nārāyana, o próprio Senhor, trouxe iluminação a Arjuna. Depois Vyāsa, um sábio dos tempos antigos, incorporou-Te no *Mahābhārata*. Ó Deusa, através de Teus dezoito capítulos Tu derramas o néctar imortal da sabedoria da Não-dualidade e destróis o renascimento do homem neste mundo mortal. Ó Mãe, eu medito em Ti.

Eu te saúdo, ó Vyāsa, possuidor de grande sabedoria. Teus belos olhos são grandes como as pétalas de um lótus totalmente desabrochado. Tu acendeste a lâmpada do Conhecimento, enchendo-a com o óleo do *Mahābhārata*.

Eu Te saúdo, ó Krishna! Tu és a Árvore que Realiza Desejos para aqueles que se refugiam a Teus pés. Com uma mão Tu seguras um cajado para conduzir vacas, e a outra está levantada—o polegar tocando a ponta do dedo indicador—como que transmitindo o Conhecimento Divino. Tu és o Ordenhador da ambrosia do *Gītā*.

¹ Traduzido do livro em inglês *The Bhagavad Gita* de Swami Nikhilananda.

² Swami Nikhilananda (1895-1973), um discípulo da Santa Mãe Sri Sarada Devi, foi o fundador do Centro Ramakrishna-Vivekananda de Nova York, EUA. Autor de diversos livros, traduziu para o inglês o *Sri Ramakrishna Kathamrita* (*Gospel of Sri Ramakrishna*), o *Bhagavad Gita*, os *Upanishads*, etc.

Os *Upanishads* são como um rebanho de vacas; Krishna, o Filho de um pastor de vacas, é seu Ordenhador. Arjuna é o bezerro, a suprema ambrosia do Gītā, o leite, e o homem sábio o bebedor.

Eu Te saúdo, ó Divino Krishna, Mestre do universo, Tu és o Filho de Vasudeva, o Dador de supremo deleite à Mãe Devaki, e o Destruidor dos demônios Kamsa e Chānura.

Com a ajuda de Krishna, os cinco filhos de Pāndu emergiram vitoriosos da batalha de Kurukshetra. Ele agiu como o Barqueiro no rio aterrorizante do campo de batalha, do qual Bhishma e Drona formaram as altas margens, Jayadratha a água, o rei de Gāndhāra o lótus azul, Śalya o tubarão, Kripa a correnteza, Karna as ondas quebradas, Aśvatthāmā e Vikarna os jacarés, e Duryodhana o redemoinho.

Que o impecável lótus do *Mahābhārata*, que cresce na água das palavras de Vyāsa e destrói os pecados da *Kaliyuga*; do qual o *Gītā* forma a fragrância irresistível, e muitas nobres histórias de heróis os estames; que é iluminado pelo discurso sobre o Senhor Hari; e no qual a luz, buscando seu néctar, um enxame de abelhas negras, os felizes homens piedosos – que aquele *Mahābhārata* nos conceda o Supremo Bem!

Eu saúdo Krishna, a Personificação da Suprema Bem-aventurança, através de cuja graça os mudos se tornam eloquentes e os aleijados escalam montanhas.

Eu saúdo o Reluzente, cujo louvor é cantado em diversos hinos por Brahmā, Varuna, Indra, Rudra e os Maruts; cujas glórias são proclamadas pelos bardos nos versos e capítulos dos Vedas; a quem os *yogis* veem quando suas mentes estão absorvidas em contemplação; e cujo limite não é conhecido pelas hostes de deuses ou demônios.

|

O PESAR DE ARJUNA

1. *Dhritarāshtra* disse: Ó Sanjaya, o que fizeram os filhos de Pāndu e os meus, quando, desejosos de lutar, se reuniram na planície sagrada de *Kurukshetra*?

Pāndu – Irmão mais novo de Dhritarāshtra e pai dos *Pāndavas*: Yudhishtira, Bhima, Arjuna, Nakula e Sahadeva.

Meus – Os cem filhos de Dhritarāshtra, dos quais o mais velho era o Rei Duryodhana; os antagonistas dos *Pāndavas*.

Planície sagrada – *Kurukshetra* é sagrada para os hindus porque, desde tempos muito antigos, homens santos praticaram disciplinas espirituais ali. Nos arredores de *Kurukshetra*, há campos de batalha onde, várias vezes, o destino da Índia foi decidido e onde, em obediência ao seu *dharma*, os *kshatriyas* desembainharam suas espadas para proteger a cultura espiritual de sua terra natal.

Dhritarāshtra nasceu cego; por isso, ele pergunta a Sanjaya sobre o andamento da batalha.

2. *Sanjaya disse: Ao ver o exército Pândava formado para a batalha, o Rei Duryodhana foi até seu mestre e falou estas palavras:*

Exército Pândava – O exército dos filhos de Pându.

Mestre – O instrutor militar dos filhos reais de Pându e Dhritarāshtra é um *brāhmin* chamado Drona. Drona sabe que o Rei Duryodhana defende uma causa injusta, mas luta por ele em obediência ao seu dever para com o rei reinante.

3. *Ó mestre, contemplai o grande exército dos filhos de Pându, formado por seu talentoso discípulo, o filho de Drupada.*

Dhristadyumna, filho de Drupada, é o oficial comandante-em-chefe dos *Pândavas*. Drupada é o sogro dos irmãos *Pândavas*.

4. -6. *Nesse exército, há arqueiros poderosos e heróis, iguais a Bhima e Arjuna em batalha: Yuyudhana, Virata e Drupada, cada um deles um maharatha; o heroico Dhristaketu, Chekitana e o rei de Kasi; Purujit, Kuntibhoja e Saivya, todos os melhores dos homens; o poderoso Yudhamanyu, o valente Uttamauja, o filho de Subhadra e os filhos de Draupadi – todos verdadeiros maharathas.*

Maharatha – Alguém capaz de lutar sozinho contra dez mil arqueiros.

Draupadi – A esposa dos cinco irmãos *Pândavas*.

7. *Ó melhor dos ‘nascidos duas vezes’, permita-me também enumerar os líderes do meu próprio exército, aqueles que se destacam entre nós. Nomeá-los-ei para que os conheçais todos:*

Nascidos duas vezes (Dvija) – A palavra ‘*dvija*’ refere-se aos homens pertencentes às três castas superiores entre os hindus, cujo segundo nascimento ocorre quando são iniciados na vida espiritual com a investidura do cordão sagrado. Aqui, a palavra denota apenas os *brāhmins*.

8. *Vós mesmo, Bhishma e Karna; Kripa, que é sempre vitorioso na guerra; Asvatthama, Vikarna, Jayadratha e o filho de Somadatta;*

Asvatthama é o filho de Drona.

9. E muitos outros heróis além destes, armados com muitas armas, cada um habilidoso na batalha e todos resolvidos a sacrificar suas vidas para servir à minha causa.

10. Mas este nosso exército, protegido por Bhishma, é inadequado, enquanto aquele exército deles, protegido por Bhima, é adequado.

O verso também pode ser interpretado como significando que o exército sob Bhishma é ilimitado, enquanto o sob Bhima é limitado.

Bhishma, o avô dos filhos de Pându e de Dhritarāshtra, tem amor imparcial por todos e deseja o bem de ambos os lados. Mas Bhima, o protetor do exército *Pāndava*, naturalmente quer a vitória apenas de seu lado. Ele pode ser esperado para mostrar mais zelo em vencer a batalha, enquanto Bhishma, o protetor do exército de Duryodhana, não está especialmente ansioso para aniquilar o lado oposto. Daí o tom pessimista de Duryodhana, conforme interpretado no texto. O exército de Duryodhana excede, em números reais, o exército de seus oponentes.

11. Agora, ocupai vossos lugares adequados à frente de vossas tropas reunidas e protegei Bhishma sozinho.

Nenhum mal deve acontecer a Bhishma, o comandante-em-chefe, por parte do inimigo.

12. Bhishma, o avô, o corajoso, o mais velho dos *Kurus*, soltou um rugido de leão e tocou sua concha, causando alegria a Duryodhana.

Rugido de leão – Expressão comum em sânscrito para uma declaração triunfante, confiante ou exultante.

Drona recebe friamente as palavras de Duryodhana, e Bhishma quer revigorar o entusiasmo de seu rei e neto. O toque da concha, indicando um desafio, inicia a luta. Assim, o lado de Duryodhana torna-se o agressor, responsável pela batalha.

13. Então, conchas e tambores, tímpanos e trombetas e chifres de vaca soaram de repente; e o som foi estupendo.

O ruído surge no lado de Duryodhana.

14. Diante disso, Mādhava e Pāndava, sentados em sua magnífica carruagem atrelada a cavalos brancos, também tocaram suas conchas celestiais.

Mādhava – Um nome de Krishna.

Pāndava – Lit., filho de Pāndu; o epíteto aqui é aplicado a Arjuna.

Arjuna aceita o desafio de Duryodhana.

15. Hrishikeśa tocou Sua concha, a *Panchajanya*; Dhananjaya, a *Devadatta*; e Vrikodara, o praticante de ações terríveis, tocou sua grande concha, a *Paundra*.

Hrishikeśa – Lit., o Senhor, ou Diretor, dos sentidos; um nome de Krishna, a Divindade.

Dhananjaya – Um nome de Arjuna, dado em honra por ele ter subjugado os reis da Índia e adquirido sua riqueza.

Vrikodara – Lit., aquele que tem a barriga de um lobo; um nome de Bhima, dado devido ao seu apetite enorme.

16. O rei Yudhishtira, filho de Kunti, tocou sua concha, a *Anantavijaya*; e Nakula e Sahadeva tocaram a *Sughosha* e a *Manipushpaka*.

17. -18. O grande arqueiro, o rei de *Kasi*; o grande guerreiro Sikhandi; Dhristadyumna e Virata; o invencível Satyaki; Drupada, e os filhos de Draupadi, e o poderoso filho de Subhadra, ó Senhor da Terra, cada um tocou sua própria concha.

Filho de Subhadra – Abhimanyu; Subhadra é a esposa de Arjuna.

Senhor da Terra – Dhritarāshtra.

19. E aquele tumulto, ressoando pelo céu e pela terra, partiu o coração dos seguidores de Dhritarāshtra.

Os versos 14-19 contêm várias sugestões de Sanjaya sobre a superioridade do exército *Pāndava* e a derrota final dos filhos de Dhritarāshtra.

20. Então, ó Senhor da Terra, vendo o exército de Dhritarāshtra formado em ordem de batalha e o choque de armas prestes a começar, Arjuna, cujo estandarte trazia o emblema de um macaco, falou o seguinte a Krishna:

21. 22. *Arjuna disse: Ó Achyuta, posiciona meu carro entre os dois exércitos, para que eu possa ver aqueles que estão ali, ansiosos para lutar, e saber, na véspera da batalha, com quem devo contender.*

Achyuta – Lit., o Imutável; um epíteto de Krishna.

23. *Quero observar aqueles que se reuniram aqui para lutar, desejando, no campo de batalha, o bem-estar do filho de mente perversa de Dhritarāshtra.*

24. 25. *Sanjaya disse: Ó Bhārata, assim interpelado por Gudākeśa, Krishna posicionou o excelente carro entre os dois exércitos, diante de Bhishma, Drona e todos os governantes da terra, e disse: ‘Vê, ó Pārtha, todos os Kurus aqui reunidos!’*

Bhārata – Lit., um descendente de Bhārata; aqui refere-se a Dhritarāshtra.

Gudākeśa – Lit., aquele que dominou o sono; um epíteto de Arjuna.

Pārtha – Lit., o filho de Pritha; um epíteto de Arjuna.

26. *Então Pārtha viu, alinhados em ambos os exércitos, pais e avós, tios maternos e irmãos, filhos e netos, companheiros e amigos, sogros e preceptores.*

Pais – Tios, reverenciados como pais.

Os líderes dos dois exércitos são primos-irmãos; portanto, Arjuna vê, em ambos os lados, parentes e entes queridos unidos por laços de sangue e amor.

27. *Ao lançar os olhos sobre todos esses parentes posicionados em lados opostos, o filho de Kunti foi tomado por profunda compaixão e falou com tristeza.*

Kunti – Mãe de Arjuna.

28. -30. *Arjuna disse: Ó Krishna, ao ver esses meus parentes reunidos aqui, ansiosos para travar batalha, meus membros fraquejam e minha boca seca. Meu corpo treme e meus cabelos se eriçam. O arco Gandiva escorrega de minhas mãos e minha pele arde. Não consigo me manter firme; minha mente parece girar. Ó Keśava, vejo presságios de mal.*

Gandiva – O poderoso arco de Arjuna.

Keśava – Um epíteto de Krishna.

31. Nem percebo, ó Krishna, qualquer bem em matar meus próprios parentes em batalha. Não desejo vitória, nem império, nem mesmo prazer algum.

32. -34. Ó Govinda, de que vale para nós o império, de que valem os prazeres e até mesmo a própria vida? Nossos pais e tios, filhos e netos, sogros e cunhados, mestres e outros parentes, por cujo bem desejamos reino, prazeres e alegrias, estão aqui formados em batalha, arriscando suas riquezas e vidas.

Govinda – Um epíteto de Krishna.

35. Estes, ó Madhusudana, eu não mataria, mesmo que me matassem, nem pela soberania dos três mundos – quanto mais por esta terra!

Madhusudana – Lit., o Matador do demônio Madhu; um epíteto de Krishna.
Três mundos – Céu, terra e o mundo inferior.

36. Ó Janārdana, que alegria pode ser nossa ao matar esses filhos de Dhritarāshtra? Somente o pecado nos possuirá se matarmos esses criminosos.

Janārdana – Lit., o Destruidor do demônio Jana, ou, segundo Śankara, Aquele a quem se reza por prosperidade e libertação; um epíteto de Krishna.

Criminosos – A palavra em sânscrito descreve aquele que incendeia a casa de outra pessoa, ou o envenena, ou o ataca com espada para matá-lo, ou rouba sua riqueza, terra ou esposa. Segundo a lei, tal criminoso pode ser morto impunemente. Os filhos de Dhritarāshtra são culpados de todos esses crimes; mas o argumento de Arjuna baseia-se no preceito da religião superior, segundo a qual qualquer tipo de matança é pecaminoso.

37. Portanto, não devemos matar nossos parentes, os filhos de Dhritarāshtra; pois, ó Mādhava, como poderemos ser felizes matando nosso próprio povo?

38. -39. Embora eles, com o entendimento dominado pela ganância, não percebam o mal na decadência das famílias nem o pecado na hostilidade contra amigos, por que, ó Janārdana, nós, que claramente percebemos o mal na decadência das famílias, não devemos nos abster desse pecado?

Eles – Duryodhana e seus aliados.

Decadência das famílias – O resultado inevitável de uma guerra civil.

40. Com a decadência de uma família, perecem seus *dharma*s, que existem desde tempos imemoriais. Com o fim dos *dharma*s, o *adharma* domina toda a família.

*Dharma*s – Deveres, ritos e cerimônias praticados pela família em conformidade com os preceitos religiosos.

Perecem seus *dharma*s – Devido à morte dos mais velhos, que são os guardiões, instrutores e transmissores das tradições religiosas da família.

Adharma – O oposto de *dharma*; impiedade e injustiça.

41. Quando o *adharma* domina a família, ó Krishna, as mulheres da família se corrompem; e quando, ó Krishna, as mulheres se corrompem, surge a mistura de castas.

Se corrompem – Como resultado de uma guerra fratricida, o número de homens diminui. Em sociedades civilizadas, os homens geralmente atuam como protetores do sexo mais frágil.

Mistura de castas – Uma das consequências nefastas da redução do número de homens na sociedade é que as mulheres quebram as regras e tradições de casta em relação ao casamento. O casamento fora da própria casta é considerado irregular pelos legisladores hindus.

42. Essa mistura leva ao inferno a própria família, bem como aqueles que a destroem; pois seus ancestrais caem, privados das oferendas de bolos de arroz e água.

Bolos de arroz e água – A referência é aos ritos religiosos hindus pelos mortos, conhecidos como cerimônia *shraddha*, na qual bolos de arroz e água são oferecidos pelo filho mais velho para a satisfação da alma do falecido. Essa cerimônia não pode ser realizada por filhos nascidos de casamentos irregulares, ou seja, casamentos em que marido e esposa pertencem a castas diferentes. Privados dos bolos de arroz e água, a alma do falecido, segundo a tradição hindu, vai para o inferno. A oferta de bolos de arroz e água simboliza pensamentos amorosos e reverentes pelos mortos, que ajudam a cultivar um sentimento de estreita relação entre os vivos e seus antepassados.

Segundo os preceitos religiosos hindus, um filho serve a dois propósitos. Primeiro, ele garante a continuidade da família; e segundo, preserva a tradição familiar por meio de sua reverência pelos ancestrais. Esses propósitos são cumpridos apenas por filhos legítimos. Quando as mulheres se corrompem, a ilegitimidade aumenta.

43. Por essas más ações dos destruidores de famílias, que resultam na mistura de castas, os *dharma*s eternos da casta e da família são arrancados.

44. Nós ouvimos dizer, ó Janārdana, que inevitavelmente os homens cujos *dharmas* familiares são destruídos habitam no inferno.

45. Ai de nós! Estamos decididos a cometer um grande pecado, pois estamos prontos para matar nossos parentes para satisfazer nossa ganância pelo prazer de um reino!

Reino – A razão da batalha de *Kurukshetra* é a recusa de Duryodhana em devolver aos irmãos *Pāndava* seu reino legítimo.

46. Seria muito melhor para mim se os filhos de Dhritarāshtra, armados, me matassem na batalha, desarmado e sem resistir.

Arjuna se tornou um pacifista completo e adotou a política de não resistência ao mal. Mas essa política é equivocada, pois, se alguém vê o mal, deve resistir a ele. A verdadeira atitude de não-violência surge da percepção de Deus em todos os seres. Apenas aquele cuja mente transcendeu o bem e o mal não resiste ao mal, pois ele não vê o mal. Além disso, Arjuna é um *kshatriya*; portanto, é seu dever lutar por uma causa justa.

47. *Sanjaya disse*: Arjuna, tendo falado assim no campo de batalha, jogou seu arco e flecha de lado e afundou no assento de sua carruagem, sua mente dominada pela dor.

Assim, no *Bhagavad Gītā*, a *Essência dos Upanishads*, a *Ciência de Brahman*, as *Escrituras do Yoga*, o *Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna*, termina o Primeiro Capítulo, intitulado:

O PESAR DE ARJUNA

O CAMINHO DA REALIDADE ÚLTIMA

1. *Sanjaya disse:* A Arjuna, que estava assim dominado pela compaixão, e cujos olhos perturbados estavam cheios de lágrimas, Madhusudana dirigiu estas palavras:

2. *O Senhor disse:* Nesta crise, ó Arjuna, de onde vem tal fraqueza de espírito, imprópria para um ariano, desonrosa e um obstáculo para alcançar o céu?

Crise – Quando o mais alto padrão de cavalheirismo, honra e discernimento é exigido.

Imprópria para um ariano – Os não-arianos geralmente são insensíveis aos sentimentos mais refinados de retidão e nobreza.

Céu – Uma vida de felicidade e gozo merecidos no céu é o objetivo de um *kshatriya* após a morte.

Com palavras de reprovação cortante, Krishna tenta reanimar o ânimo abatido de Arjuna.

3. Não cedas à falta de masculinidade, ó filho de Pritha. Isso não te convém. Sacode esta covardia vil e levanta-te, ó destruidor de inimigos!

Falta de masculinidade – Arjuna cobriu sua momentânea fraqueza com uma máscara de sentimento religioso.

Destruidor de inimigos – Palavras bem escolhidas para lembrar Arjuna de sua herança *kshatriya*.

Krishna, grande psicólogo que é, sabe muito bem que expressões suaves de simpatia não revigoram uma alma abatida. Palavras cortantes de força são necessárias para despertar sua masculinidade esquecida. Compare com o que o Senhor disse, em circunstâncias similares, a Jó: ‘Prepare-se como um homem.’ (Bíblia: Jó 38:3)

4. *Arjuna disse:* Mas como, ó Destruidor de Madhu, ó Matador de inimigos, posso lutar com flechas no campo de batalha contra Bhishma e Drona, que são dignos de minha adoração?

Bhishma e Drona são o avô e o preceptor de Arjuna.

5. Seria melhor, na verdade, viver de esmolas neste mundo do que matar estes mestres de alma elevada. Mas se eu os matar, mesmo aqui desfrutarei riquezas e desejos manchados com seu sangue.

Mesmo aqui – Este mundo se tornaria um inferno.

6. Não sabemos o que seria melhor para nós: que os conquistemos ou que eles nos conquistem. Diante de nós estão os próprios filhos de Dhritarāshtra, após matar os quais não desejaremos viver.

Que os conquistemos – Desfrutaríamos riquezas e desejos, mas manchados de sangue, e nossa vitória se tornaria uma derrota.

Que eles nos conquistem – Viveríamos de esmolas sem matar o inimigo, e nossa derrota seria um triunfo da espiritualidade.

7. Dominado na própria essência do meu ser por este mal de compaixão, minha mente confusa sobre o *dharma*, eu Te suplico: diz-me verdadeiramente o que é melhor. Sou Teu discípulo. Instrua-me, que me refugiei em Ti.

Mal de compaixão – Para Arjuna, a compaixão é um mal porque confundiu seu julgamento.

Dharma – Literalmente, aquilo que mantém unido. Como tal, significa a constituição mais íntima de uma coisa, a lei de seu ser interior, que acelera seu crescimento e sem a qual ela deixa de existir. O significado secundário da palavra é dever, religião, retidão. O *dharma* de um homem não é imposto de fora; é adquirido por ele como resultado de suas ações em vidas passadas. Toda ação deixa para trás uma tendência ou impressão na mente subconsciente. O caráter de um homem é a soma total dessas tendências. A morte não pode destruí-las. São essas tendências que determinam seu *dharma*, ou dever. Para ser fiel a si mesmo, ele deve agir de acordo com seu *dharma*. Lutar por uma causa justa é o *dharma* de um *kshatriya*, enquanto a mesma coisa é um pecado para um Brāhmin, pois é contrário à lei de seu ser. Moldar sua ação de acordo com a lei de seu próprio ser é, portanto, o *dharma*, a religião ou o caminho para a liberação, de cada indivíduo. Ele age como o vento que dissipa a nuvem de ignorância, criada pelas ações passadas do homem, que esconde o sol de sua herança divina. Qualquer ação contrária ao *dharma* de um homem só torna a nuvem mais espessa.

Discípulo – Até que o buscador se reconheça como discípulo, o mestre não pode transmitir o Conhecimento supremo.

8. Na verdade, não vejo nada que possa destruir a dor que está secando meus próprios sentidos – nem mesmo conseguir um domínio próspero e incomparável na terra e o senhorio sobre os deuses no céu.

9. *Sanjaya disse: Tendo falado assim a Hrishikeśa, Arjuna, destruidor de inimigos, disse a Govinda: 'Não lutarei', e calou-se.*

10. *Ó descendente de Bhārata, a ele, que lamentava no meio dos dois exércitos, Hrishikeśa, sorrindo, dirigiu estas palavras:*

Descendente de Bhārata – Refere-se a Dhritarāshtra.

Com o próximo verso começam as instruções de Krishna e a filosofia do *Gītā*. A dor de Arjuna é causada pela ilusão na forma de apego a seus parentes, amigos, etc. A ilusão se baseia na noção egoísta: 'Eu sou deles e eles são meus.' Por sua própria vontade, ele veio ao campo de batalha para cumprir seu *dharma*, ou dever, como *kshatriya*: lutar por uma causa justa quando todos os esforços de apaziguamento falharam. Mas, sob a influência dessa ilusão inescrutável, ele agora quer se abster de seu dever próprio e levar a vida de um mendigo. Todas as pessoas sob a influência da ilusão querem abandonar seus próprios deveres e assumir os dos outros. A ilusão, baseada no ego e no apego, é a causa do *samsāra*, o incessante ciclo de nascimento e morte no mundo relativo. Somente pelo Conhecimento da Realidade ela pode ser destruída. Krishna deseja ensinar ao mundo inteiro esse Conhecimento através de Arjuna.

Como Sri Krishna descobriu que a ilusão e a dor profundas de Arjuna não podem ser removidas sem o conhecimento da Realidade, Ele imediatamente começa Seu discurso sobre a imortalidade da Alma.

11. *O Senhor disse: Você tem lamentado por aqueles por quem não se deve lamentar; ainda assim, você profere palavras de sabedoria. Nem pelos vivos nem pelos mortos os sábios se afligem.*

Não se deve lamentar – Porque são eternos em sua natureza real.

Palavras de sabedoria – Uma referência ao Capítulo I, 35-45.

Sábios – Somente são sábios aqueles que conhecem a verdadeira natureza do Ser.

A causa da dor de Arjuna é a falta de discernimento entre o corpo e a Alma.

Por que não merecem o sofrimento por eles? Porque são eternos.

12. *Nunca houve um tempo em que Eu não existisse, nem você, nem estes reis dos homens. Nunca haverá um tempo no futuro em que qualquer um de nós deixará de ser.*

Obviamente, Sri Krishna não quer dizer que nossos corpos, sujeitos ao nascimento e à morte, são eternos. Como *Ātman*, o Ser, existimos nos três períodos do tempo: passado, presente e futuro.

Que o Ser é eterno é explicado por uma ilustração:

13. Assim como o Ser encarnado passa, neste corpo, pelas fases da infância, juventude e velhice, Ele também passa para outro corpo. As almas serenas não se confundem com isso.

Ser encarnado – A Alma que assume um corpo físico.

Almas serenas – Sua serenidade vem do conhecimento do Ser.

Isso – A morte.

A transição da infância para a juventude não altera a identidade da Alma. O mesmo vale para a passagem à meia-idade, velhice e senilidade. A Alma permanece inalterada através de todas as mudanças do corpo. Da mesma forma, a Alma passa inalterada para outro corpo após a morte. Nascimento e morte são termos que se aplicam ao corpo, não à Alma.

Pode ser verdade que um homem de conhecimento do Ser não se iluda com a morte; mas como as pessoas comuns devem se comportar, aquelas que acreditam na felicidade e no sofrimento da Alma devido ao contato com os pares de opostos, como calor e frio, prazer e dor?

14. Noções de calor e frio, de dor e prazer, surgem, ó filho de Kunti, apenas do contato dos sentidos com seus objetos. Eles vêm e vão; são impermanentes. Suporte-os, ó Bhārata.

Eles vêm e vão – Em contraste com o Ser Permanente.

Suporte-os – Não se entregue à alegria ou à tristeza por causa deles.

Os dois epítetos pelos quais Arjuna é chamado apontam para sua nobre linhagem, tanto materna quanto paterna.

Que bem vem para aquele que suporta calor e frio, e coisas semelhantes?

15. Aquele homem sereno que permanece inalterado na dor e no prazer, a quem estes não podem perturbar, só ele é capaz, ó maior dos homens, de alcançar a imortalidade.

Sereno – Sri Krishna não fala da serenidade estoica, em que a agitação do sentimento não é exteriorizada. A serenidade da qual Ele fala baseia-se no conhecimento da imortalidade da Alma.

Permanece inalterado, etc. – Nem se exalta no prazer nem se abate na dor.

A resistência, aliada ao discernimento entre o Real e o irreal, e o desapego dos objetos e prazeres mundanos, preparam o aspirante para o conhecimento correto, que apenas conduz à liberação. A Vedānta define resistência como suportar todas as aflições sem desejar remediá-las, estando livre de toda ansiedade ou arrependimento por sua causa.

Uma razão adicional é dada para abandonar a tristeza e a ilusão:

16. O irreal nunca é. O Real nunca cessa de ser. A conclusão sobre estes dois é verdadeiramente percebida pelos videntes da Verdade.

A determinação da natureza da Realidade é a busca da filosofia. O Real é aquilo que permanece sempre o mesmo, e o irreal é aquilo que não permanece igual. O Real continua o mesmo no passado, presente e futuro. Ele sempre é. Qualquer objeto condicionado pela lei de causa e efeito não é absolutamente real, pois todo efeito é uma mudança provocada por uma causa, e toda causa é temporária.

O irreal nunca permanece o mesmo por dois momentos sucessivos. Todo o mundo fenomênico é irreal. (“O que não existia no passado ou não existirá no futuro não pode realmente existir no presente.” – Gaudapada) Nomes e formas, que constituem o mundo fenomênico, não existiam antes que a Alma caísse sob a influência da ignorância; eles desaparecerão com a destruição da ignorância. Como os objetos vistos em um sonho, nomes e formas são percebidos apenas quando a Alma está dominada pela ignorância. A única Realidade é o *Ātman*, a Consciência, que é a Testemunha imutável das mudanças no mundo relativo. A Realidade Absoluta não é condicionada pela causalidade.

Então, o que é aquilo que é sempre real?

17. Aquilo por que tudo isto é permeado, saiba ser imperecível. Ninguém pode causar a destruição daquilo que é imutável.

Aquilo – Brahman, ou a Consciência inalterável. É o Ser de todos.

Tudo isto – O mundo de nomes e formas.

Permeado – Brahman é a Testemunha e a Essência mais íntima do mundo mutável.

Causar a destruição, etc. – Pois Brahman é sem partes e é Uno sem um segundo. A destruição de um objeto é causada pela perda de suas partes, como no caso do corpo, ou pela perda de algo que lhe pertence.

A Consciência imutável, ou *Ātman*, no indivíduo é a mesma que a Consciência onipresente, ou Brahman, no universo.

O que é o irreal, cuja natureza está sujeita à mudança?

18. Apenas os corpos, dos quais este eterno, imperecível e incompreensível Ser é o morador interno, são ditos ter um fim. Lute, portanto, ó Bhārata.

Eterno, imperecível — O corpo físico pode ser ferido ou destruído por doença ou morte. O Ser não está sujeito a nenhum desses.

Incompreensível — Ele não é compreendido pelos sentidos, pela mente ou por qualquer outro instrumento de conhecimento. O Ser é *svatah-siddha*, determinado por si mesmo [autoevidente]. Sendo a Consciência conhecedora, Ele não pode ser conhecido por nenhum outro instrumento. Tudo o mais é conhecido pelo Ser. A experiência imediata e direta de ‘Eu sou Eu’ é a base de toda cognição. As afirmações das escrituras sobre o Ser não servem para revelar diretamente Sua verdadeira natureza; elas apenas eliminam todos os atributos falsamente sobrepostos a Ele.

Lute — Krishna não está realmente ordenando que Arjuna lute. Arjuna, seguindo seu *dharma*, veio ao campo de batalha determinado a lutar. Ele se recusou a lutar devido à sua ignorância sobre a verdadeira natureza da Alma. O Senhor quer remover essa ignorância e deixá-lo livre para fazer o que ele, Arjuna, considera correto.

Que Bhishma, Drona e os outros serão mortos por Arjuna é uma noção falsa da parte dele.

19. Aquele que vê o Ser como o matador, e aquele que vê o Ser como o morto — nenhum destes compreende corretamente. O Ser não mata nem é morto.

O agente do ato de matar é o ego (*aham*), e o objeto do massacre é o corpo; portanto, o Ser, que é diferente tanto do ego quanto do corpo, não é nem o matador nem quem é morto. (Para os versos 19 e 20, compare com *Katha Upanishad*, I, ii, 18-19.)

Por que o Ser é imutável?

20. Ele nunca nasce, nem jamais morre, nem, tendo sido uma vez, deixa de ser novamente. Não-nascido, eterno, permanente e primordial, Ele não é morto quando o corpo é morto.

Este verso descreve a ausência dos seis tipos de modificação inerentes a todo ser vivo: nascimento, subsistência, crescimento, transformação, decadência e morte. O Ser é completamente imutável.

A proposição declarada no verso 19 é que o Ser não é nem o agente nem o objeto do ato de matar; a razão para isso, dada no verso 20, é Sua imutabilidade. Agora, a proposição é concluída:

21. Aquele que conhece o Ser como indestrutível, eterno, não-nascido e imutável – como pode esse homem, ó filho de Pritha, matar ou causar a morte de outro?

Ao negar o ato de matar à Alma, todas as ações são negadas a Ela. Um homem iluminado, possuindo o conhecimento do Ser, renuncia a toda ação associada com a ideia de um agente [fazedor da ação], um instrumento de ação e um resultado da ação. O homem não iluminado executa ações de acordo com os preceitos das escrituras para purificar sua mente. Apenas a mente pura conhece a Verdade.

A indestrutibilidade da Alma é exposta por uma ilustração:

22. Assim como uma pessoa descarta roupas gastas e veste outras novas, o Ser encarnado descarta corpos gastos e entra em outros que são novos.

No ato de abandonar o corpo velho ou entrar em um novo, o verdadeiro Ser não sofre nenhuma mudança. Segundo a Vedânta, Brahman, através de Sua *Māyā* inescrutável, cria um corpo, identifica-Se com ele e considera-Se como uma alma individual, ou encarnada. Seu propósito ao assumir inúmeros corpos é redescobrir, em última instância, Sua natureza transcendental. Através de inúmeros nascimentos no mundo relativo, Ele ganha experiência; da experiência, deriva Conhecimento, e através do Conhecimento, finalmente alcança a liberação. Mas, durante o estado de esquecimento de Si mesmo, a verdadeira natureza do Ser nunca muda, assim como o sol, embora oculto por uma nuvem, nunca perde seu esplendor, ou como o deserto, apesar da aparência de água na miragem, permanece sempre seco.

Por que o Ser é completamente imutável?

23. Armas não O cortam; fogo não O queima; água não O molha; o vento não O seca.

Armas podem destruir um objeto cortando-o em partes; mas o Ser é sem partes e, portanto, indestrutível. O mesmo se aplica a outros métodos de destruição. Apenas um objeto material consiste em partes e, portanto, é destrutível.

Por essa razão:

24. Este Ser não pode ser cortado, queimado, molhado ou ressecado. Eterno, onipresente, imutável e imóvel, o Ser permanece o mesmo para sempre.

Eterno — Porque água, fogo, vento e todos os outros agentes de destruição não podem destruir o Ser, que é infinito e, portanto, sem partes.

É extremamente difícil entender o mistério do Ser. Por isso, Sri Krishna O descreve repetidamente, para que, de alguma forma, Sua natureza possa ser compreendida.

Além disso:

25. Diz-se que este Ser é não-manifesto, incompreensível e inalterável. Portanto, sabendo que é assim, você não deve se entristecer.

Não-manifesto — Inacessível aos sentidos.

Incompreensível — Inacessível à mente. A mente só pode pensar sobre um objeto percebido pelos sentidos. O Ser, no entanto, pode ser conhecido pela mente pura, ou seja, pela mente totalmente livre de cobiça, luxúria e ego. A mente pura é idêntica ao Ser.

Inalterável — Porque o Ser é infinito. Sendo sem partes, Ele não pode mudar.

Portanto, Arjuna não deve nutrir a ideia do Ser como matador ou morto e, por isso, entristecer-se.

Assumindo, por argumentação, que o Ser não é eterno, Sri Krishna prossegue:

26. Mas se você pensa que o Ser repetidamente nasce e morre, mesmo assim, ó poderoso, você não deve se entristecer por Ele.

Repetidamente nasce, etc. — Segundo a visão materialista, o Ser nasce com o corpo e morre com o corpo.

Do ponto de vista materialista, a tristeza pelo Ser é sem sentido, pois Seu nascimento e morte são inevitáveis. Além disso, o Ser, sendo impermanente, não pode ter um além e, portanto, não pode sofrer com pecado ou inferno.

27. Pois para aquilo que nasce, a morte é certa, e para aquilo que morre, o nascimento é certo. Portanto, você não deve se afligir com o inevitável.

Não é apropriado lamentar-se por seres que são meras combinações de causa e efeito.

28. Todos os seres são não-manifestos no início, ó Bhārata, manifestos no estado intermediário e não-manifestos novamente no fim. Por que, então, lamentar por eles?

Todos os seres — Como entidades físicas, que são meras combinações de elementos materiais correlacionados como causa e efeito.

Não-manifesto — Não perceptível.

Início — Antes do nascimento.

Estado intermediário — Após o nascimento e antes da morte.

Fim — Após a morte.

Qualquer coisa cuja existência não é percebida no início ou no fim não pode ser real, como no caso de magia ou sonhos. Se é percebida no meio, é apenas uma percepção ilusória, como um sonho. Tal coisa não deveria perturbar a mente.

29. Alguns consideram o Ser como uma maravilha; alguns falam d’Ele como uma maravilha; alguns ouvem falar d’Ele como uma maravilha; ainda outros, mesmo ouvindo, não O compreendem de forma alguma.

Maravilha — Como um objeto não visto, estranho ou repentinamente percebido.

Um homem, devido à sua ignorância, desconhece seu Ser, a Realidade mais íntima. Embora o Ser seja da natureza do Espírito, ainda assim é confundido com corpo, mente, órgãos dos sentidos, parentes e posses mundanas. Embora imutável, parece mudar. Embora seja da natureza da Luz, iluminando a mente e os sentidos, permanece oculto ao homem. Embora uno com Brahman, parece ter uma existência separada. Embora sempre além do tempo e do espaço, parece estar limitado por eles. Portanto, a verdadeira natureza do Ser é um grande mistério. Maravilhosa parece ser a natureza do Ser quando descrita ou ensinada por um mestre. O Verdadeiro Conhecimento faz o homem perceber que ele é a Alma e tem um corpo, não que ele é o corpo e tem uma alma.

O verso também pode ser interpretado assim: Aquele que vê o Ser é ele mesmo uma espécie de maravilha. Aquele que ouve e fala do Ser também é uma maravilha; pois entre muitos milhares de homens, apenas um será encontrado dotado de autoconhecimento. Assim, o Ser é difícil de entender.

Sri Krishna conclui o tópico:

30. O Ser, que habita em todos os corpos, nunca pode ser morto, ó Bhārata. Portanto, você não deve lamentar por nenhuma criatura.

O Ser é imortal, embora o corpo possa ser morto. Portanto, a tristeza pela morte é imprópria.

A tristeza é imprópria por outras razões além da Verdade.

31. Considerando também seu próprio *dharma*, você não deve vacilar; pois para um *kshatriya* nada é melhor do que uma guerra justa.

Lutar é natural para Arjuna porque ele é um *kshatriya*. “Heroísmo, entusiasmo, firmeza, engenhosidade, intrepidez na batalha, generosidade e soberania — estes são os deveres de um *kshatriya*, nascidos de sua própria natureza.” (Gītā, XVIII, 43) Mas o *kshatriya*, antes de desembainhar sua espada, deve estar convencido de que o propósito da guerra é sustentar a lei, a justiça e a retidão.

Arjuna não deve hesitar em aceitar a grande dádiva que se apresentou a ele sem ser buscada.

32. Felizes, na verdade, são os *kshatriyas*, ó Pārtha, para quem surge tal guerra, oferecendo-se sem ser buscada, abrindo as portas do céu.

Sem ser buscada — Os inimigos de Arjuna precipitaram a guerra por sua própria imprudência.

Segundo as escrituras hindus, um *kshatriya* que entrega sua vida em uma guerra justa vai para o céu.

Maus resultados aguardam Arjuna se ele se recusar a lutar.

33. Mas se você se recusar a travar esta guerra justa, então, renunciando ao seu próprio *dharma* e honra, você certamente incorrerá em pecado.

34. As pessoas também lembrarão para sempre sua infâmia. E para um homem que foi honrado, a desonra é pior do que a morte.

Com essas palavras cortantes, Krishna busca fortalecer o ânimo de Arjuna.

35. Os grandes guerreiros pensarão que você se retirou da batalha por medo; e você cairá na estima daqueles que muito o admiraram.

Grandes guerreiros — Duryodhana e os outros.

36. Seus inimigos proferirão muitas palavras que não deveriam ser ditas, zombando de sua proeza. Poderia haver algo mais amargo do que isso?

Referindo-se à confusão de Arjuna, descrita no sexto verso deste capítulo, o Senhor diz:

37. Se você for morto na batalha, irá para o céu; se vencer, desfrutará da terra. Portanto, levante-se, ó filho de Kunti, decidido a lutar.

Qualquer que seja o resultado da guerra, Arjuna será o ganhador.

Arjuna não incorrerá em nenhum pecado.

38. Considerando igualmente prazer e dor, ganho e perda, sucesso e derrota, prepare-se para a batalha. Assim, você não incorrerá em pecado.

Considerando igualmente prazer e dor, etc. — Não se exaltando com um nem se deprimindo com o outro.

É o desejo e o apego ao resultado de uma ação que criam o aprisionamento; mas quando uma ação é realizada sem tal desejo, ela conduz à liberdade da alma. A ordem para lutar é apenas incidental.

O Senhor explica o autoconhecimento do ponto de vista do karma-yoga:

39. O que foi declarado a você é a sabedoria do *sāmkhya*. Agora ouça a sabedoria do *yoga*, armado com a qual, ó filho de Pritha, você romperá os grilhões do karma.

Sāmkhya — A verdadeira natureza da Realidade Absoluta. Essa sabedoria refere-se ao *jnāna-yoga*, o caminho do conhecimento, que ensina a discriminação entre o Real e o irreal e exorta ao abandono do irreal. O Conhecimento da Realidade destrói diretamente a ignorância, que é a causa do nascimento e da morte no mundo relativo, e da tristeza e ilusão inevitavelmente associadas a ele.

Yoga — *Karma-yoga*, ou o caminho da ação. O seguidor desse caminho se engaja na ação sem qualquer desejo ou apego ao resultado. Ele se considera um instrumento de Deus. É o desejo e o apego que criam as impressões sutis na mente, que são as sementes da ação futura. A ação realizada sem apego ou preocupação com o resultado não gera novo karma, mas permite que a mente se liberte e se dedique a atingir a Autorrealização. Essa é o segredo do *karma-yoga*.

Grilhões do karma — Mérito e demérito, virtude e pecado, dor e prazer e outros pares de opostos constituem o aprisionamento de toda ação realizada com um motivo.

Sāmkhya-yoga, ou o caminho do conhecimento, que revela diretamente a verdadeira natureza do Ser, é destinado a buscadores muito raros, dotados de intelecto aguçado para a discriminação e força de vontade inabalável para a renúncia. Outros buscadores devem primeiro purificar suas mentes através das disciplinas do *karma-yoga*; só então estarão preparados para seguir o caminho do conhecimento. Os puros de coração alcançarão o Autoconhecimento através da graça de Deus. Arjuna só pode se qualificar para o Conhecimento supremo através do cumprimento de seu dever. Sri Krishna apresenta vários

argumentos para persuadi-lo disso. Nos versos 11-25 deste capítulo, Sri Krishna fala do Conhecimento supremo como descrito nos *Upanishads* pelos conhecedores de Brahman. Nos versos 26 e 27, Ele discorre de um ponto de vista puramente materialista. Os versos 31-37 desenvolvem a atitude de um homem do mundo. No verso 39 e seguintes, Sri Krishna descreve o *karma-yoga*, que é a contribuição especial do *Gītā* para a filosofia da vida.

O mérito especial do karma-yoga:

40. Nisto, nenhum esforço é perdido e nenhum dano é causado. Mesmo muito pouco deste *dharma* salva o homem do Grande Medo.

Isto — Karma-yoga.

Nunca perdido — Um ritual religioso ou cerimônia empreendida com um objetivo específico, se incompleto, é perdido, como uma casa inacabada, que não é útil nem durável.

Nenhum dano — No caso de uma doença, o uso do remédio errado pode resultar em morte. Da mesma forma, certas formas de adoração, se realizadas de forma incorreta ou deixadas inacabadas, produzem perda em vez de ganho.

Dharma — Karma-yoga.

Grande Medo — Causado pela roda interminável de nascimento e morte.

O karma-yoga conduz ao Bem Supremo.

41. Nisto, ó descendente de Kuru, há apenas um pensamento resoluto e inabalável; mas os pensamentos dos indecisos são ramificados e intermináveis.

Nisto — Ou seja, no karma-yoga, caracterizado pela devoção a Deus e pela firme convicção de que a Autorrealização será alcançada por meio de Sua graça.

Pensamento — Autorrealização.

Indecisos — Aqueles que realizam ações com desejo por resultados.

Aqueles que almejam resultados de suas ações são naturalmente assediados por muitos pensamentos e nascem em inúmeros corpos. Mas aqueles cuja ação consiste apenas na adoração a Deus, e isso também para Sua satisfação, adquirem a pureza de mente e a concentração de propósito que levam ao Autoconhecimento.

A ação egoísta motivada pelo desejo de prazer, como descrita na seção ritualística dos Vedas, é condenada:

42. -44. Ó Pārtha, nenhum pensamento resoluto e constante se forma nas mentes daqueles que estão profundamente apegados ao prazer e ao poder; que permitem que sua discriminação seja roubada pelas palavras floridas dos tolos; que permitem que suas almas sejam dominadas por desejos; que consideram a

obtenção do céu como o objetivo mais elevado; e que se deleitam em citar os textos panegíricos dos Vedas e afirmam que além deles não há nada. Esses textos prometem renascimentos como recompensa por suas ações e prescrevem ritos específicos para a obtenção de prazer e poder.

Textos panegíricos — O *karmakanda*, ou seção ritualística dos Vedas, que estabelece regras específicas para sacrifícios específicos e exalta os resultados dessas ações, ou seja, o gozo de prazeres no céu.

Nada além — Eles ignoram a seção filosófica dos Vedas que leva à liberação.

Renascimentos — Na Terra, para o gozo de mais prazer e poder.

Todas as religiões prometem aos iniciantes grande poder e prazeres na vida após a morte como recompensa por suas devoções e atos meritórios. Os Vedas são divididos em duas seções. Uma seção trata de ritos e sacrifícios, que prometem aos seus praticantes felicidade no céu e prazer e poder em seu próximo nascimento na Terra. A outra seção trata do Conhecimento do Ser, que leva à liberação. Os resultados dos ritos e sacrifícios realizados com desejos são efêmeros, pois são limitados pelo tempo, espaço e a lei da causalidade. Mas quando realizados sem desejo por resultados, esses ritos religiosos purificam a mente.

A prática dos ritos védicos não leva à liberação.

45. Os Vedas tratam dos três *gunas*. Liberte-se, ó Arjuna, dos três *gunas*. Liberte-se dos pares de opostos. Esteja sempre estabelecido em *sattva*. Não se preocupe em adquirir o que você não tem, nem em preservar o que você já possui. Esteja estabelecido no Ser.

Vedas — Refere-se ao *karmakanda*, ou seção ritualística dos Vedas.

Gunas — A palavra '*guna*' é um termo técnico da filosofia *Sāṃkhya*, também aceito pela Vedānta. De acordo com o *Sāṃkhya*, as duas categorias principais são *Puruṣa* e *Prakṛiti*. O primeiro denota a Alma, ou Consciência, e o segundo, a Natureza, ou matéria, que é inerte e insensível. *Prakṛiti* consiste nos três *gunas*, a saber, *sattva*, *rajas* e *tamas*. *Rajas*, denotando inquietação, é o princípio ativo na Natureza. *Tamas* é o princípio da inércia. E *sattva*, serenidade e harmonia, é o equilíbrio entre *rajas* e *tamas*. Como *Prakṛiti* consiste nos três *gunas*, todo objeto em *Prakṛiti* é composto desses três elementos. *Samsāra*, ou relatividade, é o reino dos *gunas*. A liberdade está além deles. Mesmo as mais elevadas experiências do céu estão dentro do reino dos *gunas* e, portanto, são limitadas pelas leis da Natureza ou matéria.

Liberte-se dos três *gunas* — Liberte-se de todos os desejos.

Pares de opostos — Todas as ideias e sensações correlacionadas, por exemplo, bem e mal, prazer e dor, calor e frio, luz e escuridão.

Esteja sempre estabelecido em *sattva* — Mantenha-se sempre equilibrado; não se deixe levar por nenhum extremo. *Sattva* permite que uma alma aspirante vá além dos *gunas* e alcance a liberdade.

Não se preocupe em adquirir, etc. — Pessoas ambiciosas são inquietas e inadequadas para o Conhecimento supremo.

Esteja estabelecido no Ser — Mantenha-se vigilante e não ceda aos objetos dos sentidos.

Arjuna é instruído a seguir essas injunções enquanto está engajado no cumprimento de seu dever.

Qual é a utilidade dos Vedas?

46. Para o Brāhmin iluminado, todos os Vedas são tão úteis quanto um lago quando há uma inundação por toda parte.

Brāhmin iluminado — Aquele que realizou Brahman, ou a verdade sobre a Realidade Absoluta.

Em uma inundação, um lago, um poço e outros reservatórios são superfluos. Da mesma forma, os vários prazeres que resultam da realização das obras prescritas nos Vedas estão incluídos na Bem-aventurança desfrutada por um Brāhmin iluminado com o Autoconhecimento. Todos os tipos de bem-aventurança limitada estão incluídos na Bem-aventurança Infinita. Um conhecedor do Ser não precisa seguir as injunções védicas. Isso não significa, no entanto, que os Vedas sejam inúteis. Eles servem ao propósito dos não iluminados. Através da execução das obras prescritas pelos Vedas, alguém se torna apto para o caminho do conhecimento.

Para Arjuna, execução da ação é imperativa.

47. Você tem direito apenas ao trabalho, nunca ao seu fruto. Que seu motivo não seja o do fruto da ação, nem que seu apego seja à não-ação.

Trabalho apenas — Arjuna não está pronto para o caminho do conhecimento.

Nunca ao seu fruto — Se um homem almeja o fruto da ação, ele terá que colhê-lo no futuro. Uma ação produz escravidão quando é realizada com desejo por seu fruto.

Não-ação — A não-ação só é possível para o ser mais baixo ou o santo mais elevado.

A palavra 'karma' (trabalho) tem diferentes significados. Primariamente significa ação. Também significa as tendências, impulsos, hábitos, características, e assim por diante, formados pela ação, e assim denota as impressões sutis da ação, que determinam a futura encarnação, ambiente, e, em suma, todo o futuro, seja na terra ou em qualquer outro plano de existência. Um terceiro significado de karma, frequentemente usado em referência à casta ou posição na vida, é dever, o curso de conduta que se deve seguir na vida, as tendências adquiridas como resultado de ações passadas, com o objetivo de esgotá-las e recuperar a pureza original do Ser.

Se um homem não deve ser impelido a uma ação pelo desejo por seus resultados, como, então, ele deve realizá-la?

48. Estabelecido em yoga, ó Dhananjaya, realize suas ações, abandonando o apego e permanecendo equânime tanto no sucesso quanto no fracasso. Essa equanimidade é chamada de yoga.

Yoga — O estado de ser um instrumento nas mãos de Deus, tendo abandonado até mesmo o desejo de que através de nossa ação agradaremos a Ele. Somente assim pode-se permanecer indiferente ao sucesso e ao fracasso.

Apego — A noção que surge quando um homem se considera não como o instrumento, mas como o autor de uma ação.

Sucesso — Incluindo a obtenção do conhecimento como resultado da mente ter alcançado pureza através de ações realizadas sem qualquer anseio por resultados.

O segredo do karma-yoga é o apagamento completo da individualidade e a total identificação com a vontade de Deus. Assim, o trabalhador se liberta das alegrias ou tristezas que resultam do sucesso ou fracasso de seus trabalhos; assim apenas, ele desfruta da paz enquanto realiza seus deveres.

Uma ação realizada com vista ao resultado é de valor muito inferior.

49. Muito inferior, de fato, é a mera ação, ó Dhananjaya, à ação realizada com equanimidade de mente. Busque refúgio nessa equanimidade. Infelizes são aqueles que trabalham por resultados.

Mera ação — Ação realizada para obter um resultado. Tal ação é a causa de futuros nascimentos e mortes e, portanto, cria escravidão.

Equanimidade — O estado de não ser exaltado ou deprimido pelo sucesso ou fracasso. Não é insensibilidade ou indiferença, mas uma devoção total do trabalhador ao seu dever, pelo qual ele se considera um instrumento de Deus. Alguém alcança a verdadeira equanimidade apenas como resultado do Conhecimento da Suprema Realidade. Esse conhecimento apenas, não qualquer resultado incidental, deve ser o objetivo do trabalho. Infelizes são eles etc. – Infelizes são, de fato, aqueles que se ocupam em calcular os ganhos ou perdas resultantes de suas ações e, assim, partem deste mundo sem realizar a Realidade Suprema.

O resultado de realizar o próprio dever com equanimidade de mente:

50. Dotado de equanimidade de mente, uma pessoa abandona, nesta mesma vida, tanto as boas ações quanto as más ações. Portanto, empenhe-se pelo yoga. Yoga é habilidade na ação.

Boas ações e más ações — Estas são responsáveis pelo nascimento em um mundo superior ou inferior.

Yoga — Ou seja, equanimidade através da realização de Deus.

Habilidade na ação — Se um homem realiza seus deveres, mantendo essa equanimidade, então sua mente repousa em Deus o tempo todo. Portanto, a equanimidade é a fonte do poder. O trabalho que de outra forma escraviza torna-se um meio para a liberdade quando realizado com equanimidade de mente.

É um erro pensar que o prazer é o objetivo da ação. O prazer é de natureza transitória. O verdadeiro objetivo da ação é o conhecimento. Através do conhecimento, se alcança o desapego e a liberdade final.

Como a ação leva à liberação?

51. Os sábios, de mente equânime, renunciam ao fruto da ação. Libertos dos grilhões do nascimento, eles alcançam o estado que está além de todo mal.

Grilhões do nascimento — O nascimento no mundo relativo, associado ao sofrimento e à morte, é uma forma de escravidão. É o resultado da ação em uma vida anterior.

Estado — Ou seja, liberação.

De acordo com a visão hindu, a vida do mundo, com seus muitos momentos felizes, é uma escravidão e, portanto, não é desejável. De acordo com a visão materialista, a vida do mundo, apesar de seus muitos males associados, vale muito a pena.

A 'equanimidade' (*buddhi*) dos versos 48-51 também pode significar a sabedoria *sāmkhya*, o Conhecimento da Realidade Absoluta, que é comparado no verso 46 a uma inundação. Essa inundação surge quando a mente foi purificada pelo *karma-yoga*.

Quando alguém alcança a sabedoria que é o resultado da pureza de mente induzida pelo karma-yoga?

52. Quando sua mente tiver atravessado o pântano da ilusão, você alcançará a indiferença em relação às coisas já ouvidas e às coisas ainda a serem ouvidas.

Pântano da ilusão — Que causa não-discriminação entre o Ser e o não-Ser, ou ego, e direciona a mente para os objetos dos sentidos.

Coisas já ouvidas etc. — Sendo de natureza finita, essas coisas são consideradas fúteis. O texto não se refere às injunções das escrituras sobre o Conhecimento do *Ātman*, o Ser.

Pode-se perguntar: quanto tempo leva para alcançar a liberdade? Esta não é uma questão de tempo. A liberdade refere-se a uma experiência que denota 'atemporalidade'. Pode ser alcançada a qualquer momento, a única condição sendo o desapego e ausência de desejos do aspirante. Alguém deve estar livre do apego a objetos alcançáveis neste mundo ou no céu.

Quando alguém alcança o verdadeiro yoga, ou o Conhecimento da Verdade Suprema?

53. Quando sua mente — agora perplexa pelo que você ouviu — permanecer firme e estável no Ser, então você terá alcançado o yoga.

O que você ouviu — As visões conflitantes dos vários livros religiosos, sobre a felicidade e os outros fins da vida.

Firme e estável — Livre de distração e dúvida.

Yoga — Absorção completa na consciência de Deus, ou *samādhi*, que é o resultado da discriminação entre o Real e o irreal.

Quais são as características de alguém que alcançou a sabedoria através do samādhi?

54. Arjuna disse: Ó Keśava, qual é a descrição do homem de sabedoria firme, absorvido em *samādhi*? Como fala o homem de sabedoria firme, como se senta, como se move?

Sabedoria firme – A sabedoria que faz o homem perceber que ele é Brahman.

Absorvido em *samādhi* – Plenamente consciente de sua identidade com Brahman.

As duas perguntas feitas por Arjuna são: 1. Como um homem de sabedoria firme é descrito pelos outros? 2. Como a influência da sabedoria se manifesta quando o homem sai do *samādhi*? A resposta vai do verso 55 até o final do capítulo. Ela inclui os atributos característicos de um homem de sabedoria firme e também os meios para alcançar tal sabedoria. Esses atributos aplicam-se tanto àquele em quem o desapego pelo trabalho e a devoção ao conhecimento (*Jnāna*) são inatos, quanto àquele que, como resultado da prática do *karma-yoga*, tornou-se pronto para a prática do *Jnāna*.

Os meios para alcançar o Conhecimento são também os atributos característicos do homem que o alcançou. Nesta disciplina, os meios e o fim são os mesmos.

55. O Senhor disse: Ó Pārtha, quando um homem abandona completamente todos os desejos da mente, encontrando satisfação apenas no Ser, então ele é chamado de homem de sabedoria firme.

No Ser – O Ser mais íntimo do homem, que é o mesmo que a Realidade Suprema.

Tal homem não anseia por posses externas, pois desfruta da Bem-Aventura Suprema do autoconhecimento. Um homem de sabedoria firme renunciou a todos os desejos

por filhos, riqueza e paraíso, e desfruta da bem-aventurança da comunhão com o Ser. Isso responde à primeira parte da pergunta de Arjuna.

Além disso:

56. Aquele que não é perturbado pela adversidade, que não anseia pela felicidade, que está livre do apego, do medo e da ira, é chamado de *muni* de sabedoria firme.

Adversidade – Os homens podem sofrer três tipos de adversidade: 1. *Adhyatmika* (originada no corpo, como doenças); 2. *Adhibhautika* (causada por objetos externos, como feras ou serpentes); 3. *Adhidaivika* (provocada por forças cósmicas, como tempestades ou terremotos).

Não anseia pela felicidade – O fogo se inflama quando se joga lenha nele, mas, no caso de uma pessoa com sabedoria, sua felicidade não cria desejo por mais felicidade.

Livre do apego – A objetos externos.

Livre do medo – Por causa de sua constante comunhão com o Ser interior.

Livre da ira – Porque vê todos os seres como seu próprio Ser.

Muni – Um homem dedicado à meditação e contemplação.

Este e os dois versos seguintes respondem à segunda parte da pergunta de Arjuna, sobre o comportamento de um homem de sabedoria firme.

Além disso:

57. Aquele que não se apega a nada, que nem se regozija nem se aflige ao obter o bem ou o mal, sua sabedoria está firmemente estabelecida.

Não se apega a nada – Nem ao corpo, filhos, amigos, etc.

Nem se regozija nem se aflige – Consequentemente, não elogia nem censura coisa alguma. Isso responde à pergunta de Arjuna: ‘Como ele fala?’

58. Quando ele retira completamente os sentidos de seus objetos, como uma tartaruga recolhe seus membros, então sua sabedoria está firmemente estabelecida.

Retira os sentidos – Este é o processo de *pratyāhāra*, descrito no Yoga. De acordo com essa disciplina, a mente se fixa no Ser; na ausência de atenção, os órgãos dos sentidos são retirados de seus objetos.

Assim como a tartaruga, quando assustada, recolhe seus membros instantaneamente e sem esforço, um homem de sabedoria firme pode, a qualquer momento, entrar em *samādhi* sem o menor esforço. Então sua mente é retirada completamente do mundo exterior.

Observa-se que os sentidos de pessoas ignorantes, doentes ou debilitadas também se retraem de seus objetos. No entanto, essas pessoas ainda mantêm o gosto por tais objetos. Como, então, esse gosto pode ser removido?

59. Os objetos dos sentidos se afastam de um homem que pratica abstinência, mas não o gosto por eles. No entanto, até mesmo esse gosto desaparece quando o Supremo é realizado.

Um homem praticando abstinência – Uma pessoa não iluminada praticando austeridade por um objetivo mundano e abstendo-se de prazeres sensoriais. A frase pode referir-se também a uma pessoa doente ou a um imbecil, que é incapaz de desfrutar dos prazeres dos sentidos. Todos estes retêm o anseio pelo gozo.

A repressão ou inibição devido a doença ou causas egoístas é completamente diferente do autocontrole praticado pelos *yogis*. No primeiro caso, há apenas uma abstinência física, mas a mente mantém o seu anseio. No último caso, o desejo sutil também desaparece, devido à obtenção da Bem-Aventura Suprema pelos *yogis*, em comunhão com o Ser. Esta Bem-Aventura é como uma inundação que tudo abrange, que remove a necessidade de poços ou tanques.

Os sentidos descontrolados causam dano aos aspirantes que buscam a iluminação espiritual.

60. Os sentidos turbulentos, ó filho de Kunti, arrebatam violentamente a mente até mesmo de um homem sábio que busca a perfeição.

Mesmo um homem de discernimento pode cair na tentação do mundo. Portanto, o aspirante não deve relaxar seu esforço pelo autocontrole.

Porque,

61. O *yogi* os controla a todos e permanece focado em Mim. Sua sabedoria é firme quando seus sentidos estão dominados.

Em Mim – O Senhor Supremo, que é o Ser interior de todos.

Os sentidos turbulentos só podem ser controlados pelo amor a Deus e por Sua graça. É impossível subjugar-los apenas por esforço próprio, sem a ajuda da oração. A diferença entre o caminho moral do agnóstico e o caminho religioso do devoto é que o primeiro enfatiza o autoesforço, enquanto o segundo, a humildade e a entrega a Deus.

Até mesmo o pensamento de objetos sensórios causa futuro infortúnio.

62. -63. Quando um homem pensa fixamente nos objetos, surge nele o apego. Do apego nasce o desejo, e do desejo surge a ira.

Da ira vem a ilusão; da ilusão, a perda da memória; da perda da memória, a ruína do discernimento; e da ruína do discernimento, o homem perece.

Objetos – Qualquer coisa ou pessoa que é percebida.

Perda da memória – Esquecimento dos ensinamentos das escrituras, do mestre e da própria experiência.

Perece – Torna-se incapaz de alcançar o objetivo espiritual.

“Uma bela imagem surge. A tendência da mente é repeti-la. Então, se a imagem é permitida continuar, um gosto cresce. Com o crescimento do gosto, o desejo de se aproximar, de possuir, aparece. Qualquer obstáculo a isso produz ira. O impulso da ira lança a mente em confusão, que lança um véu sobre as lições de sabedoria aprendidas pela experiência passada. Assim privado de seu padrão moral, ele é impedido de usar sua discriminação. Faltando a discriminação, ele age irracionalmente, no impulso da paixão, e pavimenta o caminho para a morte moral. Assim, Krishna traça a degradação moral àqueles primeiros sopros de pensamento, que vêm suavemente e quase inconscientemente à mente.” — Comentário de Swami Swarupananda sobre o *Gītā*.

Se pensar em objetos leva ao sofrimento, o que leva à paz?

64. O homem de autocontrole, movendo-se entre objetos com seus sentidos restringidos, e livre de apego e ódio, alcança serenidade de mente.

O homem de autocontrole — Aquele que controlou a mente.

Objetos — Tais objetos como são indispensáveis para preservar a própria vida.

Livre de apego e ódio — Apego e ódio são naturais na presença de objetos agradáveis e desagradáveis.

O buscador de Deus, com uma mente completamente sob controle, permite que seus sentidos desfrutem daqueles objetos que são necessários para a manutenção da vida, mas sempre preserva a equanimidade de sua mente, sejam os objetos agradáveis ou desagradáveis. Assim, ele alcança paz, serenidade e visão clara. Este verso responde à pergunta de Arjuna: ‘Como ele se move?’

O que se alcança através da serenidade?

65. Nessa serenidade há um fim de toda a tristeza; pois a inteligência do homem de mente serena logo se torna firme.

Um fim de toda a tristeza — A tristeza é devida à falta de discriminação entre bem e mal, verdadeiro e falso, que é notada no caso de pessoas inquietas.

Firme — Centrada no Ser.

O homem cuja mente é serena e cuja inteligência é firme alcançou seu objetivo. Portanto, com uma mente desprovida de apego e ódio, o *yogi* deve desfrutar apenas daqueles objetos dos sentidos que são indispensáveis para a preservação de seu corpo.

Somente a paz de mente leva à felicidade.

66. O homem cuja mente não está sob seu controle não tem autoconhecimento e nem contemplação. Sem contemplação, ele não pode ter paz; e sem paz, como pode ter felicidade?

Contemplação — Sobre a natureza do Ser.

A verdadeira felicidade não está na sede por objetos, mas na restrição dos sentidos da sede por prazeres. A sede é miséria de fato.

Por que o homem instável é incapaz de Conhecimento?

67. Pois mesmo um só dos sentidos errantes, se a mente cede a ele, leva embora a discriminação como uma ventania leva um navio sobre as águas.

Sentidos errantes — Os sentidos perseguindo descontroladamente seus objetos.

Discriminação — A discriminação da mente.

Se um único sentido descontrolado pode mergulhar um homem em tal situação, a calamidade do homem com todos os sentidos descontrolados não precisa ser enfatizada. Como uma ventania leva um navio de seu curso traçado e o desvia, assim a força do sentido descontrolado leva embora a atenção do aspirante do autoconhecimento e a volta para objetos mundanos.

Agora o Senhor conclui o tópico da subjugação dos sentidos:

68. Portanto, ó poderoso Arjuna, a sabedoria é firme naquele cujos sentidos estão completamente restringidos de seus objetos.

O homem de sabedoria firme pode, à vontade, retirar os sentidos de seus objetos e entrar em comunhão com o Ser.

69. Naquilo que é noite para todos os seres, o homem de autocontrole está acordado; e onde todos os seres estão acordados, há noite para o *muni* que vê.

Para os ignorantes, a Realidade Suprema é noite. Eles veem nela confusão e escuridão. Mas o homem de sabedoria firme está plenamente acordado em relação à Realidade. Novamente, o mundo múltiplo do tempo e espaço é claro como o dia para os ignorantes; mas o homem de sabedoria vê nele a confusão da noite.

A ignorância, ou nesciência, cria a ideia de multiplicidade e também do dever associado com meios e fins. O conhecimento remove a ideia de multiplicidade e também a do dever. Portanto, uma pessoa ignorante se engaja no cumprimento do dever com o objetivo de alcançar um resultado, e o sábio nunca se desvia do autoconhecimento e não anseia por nada ainda não alcançado.

Apenas a pessoa sem desejos alcança paz.

70. Aquele que anseia os desejos não alcança paz, mas sim aquele em quem todos os desejos entram como as águas entram no oceano — que está cheio até a borda e fundamentado em quietude.

Águas de inúmeros rios entram no oceano; mas isso não faz o oceano transbordar seus limites ou mudar sua natureza, pois ele está baseado em quietude. Da mesma forma, apenas aquele homem encontra verdadeira paz em quem nenhuma agitação é criada pelo gozo daqueles objetos com os quais ele inevitavelmente entra em contato durante sua vida na terra. Um homem alcança tal estado através da constante consciência da Realidade imutável que constitui seu Ser mais íntimo. Aquele que olha para fora para prazeres nunca alcança paz.

Porque isso é assim,

71. Aquele homem que vive completamente livre de desejos, sem anseios, desprovido do senso de 'eu' e 'meu', alcança a paz.

Vive — Ele vive apenas para esgotar seu *prarabdha karma*, a ação de sua vida passada que produziu seu corpo atual.

Desejos — Mesmo pelas mais básicas necessidades da vida.

Senso de 'eu' e 'meu' — Ele não é egocêntrico sobre nada, nem mesmo sobre sua erudição e conhecimento.

O verso refere-se a um homem de completa renúncia, sempre ciente de sua identidade com Brahman.

A devoção ao Conhecimento é exaltada:

72. Este é o estado Brāhmico, ó filho de Pritha. Alcançando-o, não se está mais iludido. Estabelecido nele mesmo na hora da morte, alcança-se a liberação final em Brahman.

Estado Brāhmico - O estado de Brahman, Existência-Conhecimento-Bem-Aventurança Absoluta.

Não mais - Um *Jnāni* nunca mais é iludido pelo mundo.

Alcançando o Conhecimento de Brahman, mesmo tão tarde quanto na hora da morte, obtém-se a liberação final. E que dúvida pode haver sobre a liberação de um homem que pratica a disciplina da renúncia desde tenra idade e permanece em Brahman por toda a vida?

Assim, no Bhagavad Gītā, a Essência dos Upanishads, a Ciência de Brahman, a Escritura do Yoga, o Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, termina o Segundo Capítulo, intitulado:

O CAMINHO DA REALIDADE ÚLTIMA

O CAMINHO DA AÇÃO

1. Arjuna disse: Se Tu consideras, ó Janārdana, que o conhecimento é superior à ação, por que então, ó Keśava, me envolves nesta terrível ação?

Tanto o caminho do trabalho quanto o caminho do conhecimento e renúncia, com o propósito de atingir o Autoconhecimento, são descritos no *Gītā*. No Capítulo II (versos 55-72), Sri Krishna recomenda aos *jnānis* (sábios) o caminho da renúncia. Mas no verso 47, Ele ordena que Arjuna siga o caminho da ação. No entanto, Ele não diz que Arjuna experimentará a Bem-Aventura Suprema como resultado direto da ação. O dilema de Arjuna é este: Como pode o Senhor primeiro descrever a ele, um devotado buscador da Bem-Aventura, o caminho do conhecimento e da renúncia, mas depois ordenar-lhe uma ação repleta de males evidentes? Como se atinge o Conhecimento de Brahman? Pelo caminho da ação? Pelo caminho da renúncia? Ou por uma combinação dos dois? Segundo Shankara, a conclusão do *Bhagavad Gītā* (e também dos *Upanishads*) é que Brahman só pode ser realizado diretamente pelo caminho do conhecimento e da renúncia, e não por qualquer outro meio.

O segundo capítulo resume o ensinamento do *Gītā*: O aspirante à liberação deve primeiro praticar ação desinteressada (*nishkama karma*), entregando os resultados a Deus. Isso purificará seu coração. Em seguida, ele praticará discriminação, renúncia e outras disciplinas, abandonando deveres mundanos. Assim, ele desenvolverá devoção concentrada a Deus. Essa devoção criará um anseio pelo Conhecimento da Realidade, que destrói *Avidyā* (ignorância), composta pelos três *gunas*. Com a destruição da ignorância, o aspirante alcançará a cessação do nascimento e da morte no mundo relativo e, assim, a liberação final.

Arjuna se sente confuso com o elogio do Senhor tanto à guerra justa (II, 31-38) quanto ao Conhecimento de Brahman.

2. Com estas palavras aparentemente contraditórias, Tu pareces confundir meu entendimento. Portanto, diz-me claramente aquele único meio pelo qual alcançarei o Objetivo Supremo.

Pareces confundir: Não há confusão nas palavras do Senhor, mas para o entendimento ainda limitado de Arjuna, elas parecem contraditórias.

Aquele único meio: Se conhecimento e ação são destinados a diferentes tipos de aspirantes e não podem ser seguidos pela mesma pessoa, Arjuna pede que Krishna lhe ensine o caminho mais adequado para ele, de acordo com seu estado atual de compreensão.

A resposta do Senhor será dada de acordo com a pergunta.

3. *O Senhor disse: Desde os tempos antigos, ó inculpável, ensinei ao mundo uma devoção dupla: Para os contemplativos, a devoção ao conhecimento, para os ativos, a devoção à ação.*

Desde tempos antigos — No começo do mundo criado. Mesmo no próprio início do ciclo do tempo, duas classes de pessoas, aquelas com temperamentos contemplativos e aquelas com temperamentos ativos, já existiam.

Contemplativos — Como resultado de ações meritórias em vidas passadas, eles nascem, por assim dizer, com um conhecimento claro do Ser e do não-Ser. Eles renunciam ao mundo mesmo sem abraçar a vida de chefe de família e pertencem àquela mais elevada classe de *sannyāsis* conhecidos como *paramahamsas*, cujos pensamentos sempre repousam em Brahman. Para essas almas puras, o caminho do conhecimento é prescrito para que eles possam amadurecer seu conhecimento de Brahman.

Ativos — Aqueles que creem na ação externa como um meio de autodesenvolvimento. Seu entendimento ainda está colorido pela mancha da dualidade. A execução de ação desinteressada purifica suas almas e os capacita a praticar conhecimento e contemplação.

De acordo com a filosofia hindu, a prática de uma disciplina espiritual particular é determinada pela competência do aspirante. Tanto o ativo quanto o contemplativo têm um objetivo, a saber, a realização de Brahman. O caminho da ação, entretanto, não leva diretamente a essa realização.

Um aspirante deve desempenhar seus deveres, determinados por seu nascimento e posição na sociedade, até que alcance pureza de mente e se torne competente para seguir o caminho do conhecimento. Não pode haver conhecimento de Brahman a menos que a mente esteja pura.

4. *Não é pela mera abstenção da ação que o homem alcança o estado de inação, nem pela simples renúncia que ele atinge a perfeição.*

Ação — Diferentes formas de adoração, assim como outros deveres, através do desempenho dos quais um homem purifica sua mente.

Inação — Perfeição. Ação, como geralmente entendida, é o resultado da carência e do desejo. Um homem perfeito, por causa de seu Autoconhecimento, é livre de desejos e, portanto, abstém-se de ação egotista.

Renúncia — Abandono da ação antes que a aptidão para seguir o caminho do conhecimento tenha sido alcançada.

O desempenho da ação é um caminho para a liberdade da atividade. Através da devoção à ação, ganha-se devoção ao conhecimento. Por meio da ação desinteressada, o buscador elimina seus desejos egoístas e, então, atinge o estado de mente no qual a paz e a contemplação da Realidade são desfrutadas. Enquanto um homem se considera um ser finito, ele deve trabalhar. Mas quando ele conhece a si mesmo como o Espírito infinito, ele se abstém de todas as atividades egotistas.

Por que uma pessoa não atinge a perfeição pela mera renúncia desacompanhada de conhecimento?

5. Em verdade, ninguém pode permanecer sequer por um instante sem agir. Pois, impelidos pelos *gunas* nascidos da *Prakriti*, todos são obrigados a agir, mesmo contra sua vontade.

Ninguém: Refere-se aos não-iluminados (ignorantes), que estão sob o controle dos *gunas*.

Gunas: São *sattva*, *rajas* e *tamas* (veja nota em II. 45.).

No caso de uma pessoa ignorante, toda ação é executada sob o comando dos *gunas*. Os *gunas* pertencem ao não-Ser, e o ignorante não consegue discernir entre o Ser e o não-Ser. Um homem de Conhecimento também age (por exemplo, para preservar seu corpo), mas não se identifica com a *Prakriti* (Natureza). Ele tem plena consciência de sua liberdade dos *gunas*: embora os *gunas* ajam, ele permanece sem ser afetado.

Uma pessoa ignorante não deve negligenciar os deveres prescritos a ele.

6. Aquele que controla seus órgãos de ação, mas continua em sua mente a pensar nos objetos dos sentidos, engana a si mesmo e é chamado de hipócrita.

Controla etc.: Para dar a si mesmo ou a outros a impressão de que está meditando em Deus.

Órgãos de ação: Mãos, pés, órgão vocal e os órgãos de geração e evacuação.

A verdadeira renúncia não é apenas o controle dos órgãos de ação ou a abstenção de movimento físico. É o controle da mente e dos órgãos de percepção. É a ausência de desejo por atividade. Uma mente ativa em um corpo inativo não representa a vida de *sannyāsa*. Uma pessoa assim tem uma mente impura e torna-se pecaminosa ao adotar a vida monástica.

7. Mas aquele que controla seus sentidos com a mente e direciona seus órgãos de ação ao trabalho, sem sentimento de apego — esse, ó Arjuna, é verdadeiramente superior.

Aquele que controla etc.: Refere-se a uma pessoa ignorante, apta apenas para o caminho da ação.

Sentidos: Os cinco órgãos de percepção.

Superior: Tal buscador atingirá o Conhecimento pela purificação da mente.

Um verdadeiro *karma-yogi* engaja-se em ação externa, mas está internamente desapegado do resultado. Não é a ação em si, mas o desejo ao fruto, que fortalece nossa prisão ao mundo.

Portanto,

8. Cumpra tua ação prescrita, pois a ação é superior à inação. Até a mera manutenção de teu corpo será impossível se permaneceres inativo.

Ação prescrita: A ação designada pelas escrituras, de acordo com as tendências herdadas de cada um.

Um homem consciente de seu corpo e suas demandas não pode permanecer inativo. Mas o caso é diferente para um *sannyāsi*, que está livre da consciência corporal.

Ação desinteressada não cria vínculos.

9. O mundo é aprisionado pela ação, a menos que seja feita por causa de Sacrifício. Portanto, ó filho de Kunti, abandone o apego e trabalhe para o Senhor.

Sacrifício (*yajna*): Em sânscrito, significa tanto rito religioso quanto ação com motivação espiritual. Também denota o Senhor Supremo, sentido usado neste verso.

Ações feitas para agradar ao Senhor sem motivos pessoais, não escravizam o fazedor da ação.

Outra razão para ordenar ação àqueles que não podem seguir o caminho do conhecimento:

10. No princípio, Prajāpati criou os homens juntamente com o sacrifício e disse: “Por isto vocês multiplicarão. Que isto seja a Vaca da Abundância, concedendo-lhes o leite de seus desejos.”

Prajāpati: O Criador (Brahmā).

Sacrifício: Neste verso, a palavra significa os sacrifícios ou ritos religiosos na porção ritualística dos Vedas.

Os homens foram criados com propensão à ação — meio de autoexpressão e felicidade nos estágios iniciais do desenvolvimento espiritual. O cumprimento dos deveres prescritos garante o bem-estar de todos no mundo relativo.

Como o bem-estar é alcançado pelo sacrifício?

11. 12. “Com o sacrifício, nutrirás os deuses, e que os deuses te nutram. Assim, nutrindo-se mutuamente, alcançarás o Bem Supremo.”

“Os deuses, nutridos pelo sacrifício, lhes concederão as alegrias que desejam.”
Certamente, é um ladrão quem desfruta desses dons sem retribuir aos deuses.

Deuses - A palavra em sânscrito é ‘devas’, literalmente ‘os resplandecentes’. Quando um ser humano realiza ações meritórias na terra, ele se torna um deus após a morte e ocupa uma posição temporária no céu, onde recebe o encargo de um processo cósmico. Assim, as escrituras hindus descrevem o deus do fogo, o deus do vento, o deus do oceano, e assim por diante. Veja nota sobre ‘Indra’, IX, 20.

Bem Supremo - Conhecimento de Brahman ou felicidade no céu, dependendo do motivo do aspirante. O sacrifício pode ser realizado tanto para liberação quanto para gozo mundano. No primeiro caso, o sacrifício leva à pureza de coração nesta ou em uma vida subsequente e finalmente conduz ao Conhecimento de Brahman, enquanto no último caso leva o sacrificador ao céu.

Gozos - Tais como esposa, filhos, riqueza.

Ladrão - Todos os chefes de família devem débitos aos deuses, aos *rishis* e aos ancestrais. Os deuses são aqueles que controlam os processos cósmicos. Os *rishis* são aqueles que deram a cultura à raça. Os ancestrais são aqueles a quem o homem deve seu corpo e vida. Os débitos para com estes são quitados pelo sacrifício, pelo estudo das escrituras e pela geração de filhos. Aquele que desfruta dos prazeres da vida sem pagar os débitos acima enumerados é verdadeiramente um ladrão.

Neste mundo relativo, homens e deuses são interdependentes. São alimentados uns pelos outros. Os homens oferecem oblações aos deuses; os deuses em troca oferecem chuvas e outros dons. Essa cadeia de obrigações mutuas unem todos os seres criados.

Aqueles que agem em espírito de sacrifício são pessoas superiores.

13. Os homens bons, que comem o que resta do sacrifício, são libertos de todos os pecados; mas os homens maus, que preparam comida apenas para si mesmos, na verdade comem pecado.

O que resta do sacrifício — A comida deve primeiro ser oferecida aos deuses e depois desfrutada pelos homens. Num sentido mais amplo, toda ação deve ser realizada para a satisfação do Senhor. A ação egotista é condenada.

Todos os pecados — Todo chefe de família comete inevitavelmente o pecado quántuplo de matar, que resulta do uso de (1) pilão e almofariz, (2) pedra de moer, (3) forno, (4) jarro de água e (5) vassoura. Ele é absolvido desses pecados pelo desempenho dos cinco deveres obrigatórios conhecidos como *yajna*, ou sacrifício. Os cinco sacrifícios são: *devayajna* (a oferenda de sacrifícios aos deuses), *brahmayajna* (o ensino e recitação das escrituras), *pitryajna* (a oferenda de libações de água aos

ancestrais), *nriyajna* (o alimentar dos famintos) e *bhutayajna* (o alimentar dos animais inferiores). A realização desses cinco sacrifícios espiritualiza a vida e estabelece harmonia entre os vivos e os mortos, assim como entre os mundos divino, humano e subumano. A vida egoísta é transformada numa vida altruísta. O indivíduo torna-se consciente da interdependência de todos os seres.

A ação deve ser realizada por aqueles que são qualificados para ela; pois é a ação que faz girar a roda do cosmos.

14. -15. Dos alimentos nascem todas as criaturas; da chuva nasce o alimento; do sacrifício vem a chuva; o sacrifício nasce da ação.

Saiba que a ação surge dos Vedas, e os Vedas do Imperecível. Portanto, os Vedas onipresentes sempre repousam no sacrifício.

Criaturas — Referência aos corpos físicos dos seres criados, que são produzidos do fluido seminal e do óvulo, produtos do alimento.

Chuva — “A oferenda lançada no fogo alcança o sol; do sol vem a chuva; da chuva, o alimento; e do alimento, todas as criaturas.” (Manu, III, 76) O princípio sutil no qual as ações sacrificiais são convertidas após serem realizadas, e através do qual mais tarde aparecem como fruto, é chamado de ‘*apurva*’. O *apurva* é o elo entre o sacrifício e o fruto, a causa e o efeito.

Ação — O sacrifício prescrito nos Vedas, no qual sacerdotes e ofertantes participam.

Imperecível — A Realidade Suprema.

Os Vedas onipresentes — Assim como o sopro sai do homem, os Vedas iluminam todos os assuntos e são o repositório infinito de conhecimento. Eles tratam dos sacrifícios e dos modos de sua realização.

A Realidade Suprema é a fonte e base dos Vedas, que prescrevem para os chefes de família o sacrifício ou ação. Portanto, a ação deve ser realizada.

A roda do cosmos foi posta em movimento pelo Senhor Supremo. Por isso, a ação deve ser realizada por todos os que têm consciência de serem parte do mundo relativo.

16. Assim foi posta em movimento a roda; e aquele que não a segue, mas se deleita nos sentidos e vive no pecado, ó Pārtha, vive em vão.

A roda — Foi posta em movimento pelo Criador, Prajāpati, com base nos Vedas e nos sacrifícios.

Segue-a — Estudando os Vedas e realizando os sacrifícios neles prescritos.

Deleita-se nos sentidos — Age para o gozo dos prazeres sensoriais e não para a agradar o Senhor.

O sentido desta seção (III, 4-16) é que o homem ignorante do Ser deve realizar ações para purificar a mente. Quando a mente é purificada, o aspirante torna-se apto para o Autoconhecimento. Uma pessoa que ainda deseja fins mundanos não deve abster-se da ação.

O Karma-yoga não é destinado aos conhecedores do Ser.

17. Mas, em verdade, o homem que se alegra no Ser, se satisfaz no Ser e se contenta apenas no Ser — para ele não há nada pelo que deva trabalhar.

O homem que se alegra etc. — Aquele que renunciou a todo apego mundano e dedica-se apenas ao Conhecimento do Ser; um *sannyāsi*.

Alegra-se no Ser — Não nos objetos dos sentidos.

Satisfaz-se no Ser — Não em comida e bebida.

Contenta-se no Ser — Não na posse de coisas externas.

Um conhecedor do Ser não tem deveres mundanos a cumprir. Segundo o *Brihadaranyaka Upanishad*, os conhecedores de Brahman, dotados de Autoconhecimento, renunciam ao desejo por prole, riqueza e mundos; vivem como mendicantes, mantendo seus corpos apenas com o estritamente necessário (III, v, 1).

Além disso,

18. Ele não tem objeto a ganhar pelo que faz neste mundo, nem a perder pelo que deixa de fazer; nem há, entre todos os seres, alguém de quem dependa para qualquer fim.

Ele — O homem que se alegra no Ser.

Objeto a ganhar — Não busca mérito para gozar felicidade no céu.

Nada a perder — Não teme demérito. Livre do ego, está além dos preceitos das escrituras.

Alguém de quem dependa — Do Criador (Brahmā) a uma folha de grama. Uma pessoa com Autorrealização não busca apoio de ninguém no mundo relativo. Nem mesmo os deuses podem feri-lo, pois ele é o Ser interior deles também. Danos de poderes cósmicos superiores é possível apenas antes de alcançar o Autoconhecimento, pois uma pessoa não iluminada ou ignorante vê multiplicidade e considera-se como separado dos outros. Todo medo vem da percepção da dualidade.

Como você não alcançou ainda o Autoconhecimento,

19. Portanto, faça sempre, sem apego, o trabalho que lhe cabe; pois o homem que age sem apego atinge o Supremo.

Um buscador que cumpre seu dever para agradar a Deus purifica a mente e, por fim, realiza o Objetivo Supremo.

No passado os homens sábios agiam dessa maneira.

20. Verdadeiramente, pela ação apenas, homens como Janaka atingiram a perfeição. Além disso, você deve agir para guiar as pessoas no caminho correto.

As escrituras mencionam sábios *kshatriyas* que, mesmo após realizarem o Conhecimento, não abandonaram a ação. Purificaram a mente cumprindo seus deveres e então realizaram Brahman. Seu *prarabdha karma* os manteve em deveres reais para preservar a ordem mundial. Arjuna também deve ser exemplo de retidão, cumprindo seus deveres como *kshatriya*.

Como pode um homem guiar as pessoas ao executar seus próprios deveres?

21. O que um grande homem faz, os outros imitam; o padrão que ele estabelece, o mundo segue.

As pessoas comuns são mais influenciadas por exemplos vivos de grandes homens do que por ensinamentos abstratos das escrituras.

Há o exemplo do próprio Senhor.

22. Eu, ó Pārtha, não tenho dever; não há nada nos três mundos que Eu não tenha obtido, nem nada que Eu precise obter. Ainda assim, Eu continuo a agir.

Sri Krishna fala como a Própria Divindade. Embora transcenda todos os deveres, age segundo os preceitos das escrituras para dar o exemplo aos outros.

A inatividade por parte de Krishna causaria a ruína de todos.

23. Pois, se Eu não me engajassem sempre, incansável, na ação, ó Pārtha, os homens seguiriam em tudo o Meu exemplo.

Seguiriam Meu exemplo — Pois Sri Krishna é conhecido como o melhor ideal a ser seguido.

O que então aconteceria?

24. Se Eu deixasse de agir, estes mundos pereceriam. Eu causaria a mistura de castas e destruiria todas estas criaturas.

Pereceriam — O universo relativo é sustentado pela ação.

Se Krishna, o homem ideal, cessasse de agir, as pessoas negligenciariam ações religiosas e morais. A confusão social reinaria. Assim, o Senhor traria ruína, não o bem-estar.

25. Assim como os ignorantes agem, apegados a seus trabalhos, ó Bhārata, assim deve agir um homem iluminado, mas sem apego, para guiar as pessoas no caminho correto.

O ignorante age com zelo por felicidade pessoal; o sábio deve agir com o mesmo zelo, mas para o bem de todos.

O único incentivo para a ação para um conhecedor do Ser é o bem-estar dos outros.

26. Que nenhum iluminado perturbe a compreensão dos ignorantes que estão apegados à ação. Ele deve engajá-los na ação, realizando-a com devoção.

Perturbar- Uma pessoa ignorante firmemente acredita que se deve agir para desfrutar o resultado do trabalho. O homem sábio não deve perturbar esta crença; caso contrário o homem ignorante prematuramente abandonaria todo trabalho.

Se o sábio deve agir como o ignorante, então onde reside a diferença entre eles?

27. Todo trabalho é executado pelos gunas de *Prakriti*. Mas aquele cuja mente é iludida por egotismo pensa, “Eu sou o agente.”

Gunas da *Prakriti*- Os gunas modificam-se a si mesmos no mundo exterior, no corpo, e nos sentidos. Estes são os executores de toda ação. O Ser observa sem participar de maneira alguma na ação feita pelo corpo e sentidos. Um homem ignorante, no entanto, identifica o Ser com o agregado do corpo e dos sentidos e pensa que o Ser é o agente da ação; ele atribui ao Ser todas as características que realmente pertencem aos gunas.

Para 'gunas' veja nota em II, 45.

Mas o homem iluminado sente diferentemente.

28. Mas, ó poderoso Arjuna, aquele que sabe a verdade sobre os gunas e a ação, e o que é distinto deles, mantém-se a si mesmo desapegado, percebendo que são os gunas que estão ocupados com os gunas.

O que é distinto deles - Isto é dizer, o Ser.

O homem iluminado vê que os gunas nas formas dos sentidos estão ocupados com os gunas na forma dos objetos dos sentidos, e que isto constitui a ação do homem. Assim ele sempre se mantém desapegado, permitindo aos gunas executarem as suas funções naturais. A diferença entre um homem iluminado ativo e um homem ignorante ativo é que o primeiro está além da influência dos gunas, enquanto o último é controlado por eles.

O tópico sob discussão está agora concluído:

29. Aqueles que estão iludidos pelos gunas da *Prakriti* apegam-se às ações que esses gunas incitam. Não obstante, que nenhum homem que conhece o todo perturbe aqueles de mentes torpes, que conhecem apenas uma parte.

Que conhece o todo - O homem sábio, que através do Autoconhecimento conhece tudo.

Que conhecem apenas uma parte - Aqueles que não veem coisa alguma além do efeito imediato de uma ação.

O sábio não deve confundir o ignorante, que está apegado aos gunas e à ação, instruindo-os em Autoconhecimento, o que faz alguém abandonar deveres mundanos.

Como devem os deveres ser encarados por aqueles que buscam a liberação, mas ainda estão apegados aos gunas?

30. Entregando toda ação a Mim, com a mente concentrada no Ser, libertando-se do desejo e egoísmo, lute - imperturbado pela aflição.

A Mim- Krishna, o Ser Divino, o Senhor Supremo, o Onisciente, o Ser de todos.

Concentrada no Ser - Constantemente lembrando que se age direcionado pelo Senhor, que está sentado no coração como o Guia Interior.

O seguinte é o resultado da ação descrita acima:

31. Aqueles que, cheios de fé, sempre seguem este Meu ensinamento e não censuram a Mim - esses também são libertos das suas ações.

Fé- Uma atitude mental consistindo primariamente de sinceridade de propósito, humildade e reverência. Veja nota em XVII, 3.

Não censuram a Mim - Não encontram falha no Senhor; não sentem que Ele enganou aquele que age, numa ação dolorosa.

Eles também- Assim como os *jnānis*.

Libertos de seus trabalhos - Libertos do mérito e demérito que são o resultado inevitável do trabalho.

Aquele que trabalha, também, sinceramente entregando os resultados da ação a Deus e cheio de amor divino, torna-se livre, como o *jnāni*, dos bons e maus resultados da sua ação, e realiza a Verdade.

O efeito maléfico que advém de desobedecer a injunção do Senhor:

32. Mas aqueles que censuram Meu ensinamento e não o praticam - saiba que tais homens insensatos, cegos para toda sabedoria, estão condenados à destruição.

Aqueles que não têm fé nas palavras do Senhor, como reveladas através das escrituras e das palavras de um mestre competente, e maliciosamente se abstêm da performance dos seus deveres, não podem discriminar entre certo e errado e acabam por chegar à ruína.

Porque algumas pessoas negligenciam os seus deveres, assim desobedecendo a injunção do Senhor? É porque a sua natureza inferior prova ser forte demais para eles.

33. Até mesmo o homem de conhecimento age de acordo com a sua própria natureza. Todos os seres seguem a sua natureza; o que pode a repressão fazer?

Natureza - A *prakriti*, ou natureza, de um homem, é formada pelas impressões dos atos bons e maus executados numa vida prévia; ela manifesta-se no início da presente vida. Esta natureza é a mola mestra da ação do homem.

Repressão - Repressão forçada dos sentidos.

Se um homem deve seguir a sua própria natureza, então onde está o espaço para o esforço pessoal? Se os esforços próprios do homem são fúteis, então as injunções das escrituras, também são fúteis.

34. O amor e o ódio que os sentidos sentem pelos seus objetos são inevitáveis. Mas que ninguém caia sob o seu domínio; pois eles são os seus inimigos.

Amor e ódio - Amor pelo agradável e ódio pelo desagradável.

Que ninguém caia etc. - Esta é a injunção das escrituras. Aqui reside o campo dos esforços do homem.

Os sentidos têm gostos ou desgostos naturais pelos seus objetos, e os homens geralmente são influenciados por eles. Mas o buscador da Verdade exerce a sua discriminação e subjuga, desde o início, o seu forte apego e aversão.

Como um rio de corrente veloz, os sentidos selvagens arrastam um homem para a destruição; mas o homem deve exercer autoesforço e saltar para o barco dos ensinamentos escriturais e chegar em segurança ao seu destino. O homem deve esforçar-se para superar as suas propensões naturais bestiais e seguir os ditames da retidão.

Sob a má orientação do amor e do ódio, um homem pode confundir o dever de outro com o seu próprio. Isto geralmente acontece quando o seu próprio dever se torna cercado de sofrimento e dor.

35. Melhor é o próprio *dharma*, ainda que imperfeitamente executado, do que o *dharma* de outro bem executado.

Melhor é a morte na execução do próprio *dharma*: o *dharma* de outro está carregado de perigo.

O desejo de Arjuna de desistir de lutar, que é o dever de um *kshatriya*, e de seguir a vida pacífica e calma de um eremita, deve-se a um instinto natural de evitar o desagradável e aceitar o que é agradável aos sentidos.

Arjuna pede uma declaração clara sobre a fonte do mal.

36. *Arjuna disse*: Mas sob que compulsão comete um homem o pecado, ó *Vārshneya*, a contragosto e impelido, por assim dizer, à força?

Vārshneya - Lit., aquele que pertence ao clã dos *Vrishnis*; um epíteto de Krishna.

O homem pode discriminar entre o bem e o mal. Ele quer fazer o bem; mas ele faz o mal, como que contra os seus próprios desejos. Ele parece ser constrangido por uma força exterior.

37. *O Senhor disse*: É o desejo, é a ira, que brota de *rajas*. Saiba que este é o nosso inimigo aqui, que devora a tudo e a causa de todo pecado.

Desejo - O desejo apenas é o inimigo de todo o mundo, a causa de todo o mal.

Ira- O desejo, sendo obstruído, toma a forma de ira.

Brota de rajas - *Rajas* é a causa do mal e do sofrimento. Portanto o desejo traz apenas sofrimento. *Sattva* vence *rajas* e mantém o desejo sob controle.

Devora a tudo - O desejo nunca é saciado pela gratificação do desejo. Livra-se do desejo apenas através da prática constante do desapego.

Causa de todo pecado - O homem comete pecado apenas por ordem do desejo.

Como o desejo é nosso inimigo?

38. Como o fogo é ocultado pela fumaça, como um espelho pela poeira, como um bebê não-nascido pelo ventre, assim é o Conhecimento ocultado pela ignorância.

As três ilustrações referem-se aos diferentes graus em que o desejo na forma de ignorância envolve e oculta a Luz interior no homem.

39. Envolto está o Conhecimento, ó filho de Kunti, pelo fogo insaciável do desejo, que é o constante inimigo do sábio.

Fogo insaciável - “Os desejos nunca podem ser saciados pela gratificação dos desejos. Quanto mais são desfrutados, mais eles crescem, como o fogo pela colocação nele de manteiga.” (*Mahabhārata*)

Uma pessoa ignorante considera um desejo como um amigo quando está ansiando pela sua realização, mas percebe-o como um inimigo quando descobre que apenas sofrimento é o pós-efeito do usufruto.

Mas um homem sábio, mesmo antes de sofrer a consequência de um desejo, sabe que é um mal; ele não tem que esperar pelo resultado. Daí o desejo é o constante inimigo do sábio.

Krishna aponta o assento do desejo, a fortaleza do inimigo, pela conquista da qual o inimigo é facilmente derrotado.

40. Dizem que os sentidos, a mente e o entendimento são a sua morada; através deles, ele vela o Conhecimento e ilude a alma encarnada.

Através destes - O desejo vicia os sentidos, a mente e o entendimento, velando o Conhecimento e, ao final, aprisiona o homem na rede da ilusão.

41. Portanto, ó senhor dos Bhāratas, controla os teus sentidos desde o início e mata este repugnante destruidor do Conhecimento e da Realização.

Conhecimento e Realização — O Conhecimento do Ser é primeiro aprendido das escrituras e do mestre. Depois, através da contemplação constante, é transformado em Realização.

Onde se deve estar para abandonar os desejos?

42. -43. Dizem que os sentidos são superiores; superior aos sentidos é a mente; superior à mente é o entendimento; superior ao entendimento é Ele. Portanto, conheça Aquele que é superior ao entendimento, controle o ser [eu] pelo Ser, e destrua, ó poderoso Arjuna, o inimigo, que vem sob a forma de desejo e é difícil de vencer.

Superiores — Os sentidos são superiores ao corpo. O corpo é grosseiro e limitado; os sentidos, comparativamente falando, são sutis e têm uma esfera de ação mais extensa.

Mente — Que consiste em pensamentos e desejos e é da natureza de erro e dúvida. A mente é superior aos sentidos, pois dirige a sua ação.

Entendimento — Que é caracterizado por determinação e certeza e, portanto, superior à mente.

Ele — O Ser do homem, o Habitante do corpo, a Testemunha das atividades do corpo, sentidos, mente e entendimento.

Controle o ser pelo Ser — Pelo Conhecimento do Ser Superior, controla-se o ser inferior, ou seja, a mente.

Aqui, no Bhagavad Gitā, a Essência dos Upanishads, a Ciência de Brahman, a Escritura do Yoga, o Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, termina o Terceiro Capítulo, intitulado:

O CAMINHO DA AÇÃO

IV

O CAMINHO DO CONHECIMENTO

1. *O Senhor disse: Este yoga eterno Eu ensinei a Vivasvat; Vivasvat ensinou-o a Manu; e Manu ensinou-o a Ikshvaku.*

Este yoga eterno - O yoga ensinado no segundo e terceiro capítulos. O fruto deste yoga é a liberação, que transcende tempo, espaço e causalidade.

Vivasvat - O deus-Sol.

Manu - O antigo legislador da Índia.

Ikshvaku - O ancestral dos *kshatriyas* que traçam sua origem ao deus-Sol.

No início do presente ciclo o Senhor ensinou a lei eterna sobre Jnāna-yoga ao deus-Sol, que a transmitiu aos *kshatriyas*, os governantes do mundo. Por este conhecimento os *kshatriyas* foram fortalecidos. Apenas fortes reis *kshatriyas* podem proteger os *brāhmins*, que constituem a casta espiritual na sociedade hindu. Quando as castas militar e *brāhmin* são preservadas, a ordem social é mantida. De acordo com o Hinduísmo as leis espirituais estabelecidas nos Vedas são eternas. Através de *rishis* de alma pura elas são reveladas de novo no início de cada ciclo.

Jnāna-yoga, discutido no segundo e terceiro capítulos, é baseado na renúncia e é atingido através do desempenho do dever. Assim, ele compreende tanto a vida de atividade (*pravritti*) quanto a vida de retiro (*nivritti*) como ensinado nos Vedas. O caminho do conhecimento tem sido descrito ao longo do *Gītā* como levando diretamente à liberação. Portanto o Senhor exalta-o apontando sua antiguidade.

2. Assim passado de um para outro, ele tornou-se conhecido pelos sábios reais. Mas através de longo lapso de tempo, ó destruidor de inimigos, este yoga foi perdido para o mundo.

Os ensinamentos deste yoga foram perdidos ao cair nas mãos de pessoas egoístas e injustas. É a intenção de Sri Krishna revivê-lo através do *Gītā*.

3. O mesmo antigo yoga Eu contei a você hoje; pois você é Meu devoto e amigo, e isso é um segredo supremo.

Segredo supremo - Um segredo que deveria ser revelado apenas àqueles dignos dele.

Arjuna não pode entender como Sri Krishna poderia ter ensinado este yoga a Vivasvat, que nasceu muito antes d'Ele.

4. *Arjuna disse: Posterior foi Seu nascimento, e anterior o nascimento de Vivasvat. Como, então, devo entender que Você o ensinou no início?*

O não iluminado Arjuna pensa que Sri Krishna é um homem comum e não o Senhor onipotente e onisciente. Krishna deseja remover este erro.

5. *O Senhor disse: Por muitos nascimentos Eu passei, ó Arjuna, e assim também você. Eu os conheço todos, mas você não os conhece, ó destruidor de inimigos.*

Sri Krishna conhece o passado, presente e futuro porque Ele é o próprio Senhor. Ele não é obstruído em Seu poder de visão. Mas Arjuna, um mortal comum limitado pela ignorância, tem apenas visão limitada.

O Senhor é intocado por dharma e adharma; portanto Seu nascimento não foi como o de um homem comum.

6. *Apesar de Eu ser não-nascido e eterno por natureza, e apesar de ser o Senhor de todos os seres, ainda assim, subjugando Minha Prakriti, Eu aceito o nascimento através de Minha própria Māyā.*

Eterno por natureza - A Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta, que forma a natureza do Senhor, é eterna e imutável.

Minha Prakriti - Māyā, que é feita dos três gunas, a saber, *sattva*, *rajas* e *tamas*, e iludida pela qual o ser encarnado não reconhece o Senhor, que é seu verdadeiro Ser. Esta *māyā* está inerente em Brahman, mas Brahman permanece não afetado por ela. É como o veneno da cobra, que está na cobra, mas não pode feri-la.

Através de Minha própria *māyā* - É através de *māyā* que o Senhor parece nascer. Sua encarnação não é real, como são as encarnações de outros seres.

Ações, boas e más, produzem o corpo para que a alma encarnada possa experimentar seus resultados. A alma assume um corpo para tal experiência, e isto é chamado nascimento. Após a experiência ter sido cumprida, o corpo é descartado, e isso é chamado morte. Portanto *dharma* e *adharma* são responsáveis pelo nascimento de um ser encarnado. A encarnação do Senhor, por outro lado, não pode ser devida a *dharma* e *adharma*. Ele não está sujeito à lei do karma. Ele é o Senhor do universo e o Governante de todas as leis, grossas e sutis. A lei do karma pode afetar apenas aqueles que têm motivos egoístas. O Senhor é livre do ego. Portanto Sua encarnação como um ser humano é diferente da encarnação de outros homens. Ele assume uma forma humana, retraindo Seu poder sobre a inescrutável *māyā* pela qual outros seres são ligados. Esta *māyā* permanece como uma autolimitação imposta do Senhor enquanto Ele escolhe habitar em um corpo humano. Por conta de *māyā* Ele age como um ser humano; mas isso não afeta Sua natureza. Após Sua missão no mundo terminar, Ele mesmo retira *māyā* e readquire Sua natureza incorpórea. Suas atividades no mundo são com o propósito de dar um exemplo aos homens. A encarnação do Senhor é apenas uma aparência.

Um ser criado está sob o controle de *māyā*, mas o Senhor é o controlador de *māyā*. O nascimento e a morte do Senhor dependem de Sua própria vontade; mas o nascimento e a morte de um ser encarnado são devidos à lei do karma. Esta é a diferença entre um ser corporificado e o Senhor encarnado.

Quando o Senhor assume um corpo?

7. Sempre que há um declínio de *dharma*, ó Bhārata, e uma aumento de *adharma*, Eu me encarno.

Dharma - Ver nota em II, 7.

Para qual propósito?

8. Para a proteção dos bons, para a destruição dos maus, e para o estabelecimento do *dharma*, Eu nasço em todas as épocas.

Destruição - O Senhor está acima do amor e do ódio. Ao destruir a maldade o Senhor mostra o caminho da liberação para os maus.

Em todas as épocas - A encarnação do Senhor não está confinada a uma era particular.

Quando a retidão é protegida e a maldade destruída, a sociedade vive de acordo com *dharma* e oferece oportunidades aos seus membros para levar uma vida espiritual.

Que espera o homem que conhece o verdadeiro significado da encarnação e ação do Senhor no mundo?

9. Quem conhece, na verdadeira luz, Meu nascimento divino e ação não nascerá de novo quando deixar seu corpo; ele Me alcançará, ó Arjuna.

Meu nascimento divino - O Senhor parece nascer, mas em realidade está além do nascimento e da morte.

Ação - O Senhor está na realidade além de toda ação, embora Ele pareça agir pela causa da retidão.

O homem que conhece a natureza real do Senhor como o Espírito Absoluto, e também Sua encarnação em *māyā*, realizou a Verdade Suprema. Assim ele transcende nascimento e morte no mundo relativo e alcança Brahman.

O caminho da liberação ensinado aqui por Krishna é um caminho antigo.

10. Livre da paixão, medo e raiva, absorvido em Mim, tomando refúgio em Mim, e purificado pelo fogo do Conhecimento, muitos se tornaram um com Meu Ser.

O caminho da liberação ensinado aqui tem sido conhecido e seguido por buscadores desde o próprio início da criação e não foi dado ao mundo apenas pela Encarnação do Senhor como Krishna.

O Senhor pode ser acusado de parcialidade em que Ele concede Autoconhecimento a alguns e o retém de outros. A resposta segue:

11. De qualquer maneira que os homens se aproximem de Mim, assim mesmo Eu os recompenso; pois é Meu caminho, ó Pārtha, que os homens seguem em todas as coisas.

O Senhor não é gracioso para alguns e cruel para outros. Ele não está aberto à acusação de conceder liberação a alguns e retê-la de outros. Pessoas diferentes buscam o Senhor com motivos diferentes. Ele os recompensa a todos concedendo seus desejos. Mas não se pode buscar, ao mesmo tempo, liberação e cumprimento de desejos mundanos. Por isso o Senhor concede prazeres àqueles que buscam prazeres; recompensa homens altruístas, que desempenham seus deveres prescritos e visam à liberação, concedendo-lhes discriminação; e recompensa homens de discriminação, que renunciaram ao mundo em busca da liberação, concedendo-lhes liberação. Da mesma forma, o Senhor recompensa homens em angústia resgatando-os de sua angústia, e recompensa buscadores de riqueza dando-lhes riqueza. Em qualquer forma que um homem adore o Senhor, o Senhor aparece para ele naquela forma. As várias divindades e forças cósmicas, os anjos, os Profetas e as Encarnações são apenas diferentes manifestações do próprio Senhor. Se um homem adora um destes para um propósito definido, ele está adorando o próprio Senhor e o Senhor cumpre aquele propósito. Como existem inúmeros ideais acalentados por homens, assim existem inúmeras formas do Senhor correspondendo àqueles ideais. É a Ele somente que os homens oferecem adoração sob diferentes nomes e formas, através de diferentes símbolos e ritos; da mesma forma, d'Ele somente vem o cumprimento de todos os desejos, sejam eles para o gozo de prazeres mundanos ou para a realização da Verdade Suprema. Como o Ser interior, Ele traz à realização de todos os desejos quando as condições necessárias são cumpridas.

Surge a seguinte dúvida: O Senhor é livre de amor e ódio. Ele é gracioso para todas as criaturas sem distinção. Ele pode cumprir todo desejo. Por que as pessoas não desejam liberação e buscam o próprio Senhor? A resposta segue:

12. Aqueles que desejam sucesso em seus trabalhos adoram os deuses aqui; pois rapidamente, neste mundo do homem, vem o sucesso dos trabalhos.

Pessoas ansiando por sucesso mundano adoram deuses menores ou anjos, que também são manifestações do Senhor. Mas por conta de seus motivos egoístas, seu modo de

adoração é caracterizado pela atitude de que o devoto e o deus são dois seres diferentes. “Ele que, por outro lado, adora um deus separado, pensando, ‘Ele é separado de mim e eu sou separado dele’ - ele não conhece. Ele é para os deuses como o gado é para os homens.” (*Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, I, iv, 10) O sucesso mundano é atingido rápida e facilmente, mas não o Autoconhecimento. Portanto as pessoas não buscam o último.

Os homens são dotados de diversos temperamentos e tendências. Todos os homens não nascem iguais, porque neles a preponderância dos diferentes gunas varia.

13. As quatro castas foram criadas por Mim de acordo com a divisão de *gunas* e *karma*. Embora Eu seja seu Criador, ainda assim saiba que Eu não atuo nem sofro mudança.

Quatro castas - Estas são *brāhmin*, *kṣatriya*, *vaiśya* e *śūdra*.

Divisão de *gunas* e *karma* - Os *gunas* são *sattva* (bondade e harmonia), *rajas* (impureza e atividade), e *tamas* (escuridão e inércia). O *karma*, ou ação, de um *brāhmin*, em quem *sattva* predomina, é caracterizado pelo controle da mente, controle dos sentidos, austeridade, etc. (XVIII, 42) A ação de um *kṣatriya*, em quem *rajas* predomina e *sattva* é controlado por *rajas*, é caracterizada por heroísmo, entusiasmo, etc. (XVIII, 43) A ação de um *vaiśya*, em quem *rajas* predomina e *tamas* é controlado por *rajas*, consiste de agricultura, criação de gado, e comércio. (XVIII, 44) A ação de um *śūdra*, em quem *tamas* predomina e *rajas* é controlado por *tamas*, consiste apenas de serviço. Estas quatro castas, determinadas pela divisão de *gunas* e ação, têm existido entre os Indo-Arianos desde o próprio início de sua sociedade. Muito mais tarde o sistema de castas hereditário foi introduzido, quando a população aumentou enormemente e outras complexidades da vida social seguiram-se.

Embora Eu seja seu Criador - O Senhor é o Criador das quatro castas apenas do ponto de vista de *māyā*. *Māyā* é a causa imediata de tudo que acontece no mundo relativo. Mas já que *māyā* não tem existência independente do Senhor, Ele é dito ser o Criador.

Não atuo nem sofro mudança - O Senhor não é o agente, porque Ele não tem motivo egoísta na criação do universo. Pela mesma razão Ele permanece inalterado por qualquer coisa que aconteça na criação. São motivos egoístas que trazem uma mudança no fazedor através do sucesso ou fracasso de sua ação.

Os ignorantes podem falar do Senhor como o Criador, Preservador e Destruidor do universo, mas na realidade Ele não é assim.

14. A ação não Me contamina; nem anseio por seu fruto. Aquele que Me conhece assim não é ligado por sua ação.

Não Me contamina - Porque o Senhor é totalmente livre de egoísmo. Sendo Ele altruísta, não se reencarna como os homens, para colher o fruto de Sua ação.

Aquele que Me conhece assim etc. - Qualquer um que conhece seu próprio Ser mais íntimo como sendo o Senhor, desapegado da ação e seu resultado, não é ligado pela ação e não renascerá no mundo de *māyā*.

O Senhor é descrito como o Criador, Preservador e Destruidor do universo apenas do ponto de vista de *māyā*. Mas Ele próprio é absolutamente não apegado. Ele não criou o mundo através de qualquer desejo especial. Como pode Ele, em quem todos os desejos encontram sua realização, ser movido por um desejo de criar? O universo é o movimento espontâneo de Sua natureza, como as ondas são do oceano. É a *līlā*, ou prazer esportivo, do Senhor.

Os buscadores da Verdade nos tempos antigos trabalharam nesse espírito.

15. Homens de outrora que buscavam liberação sabiam isto e faziam seu trabalho. Portanto, faça seu trabalho como os antigos fizeram nos tempos anteriores.

Homens de outrora — Rei Janaka e outros.

Sabiam isto — Isto é, que o Ser não pode ter qualquer desejo pelo fruto da ação, nem pode ser manchado pela ação.

Todo aquele que é consciente de seu corpo deve trabalhar. Se ele é ignorante, ele deve trabalhar para a autopurificação, e se ele é sábio e um conhecedor da Verdade, ele deve trabalhar para dar um exemplo aos outros. Sri Krishna expõe a Arjuna uma antiga disciplina espiritual.

A filosofia da ação e inação é extremamente sutil.

16. Até os sábios ficam perplexos quanto ao que é ação e o que é inação. Portanto, Eu lhe direi o que ação é, para que você possa saber e ser libertado do mal.

Mal — O ciclo de nascimento e morte em *māyā*.

Não se deve simplificar demais a ação e inação pensando que a primeira significa a atividade do corpo, e a última, sua ociosidade.

17. Pois, verdadeiramente, é preciso entender o que realmente é ação, e igualmente o que é ação proibida, e também o que é inação. Difícil de entender é o caminho da ação.

Ação — Aquilo que é prescrito pelas escrituras e não meramente aprovado pelos homens.

Ação proibida — Aquilo que é proibido pelas escrituras.

Inação — Renúncia da ação.

Sri Krishna descreve a verdadeira natureza da ação e inação:

18. Aquele que vê inação na ação, e ação na inação, ele é sábio entre os homens, ele é um *yogi*, e ele realizou toda ação.

Inação na ação — São apenas os ignorantes que consideram o Ser como ativo. O *yogi* considera o Ser como inativo mesmo enquanto ele próprio está engajado em ação. A atividade pertence ao corpo, aos sentidos e à mente. É uma função dos *gunas*.

Ação na inação — O corpo, os sentidos e a mente, considerados pelos ignorantes como inativos, são percebidos pelo *yogi* como ativos. Daí ele vê ação no que os ignorantes pensam ser inação. Ou a passagem pode significar: Uma pessoa ignorante pode se esforçar muito para permanecer inativa porque ela considera o trabalho como a causa do sofrimento, e a inação como o caminho para o conhecimento. Tal pessoa, embora aparentemente inativa, é realmente ativa, pois sua mente está cheia de ideias. Um homem sábio vê ação em tal inação.

Realizou toda ação — Uma pessoa sábia, desprovida da ideia de agente [da ação], é realmente uma alma livre embora participe da ação. A ação não a prende.

Ação e inação não são corretamente entendidas; uma é confundida com a outra. Sri Krishna pretende remover este erro. O Ser real do homem é inativo. A ação pertence ao corpo físico, aos sentidos e à mente. Mas uma pessoa não iluminada, ou ignorante, falsamente atribui ação ao Ser e diz a si mesma: “Eu sou o fazedor, *minha* é a ação, por *mim* o fruto da ação será colhido.” Similarmente, ela falsamente imputa ao Ser a cessação da atividade, que realmente pertence ao corpo e aos sentidos, assim como a felicidade que resulta de tal cessação; ela diz a si mesma: “Eu ficarei quieto para que eu possa estar livre do trabalho e preocupação e ser feliz. Estou quieto agora; estou feliz.”

Através do conhecimento correto, um homem vê inação na ação; ele vê que a ação comumente associada com o Ser realmente pertence ao corpo, e que o Ser é inativo. Da mesma forma, um homem com conhecimento correto vê ação na inação; ele sabe que a inação também é um tipo de ação. A inação é um correlativo da ação e pertence ao corpo. O Ser está além da ação e da inação.

Aquele que conhece o significado da ação e inação como exposto acima é sábio entre os homens; ele é um *yogi*. Ele faz toda ação sem ser preso; ele está livre do resultado maléfico da ação. Ele alcançou tudo.

A sabedoria descrita no verso anterior é exaltada:

19. Aquele cujas tarefas são todas livres de desejos e vontade própria, e cujas obras são consumidas no fogo do Conhecimento — ele, pelos sábios, é chamado de iluminado.

Livre de desejos e vontade própria — Ele não tem propósito egoísta por trás de sua ação. Se ele está engajado em uma ação mundana, ele a executa com vista a dar um exemplo

aos homens; se ele renunciou à vida mundana, ele executa ação apenas para a mera manutenção de seu corpo.

Fogo do Conhecimento — A sabedoria descrita no verso anterior é comparada a um fogo que consome todas as ações boas e más.

Mesmo que um homem iluminado possa ser visto se engajando em ação, seu trabalho realmente não é trabalho.

20. Renunciando ao apego ao fruto da ação, sempre contente, e não dependendo de ninguém, embora engajado em trabalho, ele não faz trabalho algum.

Sempre contente - Satisfeito com a sabedoria descrita em IV, 18.

Dependendo de ninguém - Ele não tem desejo de assegurar o gozo nesta vida ou no além.

Embora engajado em trabalho - Tal homem pode engajar-se em trabalho.

Este é como um homem de sabedoria é descrito: Ele está sempre absorvido no pensamento de Deus. Ele pode engajar-se em ação que é necessária para a mera manutenção de seu corpo. Ele poderia ter sido ativo antes, mas após sua conquista do Conhecimento ele abandona ação, pois ele não acha nenhum uso para ela. Se ele acha que por alguma razão ou outra ele não pode renunciar a ação, ele continua a trabalhar a fim de dar um exemplo para o mundo. Ou ele pode trabalhar a fim de evitar ofender os homens justos da sociedade. Tal homem, embora engajado em ação, não está realmente envolvido nela, já que ele nunca perde sua consciência do Ser inativo. Sua ação é consumida no fogo do conhecimento descrito em IV, 18.

Sri Krishna fala da liberação daquele que realizou sua identidade com Brahman, o Ser mais íntimo de todos, que é livre do desejo por gozo tanto aqui quanto no além, que, portanto, abstém-se de toda ação com intenção de para assegurar objetos de prazer, que renunciou a toda ação exceto o que é necessário para a manutenção de seu corpo, e que é firme em sua devoção ao Conhecimento:

21. Livre de desejo, com corpo e mente controlados, e renunciando a todas as posses, ele não incorre em pecado através de mera atividade corporal.

Pecado - Isto inclui *dharma*, ou mérito, também. No caso de um homem buscando a liberdade última; *dharma*, também, é um obstáculo, como pecado; pois cria uma corrente na forma de um resultado. Apenas aquele que está livre de ambos *dharma* e *adharma*, mérito e demérito, é liberado de *samsāra*, a roda de nascimento e morte no mundo relativo.

Atividade corporal - Ação necessária para a mera existência do corpo, e aquela, também, sem qualquer apego tal como é implicado nas palavras 'Eu faço.' Desde que é impossível para tal homem fazer qualquer coisa errada, que possa ser chamado de pecado, ele não está sujeito a renascimento no mundo relativo.

O significado do texto parece ser que um conhecedor de Brahman está sempre absorvido em sua comunhão com o Absoluto. Geralmente nenhuma atividade externa é possível para ele. Ação para a mera manutenção do corpo é feita por ele sem qualquer identificação real com o corpo.

Coisas necessárias para a manutenção de seu corpo vêm a ele sem qualquer esforço de sua parte.

22. Satisfeito com o que vem a ele sem qualquer esforço de sua parte, elevando-se acima dos pares de opostos, livre de inveja, e de mente equânime no sucesso e fracasso, embora agindo, ele não está atado.

Sem qualquer esforço etc. - Isto é dizer, não solicitado ou por acaso.

De mente equânime - Ele permanece calmo se consegue ou não tais coisas que poderiam vir a ele sem esforço.

Embora agindo - Com um mínimo de ação para assegurar a mera existência do corpo.

Não está atado - Porque ele vê ação na inação, e inação na ação, sabe que não faz nada em absoluto, realiza que os gunas agem sobre os gunas, e está sempre firme no verdadeiro Conhecimento do Ser.

Do ponto de vista do mundo tal homem pode parecer engajar-se em ação para a manutenção do corpo, mas de seu próprio ponto de vista ele não é o agente da ação. O motivo egoísta de ação foi consumido, em seu caso, no fogo do Conhecimento.

Há alguns sábios que começam a vida, por causa de seu karma prarabdha, como homens ativos e então realizam que o Ser é o Brahman inativo. Embora eles estejam designados a renunciar obras, ainda por alguma razão eles continuam a ser ativos como antes. Tais sábios, também, são de seu próprio ponto de vista inativos.

23. As obras de um homem cujo apego se foi, que é livre, e cuja mente está estabelecida em Conhecimento, derretem-se inteiramente, sendo feitas como para um *yajna*.

Livre - Livre do cativeiro imposto por ambos *dharma* e *adharma*.

Yajna - Uma ação que é feita a fim de agradar ao Senhor, e não por qualquer motivo egoísta. Veja nota em “sacrifício,” III, 9-10.

Como é que a ação de tal homem se derrete sem produzir qualquer resultado?

24. Para ele Brahman é a oferenda e Brahman é a oblação, e é Brahman quem oferece a oblação no fogo de Brahman. Brahman apenas é alcançado por ele que assim vê Brahman em ação.

Oferenda - O instrumento pelo qual a oblação é derramada no fogo.

Após atingir o Conhecimento de Brahman, um homem vê Brahman em tudo. Ele vê Brahman em toda parte da ação: o instrumento, o fazedor, o resultado, e a ação em si. Estes não têm existência à parte de Brahman, assim como a miragem não tem existência à parte do deserto. O que aparece ser água para o ignorante, é nada além do deserto. Da mesma forma, o que aparece para o não iluminado como o instrumento de ação, o fazedor, e assim por diante, é realizado por aquele que é dotado com o Conhecimento de Brahman como o próprio Brahman. Para ele tudo é Brahman.

Assim a ação executada pelo conhecedor de Brahman para dar um exemplo ao mundo é em realidade não-ação, desde que todos os acessórios de ação são consumidos, como se fosse, no fogo de Brahman. O Conhecimento de Brahman remove toda dualidade. Portanto ação executada por um conhecedor de Brahman derrete-se com seu resultado e não pode prender seu executante.

Após descrever o Sacrifício do Conhecimento, o Senhor prossegue para enumerar outros tipos de sacrifício a fim de exaltar ao primeiro como o mais elevado:

25. Alguns *yogis* oferecem oblações apenas aos devas, enquanto outros no fogo de Brahman oferecem o ser pelo ser.

Yogis - Aqueles que são devotados à ação.

Devas - Lit., ‘resplandecentes’. A palavra geralmente significa divindades tais como o deus da Chuva e o deus do Sol. Veja nota em ‘Indra,’ IX, 20.

Outros - Outros conhecedores de Brahman.

Fogo de Brahman - Brahman, descrito nas escrituras como Consciência, Conhecimento, e Bem-aventurança e como o mais íntimo Ser de todos. É desprovido de todas as limitações impostas por tempo, espaço e causalidade.

O ser - O ser é em realidade Brahman, mas aparece como o indivíduo através de associação com o corpo, mente, inteligência e sentidos.

Conhecer o ser condicionado como uno com o incondicionado Brahman é sacrificar o ser no fogo de Brahman. Este sacrifício é realizado por aqueles que renunciaram a toda ação e são devotados ao Conhecimento de Brahman.

26. Alguns oferecem oblações da audição e dos outros sentidos nos fogos do controle; e alguns oferecem o som e outras sensações nos fogos de seus sentidos.

Os *yogis* descritos na primeira parte do texto controlam os sentidos de seus respectivos objetos; aqueles descritos na segunda parte direcionam os sentidos apenas para objetos puros e não proibidos.

27. Alguns, ainda, oferecem todas as ações dos sentidos e as funções do *Prāna* como oblações no fogo do autocontrole, aceso pelo conhecimento.

Prāna – O sopro vital, que sustenta a vida em um corpo físico; a respiração. Nos livros de yoga, o *Prāna* é descrito como tendo cinco modificações, de acordo com suas cinco diferentes funções. Elas são: *Prāna* (a energia vital que controla a respiração para dentro), *apāna* (a energia vital que conduz para baixo alimentos e bebidas não assimilados), *samana* (a energia vital que conduz a nutrição por todo o corpo), *vyana* (a energia vital que permeia todo o corpo), e *udana* (a energia vital pela qual o conteúdo do estômago é ejetado pela boca). De acordo com alguns escritores de yoga, *Prāna* e *apāna* significam, respectivamente, a inspiração e a expiração.

Fogo do autocontrole – Meditação profunda e concentrada.

Neste caso, todos os objetos dos sentidos, assim como todas as ações do corpo, junto com as funções do *Prāna*, são dissolvidos na meditação, tornada concentrada pela sabedoria discriminativa.

28. Alguns, igualmente, oferecem como oblações sua riqueza, austeridade e yoga; enquanto outros, de mentes disciplinadas e votos severos, oferecem seu estudo das escrituras e conhecimento.

Riqueza – Doar riqueza a pessoas merecedoras.

Yoga – Compreende práticas como o controle da respiração (*Prānāyama*) e a retirada da mente dos objetos do mundo (*pratyahara*).

Conhecimento – A compreensão dos conteúdos das escrituras.

29. Alguns, novamente, praticando constantemente a regulação do *Prāna*, oferecem a oblação de *Prāna* em *apāna*, e *apāna* em *Prāna*, ou param a passagem de ambos

Prāna e apāna. Ainda outros, restringindo sua comida, oferecem seus Prānas nos Prānas.

Prāna em apāna – Refere-se a um tipo de controle da respiração chamado *puraka* (inspiração).

Apāna em Prāna – Refere-se a um tipo de controle da respiração chamado *rechaka* (expiração).

Parar a passagem, etc. – Um tipo de controle da respiração conhecido como *kumbhaka*.

Restringindo sua comida – De acordo com alguns mestres de yoga, o estudante deve encher metade de seu estômago com comida, um quarto com água, e deixar um quarto livre para o movimento do ar.

Oferecem seus *Prānas*, etc. – Refere-se a um método de controle da respiração pelo qual o aspirante controla um sopro vital e o sacrifica em todos os outros sopros vitais; estes últimos tornam-se, por assim dizer, fundidos no primeiro. Os diferentes tipos de controle da respiração aqui referidos são descritos em *raja-yoga* e *hatha-yoga*.

O resultado dos doze sacrifícios descritos acima:

30. -31. Todos estes sabem o que o sacrifício significa, e pelo sacrifício seus pecados são consumidos. Comendo do *amrita*, o restante de um sacrifício, eles vão para o Eterno Brahman. Este mundo não é para aquele que não faz sacrifício, ó melhor dos Kurus, muito menos o outro.

Eterno Brahman – Eles realizam o Eterno Brahman após atingir o Conhecimento através da purificação do coração.

Este mundo – O mundo humano, onde não há muita felicidade.

O outro – O céu, que abunda em felicidade.

O significado literal do texto é que aqueles que executam os sacrifícios mencionados acima e comem a comida prescrita nas escrituras, de uma maneira prescrita, atingem Brahman com o tempo se desejam liberação. A comida assim consumida é chamada *amrita*, ou o elixir da imortalidade. O significado mais profundo parece ser que todas as atividades devem ser feitas como um sacrifício, isto é, em um espírito altruísta, entregando os resultados a Deus. A ação feita neste espírito permite ao executante desfrutar da felicidade na terra, se ele ainda tem algum desejo remanescente, ou de atingir Brahman, no devido tempo, se ele busca liberação. Mas a ação executada em um espírito egoísta priva alguém até mesmo da felicidade terrestre, para não falar da bem-aventurança espiritual.

32. Assim, muitos tipos de sacrifício estão espalhados pelas páginas dos Vedas; saiba que todos eles nascem da ação, e você será livre.

Os sacrifícios descritos acima não tocam o *Ātman*, ou Ser, que é inativo. Ao realizar que o Ser é livre de toda ação, se atinge o conhecimento correto e se torna livre do cativeiro de *samsāra*.

O Sacrifício do Conhecimento foi descrito em IV, 24. Então outros sacrifícios foram enumerados em 25-29. Estes últimos permitem ao sacrificador alcançar fins humanos, enquanto que através do Conhecimento se realiza a liberdade última. Daí o elogio do Sacrifício do Conhecimento.

33. O Sacrifício do Conhecimento é superior a todos os sacrifícios materiais, ó destruidor de inimigos; pois todas as obras, sem exceção, culminam no Conhecimento.

Sacrifícios materiais – Sacrifícios realizados com objetos materiais produzem apenas resultados materiais.

Culminam no Conhecimento – O Conhecimento de Brahman compreende toda as ações.

Como alguém ganha aquele Conhecimento exaltado?

34. Aprenda-o por prosternar-se, pelo questionamento e pelo serviço. Os sábios, que viram a Verdade, lhe ensinarão esse Conhecimento.

Prosternar-se – O símbolo da humildade e reverência.

Questionamento – O discípulo deve perguntar ao mestre sobre o cativeiro a liberação e sobre a ignorância e o Conhecimento.

Que viram a Verdade – Apenas o homem que realizou a Verdade está qualificado a dar instrução espiritual. Meramente conhecimento teórico, por mais perfeito, não qualifica alguém para ser um mestre espiritual.

Humildade, o espírito de indagação e o serviço pessoal prestado ao mestre são as condições do discipulado.

O resultado do Conhecimento:

35. Quando você tiver conhecido isso, ó Pândava, você não cairá novamente na ilusão; e através dele você verá todos os seres em seu próprio Ser e também em Mim.

Isso - O Conhecimento de Brahman.

Ilusão - Relativo à morte dos amigos e parentes de Arjuna reunidos no campo de batalha.

O Ser e o Senhor são idênticos. Todos os seres, também, são idênticos ao Ser imortal; através da ignorância eles aparecem como separados.

36. Mesmo se você for o mais pecador dos pecadores, ainda assim apenas pela jangada do Conhecimento, você será conduzido sobre todo pecado.

A vida mundana, não inspirada pelo Espírito, é da natureza do pecado e é comparada a um oceano sem limites. Mas o conhecedor da Verdade o cruza com a ajuda da jangada do Autoconhecimento.

Como o Conhecimento destrói o pecado?

37. Como um fogo, bem aceso, reduz madeira a cinzas, assim, ó Arjuna, o fogo do Conhecimento reduz todas as obras a cinzas.

Reduz todas as obras a cinzas - Ele as torna ineficazes, de modo que elas não podem prender o agente da ação produzindo resultados.

Todas as obras - Existem três tipos de ação: *sanchita*, *agami* e *prarabdha*. O *sanchita* karma é o vasto estoque de ações acumuladas feitas no passado, cujos frutos ainda não foram colhidos. O *agami* karma é a ação que será executada pelo indivíduo no futuro ou a ação executada por ele nesta vida antes de seu alcance do Conhecimento. O *prarabdha* karma é a ação que começou a frutificar, o fruto da qual está sendo colhido nesta vida; é uma parte do *sanchita* karma na medida em que este também é ação feita no passado. Mas a diferença entre os dois é que enquanto o *sanchita* karma ainda não está operativo, o *prarabdha* já começou a dar frutos. O corpo dura enquanto o momentum dado pelo karma *prarabdha* permanece. **O Conhecimento destrói todos os karmas exceto o *prarabdha* karma; até um homem de Conhecimento deve experimentar seu resultado.** Mas desde que ele realizou a liberdade e a natureza bem-aventurada da Alma, o *prarabdha* karma afeta apenas seu corpo; sua mente está sempre absorvida na consciência de Brahman.

Portanto,

38. Verdadeiramente, não existe nenhum purificador na terra igual ao Conhecimento. Um homem que se torna perfeito em yoga encontra isso dentro de si mesmo no decorrer do tempo.

Nenhum purificador na terra - É pelo Conhecimento que os pecados são destruídos, como também a ignorância, que é sua causa.

Perfeito em yoga- Através da execução do dever altruísta e a prática de contemplação.

Os meios mais certos de adquirir Conhecimento:

39. Aquele que está cheio de fé e zelo e subjugou seus sentidos obtém o Conhecimento; tendo obtido o Conhecimento, ele logo atinge a Paz Suprema.

Fé - Nos ensinamentos do guru.

Zelo - Devoção intensa aos meios de obter Conhecimento.

Subjugou seus sentidos - Meros atos externos tais como prostrar-se, inquirir e a prestação de serviço pessoal, como descrito em IV, 34, podem ser executados por uma pessoa insincera. Mas a insinceridade é impossível para um buscador que praticou a disciplina interna descrita neste verso.

A Paz Suprema, ou liberação, imediatamente segue o Conhecimento de Brahman. Nenhuma outra disciplina intermediária, tal como a prática de yoga ou a performance de deveres específicos, é necessária. Um aspirante pratica yoga ou executa seus deveres prévios ao alcance do Conhecimento, para a purificação de sua mente.

Não se deve duvidar da instrução acima.

40. Mas o homem que é ignorante e sem fé e sempre duvidando vai para a ruína. Nem este mundo, nem o mundo além, nem a felicidade existe para a alma que duvida.

Ignorante - Aquele que não conhece o Ser.

Sempre duvidando - Aquele que duvida de sua capacidade de atingir o Autoconhecimento.

O homem que é ignorante do Ser ou sem fé pode facilmente desfrutar felicidade material na terra. Mas a pessoa que duvida nunca é feliz. Devido à sua disposição cética, ele desconfia das pessoas e coisas ao seu redor. Ele tem dúvidas com relação ao mundo do além.

41. Trabalhos não prendem o homem, ó Dhananjaya, que renuncia à ação através de yoga, cujas dúvidas são destruídas pelo Conhecimento, e que é autocontrolado.

Trabalhos - Trabalhos realizados após o alcance do Conhecimento. Um homem dotado de Autoconhecimento realiza que a ação é o comportamento natural dos gunas na forma dos sentidos em direção aos gunas na forma de objetos, e que o Ser permanece não afetado.

Não prendem- Ao produzir bons ou maus resultados.

Que renuncia à ação etc. - Isto é, aquele que entrega o fruto de sua ação ao Senhor e vê como iguais sucesso e fracasso.

Autocontrolado - Sempre vigilante sobre seu Ser.

42. Portanto com a espada do Conhecimento corte ao meio esta dúvida sobre o Ser, nascida da ignorância e residindo em seu coração, e dedique-se a yoga. Levante-se, ó Bhārata!

A espada do Conhecimento - O Conhecimento pelo qual se discrimina entre o corpo e o Ser e que conseqüentemente destrói sofrimento e ilusão.

Yoga - *Karma-yoga*, que é um meio de atingir conhecimento correto.

Levante-se - A fim de lutar. Lutar é o *dharma* do *kshatriya*, Arjuna.

Assim no Bhagavad Gītā, a Essência dos Upanishads, a Ciência de Brahman, a Escritura de Yoga, o Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, termina o Quarto Capítulo, intitulado:

O CAMINHO DO CONHECIMENTO

O CAMINHO DA RENÚNCIA

1. *Arjuna disse:* Tu louvas, ó Krishna, a renúncia das ações, e também o yoga. Dize-me com certeza qual dos dois é melhor.

Yoga – Neste e nos versículos seguintes, a palavra significa karma-yoga, ou a execução de ações desinteressadas como um yoga ou disciplina espiritual.

Em IV, 18, 19, 21, 22, 24, 32, 37 e 41, o Senhor ressaltou a renúncia de todas as ações; e em IV, 42, Ele pediu a Arjuna que se dedicasse ao yoga, à realização da ação. Agora, estes dois mandamentos são mutuamente opostos; eles não podem ser seguidos pelo mesmo indivíduo ao mesmo tempo. Arjuna deseja saber qual dos dois, ação ou renúncia, seria propício ao seu bem-estar espiritual.

2. *O Senhor disse:* Tanto a renúncia quanto o yoga conduzem ao Bem Supremo; mas dos dois, a realização da ação é superior à renúncia da ação.

A realização da ação é necessária para aqueles aspirantes que são conscientes da multiplicidade – o agente da ação, seus acessórios e seus resultados. Arjuna não percebe a diferença entre o corpo e a Alma. Ele está angustiado com o pensamento da morte de seus parentes. Está sob o feitiço da ignorância. Portanto, Sri Krishna recomenda para ele a realização da ação, para a purificação de sua mente. O conhecimento que nasce em um coração puro gradualmente, amadurece por meio da renúncia à ação acompanhada pela contemplação da Realidade.

Por que esta resposta? Segue-se:

3. *Aquele que nem odeia nem deseja pode ser conhecido como constantemente praticando a renúncia; pois, livre dos pares de opostos, ó poderoso Arjuna, ele é facilmente libertado do cativeiro.*

Aquele – Um *karma-yogi*, ou realizador de ações.

Nem odeia nem deseja – Nem odeia a dor ou objetos que causam dor, nem deseja o prazer ou objetos que causam prazer. Normalmente, amor ou ódio motivam todas as nossas ações mundanas.

Praticando renúncia – Mesmo enquanto realiza ações, ele é como um *sannyāsi*, que formalmente renuncia aos deveres mundanos.

O Senhor contradiz a opinião de que sannyāsa e karma-yoga – destinados a dois tipos diferentes de pessoas – são opostos um ao outro e que produzem resultados contrários:

4. São crianças, e não os sábios, que falam do caminho do conhecimento e do caminho da ação como distintos. Quem está firmemente estabelecido em um alcança o fim de ambos.

Crianças – Os ignorantes.

Caminho do conhecimento – O caminho do *sannyāsa*, cujo objetivo é o alcance do autoconhecimento por meio da renúncia das ações.

Caminho da ação – A disciplina deste caminho é manter a equanimidade no sucesso e no fracasso.

Fim de ambos – Isto é, a libertação por meio do autoconhecimento. Não há diferença no que diz respeito ao resultado final.

Como pode um homem seguir um caminho e obter o resultado de ambos?

5. O estado alcançado pelos homens de renúncia é alcançado também pelos homens de ação. Aquele que vê que o caminho da renúncia e o caminho da ação são um só – ele verdadeiramente vê.

Estado – O estado da libertação.

Homens de renúncia – *Sannyāsis*, que seguem o caminho do conhecimento.

Homens de ação – Aqueles que realizam ações, entregando o resultado a Deus.

Por meio da ação desinteressada, alcançam pureza de mente e assim se tornam aptos para o caminho do conhecimento.

Um só – Porque ambos, em última análise, produzem o mesmo resultado, a saber, a libertação por meio do Autoconhecimento.

Como resultado do *karma-yoga* praticado em vidas anteriores, os *sannyāsis* nascem com mentes puras e aptos para o caminho do conhecimento. Os que trabalham, por meio da ação desinteressada, primeiro alcançarão pureza de mente e então serão capazes de seguir o caminho do conhecimento que conduz à libertação.

O Senhor, em V, 2, declarou que a realização da ação é superior à renúncia da ação. Naquele verso, tanto a realização quanto a renúncia da ação são usadas em sentido mecânico. A mera realização da ação, sem a prática da equanimidade quanto ao resultado, é declarada superior à mera renúncia da ação desprovida de conhecimento, porque esta última é resultado da *tamas*. A verdadeira renúncia, baseada no conhecimento e conhecida como *sāmkhya*, conduz à libertação. Aqueles que praticam tal renúncia são conhecidos como *sannyāsis* ou *jnānis*. A ação realizada sem qualquer desejo pelo resultado é conhecida como *yoga*, e os realizadores dessa ação são conhecidos como *yogis*. Eles entregam o resultado da ação a Deus e, purificados por meio da ação, tornam-se aptos para o conhecimento, que conduz à libertação.

Se o aspirante à liberação deve renunciar à ação no fim, por que ele não o faria imediatamente?

6. Mas a renúncia da ação, ó poderoso Arjuna, é difícil de alcançar sem a realização da ação; o sábio, purificado pela devoção à ação, alcança rapidamente Brahman.

Renúncia da ação – Que é baseada no conhecimento e é adotada pelos verdadeiros *sannyāsis*.

Difícil de alcançar – Não se pode ser dedicado ao caminho do conhecimento sem a pureza da mente.

Realização da ação – Na qual o agente entrega o resultado a Deus e não o busca para si mesmo.

Sábio – A palavra ‘*muni*’ no texto descreve alguém que medita no Senhor.

Brahman – A palavra é usada aqui para denotar renúncia (*sannyāsa*). “O que é chamado *nyasa* é Brahman; e Brahman é verdadeiramente o Grande.” (*Taittiriya Upanishad*)

Um sábio, purificado pela realização da ação desinteressada, logo alcança Brahman, a verdadeira renúncia, na qual estado se dedica constantemente ao Autoconhecimento. Portanto, para o principiante, a realização da ação é melhor do que sua renúncia, como declarado pelo Senhor em V, 2.

A ação geralmente cria escravidão; como, então, pode alguém dedicado à ação alcançar Brahman?

7. Aquele que é dedicado ao yoga e puro de mente, que dominou seu corpo e subjugou seus sentidos, que realizou seu Ser como o Ser de todos os seres – ele é imaculado, ainda que aja.

Dedicado ao yoga – *Karma-yoga*, ou ação desinteressada.

Todos os seres – Todas as criaturas, de *Brahmā* até uma folha de grama.

Imaculado – Não preso pela ação.

Ainda que aja – Para dar exemplo aos outros.

Ele está livre de toda mancha do ego.

8. -9. “Eu não faço absolutamente nada”, pensa o *yogi*, o conhecedor da Verdade; pois ao ver, ouvir, tocar, cheirar e provar; ao caminhar, respirar e dormir; ao falar, excretar e agarrar; ao abrir e fechar os olhos, ele tem a certeza de que são apenas os sentidos ocupados com seus objetos.

Yogi – O *karma-yogi*, que é dedicado à ação desinteressada.

Um homem dotado do Conhecimento do Ser inativo vê inação na ação; pois ele percebe que em todas as ações os sentidos ocupam-se com seus objetos e que o Ser permanece inativo. Pode-se dizer que ele renunciou à ação, pois ele não vê nenhuma ação como sendo realizada por si mesmo.

Mas o homem que ainda não alcançou o autoconhecimento também pode permanecer imaculado pelo resultado de sua ação.

10. Aquele que age sem apego, entregando suas ações a Brahman, permanece imaculado pelo pecado, assim como a folha de lótus permanece imaculada pela água.

Entregando suas ações etc. – Ele oferece todas as suas obras a Deus. Ele age por causa de Deus, como um servo age por causa de seu senhor. Ele não tem apego ao resultado da ação, nem mesmo a *moksha*.

Folha de lótus pela água – Embora a folha de lótus permaneça na água, na prática ela não é tocada pela água. Quando é retirada da água, nenhuma gota permanece aderida a ela.

O resultado dessa ação é a purificação da mente, e nada mais.

11. Somente com o corpo, a mente, o entendimento e os sentidos os *yogis* agem, sem apego, para a purificação do coração.

Somente – Livre de egoísmo e firmemente estabelecido na convicção: “Atuo apenas por causa do Senhor e não para meu benefício pessoal.” A palavra ‘somente’, no texto, deve ser entendida com o corpo, mente e cada instrumento de ação. Qualquer que seja o instrumento de ação que um *yogi* utilize, ele está livre de egoísmo.

Yogis – Os *karma-yogis*, que realizam ações desinteressadas.

Como é que a mesma ação prende alguns e liberta outros?

12. Um homem abnegado que renunciou ao fruto de sua ação alcança a paz, nascida da firmeza. Mas o homem egoísta e que é levado pelo desejo fica apegado ao fruto e, portanto, fica preso.

Um homem abnegado – Aquele que trabalha por causa do Senhor e não por seu próprio benefício.

Alcança a paz etc. – Shankara descreve os seguintes estágios pelos quais um homem abnegado alcança a paz: (1) pureza do coração, (2) obtenção do conhecimento, (3) renúncia à ação, (4) devoção ao conhecimento.

Se diz que o caminho da ação desinteressada [abnegada] é superior ao caminho da renúncia para aqueles que não são puros de coração; mas o homem de coração puro renuncia à ação.

13. A alma encarnada que dominou seus sentidos, tendo renunciado a todas as ações com uma mente que discerne, habita feliz na cidade de nove portas, nem agindo nem fazendo com que a ação seja feita.

Todas as ações – Primeiro, *nitya*, ou ações obrigatórias, tais como devoções diárias, cuja realização não produz nenhum mérito, mas cuja não realização produz demérito. Segundo, *naimittika*, ou aqueles trabalhos que devem ser realizados na ocorrência de certos eventos especiais, como a adoração realizada no nascimento de um filho: estas são costumeiras. Terceiro, *kamya*, obras destinadas a alcançar fins especiais: estas são opcionais. Quarto, *nishiddha*, ou ações proibidas pelas escrituras. Ele se abstém de todas essas ações e vive apenas com o propósito de esgotar o *prarabdha karma*, que causou seu corpo atual.

Habita feliz – Estabelecido no Autoconhecimento. Ele é feliz porque abandonou toda ação. Ele é calmo e despreocupado, pois não se interessa por nada relacionado ao mundo relativo.

Cidade de nove portas – Isto é, o corpo, que possui nove aberturas. São elas: os dois olhos, as duas narinas, as duas orelhas, a boca e os órgãos da geração e da evacuação. Nessa cidade de nove portas habita a alma encarnada, tendo renunciado a toda ação. Diferentemente do ignorante, ele não se identifica com o corpo. Após o esgotamento do *prarabdha karma*, sua alma se funde em Brahman.

Nem agindo etc. – Porque ele está totalmente livre da consciência de ‘eu’, ‘mim’ ou ‘meu’. A Alma está sempre livre da ideia de agir ou de causar ação. Compare: “Diz-se que este Ser é... imutável” (II, 25); “Este... Ser nem age nem é manchado pela ação mesmo habitando no corpo” (XIII, 31); “Ele pensa como se pensasse e se move como se se movesse” (*Brihadaranyaka Upanishad*, IV, iii, 7).

As ideias de ação e agente, etc., são devidas à māyā.

14. Nem a agência [ato de agir] nem os objetos, o Espírito Supremo cria para o mundo, nem Ele provoca a união com o fruto da ação. É a Natureza que faz tudo isso.

Agência – A Alma, sendo por natureza perfeita, não impulsiona ninguém à ação por si mesma.

Objetos – Objetos de gozo.

Espírito Supremo – O Espírito Supremo que reside no corpo.

União etc. – A união do agente de uma ação com o fruto.

Natureza – *Prakriti*, ou *Māyā*, cujo caráter essencial é incompreensível para a mente não iluminada.

A Alma do homem, sendo uma com Brahman, é perfeita e plena de bem-aventurança. Com ela não pode estar associado nenhum desejo ou motivo. *Prakriti*, ou *māyā*, meramente pela proximidade com a Alma, cria o mundo ilusório, a ideia de agência e o fruto da ação. A Alma passa a estar sob o controle aparente de *māyā* e considera a si mesma como agindo e desfrutando dos frutos da ação. Enquanto a Alma permanecer identificada com *māyā*, ela está aprisionada. Mas quando se desliga de *māyā*, torna-se livre. Assim, ideias como dever, trabalho e resultado pertencem ao mundo relativo. Elas não têm qualquer significado do ponto de vista do Senhor Supremo.

15. Nem o Espírito onipresente assume o pecado ou o mérito de ninguém. O Conhecimento é velado pela ignorância, e por isso os mortais são iludidos.

Ninguém – Nem mesmo de Seus devotos.

O Senhor é totalmente perfeito. Ele é da natureza da eterna Bem-aventurança e Amor, que não pode ser afetada pelo bem e pelo mal do mundo relativo. Assim como não há dia nem noite do ponto de vista do sol, assim também não há virtude nem vício do ponto de vista do Senhor, cuja natureza é Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta. Por meio da ignorância, o homem separa-se do Senhor e cai sob o feitiço do ego. Assim, ele pensa de si mesmo como o agente de várias obras, boas ou más, e experimenta prazer e dor conforme o caso. A lei do karma aplica-se apenas a seres encarnados no mundo relativo. Quando o aspirante se torna livre da ignorância e realiza sua identidade com o Senhor, ele vai além da virtude e do vício e não é afetado pelos resultados de suas ações.

O homem de Conhecimento não é iludido.

16. Mas para aqueles em quem esta ignorância é destruída pelo Conhecimento do Ser, esse Conhecimento, como o sol, revela o Supremo.

Conhecimento do Ser - O conhecimento que discrimina entre o Ser e o não-Ser.

Assim como o sol destrói a escuridão e ilumina todos os objetos, assim também o conhecimento discriminativo dissipa a ignorância e revela a Realidade Suprema, que é a meta do conhecimento.

O resultado do Conhecimento de Deus é descrito:

17. Fixando suas mentes n'Ele, unidos com Ele, habitando n'Ele, realizando-O apenas como a Meta Suprema, eles alcançam um estado do qual não há retorno, seus pecados tendo sido destruídos por seu Conhecimento.

Habitando n'Ele - Renunciando a toda ação e contemplando a Ele apenas.

Não há retorno - A Alma da pessoa iluminada não retorna ao mundo relativo para assumir um corpo físico, uma vez que, no seu caso, virtude e vício, a causa da encarnação, são destruídos pelo Conhecimento de Deus. Ele não volta novamente sob o domínio de *māyā*.

A ignorância de Deus é pecado, que é destruído pelo Conhecimento.

Qual é a característica do Conhecimento?

18. Os sábios veem o mesmo em todos - seja um brâhmin dotado de sabedoria e humildade, ou uma vaca ou um elefante ou um cão ou um pária.

Humildade - Que é a manifestação da serenidade interior, a condição de uma alma bem disciplinada.

Brahman apenas é o Ser interior de todos. Não faz diferença para Brahman se Ele é refletido em um meio humano ou animal, assim como não faz diferença para o sol se ele é refletido em água limpa ou suja, ou em um oceano ou um lago ou uma poça de lama.

Pode ser objetado que aquele que vê igualdade em coisas naturalmente diversas não pode ser sábio. A resposta segue:

19. Aqueles cujas mentes estão assim fixadas na equanimidade, mesmo aqui superaram o nascimento. Brahman é imaculado e é o mesmo em todos; portanto, em Brahman eles repousam.

Fixadas na equanimidade - Isto é, que veem o mesmo puro Brahman em todos os seres. Aqui - Nesta terra e nesta mesma vida.

Nascimento - Um conhecedor de Brahman, mesmo antes de sua morte, corta a amarra que é responsável pelo nascimento e morte de um homem no mundo relativo; pois ele realiza sua completa identidade com Brahman, que é sem nascimento e sem morte.

Imaculado - Embora Brahman seja o Ser interior mesmo de corpos impuros e defeituosos, ainda assim Ele não é contaminado por eles.

O mesmo em todos - A mesma Consciência homogênea, chamada Brahman, é a Realidade mais íntima de todos, independentemente dos diferentes corpos.

Eles repousam - Eles estão sempre conscientes de sua identidade com Brahman. Os defeitos e máculas do corpo não os afetam.

As injunções das escrituras para evitar os perversos e honrar os justos são para iniciantes na vida espiritual, que são conscientes da dualidade.

O conhecedor de Brahman está livre da tristeza e da alegria.

20. Aquele que conhece Brahman e está estabelecido n'Ele, aquele que não é iludido e de mente firme - ele não se alegra quando experimenta o que é agradável, nem fica angustiado quando experimenta o que é desagradável.

Mente firme - Ele tem a crença inabalável de que o mesmo Brahman perfeito habita em todos os corpos.

Nem se alegra etc. - Aquele que se identifica com o corpo se alegra ou se entristece ao receber o que é agradável ou desagradável. Isso não acontece com aquele que está ciente da identidade do Ser e Brahman.

21. Seu coração estando desapegado de objetos externos, ele encontra a felicidade que está no Ser; seu coração estando devotado à contemplação de Brahman, ele desfruta da bem-aventurança imperecível.

A felicidade do gozo de objetos externos é transitória; a Bem-aventurança de Brahman é eterna; portanto, a primeira deve ser renunciada para desfrutar a última. Através do autocontrole, um vazio é criado no coração; então este é preenchido com bem-aventurança através da contemplação de Brahman.

A natureza da felicidade derivada do contato com objetos dos sentidos:

22. Pois os gozos que surgem do contato com objetos são apenas fontes de dor. Eles têm um começo e um fim, ó filho de Kunti, e os sábios não encontram nenhum deleite neles.

Fontes de dor - Toda dor física é rastreável ao gozo dos sentidos. O mesmo é verdadeiro para o gozo dos sentidos no outro mundo. O prazer derivado de objetos mundanos não pode satisfazer o anseio da alma pela felicidade, assim como a água de uma miragem não pode saciar a sede de um viajante no deserto.

Um começo e um fim - O contato de um dos sentidos com seu objeto marca o início de um prazer, e sua separação, o fim. Assim, o prazer dos sentidos é apenas momentâneo.

A luxúria e a raiva são os dois maiores inimigos do caminho para a Bem-aventurança.

23. Aquele que é capaz de resistir à força da luxúria e da raiva mesmo aqui antes de abandonar o corpo - ele é um *yogi*, ele é um homem feliz.

A força da luxúria e da raiva - Kama, ou luxúria, é o anelo que se sente por um objeto prazeroso quando se vê, ouve falar dele, ou se lembra dele. A raiva é devida à aversão que se sente por um objeto doloroso e desagradável quando se vê, ouve falar dele, ou se lembra dele; ou se sente raiva quando se é obstruído na perseguição de um objeto prazeroso. A luxúria e a raiva criam uma agitação da mente acompanhada por sinais físicos apropriados.

Antes de abandonar o corpo - Isto é, até o momento da morte. Ao assim marcar a morte como o limite, o Senhor ensina que nunca se pode ter certeza de ter eliminado a raiva e a luxúria. Suas causas são numerosas; deve-se estar em guarda contra elas até o momento da morte. Ou o verso pode significar que um homem deve ser tão indiferente à força da luxúria e da raiva, antes da morte, quanto ele é após a morte. Um corpo morto não reage à raiva e à luxúria.

Que tipo de yogi alcança Brahman?

24. O *yogi* que é feliz internamente, que se alegra internamente, e que é iluminado internamente alcança a liberdade em Brahman, tornando-se um com Brahman.

Internamente - No Ser.

Tal *yogi*, enquanto ainda vive no corpo, desfruta de liberdade absoluta devido à sua consciência de sua identidade com Brahman.

25. Com os pecados destruídos, as dúvidas dissipadas, os sentidos controlados, e devotando-se ao bem-estar de todos os seres, os sábios alcançam liberdade em Brahman.

Bem-estar de todos os seres - Isto é, nunca ferindo a ninguém por palavra, pensamento ou ação.

Sábios - Homens de visão correta e renúncia total.

26. Aqueles que estão livres da luxúria e da raiva, que subjugaram suas mentes e realizaram o Ser - aqueles *sannyāsis*, tanto aqui quanto no além, alcançam liberdade em Brahman.

Aqui e no além - Eles desfrutam de liberdade absoluta, quer mortos quer vivos.

A realização de Brahman é brevemente descrita:

27. -28. Excluindo todos os objetos externos; fixando seu olhar entre suas sobrancelhas; equalizando as inspirações e expirações se movendo em suas narinas; controlando seus sentidos, mente e entendimento; estando sempre inclinado à liberação; livrando-se do desejo, medo, e raiva - tal homem de contemplação é de fato sempre livre.

Objetos - Som, tato, e outros objetos dos sentidos.

Fixando o olhar etc. - Quando os olhos estão semicerrados em meditação, os globos oculares permanecem imóveis, e seu olhar converge para um ponto entre as sobrancelhas. Por outro lado, quando os olhos estão totalmente abertos, eles podem vagar para objetos externos, e quando fechados, o homem pode cair no sono.

Equalizando etc. - Pela prática de *prāṇāyāma*, ou controle da respiração.

Sempre livre - Ele não tem que seguir nenhuma outra disciplina para a liberdade.

O que um sábio realiza através da meditação?

28. E tendo-Me conhecido, que sou o Dispensador de todos os sacrifícios e austeridades, o Grande Senhor de todos os mundos, o Amigo de todos os seres, ele alcança a Paz.

Eu - O Senhor, que é Nārāyana mesmo e que, na forma de Sri Krishna, está sentado na biga de Arjuna.

Dispensador - O Senhor é a Divindade que preside os sacrifícios e a meta das austeridades; Ele é o dispensador do fruto de todas as ações.

Amigo - O Senhor é o fazedor do bem para todos os seres.

Assim no Bhagavad Gītā, a Essência dos Upanishads, a Ciência de Brahman, a Escritura da Yoga, o Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, termina o Quinto Capítulo, intitulado:

O CAMINHO DA RENÚNCIA

O CAMINHO DA MEDITAÇÃO

1. *O Senhor disse: Aquele que faz o trabalho que deve fazer e não busca seu fruto [resultado] - ele é um *sannyāsi* e ele é um *yogi*; não aquele que não faz nenhum trabalho e não mantém o fogo sagrado.*

O trabalho que deve fazer - Deveres obrigatórios diários. Um exemplo de tais deveres é o *agnihotra*, um sacrifício ordenado pelos Vedas, requerendo fogo como um adjunto. De acordo com as escrituras hindus, os chefes de família devem realizar os deveres obrigatórios diários.

Não busca seu fruto - Aquele que está livre do desejo pelo fruto da ação não é dependente dele. Ele não desempenha seu dever obrigatório com um motivo, como um meio de atingir algum fim específico.

Sannyāsi - Ele deve ser considerado um *sannyāsi* porque renunciou ao fruto da ação.

Yogi - Ele deve ser considerado um *yogi* porque adquiriu firmeza de mente ao abandonar o desejo pelo fruto da ação.

Não faz nenhum trabalho - A mera renúncia à ação, incluindo o que é conducente ao bem-estar público, como cavar poços ou construir estradas, não faz de uma pessoa um *yogi*.

Não mantém fogo sagrado - Um *sannyāsi* abandona a ação obrigatória na qual o fogo é requerido como um acessório. A mera renúncia de tal ação não faz de um homem um *sannyāsi*.

Aquele que desempenha seu dever no espírito descrito no texto é chamado de *sannyāsi* e *yogi* apenas em um sentido secundário. O Senhor meramente elogia o chefe de família que desempenha seu dever abandonando o desejo por seu fruto. O dever assim realizado purifica sua mente. Gradualmente ele se qualifica para a prática da meditação. A ação é apenas um auxílio externo para a meditação e *sannyāsa*. Um *sannyāsi*, absorvido na contemplação de Brahman, não realiza nenhuma ação obrigatória.

Em que respeito o karma-yoga, ou ação altruísta, é considerado o mesmo que sannyāsa, ou renúncia da ação?

2. *Saiba que o que eles chamam de renúncia é o mesmo que yoga, ó Pândava; pois ninguém que não tenha renunciado ao seu desejo pode jamais se tornar um *yogi*.*

Eles - Homens sábios, que são versados nas escrituras.

Renúncia - Isto é, *sannyāsa*, que consiste no abandono de toda ação e seu fruto.

Yoga - A performance de ação abnegada.

O mesmo que yoga - Há uma certa quantidade de similaridade entre *karma-yoga* e *sannyāsa* puro, no que concerne à atitude do agente da ação. Um verdadeiro *sannyāsi* renuncia

todo pensamento com relação à ação e seu fruto; pois o pensamento causa desejo e o desejo impele alguém à ação. Um seguidor do *karma-yoga* também renuncia a todo pensamento do fruto enquanto ele realiza uma ação; pois ninguém pode ser um *yogi*, um homem de firmeza, sem renunciar a tal pensamento, uma vez que o pensamento do resultado cria instabilidade de mente.

Desejo - *Samkalpa*, a palavra intraduzível do texto, é “o funcionamento da faculdade de imaginar, formando fantasias, fazendo planos e novamente descartando-os, concebendo resultados futuros, começando novamente em uma nova linha, levando a diferentes questões, e assim por diante. Ninguém pode ser um *karma-yogi*, ou um devoto da ação, que faz planos e deseja o fruto da ação.” - Swami Swarupananda.

Sannyāsa e karma-yoga se diz ser o mesmo porque o Senhor quer exaltar o último.

A ação altruísta leva seu executor no devido curso ao yoga da meditação.

3. Pois um sábio que quer atingir yoga, a ação se diz ser o meio; mas quando ele atingiu yoga, a serenidade se diz ser o meio.

A ação se diz etc. - Através da ação altruísta, abnegada, ele purifica a mente. Então ele adquire o desejo e a aptidão para a meditação.

Serenidade - Abstinência da ação. Através da serenidade ele é gradualmente estabelecido na Verdade.

Quanto mais um homem se abstém da ação, mais livre ele está de problemas, mais seus sentidos são controlados, e mais firme ele se sente na meditação. De acordo com o *Mahabharata*, os tesouros valiosos para um brâhmin são o sentimento de unidade e equanimidade, veracidade, refinamento, firmeza, não-violência, retidão, e retirada gradual de toda ação.

Quando se diz de um homem ter atingido yoga?

4. Quando um homem não tem apego aos objetos dos sentidos ou a ações, e quando ele renunciou totalmente sua vontade, se diz ter alcançado a yoga.

Ações - Estas incluem todas as obras, sejam obrigatórias, costumeiras, ou proibidas pelas escrituras. Tais obras [ações] não servem a nenhum propósito para o homem que alcançou a yoga.

Vontade - É a vontade que dá origem ao desejo por objetos neste mundo e no próximo. A renúncia da vontade denota também a renúncia do desejo e da ação. “Ó Desejo, eu sei onde sua raiz está. Você nasce da vontade (*samkalpa*). Eu não pensarei em você, e você cessará de existir, com sua raiz.” (*Mahabharata, Santiparva*, 177-25)

Somente através da realização do yoga o ser é elevado dos muitos males do mundanismo.

5. Que um homem seja erguido pelo seu próprio eu; que ele não se rebaixe; pois ele mesmo é seu amigo, e ele mesmo é seu inimigo.

Ser erguido - Do oceano perigoso do mundo. O meio é a realização do yoga.

É seu amigo - Na prática do yoga, o próprio ser de um homem, dotado de conhecimento discriminativo, é o único amigo. Os chamados amigos e parentes são na realidade os inimigos do aspirante; pois, sendo objetos de sua afeição e apego, criam escravidão.

A ideia de amizade e inimizade é explicada:

6. Para aquele que conquistou a si mesmo e por si mesmo, seu próprio ser é um amigo, mas para aquele que não conquistou a si mesmo, seu próprio ser é hostil, como um inimigo externo.

Aquele que é autocontrolado, que tem seu corpo e mente sob controle, é seu próprio amigo. Mas no caso de um homem que não tem controle sobre si mesmo, seu ser lhe causa danos, como qualquer inimigo externo.

Como um homem de autocontrole é seu próprio amigo é mais explicado:

7. Aquele que conquistou a si mesmo e é sereno na mente está constantemente absorvido no Ser Supremo, igual no calor e no frio, prazer e dor, e honra e desonra.

A si mesmo - O ser que é identificado, através da ignorância, com o agregado do corpo, sentidos, e assim por diante.

Constantemente absorvido - Seu próprio ser realmente se tornou um com o Ser Supremo.

A mais alta característica de um yogi:

8. Se chama de firme *yogi*, aquele cujo coração, através do conhecimento e realização, está preenchido pela satisfação, que, tendo conquistado seus sentidos, nunca vacila, e para quem um torrão de terra, uma pedra, e ouro são a mesma coisa.

Conhecimento - O conhecimento dos ensinamentos das escrituras.

Realização - A experiência dos ensinamentos das escrituras.

Preenchido pela satisfação - Ele não busca satisfação de nenhum outro lugar.

Nunca vacila - Na presença de objetos dos sentidos. A ilustração é dada de uma bigorna, que permanece imóvel embora constantemente golpeada pela marreta.

9. Aquele que tem igual consideração por benfeitores, amigos e inimigos; por aqueles que são relacionados ou indiferentes a ele; pelos imparciais e pelos maliciosos; e mesmo pelos justos e pelos pecadores - ele se ergue supremo.

Igual consideração - Livre de apego e aversão. Ele não é influenciado em sua opinião sobre um homem pelo que o outro é ou faz.

Benfeitores - Que fazem bem a outra pessoa sem esperar nada em troca.

Amigos - Que fazem bem a outra pessoa por amor natural por ele.

Indiferentes - Que não tomam partido com nenhuma das partes em disputa.

Imparciais - Que desejam bem a ambas as partes em disputa.

Ele se ergue supremo - Ele é o melhor entre aqueles que atingiram yoga.

As instruções para a prática de yoga:

10. Um *yogi* deve sempre tentar concentrar sua mente, retirando-se em solitude e vivendo sozinho, tendo subjugado sua mente e corpo e se livrado de seus desejos e posses.

As palavras 'solitude', 'sozinho', e 'se livrado de seus desejos e posses' indicam que a vida de um *sannyāsi* é útil para a prática deste yoga de meditação.

O Senhor prossegue descrevendo modos particulares de sentar, comer, e assim por diante, como auxílios para yoga:

11. -12. Em um local limpo tendo fixado seu assento - um assento firme, nem muito alto nem muito baixo - e tendo espalhado sobre ele grama *kusa*, e então uma pele de veado, e então um pano,
E sentado lá, ele deve praticar yoga para a purificação do ser, restringindo as atividades de sua mente e sentidos, e trazendo seus pensamentos a um ponto.

O ser - A mente.

A postura do corpo:

13. Ele deve sentar firme, mantendo seu corpo, pescoço, e cabeça eretos e imóveis, e olhar firmemente para a ponta de seu nariz, sem olhar ao redor.

Olhar firmemente etc. - Esta direção não deve ser tomada em um sentido literal; pois nesse caso a mente estaria fixa apenas na ponta do nariz e não no Ser. Quando os olhos são retirados dos objetos dos sentidos, a mente se torna firme e os globos oculares ficam imóveis; o olhar é direcionado, por assim dizer, para a ponta do nariz. Será ensinado depois (VI, 25) que a mente deve ser mantida para morar no Ser.

14. Completamente sereno e sem medo, firme no voto de um *brahmachāri*, disciplinado na mente, e sempre pensando em Mim, ele deve se sentar em yoga, considerando-Me como sua Meta Suprema.

Brahmachāri - Um estudante religioso que vive com seu professor e observa os votos de celibato e castidade e pratica outras disciplinas espirituais.

Mim - O Senhor Supremo.

O fruto de yoga:

15. Mantendo-se sempre firme desta maneira, o *yogi* de mente controlada atinge a Paz que habita em Mim - a Paz que culmina no Nirvāna.

Nirvāna - Liberação caracterizada por liberdade e bem-aventurança.

Regras com relação a comida do yogi e assim por diante:

16. Yoga não é para aquele que come demais nem para aquele que come muito pouco. Não é para aquele, ó Arjuna, que dorme demais nem para aquele que dorme muito pouco.

De acordo com os livros sobre yoga, um *yogi* deve encher metade de seu estômago com comida, um quarto com água, e deixar um quarto para o movimento do ar.

Como se pode ter sucesso em yoga?

17. Para aquele que é moderado em sua comida e recreação, moderado em seu esforço no trabalho, moderado no sono e vigília, a yoga põe fim a todas os sofrimentos.

Este e o texto precedente se assemelham ao ensino de Buddha com relação ao caminho do meio.

Quando um homem atinge a yoga?

18. Quando a mente bem controlada repousa no Ser apenas, livre do anseio por objetos, então se diz que atingiu yoga.

Objetos - Vistos ou não vistos, pertencentes a este mundo ou ao próximo.

Uma ilustração é dada:

19. “Como a chama de uma lamparina em um lugar sem vento não tremula” - essa é a figura usada para a mente disciplinada de um *yogi* praticando concentração no Ser.

Lugar sem vento - Um lugar abrigado do vento.

Figura usada - Por aqueles que são versados em yoga.

Yoga é um estado único de Autorrealização.

20. 23. Aquilo em que a mente, restringida pela prática de concentração, repousa inativa; aquilo em que, vendo o Ser através do ser, se deleita em seu próprio Ser;

Aquilo em que se conhece a felicidade sem limites além do alcance dos sentidos e assimilada apenas pelo entendimento; aquilo no qual estando estabelecido, nunca se afasta da Realidade;

Aquilo ao ganhar o qual, não se pensa que há um ganho maior, e estabelecido no qual, não se é comovido mesmo pela mais pesada das tristezas -

Que aquilo seja conhecido como yoga, que é o rompimento do contato com a dor. Deve ser praticado com perseverança e com uma mente intrépida.

Vendo o Ser através do ser - Vendo a Inteligência suprema e a Luz refulgente pelo ser, isto é, pela mente purificada através da prática da contemplação.

Além do alcance dos sentidos - Isto é, não causada por qualquer objeto dos sentidos.

Pelo entendimento - Conhecimento direto e imediato adquirido sem a instrumentalidade dos sentidos. Na meditação profunda os sentidos não funcionam; eles são estabelecidos em sua causa, a mente. E quando a mente se torna firme e apenas a cognição funciona, então o indescritível Ser é realizado.

Mais pesada das tristezas - Incluindo mesmo a dor causada por uma espada ou outra arma afiada.

Rompimento do contato com a dor - No estado de yoga não se sente nem mesmo um traço de dor, que também inclui a felicidade material inseparável da dor.

Mente intrépida - Não deve haver relaxamento do esforço mesmo que não haja resultado rápido e a prática pareça difícil.

A disciplina suprema com relação a yoga:

24. -25. Renunciando inteiramente a todos os desejos nascidos da vontade, retirando os sentidos de todas as direções pela força da mente, que um homem pouco a pouco atinja a tranquilidade com a ajuda do *buddhi*, armado com fortaleza. Uma vez que a mente esteja estabelecida no Ser, ele não deve pensar em mais nada.

Pela força da mente - Dotado de discriminação.

Estabelecida no Ser - Quando o aspirante está convencido de que o Ser é tudo e que nada mais existe além d'Ele.

O que se deve fazer se a mente se torna inquieta sob a influência de rajas?

26. Que ele retire a mente volúvel e inquieta de qualquer coisa que a faça vagar, e restaurá-la ao controle do Ser apenas.

Volúvel e inquieta - Volubilidade e inquietação são as características naturais da mente em seu estado impuro.

Qualquer coisa que a faça etc. - Som, cheiro e outros objetos são responsáveis pelo vagar da mente.

Os meios de trazer sob controle a mente inquieta são a realização da ilusão dos objetos dos sentidos e o cultivo da indiferença para com eles. Através da prática da discriminação e do desapego a mente gradualmente atinge paz interior.

O resultado do yoga de meditação:

27. A Bem-aventurança Suprema vem para o *yogi* cuja mente está completamente tranquila e cujas paixões estão acalmadas, que está livre de mácula e que se tornou um com Brahman.

Paixões - Todas as paixões, incluindo ilusão e apego.

Livre de mácula - Não afetado pela ilusão de *dharma* e *adharma*.

Um com Brahman - Um *jivanmukta*, liberado enquanto vive em um corpo.

O propósito do yoga é alcançado.

28. Assim tornando o seu ser sempre firme, o *yogi*, livre de pecados, facilmente desfruta o toque de Brahman, que é bem-aventurança imensurável.

A bem-aventurança que é derivada do contato com Brahman é infinita.

O resultado da realização da unidade com Brahman:

29. Com o coração concentrado pelo yoga, vendo todas as coisas com igual consideração, ele contempla a si mesmo em todos os seres e todos os seres em si mesmo.

Vendo todas as coisas etc. - Vendo o mesmo Espírito habitando em todos os objetos.

Ele vê a identidade de *Ātman*, a Realidade mais íntima de si mesmo, e Brahman, a Realidade mais íntima do universo.

30. Aquele que me vê em toda parte e vê tudo em Mim, para ele Eu nunca estou perdido, nem ele jamais está perdido para Mim.

Após realizar sua unidade com Brahman, o *yogi* nunca perde sua consciência d'Ele. O Ser do *yogi* e o Ser de Brahman se tornaram um.

O resultado deste Conhecimento é moksha, ou liberação.

31. Aquele que, tendo sido estabelecido na unidade, adora-Me habitando em todos os seres - aquele *yogi*, de qualquer maneira que ele leve sua vida, vive em Mim.

Em todos os seres - O Senhor habita em todos os seres como seu Ser mais íntimo, independentemente de suas formas externas.

O *yogi* que vê o Senhor em todos os seres e O adora através de todos os seres atingiu a liberação. Não importa como ele vive e age, ele está sempre livre. Ele não está mais sob o controle de injunções das escrituras.

O melhor entre os yogis é aquele que é compassivo por todos os seres.

32. Eu considero ser o *yogi* supremo, ó Arjuna, aquele que considera o prazer e a dor de todos os seres como para si mesmo.

Este verso é a regra de ouro do Hinduísmo. O *yogi* mais elevado vê o que quer que seja agradável para ele, é agradável para todos os outros, incluindo seres subumanos, e o que quer que seja doloroso para ele é doloroso para todos os outros. Portanto, ele não pode causar dor a ninguém. Ele leva uma vida de completa não-violência. O *yogi* mais elevado é aquele que é devotado ao conhecimento correto e que, na ação, é inofensivo para todos.

Arjuna pensa que tal estado de yoga é difícil de atingir. Ele pergunta a Krishna o método de sua realização:

33. *Arjuna disse:* Este yoga que Você, ó Madhusudana, declarou ser caracterizado pela equanimidade—eu não vejo como pode durar muito, por causa da inquietação da mente.

Equanimidade—A mente, livre do torpor e inquietação, torna-se uma com o Ser.

34. *Pois a mente, ó Krishna, é inquieta, turbulenta, poderosa e obstinada. Controlá-la é tão difícil, me parece, quanto controlar o vento.*

Krishna—A palavra é derivada da raiz ‘krish’, que significa ‘raspar’. Krishna é assim chamado porque Ele raspa ou retira todos os pecados de Seus devotos.

Turbulenta—Ela agita o corpo e sentidos e os traz sob o controle de objetos.

Poderosa—A mente não pode ser facilmente subjugada pelo raciocínio.

O Senhor indica o modo de controlar a mente:

35. *O Senhor disse:* Sem dúvida, ó poderoso Arjuna, a mente é inquieta e difícil de controlar; mas pela prática e pelo desapego, ó filho de Kunti, ela pode ser controlada.

Prática—O esforço da mente em direção à calma. A prática torna-se firmemente fundamentada quando é seguida por um longo tempo, e incessantemente, com devoção. O fim é facilmente alcançado com a ajuda de austeridade, continência, discriminação e fé. O aspirante não deve perder coragem diante de repetidos fracassos.

Desapego—Liberdade da sede por qualquer prazer visto ou ouvido. É adquirido através de uma percepção constante do mal em toda felicidade sensual, seja desta vida ou da próxima.

Quem pode ter sucesso em yoga?

36. *Yoga é difícil de atingir, Eu penso, por um homem que não pode controlar a si mesmo; mas pode ser alcançado por aquele que controlou a si mesmo e que se esforça por meios corretos.*

Que controlou a si mesmo—Por meio de prática constante e desapego.

Yoga é a ciência da religião. O teste de sua validade está em ver resultados através da experimentação real. Portanto, os mestres de yoga enfatizam autocontrole e outras disciplinas.

Enquanto praticando yoga, um homem renuncia todos os esforços mundanos. Ele também abandona aquelas ações meritórias que trazem felicidade no céu. Mas suponha que ele escorregue do caminho e morra sem atingir o Conhecimento. Arjuna teme que tal homem esteja perdido tanto para o yoga quanto para o mundo.

37. *Arjuna disse: Um homem que é dotado com fé, mas não com perseverança, e cuja mente se afastou do yoga — que fim ele alcança, ó Krishna, tendo falhado em obter perfeição em yoga?*

Fé — Na eficácia do yoga.

Se afastou do yoga — Antes de sua morte. Durante os últimos momentos de sua vida ele é incapaz de comungar com o Ser através do yoga.

Ele não atinge o céu nem a liberação?

38. *Caído de ambos, sem suporte, e perplexo no caminho levando a Brahman, ó poderoso Krishna, ele não perece como uma nuvem partida?*

Ambos — Ambos o caminho do sucesso mundano e o caminho do yoga.

Sem suporte — Sem suporte seja no gozo material ou no yoga.

Nuvem partida — Um pedaço de nuvem que se destacou de uma grande nuvem para alcançar uma outra grande nuvem, mas, incapaz de alcançar seu destino, vagueia e finalmente desaparece.

Apenas Krishna, o onisciente Senhor, pode remover tal dúvida.

39. *Você deveria dissipar completamente esta minha dúvida, ó Krishna; pois ninguém exceto Você pode destruir tal dúvida.*

A reafirmação do Senhor com relação aos Seus devotos:

40. *O Senhor disse: Ó Pārtha, não há destruição para ele seja neste mundo ou no próximo: nenhum mal, Meu filho, acontece a um homem que faz o bem.*

Nenhuma destruição — Um *yogi* que cai do caminho não terá um nascimento inferior em sua próxima vida.

Meu filho — Um discípulo é visto como um filho.

Um homem que faz o bem — Isto é, que se esforça para a Autorrealização.

O que, então, acontecerá com ele?

41. O homem que caiu do yoga vai para os mundos dos justos. Tendo vivido lá por inúmeros anos, ele renasce no lar dos puros e dos prósperos.

Os mundos dos justos—Os mundos habitados por aquelas almas piedosas que realizaram grandes sacrifícios religiosos enquanto viviam nesta terra.

Inúmeros anos—Enquanto o mérito de sua vida espiritual passada permanecer.

Puros—Cuja conduta é governada pela religião.

42. Ou ele nascerá em uma família de *yogis* rica em sabedoria. Verdadeiramente, tal nascimento é difícil de ganhar neste mundo.

Uma família de *yogis* etc.—Pobre em recursos materiais, mas rica em sabedoria.

Difícil de ganhar—Um nascimento em uma família de *yogis* sábios é mais difícil de obter do que aquele mencionado no verso precedente.

A recompensa mencionada no texto precedente é desfrutada por um *yogi* de menor mérito.

43. Lá ele entra em contato com o conhecimento adquirido em seu corpo anterior, ó filho dos Kurus, e esforça-se ainda mais para a perfeição.

Conhecimento—O conhecimento espiritual que ele atingiu em sua vida prévia, que o acompanha, como impressões subconscientes, nesta vida.

Qualquer progresso que um homem faça no caminho do yoga ele retém. Ele novamente começa de lá quando a próxima oportunidade vem.

44. Por aquela prática anterior apenas, ele é conduzido adiante apesar de si mesmo. Até mesmo aquele que meramente deseja conhecer do yoga eleva-se superior ao realizador de ritos Védicos.

Prática anterior—A prática em sua vida anterior.

É conduzido adiante apesar de si mesmo—Ele pode estar alheio das tendências espirituais de sua vida prévia, ou ele pode ser contra levar uma vida espiritual —devido à interferência de karma desfavorável passado; mas esta ignorância e aversão são varridas pela força de boas tendências de sua vida anterior, e ele é levado adiante para o objetivo da Autorrealização apesar de si mesmo.

Eleva-se superior—A realização de um homem que meramente indaga sobre o Autoconhecimento transcende os resultados dos sacrifícios e outros rituais exaltados nos Vedas. Portanto que dúvida pode haver sobre a libertação final do aspirante que pratica yoga com devoção constante?

45. Um *yogi*, esforçando-se diligentemente, é purificado de todos os pecados, e tornando-se perfeito através de muitos nascimentos, alcança a Meta Suprema.

Esforçando-se diligentemente — Em cada nascimento sucessivo ele adiciona um pouco mais ao seu conhecimento de yoga.

Tornando-se perfeito etc. — Pouco a pouco adquirindo, através de muitos nascimentos, o conhecimento da Realidade, ele finalmente atinge a perfeição.

46. O *yogi* é maior que homens de austeridades, maior que homens de conhecimento, maior que homens de ação. Portanto seja um *yogi*, ó Arjuna.

Austeridades — Mortificação da carne, e as penitências prescritas para a expiação do pecado.

Conhecimento — Dos ensinamentos das escrituras.

Ação — Sacrifícios de fogo e outros rituais prescritos nos Vedas; também atividades filantrópicas.

Através de austeridades, estudo, rituais Védicos e ação filantrópica, atinge-se pureza de coração e então segue-se o caminho do Autoconhecimento. Mas a prática de yoga permite se chegar diretamente a Meta Suprema.

47. E de todos os *yogis*, aquele que Me adora com fé, seu ser mais profundo permanecendo em Mim — a ele considero estar o mais intimamente unido a Mim em yoga.

Há *yogis* que adoram deidades menores. Há, ainda, aqueles que são devotados a várias práticas austeras para atingir o autocontrole. Sri Krishna aqui exalta o *yogi* que ama a Deus com todo seu coração e alma. O amor a Deus é a forma mais fácil e melhor de yoga. O sexto capítulo termina com uma nota de ênfase no caminho de *bhakti* (devoção).

Assim no Bhagavad Gītā, a Essência dos Upanishads, a Ciência de Brahman, a Escritura do Yoga, o Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, termina o Sexto Capítulo, intitulado:

O CAMINHO DA MEDITAÇÃO

VII

O CAMINHO DA REALIZAÇÃO

1. *O Senhor disse: Ouça, ó Pārtha, como, com sua mente apegada a Mim, tomando refúgio em Mim e praticando yoga, você conhecerá a Mim completamente, sem qualquer dúvida.*

Com sua mente apegada a Mim—Um homem realiza um sacrifício Védico, pratica austeridades, ou faz uma doação, para obter um fim mundano. Mas a mente de um *yogi* está apegada ao Senhor apenas. Então ele deixa de lado todas as outras disciplinas e adora o Senhor com completa concentração.

Tomando refúgio em Mim—O Senhor sozinho é toda a base do ser do *yogi* e o objetivo de sua ação.

Praticando yoga—Estar unido com o Senhor em contemplação.

Completamente—Os seis atributos geralmente associados com o Senhor são Grandeza infinita, Força, Poder, Graça, Conhecimento e Desapego.

Sri Krishna terminou o sexto capítulo descrevendo o *yogi* supremo como aquele que, com seu ser mais profundo permanecendo n'Ele, adora o Senhor. A Arjuna será agora ensinada a natureza do próprio Senhor, que é o objeto da devoção inabalável do *yogi*.

O Conhecimento do Senhor é exaltado:

2. *Ensinarei a você completamente tanto conhecimento quanto experiência, que sendo conhecidos, nada mais resta aqui para você saber.*

Conhecimento e experiência—A consciência de que o Senhor existe e que Ele é o Espírito mais íntimo de todos é conhecimento. Adquire-se este conhecimento através do estudo das escrituras e raciocínio sobre seus conteúdos. Mas realizar o Senhor em si mesmo e em todos os seres e agir de acordo com essa realização é experiência, *vijnāna*. Para dar uma ilustração: Saber que se pode obter fogo da madeira é conhecimento; mas acender madeira e cozinhar sua refeição no fogo e ser nutrido por essa refeição é experiência, *vijnāna*. O Conhecimento de Deus, na filosofia Hindu, é inseparável da experiência.

Nada mais resta etc.—A implicação é que o Senhor é tudo; portanto quando Ele é completamente conhecido tudo é conhecido. O Senhor, como *Satchidānanda* (Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta), forma a essência real de todos os objetos; nomes e formas são sobreposições ilusórias.

Este conhecimento integral do Senhor é algo raro e difícil.

3. Entre milhares de homens, um, aqui e ali, se esforça pela perfeição; e daqueles que se esforçam e têm sucesso, um, talvez, Me conhece em verdade.

Em verdade—O Ser do Senhor e Suas diversas manifestações são de fato incompreensíveis para a mente humana. Ele é a Realidade Impessoal, o Deus Pessoal, e muitas outras coisas além.

De acordo com as escrituras Hindus, apenas uma alma nascida em um corpo humano é capaz de realizar o Senhor. Seres sub-humanos e seres super-humanos (como deuses e anjos) apenas experimentam os resultados das ações por eles realizadas como seres humanos em nascimentos prévios. A consciência que age como instinto em seres subumanos manifesta-se como razão no homem. De todos os seres vivos na terra, o homem apenas pode indagar sobre seu ser e sua relação com o Senhor. Entre inúmeros seres humanos, apenas alguns, comparativamente falando, desenvolvem um desejo por tal indagação. Entre aqueles que mostram tal desejo, apenas alguns, novamente, conhecem os meios de atingir conhecimento e se esforçam por ele. Novamente, entre aqueles que se esforçam, apenas alguns afortunados têm sucesso em adquirir o verdadeiro conhecimento do Senhor. Daí o conhecimento de Deus ser raro nesta terra.

Sri Krishna descreve a natureza do Senhor:

4. Terra, água, fogo, ar, éter, mente, razão e ego: tal é a divisão óctupla de Minha Natureza.

Esta divisão óctupla é tirada da filosofia *Sāmkhya*. Mente (*manas*), referida no texto, representa *ahamkāra*, ou consciência do eu, da filosofia *Sāmkhya*; razão (*buddhi*), para *mahat* (mente cósmica), que é a causa de *ahamkāra*; e ego (*ahamkāra*), para *avyakta*, ou o não-manifesto (o estado de semente do universo manifesto). Estes oito — os cinco elementos, consciência do eu, *mahat*, e o não-manifesto — constituem a *Prakriti*, ou Natureza, da filosofia *Sāmkhya*. Os elementos são de dois tipos: sutil ou rudimentar, e grosseiro. Cada um dos elementos sutis é dotado com uma propriedade própria. Éter (*ākāśa*) tem a propriedade de produzir som; ar (*vāyu*), a propriedade de produzir toque; fogo (*agni*), a propriedade de produzir visibilidade; água (*ap*), a propriedade de produzir sabor; e terra (*bhūmi*), a propriedade de produzir cheiro. Estes são os cinco modos em que um homem, através de seus cinco órgãos dos sentidos, toma consciência da Natureza, ou matéria. Daí os filósofos Hindus terem dividido matéria em cinco elementos. *Manas* (o órgão interno que cria dúvida), *buddhi* (o órgão interno que decide), e consciência do eu também pertencem ao reino da matéria, ou *Prakriti*. Os elementos grosseiros são formados por uma combinação peculiar dos elementos sutis, em que uma metade de cada um dos elementos sutis combina com um oitavo dos quatro elementos restantes. Assim éter grosseiro = $\frac{1}{2}$ éter sutil + $\frac{1}{8}$ ar + $\frac{1}{8}$ fogo + $\frac{1}{8}$ água + $\frac{1}{8}$ terra. Do éter é produzido ar. Do ar, contendo o elemento de éter, é produzido fogo. Do fogo, contendo os elementos de éter e ar, é produzida água. Da água, contendo os elementos de éter, ar, e fogo, é produzida terra. A terra contém, além de seu próprio elemento sutil, algo das quatro entidades precedentes. Uma vez que o ar surge do éter, tem as propriedades de ambos som e toque. Cada um dos elementos subsequentes possui, além de sua própria propriedade, as

propriedades dos elementos precedentes. Terra, por exemplo, tem as propriedades de cheiro (que é sua própria), sabor, visibilidade, toque e som.

A outra categoria da filosofia *Sāmkhya*, além de *Prakriti*, ou Natureza, é *Purusha*, ou Alma. A filosofia *Sāmkhya* acredita em uma multiplicidade de almas. Cada ser vivo tem sua própria alma. De acordo com a Vedānta Não-dual, Brahman é a única Realidade. Sob a influência de Sua própria *māyā*, Brahman aparece como os diferentes elementos, grosseiros e sutis, que fornecem a causa material do universo e seus seres criados.

A manifestação do Senhor descrita acima é da natureza da matéria e, portanto, inferior, impura e prejudicial. Ela constitui o cativo de samsāra. Há uma manifestação superior do Senhor, que é agora revelada:

5. Esta é Minha natureza inferior. Mas, diferente dela, conheça, ó poderoso Arjuna, Minha natureza superior – o Espírito Interno pelo qual o universo é sustentado.

De acordo com o *Upanishad*, o Senhor criou as diferentes formas e então entrou nelas como suas almas vivas. A matéria inanimada é sustentada pelo Espírito vivo. Contemplando a matéria, a alma fica enredada no mundo; contemplando o Espírito, ela atinge libertação. Daí a forma-Espírito do Senhor ser superior à Sua forma-matéria.

O Senhor onisciente, através de Suas duas naturezas, é a causa de todo o universo.

6. Saiba que estes dois formam a matriz de todos os seres. Eu sou a origem de todo o universo e também sua dissolução.

Estes dois – A natureza inferior e a superior, ou *Prakriti*.

A matriz – Isto é, a causa. A natureza inferior manifesta-se como o corpo material, e a natureza superior como a alma vivente, o experimentador.

Eu sou a origem etc. – No momento da evolução nomes, formas, e vida surgem de *Prakriti*, e no momento da involução eles voltam para ela. Mas *Prakriti*, independente do Senhor, não pode criar. É Seu instrumento de criação, preservação e dissolução. Daí o Senhor ser a Causa Última do universo.

Portanto,

7. Não existe absolutamente nada mais elevado do que Eu, ó Dhananjaya. Tudo está colocado em Mim como uma fileira de gemas em um fio.

Não existe nada etc. - Não existe nenhuma outra causa do universo exceto o Senhor.

Tudo - O universo e os seres criados.

Fileira de gemas etc. - O Senhor é o suporte do universo, como o fio é das gemas em um colar. Sem o fio as gemas ficarão espalhadas; sem o Senhor, os planetas, estrelas e tudo

mais se dispersará. O Senhor, manifestando-Se através das leis físicas e morais, sustenta o mundo relativo. Ele é também a Unidade que subjaz à diversidade de nomes e formas.

O Senhor é também a essência do universo.

8. Eu sou o sabor das águas, ó filho de Kunti, o brilho do sol e da lua; Eu sou a sílaba Om em todos os Vedas, o som no éter, a virilidade no homem.

Sabor - Esta é a essência da água. Ver nota em VII, 4.

Om - Om é a palavra mais sagrada dos Vedas e pode ser comparada ao Verbo referido por São João na abertura do Quarto Evangelho: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” De acordo com a filosofia hindu, todo este universo tem tanto nome quanto forma (*namarupa*) como pré-requisito de sua manifestação. A forma é sua crosta externa, da qual o nome ou ideia é a essência interna ou cerne. O nome é inseparável de uma palavra ou som. O universo percebido pelos cinco sentidos é a forma, por trás da qual está o eterno, inexprimível *sphota*, ou Verbo, ou Logos. Este eterno *sphota*, o material essencial e sem início de todas as ideias ou nomes, é o poder através do qual o Senhor cria o universo; melhor, o Senhor primeiro Se torna condicionado como o *sphota* por Sua própria *māyā*, e então evolui a Si mesmo como o universo mais concreto percebido pelos sentidos. O símbolo do *sphota* é Om, também escrito *Aum*. Uma vez que a palavra é inseparável da ideia, Om e o eterno *sphota* são inseparáveis. Portanto, o eterno Om é a mãe ou fonte de todos os nomes e formas e, portanto, a mais sagrada de todas as palavras sagradas. Pode haver outras palavras para denotar o eterno e inexprimível *sphota*; mas os hindus contestam que Om é uma palavra única e unicamente apropriada. O *sphota* é o material ou fundamento de todos os sons ou palavras, que são inseparáveis de nomes ou ideias; ainda assim, não é nenhuma palavra definida e completamente formada. Isto é, se todas as peculiaridades que distinguem uma palavra da outra forem removidas, então o que restará será o *sphota*, ou Om. Portanto, Om é chamado de *Nada-Brahman*, ou *Som-Brahman*. As três letras, *a*, *u* e *m*, pronunciadas em combinação como Om, são o símbolo generalizado de todos os sons possíveis. *A* é o som raiz, a chave, pronunciado sem que a língua toque em qualquer parte do palato. É o menos diferenciado de todos os sons. Novamente, todos os sons articulados são produzidos no espaço entre a raiz da língua e os lábios - o som da garganta é *a*, e *m* é o último som. *U* representa o rolar para frente do impulso que começa na raiz da língua e termina nos lábios. Se devidamente pronunciado, Om representará toda a gama de produção de som; e nenhuma outra palavra pode fazer isso. Portanto Om é o símbolo mais adequado do *sphota*, o Logos, o Verbo “que estava no princípio.” Como o *sphota*, sendo o aspecto mais sutil do universo manifestado, está mais próximo do Senhor e é de fato a primeira manifestação de Sua divina sabedoria, Om é o verdadeiro símbolo de Deus.³ É o símbolo de ambos o Deus Pessoal (em Seu aspecto de Criador, Preservador e Destruidor) e a Realidade Impessoal. *A*, *u* e *m* representam criação, preservação e destruição respectivamente. O som alongado, indiferenciado, semelhante a um gongo que vem no final da pronúncia de Om é o símbolo da Realidade Impessoal e Transcendental. Este símbolo Om não foi criado por qualquer

³ Esta interpretação de Om é tirada da obra *Bhakti-yoga* de Swami Vivekananda.

raciocínio humano, mas foi revelado a místicos de alma pura quando, em meditação, suas mentes estavam sintonizadas com o Supremo. Ver nota em XVII, 23.

Som no éter - Éter, ou *ākāśa*, é o primeiro elemento a ser evoluído de Brahman no momento da criação. A propriedade do *ākāśa* rudimentar é o som. Portanto, é a essência de *ākāśa*.

Virilidade no homem - É a virilidade que é a qualidade essencial de um homem.

O Senhor existe em todos os seres como sua qualidade essencial. Aquilo que é real e essencial na água é o Senhor; e isso é verdadeiro para todos os objetos e seres.

9. Eu sou a doce fragrância na terra e o brilho no fogo. Em todos os seres Eu sou a vida, e Eu sou a austeridade nos ascetas.

Doce fragrância na terra - A propriedade da terra rudimentar é a fragrância, que é doce e agradável antes de combinar-se com os outros elementos.

Brilho no fogo - Esta é a essência do fogo, pela qual ele revela todos os objetos ou os aquece ou os queima ou os ilumina.

Em todos os seres etc. - O Senhor é a Vida sem a qual nenhum ser pode viver ou existir.

Austeridade nos ascetas - O poder pelo qual os ascetas suportam todos os opostos, como calor e frio, amor e ódio, prazer e dor.

10. Conheça-Me, ó filho de Pritha, como a Semente Eterna de todas as coisas que existem; Eu sou a inteligência dos inteligentes e a ousadia dos corajosos.

Semente Eterna - Ao contrário de uma semente comum, que morre após dar origem ao seu broto, o Senhor, a Semente Eterna de todos os seres, ainda existe embora o universo no decorrer do tempo, desapareça.

Inteligência - A faculdade discriminativa da mente.

11. Eu sou a força do forte, livre de anseio e apego. Eu sou, ó senhor dos Bhāratas, o desejo em todos os seres que não é contrário ao *dharma*.

Força do forte - A força que é livre de anseio e apego e que sustenta o corpo e a mente de um homem em seu esforço para cumprir seus deveres. Não é a força que cria sede em uma pessoa mundana para desfrutar de prazeres sensuais.

Anseio - *Kāma*: sede por objetos não presentes aos sentidos.

Apego - *Rāga*: amor pelos objetos apresentados aos sentidos, apesar do conhecimento de serem ilusórios.

Desejo - Por exemplo, o desejo pela quantidade de comida e bebida que é necessária para a sustentação do corpo. Ou a palavra pode significar o desejo por descendência legítima.

12. E quaisquer que sejam as coisas que existam - da natureza de *sattva*, *rajas* e *tamas* - saiba que elas são todas apenas de Mim. Eu não estou, no entanto, nelas; elas estão em Mim.

Coisas - Estas incluem os diferentes estados de mente.

Sattva, *rajas* ou *tamas* - Ver nota em “*gunas*”, II, 45.

Eu não estou etc. - Esses *gunas* constituem a *Prakriti*, ou Natureza, que é a manifestação inferior do Senhor. Portanto o Senhor é sua causa última. Mas o Senhor não está, como no caso dos homens mundanos, sob o controle dos *gunas*. Os *gunas*, pelo contrário, estão sujeitos a Ele.

O universo e todos os seus seres estão no Senhor, mas o Senhor não está neles. O universo é apenas uma aparência sobreposta pela ilusão (*māyā*) no Senhor. É como uma miragem no deserto. Do ponto de vista do observador, a água ilusória existe no deserto; mas o deserto não depende nem existe na miragem. Da mesma forma, o universo, aparentemente sobreposto no Senhor, existe no Senhor, mas o Senhor não está no universo. Nenhuma das propriedades do universo toca o Senhor, assim como a água da miragem não pode molhar um único grão da areia do deserto.

O mundo não conhece o Senhor, que por natureza é eterno, puro, inteligente e livre; que é o Ser de todos os seres; e que, através de Sua graça, redime todas as criaturas da cadeia interminável de nascimento e morte, causada por māyā.

13. Iludidos por estes triplos *gunas* constituindo a Natureza, todo este mundo falha em reconhecer-Me, que estou acima dos *gunas* e sou imutável.

Enganados etc. - Todos os seres são enganados pelo amor, ódio, apego e pelas outras características dos *gunas*.

Reconhecer-Me - Embora o Senhor seja o Ser mais íntimo de todos os seres e o objeto de percepção direta e imediata.

Acima dos *gunas* - O Senhor, em Sua essência mais pura, é intocado pelos *gunas*, que pertencem apenas à Sua *Prakriti*.

Imutável - Não está sujeito ao nascimento, morte ou quaisquer outras mudanças.

Como se pode superar a insondável maya do Senhor?

14. Verdadeiramente, esta Minha divina *māyā*, consistindo dos *gunas*, é difícil de superar. Mas aqueles que se refugiam em Mim somente, cruzarão esta *māyā*.

Divina - Insondável à razão humana.

Difícil de superar - Por esforço próprio se não auxiliado pela graça divina.

Refugiam-se em Mim somente - Abandonando todos os *dharmas*, ou deveres, torne-se devoto somente a Deus, que é o Senhor da *māyā* e o Ser mais íntimo de todos os seres. Se as

mãos de um homem estiverem firmemente amarradas por uma corda forte, ele não pode libertar-se por seus próprios esforços; alguém mais deve remover seus laços. Da mesma forma, um aspirante não pode livrar-se da *māyā* por seus próprios esforços; pois todo o seu pensamento, discriminação e outras atividades pertencem ao domínio da *māyā*. O Senhor não pode ser realizado por yoga, karma, discriminação ou qualquer outro meio exceto Sua graça. Disciplinas espirituais, com seu pano de fundo de consciência do ser, apenas convencem o buscador de sua futilidade como meios para realizar o Senhor. Então o buscador pratica a autoentrega completa, que propicia a graça divina. O propósito das práticas espirituais é a realização de que o Senhor não pode ser alcançado através delas. A divina *māyā* parece intransponível para o egotista, mas é facilmente superada pelo humilde devoto do Senhor. Um elefante que desafia um rio veloz é varrido por sua forte correnteza, mas um insignificante peixinho, aproximando-se dele com humildade, sobe as corredeiras do rio.

Cruzarão além etc. - Serão libertados do cativeiro da *māyā*.

Māyā, um conceito da filosofia Vedānta, explica o universo relativo. De acordo com o Vedānta Não-dual, Brahman é a única Realidade. Só Ele existe. Sua natureza é Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta. É sem nascimento, sem morte, eterno e imortal. Brahman está além de causa e efeito. Portanto, do ponto de vista de Brahman, não há nem criação do universo nem preservação nem destruição. Mas do ponto de vista relativo o fato da criação não pode ser negado, embora o ato da criação não possa ser provado. Vedānta, para interpretar o universo, faz uso do conceito de *māyā*, que é geralmente traduzido como 'ilusão', 'ignorância', 'nesciência', e assim por diante. Através da ignorância nós sobrepomos as características de um objeto sobre outro, embora as características sobrepostas não mudem de forma alguma o substrato. Ilusões tais como ver uma cobra em uma corda, uma miragem no deserto, e prata em conchas do mar são frequentemente citadas pelos Vedantistas para provar isso. Enquanto o percebedor está sob a influência da ilusão, a cobra, a miragem e a prata parecem reais. Mas elas não afetam de forma alguma a natureza real da corda, do deserto e das conchas. Da mesma forma, através da ilusão, ou *māyā*, Brahman aparece como o universo. As ideias de tempo, espaço, causalidade, nome e forma são sobrepostas sobre a Pura Consciência. Mas elas não alteram a natureza de Brahman. Este poder de criar ilusão é inerente ao próprio Brahman e é desconhecido e incognoscível para a mente humana, que ela própria é um produto de *māyā*. Não se pode indagar sobre a causa de um sonho enquanto se está sonhando.

As seguintes são algumas das características de *māyā*:

Ela é algo positivo, embora intangível; não pode ser descrita como sendo, nem não-sendo. É positiva porque é a fonte do universo múltiplo. Não é da natureza da existência ou ser, porque não existe quando a Verdade é realizada. Novamente, não é não-existente ou não-ser (como o filho de uma mulher estéril), pois produz a ilusão do mundo relativo.

Māyā é intangível: não pode ser apreendida pela razão, pois o raciocínio em si está em *māyā*. Tentar provar *māyā* pelo raciocínio é como tentar ver a escuridão por meio da escuridão.

Novamente, *māyā* não pode ser provada pelo Conhecimento, pois quando o Conhecimento é despertado não resta nenhum traço de *māyā*.

Portanto, ela permanecerá para sempre insondável para a mente humana.

Maya consiste dos três *gunas*: *sattva*, *rajas* e *tamas*.

Eles constituem *māyā* e estão presentes em tudo que existe na Natureza.

Mâyā é sem começo, pois a própria concepção de tempo é devida a mâyā. Mas tem um fim. O Conhecimento de Brahman termina a mâyā.

Sob a influência de mâyā o Ser, que é o mesmo que o imortal Brahman, considera a Si mesmo como um ser encarnado e experimenta o sofrimento e a miséria do mundo. Com a ajuda de mâyā, mas retendo controle sobre ela, Brahman aparece como um Avatar, ou Encarnação Divina, para subjugar o poder da iniquidade e estabelecer a retidão. O objetivo da disciplina espiritual é livrar-se de mâyā e realizar a própria natureza divina.

Se através da adoração do Senhor, livra-se de mâyā, por que nem todos O adoram?

15. Os malfeitores, os iludidos e os mais vis entre os homens, privados de conhecimento devido a mâyā e seguindo o caminho dos *asuras*, não Me adoram.

Caminho dos *asuras* - A conduta dos demônios; isto é, crueldade, falsidade e similares. Os traços dos *asuras*, ou pessoas demoníacas, são descritos no décimo sexto capítulo do *Gītā*.

Não se deve pensar que o Senhor criou algumas pessoas com tendências más para puni-las. Ele é imparcial - sem qualquer apego ou ódio por qualquer ser criado. Somente aqueles cujos pecados, o resultado de sua própria ação má, foram destruídos sentem Sua atração. Como um ímã exerce atração uniforme, Ele atrai todos os seres para Si. Quando a sujeira da maldade cobrindo nossa alma é lavada pelas lágrimas do amor divino, nos tornamos unidos com o Senhor. Toda alma ao final realizará Deus.

Apenas almas afortunadas adoram a Deus.

16. Quatro tipos de homens virtuosos Me adoram, ó Arjuna: o homem angustiado, o homem buscando conhecimento, o homem buscando prazeres, e, ó melhor dos Bhāratas, o homem dotado de sabedoria.

Homens virtuosos - Qualquer um buscando o Senhor, qualquer que seja seu motivo, é uma alma afortunada e justa.

O homem buscando conhecimento - Desejando aprender Autoconhecimento, ou o Conhecimento de Deus.

Prazeres - Tanto aqui quanto no além.

O homem dotado de sabedoria - Aquele que renunciou a todos os desejos nascidos de mâyā.

Nem todas as pessoas angustiadadas ou buscando conhecimento e prazeres adoram o Senhor. Apenas os afortunados entre eles se refugiam n'Ele para o cumprimento de seus desejos.

Entre os quatro tipos descritos acima, o homem de sabedoria é o melhor.

17. Destes, o homem sábio, sempre firme e devotado ao UM somente, é o melhor. Pois supremamente querido Eu sou para o homem de sabedoria, e ele é querido por Mim.

Devotado ao UM - O *jnāni* não vê ninguém exceto o próprio Senhor como o objeto de devoção. Uma vez que ele não se identifica com o corpo, ego, e o resto, ele não experimenta nenhuma distração mental; então sua devoção ao Senhor é concentrada e inabalável.

Supremamente querido Eu sou etc. - O homem sábio conhece o Senhor como seu próprio Ser. Portanto o Senhor é muito querido para ele. É bem conhecido que todos amam a seu próprio ser de forma mais querida. O Senhor, também, considera o homem sábio como Seu próprio Ser e, portanto, Seu bem-amado.

Os outros três são igualmente queridos ao Senhor?

18. Nobres de fato são todos eles; mas ao homem dotado de sabedoria Eu considero como Meu próprio Ser. Pois, de mente firme, ele permanece fixo em Mim somente como a Meta Suprema.

Nobres de fato etc. - Os outros três, que têm motivos por trás de sua adoração, também são queridos ao Senhor. O Senhor sempre ama Seus devotos, quer sua devoção a Ele seja egoísta ou altruísta.

Meu próprio Ser - O Senhor é o Ser interior de todos; mas apenas o *jnāni* tem consciência disso.

Comparados aos descrentes, os devotos que adoram o Senhor para propósitos egoístas são nobres, pois suas mentes são direcionadas a Ele. Mas aqueles que amam o Senhor somente como a Meta Suprema e cujo amor é imaculado por qualquer desejo egoísta são os melhores dos devotos.

Rara de fato é a pessoa dotada de sabedoria divina.

19. Ao final de muitos nascimentos o homem de sabedoria busca refúgio em Mim, realizando que Vāsudeva é tudo. Rara de fato é tal pessoa de alma elevada.

Ao final etc. - Após muitas vidas passadas em disciplina espiritual atinge-se a maturidade do conhecimento e obtém-se a visão direta do Senhor.

Vāsudeva - Um epíteto do Senhor, que é também o Ser mais íntimo de todos os seres.

Tudo - Todo o universo com seus seres sencientes e insencientes.

Por que nem todos realizam que o Senhor apenas é tudo?

20. Mas aqueles cujo discernimento foi desviado por vários desejos, recorrem a outras divindades, seguindo rituais diversos, restringidos por suas próprias naturezas.

Vários desejos - Para descendência, riqueza, céu, a derrota de inimigos, e assim por diante.

Outras divindades - Formas imperfeitas do Senhor, que correspondem a seus próprios desejos egoístas.

Rituais diversos - Ritos peculiares à adoração de tais divindades menores.

Próprias naturezas - Tendências adquiridas em vidas passadas. Por conta dessas tendências eles veem o bem mais elevado em um ideal pequeno.

O Senhor ajuda aqueles, também, que adoram outras divindades.

21. Qualquer que seja a forma que um devoto busca adorar com fé—nessa forma apenas Eu faço sua fé inabalável.

Forma - Todas as divindades são apenas formas menores do Senhor Supremo onipresente.

Fé - A fé apenas traz sucesso na adoração.

O aprofundamento da fé do devoto em toda forma de adoração vem somente do Senhor. Através desta intensa fé o devoto obtém o resultado de sua adoração, mesmo que tenha colocado diante de si uma meta limitada. É o Senhor somente quem concede o fruto da adoração.

22. Possuindo dessa fé, ele adora aquela forma e dela alcança seus desejos, os quais são, na realidade, concedidos por Mim apenas.

Fé - Aprofundada pela graça do Senhor por conta do anelo do devoto.

Concedidos por Mim apenas - O Senhor Supremo e Onisciente apenas conhece a relação precisa entre uma ação e seu fruto. Ele é o dispensador do fruto da ação.

Diferentes são os resultados da adoração das divindades menores e da adoração do Senhor Supremo.

23. Mas finito é o resultado alcançado por esses homens de mentes pequenas. Aqueles que adoram as divindades vão para as divindades; aqueles que Me adoram vêm a Mim.

Finito é o resultado etc. - Qualquer gozo no mundo de tempo e espaço chega a um fim.

Homens de mentes pequenas - Porque eles tomam um objeto pequeno como a Meta Suprema.

Divindades - As divindades são as manifestações do Senhor no mundo relativo.

Vêm a Mim - Realizam o aspecto transcendental e eterno do Espírito.

O mesmo esforço é necessário para a adoração tanto do Senhor quanto das divindades menores; mas os resultados são totalmente diferentes. Ainda assim, os homens, iludidos por desejos transitórios, não buscam o próprio Senhor, que é a fonte de toda paz, felicidade e conhecimento.

Se a adoração do Senhor e das divindades menores requerem o mesmo esforço, mas produzem resultados totalmente diferentes, por que os buscadores negligenciam o Senhor e adoram as divindades?

24. Não conhecendo Minha Natureza suprema, imutável e transcendente, homens tolos pensam que Eu, o Não-manifesto, sou dotado de uma forma manifesta.

Os ignorantes pensam que o Senhor, também, como um mortal comum, desce do estado não-manifestado e assume um corpo, impelido por Seu karma passado. Esta crença é devida à sua ignorância de Sua Natureza real, que é imutável e sempre luminosa. Assim, desprezando o Senhor, os tolos adoram as divindades menores para o cumprimento de seus desejos egoístas.

Qual é a causa desta ignorância?

25. Oculto por Minha *māyā* nascida dos *gunas*, Eu não sou revelado a todos. Este mundo iludido não Me conhece como o não-nascido e eterno.

Māyā - *Māyā*, que oculta a natureza real do Senhor, pertence ao próprio Senhor. Mantendo esta *māyā* sob Seu Controle, o Senhor Supremo aparece como Krishna e as outras Encarnações. (Ver verso 14 deste capítulo).

Todas as encarnações são devidas a *māyā*. Mortais comuns estão sob o controle de *māyā*; portanto eles não podem conhecer sua verdadeira natureza divina. Mas no caso da Encarnação Divina, a todo-poderosa *māyā* está sob Seu controle; portanto Ele nunca está inconsciente de Sua própria natureza. Pessoas ignorantes não reconhecem uma Encarnação de Deus, por conta do véu de *māyā*, e O consideram como um homem comum.

Maya, que limita o conhecimento dos homens, não pode obstruir o conhecimento do Senhor.

26. Eu, ó Arjuna, conheço os seres que são do passado, que são do presente, e que estão por vir; mas a Mim ninguém conhece.

Eu conheço - Porque *māyā* está sob o controle do Senhor.

Qual é o obstáculo ao seu conhecimento, pelo qual mortais são iludidos e permanecem ignorantes do Senhor?

27. Todos os seres, desde seu próprio nascimento, ó Bhārata, são iludidos pelo feitiço dos pares de opostos surgindo do desejo e da aversão.

Pares de opostos - Veja nota em II, 45.

Aqueles que são iludidos pelas paixões do amor e do ódio e os outros pares de opostos não podem nem mesmo adquirir um conhecimento adequado do mundo exterior. Que o conhecimento do Ser mais íntimo é impossível para eles, não é necessário dizer. Estando sob o feitiço da ilusão desde seu nascimento, os homens ignorantes não sabem que o Senhor é seu Ser.

Quem são as almas afortunadas livres dos pares de opostos e devotadas à adoração do Senhor?

28. Mas os homens de ações virtuosas, cujo pecado está terminado, estão livres da ilusão dos pares [de opostos] e Me adoram com firme resolução.

Ações virtuosas - Que purificam a mente.

Firme resolução - Buscadores dotados de uma mente pura são firmes em sua convicção de que somente o Senhor é real; eles renunciam a tudo o mais e devotam-se à adoração do Senhor.

Através das ações virtuosas de muitas vidas os pecados são destruídos e a ilusão da dualidade gradualmente desaparece. À medida que a mente se torna mais pura, adquire-se concentração, firmeza de resolução e amor ao Senhor.

Através da adoração a Mim eles adquirem conhecimento e atingem a meta da vida.

29. Aqueles que se refugiam em Mim para ganhar libertação da velhice e da morte – eles virão a conhecer Brahman, eles virão a conhecer tudo sobre a alma individual, e tudo sobre ação também.

Refugiam-se em Mim - Devotados somente ao Senhor, cuja natureza é imortal.

Libertação da velhice etc. - Isto é, liberação da existência relativa. Sua adoração não é motivada por qualquer desejo terreno.

Alma individual - A Divindade que é a realidade subjacente à alma individual.

30. Aqueles que Me conhecem como o Um que subjaz a todos os elementos, como o Um que subjaz a todos os deuses, e como o Um que sustenta todos os sacrifícios, irão, com mente firme, conhecer-Me mesmo no momento da morte.

Sua consciência do Senhor permanecerá não diminuída mesmo na hora da morte. **A prática do conhecimento de Deus ao longo da vida capacita alguém a lembrar d'Ele na hora da morte. Se uma pessoa abandona o corpo com o conhecimento de Deus, atinge a liberação.**

Assim no Bhagavad Gītā, a Essência dos Upanishads, a Ciência de Brahman, a Escritura do Yoga, o Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, termina o Sétimo Capítulo, intitulado:

O CAMINHO DA REALIZAÇÃO

VIII

O CAMINHO PARA O IMPERECÍVEL BRAHMAN

1. -2. *Arjuna disse*: O que é Brahman? O que é a alma individual? E o que é ação, ó Suprema Pessoa? O que é aquilo que se diz ser subjacente a todos os elementos? E o que é aquilo que se diz ser subjacente a todos os deuses? E quem, ó Madhusudana, sustenta todos os sacrifícios aqui no corpo? E de que maneira? E como, novamente, Tu és para ser conhecido na hora da morte por aqueles que praticaram autocontrole?

Arjuna busca a explicação de certos termos usados por Krishna no final do sétimo capítulo.

3. *O Senhor disse*: Brahman é o Imperecível, o Supremo. Morando em cada corpo, Brahman é chamado de alma individual. A oferenda da oblação, que traz à existência todos os seres e os sustenta, é chamada ação.

Brahman - Compare: "Pelo comando deste Imperecível, ó Gargi, o céu e a terra são mantidos em seus próprios lugares." (*Brihadaranyaka Upanishad*, III, viii, 9)

Morando em cada corpo - O Supremo Brahman apenas existe em todo corpo individual como o *Pratyagātmā*, o Ego, o Ser mais íntimo, e é conhecido como o *Adhyātma*. Como o ápice da disciplina espiritual, este Ser mais íntimo é realizado como um com Brahman.

Alma individual - A palavra usada no texto é "*Adhyātma*".

A oferenda etc. - De acordo com os Vedas, a oferenda de oblações aos deuses causa os nascimentos de todas as criaturas: as oblações causam chuva, e a chuva causa alimento, e o alimento causa os seres criados. A oferenda de oblações em sacrifício é chamada *karma*, ou ação.

4. Aquilo que subjaz a todos os elementos é a entidade perecível; e aquilo que subjaz a todos os deuses é o *Purusha*, o Espírito Cósmico. E Aquele que sustenta todos os sacrifícios sou Eu mesmo, aqui no corpo, ó melhor dos homens.

Aquilo que subjaz a todos os elementos - Isso compreende todos os objetos materiais, tudo que vem à existência. A palavra usada no texto é "*adhibhūta*".

Aquilo que subjaz a todos os deuses - A palavra usada no texto é "*adhidaivata*".

Purusha - Literalmente, Aquilo pelo qual tudo é preenchido, ou Aquilo que reside no corpo. É o Espírito Cósmico (*Hiranyagarbha*), ou Alma Universal, que Se manifesta como a

Divindade controladora do sol e também como a consciência que funciona através dos olhos e outros órgãos dos sentidos.

Aquele que sustenta etc. - Os Vedas descrevem Vishnu como a Divindade presidindo todos os sacrifícios, como o dispensador de seus frutos, e também como identificado com eles. Sri Krishna é uma Encarnação de Vishnu. Como o Controlador Interno (*Antaryāmi*) do corpo, Ele é a Divindade que preside direcionando as várias funções físicas, que são descritas como atos de sacrifício. Embora Ele repouse no corpo, ainda assim não está apegado a ele e é completamente diferente dos sentidos. A palavra usada no texto é “*adhiyajna*”.

5. E quem, na hora da morte, deixa seu corpo lembrando-se apenas de Mim e parte – ele atinge Meu Ser; sobre isto não há dúvida.

Mim - Isto é, o Senhor, que é o Ser mais íntimo de todos os seres.

O pensamento na hora da morte determina o futuro da alma.

6. Pois qualquer que seja o objeto que uma pessoa pensa no momento final, quando deixa seu corpo – a isso alcança apenas, ó filho de Kunti, estando sempre absorvido nesse pensamento.

Objeto - Qualquer divindade particular ou qualquer outro objeto.

As escrituras hindus colocam grande ênfase no pensamento e no estado da mente na hora da morte como determinando o futuro da alma. O pensamento é dotado de um poder autocriativo. Nosso ser interior transforma-se naquilo em que pensamos insistentemente com fé e devoção. Nós nos tornamos aquilo em que mantemos nossas mentes fixas e ao qual constantemente aspiramos. O pensamento sempre recorrente de uma vida, seja bom ou mau, apresenta-se vividamente na hora da morte. Não podemos nos livrar dele, assim como o homem dormindo não pode se livrar de seu sonho. Uma vez que o caráter do corpo a ser atingido em seguida é determinado pelo que um homem pensa intensamente na hora da morte, ele deveria sempre pensar em Deus se quisesse atingi-Lo após deixar o corpo. Esta ideia do *Gītā* não é análoga às indulgências e facilidades da religião popular. A absolvição e a extrema-unção do sacerdote não tornam a morte edificante e espiritual após uma vida não edificante e profana. Mesmo enquanto o sacerdote realiza seus ritos, o homem moribundo pode estar acalentando em sua mente o pensamento no qual ele tem se entregado por toda a vida.

Porque o pensamento de uma vida inteira é lembrado na hora da morte,

7. Portanto, em todos os momentos, lembre-se constantemente de Mim e lute. Com sua mente e entendimento absorvidos em Mim, você certamente virá a Mim.

Lute - Para a purificação da mente. A mente é purificada quando um homem executa seu próprio *dharma*, considerando-se um instrumento de Deus. Apenas uma mente pura pode lembrar-se constantemente de Deus. Arjuna é um *kshatriya*. Seu dever é lutar para sustentar a retidão.

A prática constante é a disciplina efetiva para a realização do Senhor.

8. Engajado na yoga da prática constante e não permitindo que a mente vagueie para qualquer outra coisa, aquele que medita no supremo e resplandecente *Purusha* O alcança, ó filho de Prithā.

Prática - Consistindo na ininterrupta repetição de uma mesma ideia, com referência ao Senhor como o único objeto de meditação. Tal prática, pela qual o coração e a alma são entregues somente ao Senhor, é conhecida como yoga.

Medita - Seguindo a instrução do mestre e das escrituras.

Resplandecente *Purusha* - A Divindade presidindo o orbe solar, que é a manifestação do Absoluto como o Espírito Cósmico. Ele é também conhecido como o *Saguna* Brahman.

Que tipo de Purusha um yogi realiza?

9. -10. Aquele que, no momento da partida [ao deixar o corpo], firme de mente, cheio de amor, e armado com a força da yoga, fixa bem seu *Prāna* entre suas sobrancelhas e medita no Ser onisciente e primordial, o Governante, o Dispensador de tudo, que é mais sutil que um átomo, cuja forma está além da compreensão, e que, como o sol glorioso, está além de toda escuridão – aquele que assim medita alcança a resplandecente Suprema Pessoa.

Armado com a força da yoga – Isto é atingido como resultado da prática constante de *samādhi*.

Fixa bem etc. – Um tipo de *prāṇāyāma*, ou controle da respiração, descrito nos livros sobre yoga.

Dispensador de tudo – Que distribui a todos os seres vivos ações e seus resultados em toda sua variedade.

Sol glorioso – Ele é glorioso com o esplendor de Sua Inteligência eterna.

Escuridão – *Māyā*, ou ilusão.

A meta descrita aqui é *Brahmaloka*, a Morada do *Saguna* Brahman, ou Brahman com atributos. Esta Morada é a mais alta manifestação de Brahman no plano relativo. Posteriormente, ao final do ciclo, os moradores de *Brahmaloka* atingem a liberação completa.

A meditação na Pessoa Suprema através de Om é descrita nos versos 11-13:

11. Agora descreverei brevemente para ti o estado que aqueles que conhecem os Vedas chamam de Imperecível, e no qual entram os *sannyāsis*, autocontrolados e libertos do apego, e pelo desejo do qual os buscadores levam a vida de continência.

Imperecível – Desprovido de todos os atributos. “Isto verdadeiramente é Aquilo, o Imperecível, ó Gargi, que os *brāhmins* declaram como não grosseiro, não sutil.” (*Brihadaranyaka Upanishad*, III, viii, 8)

Continência – A referência é aos estudantes religiosos conhecidos como brahmachāris, que vivem com seu professor, observando os votos de continência e celibato e praticando outras disciplinas espirituais.

A linguagem deste verso é retirada do Katha Upanishad, I, ii, 15.

12. 13. Aquele que fecha todas as portas dos sentidos, confina a mente dentro do coração, conduz o *Prāna* para a cabeça, e se engaja na prática de yoga, pronunciando Om, a sílaba única denotando Brahman, e medita em Mim – aquele que assim parte, deixando o corpo, atinge a Meta Suprema.

Confina a mente etc. – Concentrando o pensamento no lótus do coração, que é o assento do Senhor.

Conduz o *Prāna* etc. – Pela prática de yoga.

Om – Ver nota em VII, 8.

Deixando o corpo – O modo *yogi* estabelecido de abandonar o corpo.

Meta Suprema – A alma do *yogi* vai para *Brahmaloka*.

Om foi declarado em vários versos dos *Upanishads* como o símbolo tanto de Supremo Brahman quanto de Brahman com atributos. Meditando em Om, o aspirante desfruta da bem-aventurança em *Brahmaloka* e subsequentemente atinge a liberação no Supremo Brahman. Os moradores de *Brahmaloka* não estão sujeitos ao nascimento e morte. Brahmā, uma manifestação de Brahman no tempo e espaço, é a Divindade que preside *Brahmaloka*. Ele é o Deus Criador da mitologia hindu, sendo Vishnu e Shiva respectivamente o Deus Preservador e o Deus Destruidor. (Sobre *Brahmaloka*, ver nota em VIII, 16.)

Que tipo de Yogi atinge facilmente o Senhor?

14. Sou de fácil acesso para aquele *yogi* sempre firme que, ó Pārtha, constantemente medita em Mim e não dá seus pensamentos a qualquer outra coisa.

Portanto, é o dever de todos os homens contemplar o Senhor sem interrupção.

O que o fácil acesso ao Senhor faz por um homem?

15. Tendo vindo a Mim, esses homens de alma elevada não estão mais sujeitos ao renascimento, que é transitório e a morada da dor; pois eles atingiram a mais alta perfeição.

Morada da dor – Dor de todos os tipos é inevitável em um corpo humano.

Aqueles que morrem sem realizar o Senhor voltam novamente à terra. A vida na terra, apesar de muitos momentos de felicidade ilusória, é intrinsecamente dolorosa. Por causa de seu intenso amor a Deus, os devotos não experimentam sofrimento na terra, e após a morte eles O atingem.

De todos os planos no universo relativo as pessoas voltam para a vida na terra.

16. Os moradores em todos os mundos, desde o plano de Brahmā para baixo, estão sujeitos ao renascimento, ó Arjuna; mas para aqueles que Me atingem, ó filho de Kunti, não há mais retorno à encarnação.

Todos os mundos – Porque estes mundos pertencem ao universo relativo. Eles existem no tempo e espaço e estão sujeitos à lei da causalidade. Eles são impermanentes.

Brahmaloka é o plano mais alto de existência no universo relativo. Seus habitantes desfrutam de intensa felicidade, que é sua recompensa por levar uma vida espiritual na terra. Mas após a exaustão de suas ações meritórias através do gozo, alguns dos moradores de *Brahmaloka*, como os de outros planos, retornam à terra para o renascimento. Há, no entanto, uma classe de devotos que não voltam de *Brahmaloka*. Eles são aquelas almas afortunadas que não acalentam qualquer desejo mundano, mas que, por alguma razão, não atingiram a liberação suprema no corpo humano. Após a morte eles seguem o caminho da luz e chegam a *Brahmaloka*. Lá eles permanecem absorvidos na contemplação de Brahman e atingem a liberação final ao final do ciclo, quando todo o universo relativo, com Brahmā, se funde em Brahman.

A liberação completa, acompanhada pela cessação do nascimento e morte, é possível apenas para um homem que realizou sua identidade com Brahman. Todos os outros mundos, sejam sub-humanos ou super-humanos, são lugares de gozo onde os homens, partindo desta terra, experimentam o fruto de sua ação.

Pode-se atingir diretamente a liberação através apenas do amor a Deus, sem ter que esperar pela dissolução do universo.

As pessoas retornam à terra de todos os planos, incluindo Brahmaloka, devido ao fato de serem limitados pelo tempo.

17. Aqueles que sabem que o dia de Brahmā dura mil éons, e que a noite de Brahmā dura mil éons também, são verdadeiramente as pessoas que conhecem dia e noite.

Brahmā—A primeira manifestação do Absoluto no tempo e espaço; também conhecido como Prajāpati e Virāj.

São verdadeiramente etc. — Aqueles que calculam dia e noite pelo nascimento e pôr do sol têm apenas uma compreensão parcial de dia e noite.

De acordo com a mitologia hindu, o período mundial é dividido em quatro *yugas* (ciclos ou éons): *Satya*, *Treta*, *Dwapara* e *Kali*. O ciclo de *Satya* abunda em virtude, sendo o vício praticamente inexistente. Mas com cada idade subsequente a virtude diminui e o vício aumenta. O ciclo de *Kali* é o reverso de *Satya*. O *Satya Yuga* perdura por 1.728.000 anos, o *Treta* por 1.296.000 anos, o *Dwapara* por 864.000 anos, e o *Kali* por 432.000 anos. Estes quatro ciclos, ocorrendo mil vezes, fazem um dia de Brahmā, e o mesmo número de anos uma noite. Quinze desses dias fazem uma quinzena de Brahmā, duas quinzenas um mês, e doze meses um ano. Após viver por cem anos, Brahmā morre. Brahmā, também, como todas as outras entidades do mundo relativo, é impermanente e sob o controle de *māyā*. A longevidade de Brahmā parece interminável e fantástica do ponto de vista restrito de um homem, mas é momentânea do ponto de vista da Realidade atemporal e eterna. A felicidade associada a Brahmā, ou a mais alta manifestação da Realidade no universo relativo, também é momentânea. Os *yogis*, através de sua visão espiritual, veem inúmeros Brahmās surgindo e desaparecendo, como bolhas, no Oceano da Grande Causa. Assim, eles não sentem qualquer apego mesmo à felicidade do mais alto céu, quanto mais à da terra.

O que acontece durante o dia e a noite de Brahmā?

18. Com a aproximação do dia todos os objetos manifestos emergem do não-manifestado, e com a aproximação da noite eles se fundem novamente naquilo que é chamado de não-manifestado.

Aproximação do dia—Quando Brahmā acorda.

Todos os objetos manifestos— Tanto animados quanto inanimados.

Não-manifestado—O estado de sono de Brahmā.

Aproximação da noite—Quando Brahmā vai dormir.

Há um ciclo eterno de períodos alternados de manifestação cósmica e não-manifestação, cada período chamado respectivamente um dia e uma noite do Criador, Brahma, cada um de igual duração no tempo, o longo éon de Seu despertar, que perdura por mil eras, o longo éon de Seu sono, por outras mil eras silenciosas. Com a vinda do dia todas as manifestações nascem do não-manifesto; com a vinda da noite todas desaparecem no não-manifesto.

O texto descreve a evolução e involução do universo de acordo com a filosofia hindu. Cada período de evolução é precedido por um de involução. O processo é eterno no mundo

relativo. Mas essa cadeia pode ser destruída pelo Conhecimento de Brahman. O Hinduísmo não acredita em uma criação precedida pela condição de não-existência absoluta.

Pode ser contestado que um homem aparecendo no início de um ciclo colhe o fruto de ação que ele não fez, ou que um homem do ciclo anterior não colhe o fruto de ação que ele fez. O seguinte verso mostra que a individualidade não é destruída pelo mero processo de involução. A lei do karma opera se o universo está em um estado de evolução ou involução.

19. A mesma multidão de seres, aparecendo repetidamente, funde-se, a despeito de si mesmos, ó Pārtha, na aproximação da noite, e manifesta-se novamente na aproximação do dia.

A mesma multidão etc.- Compreendendo os móveis e os não-móveis que existiram no ciclo ou era precedente, e que não atingiram a liberação.

Aparecendo repetidamente etc.- Repetidamente eles aparecem e se dissolvem pelo efeito de seu próprio karma.

A despeito de si mesmos -A lei do karma é inexorável.

Neste mundo de *māyā*, todos os seres levam, por assim dizer, uma existência de carrossel. Não há liberdade enquanto se está preso na roda do karma. O *Rig Veda* diz que o sol, a lua, e os diferentes mundos do ciclo precedente repetem-se no sucedendo. Portanto deve-se cultivar desapego e libertar-se de *māyā*.

Após descrever a impermanência dos diferentes mundos, Sri Krishna fala da natureza eterna do Senhor Supremo.

20. Mas além deste não-manifestado há ainda outro Ser Eterno Não-Manifestado, que não perece quando todos os seres perecem.

Este não-manifestado - O estado semente de toda a multidão de seres criados; a noite de Brahmā.

Outro-De tipo completamente diferente. É supracósmico e além de *avidyā*.

Não-Manifestado - Porque imperceptível aos sentidos.

Ser Eterno - O Imperecível Brahman.

Que não perece -Porque está além do tempo, espaço e causalidade.

Todos os seres - De Brahmā para baixo.

21. Este Não-Manifestado é chamado o Imperecível; está dito ser a Meta Final, da qual aqueles que A alcançam nunca voltam. Essa é Minha Morada Suprema.

Nunca voltam - Para a existência relativa. O conhecedor de Brahman nunca mais cai sob o feitiço de *māyā*, ou ignorância.

Morada Suprema - O universo relativo é a manifestação inferior de Brahman.

A Meta Final referida no texto não indica qualquer estado ou condição, mas o próprio Brahman Imperecível, Existência-Conhecimento-Bem-Aventura Absoluta.

Os meios de atingir aquela Morada Suprema:

22. Aquele Supremo Purusha, em quem todos os seres permanecem e por quem todo o universo é permeado, pode ser alcançado, ó Pârtha, por devoção de todo o coração dirigida a Ele apenas.

Purusha - Brahman é chamado Purusha, Pessoa, porque Ele habita em todo corpo (*pura*), ou porque Ele é pleno.

Em quem todos os seres permanecem - Porque Ele é a causa última. O efeito está incluído na causa.

Todo o universo é permeado - O Senhor permeia todo o universo como a fragrância do sândalo que tudo permeia.

Devoção de todo coração, etc. - *Bhakti*, ou amor do Senhor, é o mesmo que conhecimento d'Ele. Ele procede da realização de que nada existe exceto o Senhor.

Os dois caminhos que os yogis seguem após a morte:

23. Agora direi a você, ó maior dos Bhāratas, o tempo no qual os *yogis* partem para nunca retornar, e também o tempo no qual eles partem para retornar.

Yogis - Aqueles que estão engajados em meditação. Isto também inclui os ritualistas, que realizam os sacrifícios e outras ações prescritas nos Vedas.

Para retornar - Para renascer.

Os versos 23-26 no oitavo capítulo referem-se aos dois caminhos descritos pelos místicos Vedânticos antigos. Eles são conhecidos como o *devayana*, ou caminho dos deuses, e o *pitriyana*, ou caminho dos pais [ou ancestrais]. Almas partindo deste mundo seguem estes caminhos de acordo com seu mérito. O caminho dos deuses é associado com fogo, luz, tempo-do-dia, a quinzena clara do mês lunar, e o solstício norte. O caminho dos pais é associado com fumaça, noite, a quinzena escura do mês lunar, e o solstício sul. O caminho dos deuses conduz as almas partindo para *Brahmaloka*, de onde elas não voltam para a terra para renascimento. Elas atingem liberdade final após o fim do ciclo. O caminho dos pais conduz as almas partindo para *Chandraloka*, ou a esfera da lua, onde elas desfrutam de grande felicidade por conta da ação meritória realizada por elas na terra. Após colher o fruto, elas voltam para a terra para renascimento para satisfazer seus desejos não realizados. Estes caminhos têm sido tratados nos *Upanishads*, proeminentemente no *Chandogya Upanishad*, V, x, 1-4, e também no *Brahma-sutras*, IV, ii, 18-21.

O caminho de não-retorno:

24. Fogo, luz, hora do dia, a quinzena clara da lua, e os seis meses da passagem norte do sol⁴ - tomando este caminho, os conhecedores de Brahman vão para Brahman.

Fogo, luz, etc. - De acordo com Śankaracharya cada um dos passos mencionados na lista significa sua deidade que preside. Assim 'fogo' significa a deidade presidindo sobre fogo. De acordo com a crença dos tempos Védicos todo objeto físico, tal como o sol, lua, e assim por diante, é controlado por uma deidade que é uma manifestação inferior do Brahman Supremo.

Conhecedores de Brahman - Aqui 'Brahman' refere-se ao *Saguna* Brahman, ou Brahman com atributos. É diferenciado do Supremo Brahman, ou *Nirguna* Brahman, isso é, Brahman sem qualquer atributo.

Vão para Brahman - Ou seja, no curso do tempo, após o término do ciclo. Os aspirantes que atingiram Autoconhecimento obtêm liberação imediata. Para eles nem retorno nem não-retorno têm qualquer significado. Eles transcendem tempo, espaço e causalidade.

O texto descreve o "caminho norte". É também conhecido como o caminho dos deuses, ou o caminho da luz, pelo qual *Brahmaloka* é alcançado por *yogis* que adoram Brahman através do símbolo Om - como referido nos versos 8-13 deste capítulo.

O *Chandogya Upanishad* (IV, xv, 5) assim descreve o caminho dos deuses:

"Agora, este - seja que seus ritos pós-morte são realizados ou não - vai para luz, da luz para dia, de dia para a quinzena clara do mês, da metade clara do mês para os seis meses durante os quais o sol surge na direção do norte, dos meses para o ano, do ano para o sol, do sol para a lua, da lua para o relâmpago. Então ele encontra uma pessoa que não é um ser humano. Esta pessoa carrega a alma para Brahman. Este é o caminho divino, o caminho de Brahman. Aqueles procedendo por este caminho não retornam para o redemoinho da humanidade."

O caminho de retorno:

25. Fumaça, noite, a quinzena escura da lua, e os seis meses da passagem sul do sol⁵ - tomando este caminho, o *yogi* alcança o caminho lunar e então retorna.

Fumaça, noite, etc. - Como no verso anterior, 'fumaça', 'noite', e assim por diante denotam as deidades controlando estes objetos.

Yogi - Ritualistas e aqueles que realizam ações filantrópicas, desejando uma recompensa.

Retorna - Para esta terra após seu gozo na esfera lunar estar terminado. Este gozo é o resultado de sua ação na terra.

⁴ Período do solstício do inverno ao solstício do verão, no hemisfério norte. (nota do tradutor)

⁵ Período do solstício do verão ao solstício do inverno, no hemisfério norte. (nota do tradutor)

As escrituras Hindu frequentemente falam dos quatro caminhos que os homens podem seguir após a morte. Estes são determinados pelo seu pensamento e ação enquanto na terra. Primeiro, os *yogis* que levam uma vida extremamente correta, meditam em Brahman, e seguem as várias disciplinas de yoga, passam após morte, para *Brahmaloka* (grosseiramente correspondendo ao céu dos Cristãos) e de lá, em devido curso, atingem salvação, conhecida como *kramamukti*, ou emancipação gradual. Segundo caminho, os ritualistas e os filantropos, que têm um desejo para o fruto de sua devoção e caridade, passam, após morte, para *Chandraloka*, ou a esfera lunar. Após desfrutarem lá imensa felicidade como o fruto de sua ação meritória, eles voltam para a terra, já que eles ainda acalentam desejos para felicidade mundana. Estes são chamados deuses ou deidades no Hinduísmo. Terceiro caminho, aqueles que realizam ações proibidas pela religião assumem, após morte, corpos sub-humanos e habitam no que é geralmente conhecido como inferno. Após expiarem suas ações más, eles renascem na terra. Quarto caminho, as pessoas que realizam ações extremamente vis passam muitos nascimentos como seres tão insignificantes como mosquitos e pulgas.

O valor relativo de um ser criado depende do grau de consciência manifestado por ele. A consciência manifestada pelo habitante em *Brahmaloka* é muito alta, e a consciência manifestada pelos insetos é muito baixa. O homem dotado com Autoconhecimento atinge liberação nesta mesma vida. Sua alma não vai para qualquer esfera, pois ele realizou sua identidade com a Consciência que tudo permeia. Diferentes cursos após morte têm sido apontados pelas escrituras Hindu a fim de advertir pessoas contra negligenciar o Autoconhecimento e exortá-las a realizar Brahman, que é apenas a fonte de paz e felicidade eternas. De acordo com as escrituras Hindus, todos os seres vivos, sem qualquer exceção, alcançarão o Autoconhecimento e liberação.

26. Estes dois caminhos - o claro e o escuro - são considerados os caminhos eternos do mundo. Seguindo um deles, um homem não retorna, e seguindo o outro, ele renasce.

Claro - Porque é alcançado por meio de conhecimento e seu curso é marcado completamente por objetos claros.

Escuro - Porque *Avidyā*, ou ignorância, faz uma pessoa segui-lo, e também porque o caminho é marcado totalmente por fumaça e outras coisas escuras.

Eterno - Porque *samsāra*, ou o universo, é eterno do ponto de vista relativo.

Swami Vivekananda tem uma teoria interessante do universo e seus vários planos ou esferas. Todas estas esferas são produtos de matéria e energia, ou o que a filosofia *Sāṃkhya* chama *ākāśa* e *Prāna*, em variados graus. A mais baixa ou mais condensada é a esfera solar, consistindo do universo visível, na qual *Prāna* aparece como força física e *ākāśa* como matéria percebida pelos sentidos. A próxima é a esfera lunar, que cerca a esfera solar. Esta não é a lua de forma alguma, mas a habitação dos deuses. Nesta esfera *Prāna* aparece como as forças psíquicas e *ākāśa* como os *tanmatras*, ou elementos rudimentares, finos. Além desta está a esfera elétrica, por assim dizer, uma condição na qual *Prāna* é quase inseparável de *ākāśa*; lá um pode dificilmente dizer se eletricidade é força ou matéria. Em seguida está *Brahmaloka*, onde *Prāna* e *ākāśa* não existem como entidades separadas; ambos estão fundidos na matéria-

mental, a energia primordial. Na ausência de *Prāna* e *ākāśa*, o *jiva*, ou alma individual, contempla todo o universo como a soma total da mente cósmica. Isto aparece como um *purusha*, uma alma universal abstrata, ainda não o Absoluto, pois ainda há multiplicidade. Desta esfera o *jiva* subsequentemente encontra seu caminho para Unidade, que é o fim e meta de sua evolução terrena.

De acordo com a Vedānta Não-dualista estas esferas são apenas visões que surgem em sucessão diante da Alma, e Ela mesma nem vem nem vai. O mundo percebido pelos sentidos no qual um homem vive é uma visão similar. No tempo de dissolução estas visões gradualmente desaparecem, o grosseiro fundindo no fino. O propósito dos filósofos Hindu em tratar de cosmologia é despertar no coração do homem um espírito de desapego do universo relativo.

A experiência de felicidade em diferentes planos ou esferas após a morte é transitória. Os habitantes naqueles planos voltam para a terra e começam novamente sua vida de dor e sofrimento. Mesmo os mais afortunados habitantes em *Brahmaloka* devem esperar um longo tempo antes de atingirem liberação completa. **Por outro lado, o Autoconhecimento, que pode ser alcançado por todo ser humano, confere ao seu possuidor liberação nesta mesma vida. Ele não tem que esperar por um tempo futuro para provar a bem-aventurança da imortalidade. Esta obtenção de liberação através do Autoconhecimento, enquanto vivendo em um corpo físico, é a meta da vida humana.** As escrituras Hindu tratam dos vários ciclos e planos e esferas, e também dos vários caminhos abertos para a alma após a morte, a fim de induzir os homens a esforçar-se pelo Autoconhecimento e a obtenção de liberação aqui na terra.

Os resultados de seguir os dois caminhos:

27. Nenhum *yogi* que entende estes dois caminhos será jamais iludido. Portanto, ó Arjuna, em todos os tempos seja firme em yoga.

O *yogi* sábio sabe que, dos dois caminhos, um leva a *samsāra* e o outro a *moksha*, ou liberação. Portanto ele rejeita o primeiro e toma o último.

A glória de yoga:

28. O *yogi* que sabe isto transcende todas as recompensas estabelecidas para o estudo dos Vedas, para os sacrifícios, para as austeridades, para fazer doações: ele alcança a Suprema e Primordial Morada.

Isto - As respostas às sete questões de Arjuna, dadas no oitavo capítulo do Gita. Não se deve meramente entender, mas também seguir, os ensinamentos implícitos nas respostas.

Assim no Bhagavad Gītā, a Essência dos Upanishads, a Ciência de Brahman, a Escritura de Yoga, o Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, termina o Oitavo Capítulo, intitulado:

O CAMINHO PARA O IMPERECÍVEL BRAHMAN

IX

O CAMINHO DA SABEDORIA SOBERANA E DO MISTÉRIO SOBERANO

1. *O Senhor disse: Para você, ó Arjuna, que não critica, Eu irei expor este, o maior mistério do conhecimento combinado com a realização, entendendo o qual você será liberto do mal.*

Este - O Conhecimento de Brahman, indicado por tais passagens das escrituras como: “Vāsudeva é tudo”, “Tudo isto é o Ser”, “Um sem um segundo”. Este Conhecimento é o meio direto de atingir liberação.

Maior mistério - *Dharma* é um mistério; maior é o mistério do ser habitando no corpo; e o maior mistério é o conhecimento da identidade do ser individual e do Ser Supremo.

Mal - O cativo do mundo.

O oitavo capítulo do *Gītā* tratou da emancipação por estágios através do processo de meditação. Mas este caminho indireto não é o único meio de emancipação. O caminho direto é descrito no nono capítulo.

Em louvor deste conhecimento:

2. *É a ciência soberana, o mistério soberano, e o supremo purificador. É percebido por experiência direta, está de acordo com o *dharma*, é fácil de praticar, e é imperecível.*

Ciência soberana - Por causa de sua majestade. De fato, a ciência de Brahman é a mais profunda de todas as ciências.

Supremo purificador - Como uma lâmpada, quando acesa em um quarto, destrói instantaneamente a escuridão acumulada de eras, assim o Conhecimento de Brahman, quando realizado no coração, reduz a cinzas, com raiz e tudo, o karma acumulado de todas as vidas passadas.

Percebido por experiência direta - A Bem-aventurança de Brahman é tão diretamente percebida quanto o sentimento de prazer e dor.

Está de acordo com o *dharma* - Um objeto dotado com muitas qualidades deleitáveis pode ser oposto ao *dharma*; mas esse não é o caso do Conhecimento de Brahman.

Fácil de praticar - Facilmente adquirido quando ensinado por um mestre qualificado.

Imperecível - Geralmente é visto que uma ação que requer pouco esforço e é facilmente realizada produz um resultado insignificante. Mas o Conhecimento de Brahman, embora facilmente adquirido, é bem o contrário. A Bem-aventurança de Brahman é eterna.

Portanto o Conhecimento de Brahman deve ser perseguido por todos desejando paz e felicidade reais.

Por conta de sua falta de fé, seres mundanos não perseguem o Conhecimento de Brahman.

3. Homens sem fé neste *dharma* não Me alcançam, ó temido Arjuna, mas retornam ao caminho do mundo cheio de morte.

Sem fé etc. - Que consideram o corpo físico como o Ser e não acreditam na indestrutibilidade e imortalidade da alma.

Fé, ou uma convicção inabalável da existência de Deus, da alma, e da imortalidade, é o pré-requisito da vida espiritual.

Sri Krishna formula a sabedoria soberana:

4. Por Mim, em Minha forma não-manifestada, são permeadas todas as coisas neste universo. Todos os seres existem em Mim, mas Eu não existo neles.

Mim - O Senhor Supremo e a Causa Última de tudo.

Minha forma não-manifestada - Consciência, ou *Ātman*, que é imperceptível aos sentidos.

Todas as coisas neste universo - Do mais alto Brahṁā, ou Espírito Cósmico, até uma folha de grama.

Permeadas - Nada pode existir a menos que o Senhor, ou Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta, forme seu substrato. Está dito nos *Upanishads* que o Senhor, após criar objetos, entrou neles como sua Consciência interior.

Todos os seres existem em Mim - Seres podem ser comparados a um pedaço de pano, e o Senhor ao fio compreendendo sua urdidura e trama. O pano não pode existir sem a urdidura e trama.

Eu não existo neles - Porque Brahman é incorpóreo e, portanto, desconectado de qualquer objeto.

As duas formas do Senhor, a manifestada e a não-manifestada, foram descritas no sétimo capítulo do *Gītā* (VII, 4-5). O mundo ilusório e irreal parece ser real e tangível por conta da realidade do Senhor formando seu substrato. Nenhuma mudança pode ser percebida sem o fundo de imutabilidade. A ilusão de uma miragem não é vista sem o fundo do deserto. A continuidade em um filme em movimento não pode ser percebida sem o fundo da tela imóvel; é a tela fixa que faz as imagens separadas e desconectadas aparecerem como uma história contínua. Da mesma forma, a presença do Senhor como a Consciência imutável cria a aparência de continuidade e história em um universo sempre mudando, ilusório. Se Ele, como Existência, não formasse a base do universo, nada seria percebido existindo. Portanto todas as entidades existentes são permeadas pela existência do Senhor, mas ela

mesma é imperceptível aos sentidos. Uma coisa desprovida de realidade interior não pode existir ou ser um objeto de experiência. O Senhor é a realidade interior de tudo. A realidade do Senhor faz real tudo no mundo. Mas a realidade do Senhor não depende do mundo. Ele sempre existe, se o universo de nome e forma existe ou não. O Senhor é incorpóreo e, portanto, não tem contato real com o mundo material. Ele não pode ser contido em qualquer objeto. Ele é autoexistente e autoluminoso. Apenas uma fração de Sua majestade ilumina o sol, a lua, e o universo; mas Ele Mesmo, em Sua essência mais pura, é transcendental.

5. E ainda assim, os seres não habitam em Mim - contemple, esse é Meu mistério divino. Meu Espírito, que é o suporte de todos os seres e a fonte de todas as coisas, não habita neles.

Não habitam em Mim - Porque o Ser não é apegado a nada. “Desprovido de apego, Ele nunca entra em relacionamento com qualquer coisa.” (*Brihadaranyaka Upanishad*, III, ix, 26)

Mistério divino - O Senhor permeia a tudo e ainda assim livre de contato com qualquer objeto.

Suporte de todos os seres - Como sua realidade mais íntima e essência.

Fonte de todas as coisas - Somente do ponto de vista relativo. Na realidade o Senhor não é a causa de coisa alguma, pois nada existe além d’Ele.

Não habita neles - Porque o Senhor é desconectado de qualquer objeto por conta de Sua natureza incorpórea.

O Senhor infinito não pode ser contido em um universo finito. Mas por que o universo e seus seres não podem habitar n’Ele? O Senhor, na realidade, não é nem o que contém nem o que é contido. Nele não há o menor traço de dualidade. Em Sua essência mais pura Ele está acima da lei de causa e efeito. Na realização final, o objeto e o sujeito tornam-se um; todo o universo funde-se no Senhor. Naquele estado o Senhor permanece como Um sem um segundo, uma concentração homogênea de Consciência. Os conceitos do que contém e o contido, causa e efeito, aplicam-se ao reino da manifestação, ou *māyā*. Mesmo que o Senhor manifeste, através de *māyā*, o universo relativo tangível, e apareça ser sua causa e suporte, ainda Ele é sempre Um e sem um segundo, transcendental, incorpóreo e desapegado. Este é Seu mistério eterno.

Uma ilustração da ideia contida nos dois versos precedentes:

6. Como o vento poderoso soprando em toda parte sempre repousa no *ākāśa*, saiba que da mesma maneira todos os seres repousam em Mim.

Repousa no *ākāśa* - Sem afetar o *ākāśa* de forma alguma, porque *ākāśa* é desapegado do vento.

Ākāśa-Espaço etéreo.

Todos os seres repousam em Mim - Sem afetar o Senhor de forma alguma. Bem e mal, dor e prazer, e as outras características deste grande universo não tocam o Senhor, porque de Seu ponto de vista eles são ilusórios, e também porque Ele é inteiramente espiritual em

natureza. Ele nunca pode ser tocado por qualquer coisa acontecendo no tempo e espaço. Como uma luz não pode ser afetada pela boa ou má ação feita com sua ajuda, assim a alma, que em sua essência é uma com o Senhor, não pode ser afetada pela boa e má ação do corpo e mente.

Embora o Senhor seja incorporeal e desapegado, Sua māyā é a causa da criação e dissolução de todos os seres.

7. No fim de um ciclo, todos os seres, ó filho de Kunti, entram em Minha Prakriti, e no início de um ciclo, Eu os gero novamente.

Minha Prakriti - O modo inferior do Senhor, consistindo de *sattva*, *rajas*, e *tamas* em seu estado indiferenciado.

Gero novamente -Trazidos ou manifestados, no tempo da próxima evolução.

O processo inteiro de criação, preservação, e destruição é devido à *māyā* do Senhor. Ele não é afetado por ela. A filosofia Vedānta reconhece o *fato* da criação (do ponto de vista de *māyā*), mas não o *ato* de criação. O Senhor, desprovido de ego e motivo, não cria. Criação implica desejos não satisfeitos. Mas enquanto se está sujeito a *māyā*, não se pode negar o fato da criação. É como nossos sonhos. Um sonho não pode ser negado como um fato enquanto sonhamos. Mas, na verdade, nunca nos tornamos o que vemos em sonhos. *Māyā*, ou a natureza inferior do Senhor, projeta para fora de si mesma todos os nomes e formas no tempo da criação. Consciência, ou a natureza superior do Senhor, dota-os com vida. No fim do ciclo os nomes e formas do universo manifestado voltam para o estado semente e permanecem fundidos em *Prakriti*, e a própria *Prakriti* permanece em um estado de equilíbrio dos três *gunas*. Quando o equilíbrio é perdido, a criação toma lugar. Este processo de criação e destruição não teve um início. Melhores termos para expressar a criação e destruição, em acordo com a visão Hindu, são manifestação ou evolução, e fundir-se ou involução. O Senhor em Sua essência pura permanece não-afetado pelas atividades de Sua *māyā*, embora a *māyā* insciente atue por Sua proximidade. (Para “*māyā*”, veja nota em VII, 14.)

Sri Krishna antecipa a pergunta: Como o Senhor, que é imutável e desapegado, cria o mundo?

8. Controlando Minha própria Prakriti, Eu envio, repetidamente, toda esta multidão de seres, impotentes sob o domínio de māyā.

Controlando Minha própria Prakriti - O Senhor, com a ajuda de *Prakriti*, manifesta o universo. Por causa de Sua própria proximidade, a Natureza insciente age. Ele é apenas uma testemunha. *Māyā*, ou *Prakriti*, está sob Seu controle. Mas o *jīva*, ou ser criado, está sob o controle de *māyā*.

Envio etc. - Seres vivos saem de *Prakriti*, que foi dormir no fim do ciclo anterior. Dissolução, ou o estado no qual os três *gunas* permanecem em perfeito equilíbrio, é chamado o sono de *Prakriti*.

Impotentes etc.- Os seres que, no fim do ciclo anterior, se fundiram em *Prakriti* estão ainda sob a influência de *māyā*, ou ignorância. Como *Prakriti* torna-se ativa no início do próximo ciclo, os seres também assumem nascimentos apropriados de acordo com seu karma passado.

O Senhor, em Sua essência mais pura, é desapegado. Ele não cria; pois criação não serve a propósito algum d'Ele. Neste universo, que é conjurado por *māyā*, todos os seres são governados pela lei do karma. Uma vez que a criação é falsamente sobreposta ao Senhor, portanto o que é percebido ser o universo existindo no tempo e espaço é, do ponto de vista da Realidade, nada além do próprio Senhor. Na ilusão de uma corda aparecendo como uma cobra, a cobra falsamente percebida é, na realidade, nada além da corda.

Pode ser objetado que o Senhor, por ser Ele o responsável pela manifestação de diversos seres de condição desigual, é culpado de parcialidade e portanto sujeito a dharma e adharma surgindo da criação. A resposta segue:

9. E estes atos, ó Dhananjaya, não Me prendem; pois Eu permaneço desapegado deles, como indiferente.

Estes atos - Relacionados à criação desigual de diversos seres.

Desapegado deles - Porque o Senhor é consciente da imutabilidade do Ser. Ele é indiferente sobre o fruto da ação. É o apego ao fruto que prende. Ele é indiferente porque é totalmente desprovido do sentimento "Eu faço."

A criação pertence ao reino de *māyā*; o Senhor está além de *māyā*. Não há contato ou relacionamento entre o Senhor e criação, como não há contato entre o deserto e uma miragem. Ele é totalmente livre de qualquer desejo, propósito, motivo, ou agência no que concerne à criação.

Um homem desprovido de egotismo e apego, como o Senhor, é livre do efeito de aprisionar da ação. Qualquer um trabalhando como o Senhor trabalha desfruta da liberdade plena. Caso contrário ele permanece ligado por sua ação, como um bicho-da-seda em seu casulo.

Há uma contradição aparente nas duas declarações do Senhor de que Ele gera todos os seres (IX, 7) e que Ele é indiferente sobre criação (IX, 9). É assim resolvida:

10. A *Prakriti*, sob Minha orientação, dá nascimento a todas as coisas, móveis e imóveis; e por causa disto, ó filho de Kunti, o mundo gira.

Prakriti - *Māyā*, consistindo dos três *gunas*.

Sob Minha orientação - O Senhor agindo como a testemunha indiferente.

Por causa disto etc.-Todos os objetos, móveis e imóveis, giram e giram por causa da proximidade do Senhor como Consciência. Todas as atividades no mundo, expressas em tais termos como “Eu desfrutarei”, “Eu vejo”, “Eu sinto”, “Eu ganharei”, “Eu aprenderei”, e assim por diante, são possíveis apenas por causa da consciência. Estas ideias surgem na consciência. Não há outro ser consciente no universo exceto o Senhor onipresente. Portanto todo o universo gira em seu curso por conta da proximidade do Senhor. A *Prakriti*, ou Natureza insciente, não pode realizar qualquer ação consciente.

É absurdo perguntar o propósito da criação. O desfrute do Senhor certamente não pode ser o propósito; pois Ele é desprovido de desejo e não desfruta. Ele é Consciência Pura e uma testemunha desinteressada. E não há outro que desfrute; pois não há outra consciência; ninguém exceto um ser consciente é capaz de desfrutar. A questão sobre o propósito da criação não pode ser perguntada se alguém lembrar que criação é *māyā*, ou uma ilusão.

A posição do Senhor com referência à criação é explicada nos versos 7-9 por um método que gradualmente treina o estudante para compreender um ponto sutil. O Senhor começa declarando que Ele projeta todos os seres no início da evolução: *Prakriti* é apenas um instrumento em Suas mãos. Em seguida, Ele diz que não é afetado por aquele ato, desde que Ele permanece como um neutro, perfeitamente desapegado. Por último, o Senhor leva à verdade final que realmente Ele não faz nada e que *Prakriti*, animada por Sua proximidade, produz o universo. É Sua luz que ilumina *Prakriti* e a faz viver e agir. Essa é a única relação entre o Senhor e Sua *Prakriti*.

Os ignorantes desprezam o Senhor, que é da natureza de eternidade, pureza, conhecimento, e liberdade, e que é o Ser mais íntimo de todos os seres.

11. Tolos desprezam a Mim quando Eu assumo uma forma humana; pois eles estão inconscientes de Minha natureza superior como o Senhor Supremo de todos os seres.

Desprezam a Mim-Como um ser humano comum.

De tempo em tempo o Senhor assume uma forma humana para que homens possam atingir uma natureza divina. Naquele estado o Senhor age exteriormente como um ser humano, embora sempre permanecendo em plena posse do conhecimento de que Ele está desapegado de qualquer coisa material e que Ele é o próprio Ser de todos os seres. Os iludidos apenas O veem agindo como um homem e, portanto, O desprezam, como um ser humano comum.

Sri Krishna tem pena dos ignorantes, que adoram outros deuses e não o Senhor:

12. Sendo da natureza enganadora de monstros e demônios, eles acalentam esperanças vãs, realizam ações vãs, perseguem conhecimento vão, e são desprovidos de discernimento.

Monstros e demônios -A palavra 'raksha' no texto denota um monstro que se entrega a ações de crueldade, e a palavra 'asura', um demônio que é cheio de luxúria, paixão e orgulho.

Esperanças vãs - Porque eles esperam que a adoração de outras deidades além do Senhor lhes trará resultados rápidos na forma de poder material e prosperidade.

Ações vãs - Sua realização de sacrifícios e observância de rituais são fúteis porque eles desprezam o Senhor, que habita neles como seu Espírito mais íntimo.

Conhecimento vão - Porque eles se deleitam em polêmicas inúteis.

Sri Krishna implica que se um homem observa os rituais da religião, acalenta ambição, e cultiva erudição, mas nega o Senhor, ele não deriva qualquer benefício de seu trabalho.

Os aspirantes que acalentam amor pelo Senhor são exaltados:

13. Mas os homens de grandes almas, ó Pārtha, que são dotados com a natureza divina, Me adoram com mentes serenas, sabendo que Eu sou imutável e a origem de todos os seres.

Natureza divina -Tal como posse de fé e controle da mente, dos sentidos, e corpo.

Todos os seres - Criaturas vivas e elementos inanimados.

Adoração do Senhor através do amor:

14. Sempre glorificando a Mim, sempre se esforçando com autocontrole, permanecendo firmes em seus votos, prosternando-se diante de Mim, eles Me adoram com amor e firmeza inabalável.

Glorificando a Mim - Com cantos e hinos apropriados.

Prosternando-se diante de Mim - Diante de imagens sagradas e homens santos, porque a manifestação do Senhor é muito vívida neles.

Diferentes modos de adoração através do caminho do conhecimento:

15. Outros, novamente, oferecem a oblação de conhecimento e adoram a Mim como um com eles ou como distinto deles; e ainda outros de várias maneiras adoram a Mim, cuja forma é todo o universo.

Oblação de conhecimento - O conhecimento do Senhor é por si só um sacrifício (*yajna*).

Como um com eles - A visão não-dualista.

Distinto deles -A visão dualista: O Senhor existe nas formas de várias deidades; ou o adorador é diferente do Senhor, Seu servo.

Várias maneiras - Como várias divindades, tal como o sol, o vento, Brahmã ou Rudra.

O Senhor é o Ser mais íntimo de tudo; portanto todas as diversas formas de adoração são em essência Sua adoração.

16. Eu sou o sacrifício, Eu sou a adoração, Eu sou a oblação aos manes, e Eu sou o cereal. Eu sou o hino, Eu sou a manteiga clarificada, Eu sou o fogo, e Eu sou a oferenda.

Sacrifício - A palavra '*kratu*' no texto denota uma classe de ritos Védicos.

Adoração - A palavra '*yajna*' no texto denota a adoração prescrita no *smriti*.

Cereal - Comido por todos os seres viventes.

Hino - Com o qual oblações são oferecidas aos manes e aos deuses.

Fogo - No qual a oblação é feita.

Através do símbolo de um sacrifício o Senhor sugere que Ele apenas forma todos os acessórios da adoração e também o ato e o resultado da adoração.

Além do mais,

17. Eu sou o Pai deste universo, a Mãe, o Sustentador, e o Avô. Eu sou o cognoscível, o purificador, e a sílaba Om. Eu sou também o *Rik*, o *Sāman*, e o *Yajus*.

Pai - A causa eficiente.

Mãe - A causa material.

Sustentador - O dispensador dos frutos da ação para diferentes seres de acordo com seu mérito. O Senhor sustenta o universo através da lei do karma, que é a lei de causalidade operando no plano moral.

Avô - O sutil é a causa do grosseiro. O Senhor é a causa do sutil. Ele é a causa de ambos, o manifestado e o não-manifestado. Por isso Ele é chamado o Avô.

Cognoscível - Ao conhecer o Senhor conhece-se tudo no mundo; pois Ele é a essência mais íntima de todos.

Purificador - O coração se torna puro através do conhecimento de Deus.

Om - O meio de atingir o Conhecimento de Brahman.

O Rik etc.-Quer dizer, a essência dos Vedas.

Além do mais,

18. Eu sou a Meta e o Suporte; o Senhor e a Testemunha; a Morada, o Refúgio, e o Amigo. Eu sou a origem e a dissolução; o fundamento, o armazém, e a Semente Imperecível.

Meta - A ser atingida pelos homens na forma de felicidade celestial ou de liberação suprema.

Testemunha - Do que é feito e deixado de fazer por seres viventes. Nada pode ser escondido do Senhor, que é onisciente e onipresente.

Morada - Nele todos nós vivemos, nos movemos, e temos nosso ser.

Fundamento - O substrato do universo - tanto em sua forma grosseira como em sua forma sutil.

Semente Imperecível - O Senhor é a semente do universo e de seus seres viventes. Como o universo é eterno, assim o Senhor é a semente imperecível. Ou, diferente de uma semente ordinária, o Senhor é a semente eterna; pois Ele existe mesmo quando o universo está dissolvido.

E também,

19. Eu dou calor; Eu retenho e envio chuva. Eu sou a imortalidade, ó Arjuna, e também a morte. Eu sou o ser e Eu sou o não-ser.

Calor - Como o sol.

Retenho - Durante a estação seca.

Envio - Durante a estação chuvosa.

Imortalidade - Desfrutada pelos deuses. É imortalidade relativa.

Morte - Dos mortais na terra.

Ser - O universo manifestado, o efeito.

Não-ser - O não-manifestado, a causa.

As palavras 'ser' e 'não-ser' são usadas no sentido do manifestado e do não-manifestado. O não-manifestado, ou 'não-ser,' é a causa do manifestado, ou 'ser.' A palavra 'não-ser' não é usada no texto no sentido de 'não-existência.'

Os devotos consideram o Senhor de várias maneiras e seguem diferentes métodos de adoração.

Que aqueles que não adoram o Senhor para a liberação estão presos na roda de nascimento e morte, é afirmado nos seguintes dois versos:

20. Aqueles que conhecem os três Vedas e bebem o suco-soma e são purificados do pecado adoram a Mim com sacrifícios e oram por passagem para o céu. Eles alcançam o mundo sagrado de Indra e desfrutam no céu os prazeres celestiais dos deuses.

Aqueles que conhecem etc. - Que executam os sacrifícios mencionados nos três Vedas, a saber, o *Rik*, o *Sāman*, e o *Yajus*.

Bebem o suco-soma - O que resta depois que a oblação é feita. A referência é a uma injunção Védica.

Mim - Não como o Senhor, mas nas formas de *Indra*, *Vasu*, e outras deidades que cumprem as ambições mundanas de seus devotos.

Passagem para o céu - A meta mais alta desses devotos é o gozo no céu.

Indra - O senhor dos deuses. Os deuses da mitologia Hindu denotam posições no céu que os homens desfrutam após a morte como os frutos de sua ação meritória realizada na terra com vista a obter felicidade. Um homem se torna Indra se realizar cem sacrifícios.

21. Tendo desfrutado do vasto mundo celestial, eles voltam para o mundo dos mortais quando seu mérito se esgota. Assim cumprindo as injunções dos três Vedas e ansiando por desejos, eles estão sujeitos à morte e ao renascimento.

Injunções dos três Vedas - Os rituais e sacrifícios prescritos nos Vedas.

Sujeitos à morte e ao renascimento - Eles não atingem liberação da sempre girante roda de nascimento e morte.

Mas pessoas livres de desejos e dotadas com conhecimento correto atingem a Meta Suprema da Vida.

22. Aquelas pessoas que Me adoram, meditando sobre sua identidade comigo e sempre devotadas a Mim - a elas Eu levo o que lhes falta e para elas Eu preservo o que elas já têm.

Meditando sobre sua identidade Comigo - Elas perdem totalmente sua individualidade no Senhor e O consideram como seu próprio Ser. Ou a palavra '*ananyah*' no texto pode significar 'sem qualquer outro [pensamento]'. Nesse caso a tradução deveria ser: Aquelas pessoas que Me adoram, nunca abrigando qualquer outro pensamento, etc.

Eu levo - Porque o Senhor considera o *jñāni* como Seu próprio Ser e muito querido a Ele. Veja VII, 17-18.

O Senhor promete proteção completa àqueles que O amam com todo seu corpo, coração e alma. Um devoto, totalmente absorvido no Senhor, pode esquecer sua própria segurança e proteção, mas o Senhor nunca O esquece. Todos os homens, sem dúvida, recebem do Senhor o que precisam; mas enquanto *eles mesmos* pensam em seu próprio bem-estar, eles devem ganhá-lo por seu próprio esforço. Mas o *Senhor mesmo* leva as necessidades da vida para aqueles que, perdidos no pensamento d'Ele, não podem cuidar de si mesmos.

Todas as deidades são, sem dúvida, diferentes formas do próprio Senhor. Adorá-las é adorá-Lo. Por que, então, seus adoradores seriam privados de liberação? Sri Krishna explica que sua adoração é manchada com ignorância:

23. Mesmo aqueles devotos que, dotados com fé, adoram outros deuses, adoram a Mim apenas, ó filho de Kunti, embora de um modo errado.

Outros deuses - Indra e outros. O motivo por trás da adoração é a obtenção de poder e gozo.

Modo errado - Porque eles não buscam liberação. Eles estão imersos em ignorância. Por isso eles voltam ao mundo para satisfazer seus desejos não realizados.

O método errado de adoração:

24. Pois Eu apenas sou o Apreciador e o Senhor de todos os sacrifícios. Mas esses homens não Me conhecem na realidade; daí eles caem.

As oblações em sacrifícios podem ser oferecidas a deuses menores. Mas o Senhor é o Ser e a Consciência mais íntima dos deuses também; daí Ele é o real Mestre e Apreciador de todos os sacrifícios. Devotos ignorantes oferecem sua adoração aos deuses e atingem um céu apropriado; mas após desfrutar do fruto de sua devoção, eles retornam ao mundo mortal.

Todo ato de adoração produz seu próprio resultado. Nenhuma adoração é fútil.

25. Aqueles que adoram os deuses vão para os deuses, aqueles que adoram os manes vão para os manes, aqueles que adoram os espíritos vão para os espíritos, e aqueles que Me adoram vêm a Mim.

Espíritos - Uma classe de seres inferiores aos deuses, mas superiores aos homens.

Mim - O Senhor Imperecível, da natureza da Bem-Aventura Suprema.

O mesmo esforço é necessário para todas as formas de adoração, mas os resultados são bastante diferentes. As pessoas não adoram o Senhor por causa de sua ignorância e, portanto, não podem desfrutar de felicidade imperecível.

Não apenas a devoção concentrada no Senhor conduz a um resultado imperecível, mas também é muito simples e fácil de alcançar.

26. Quem quer que Me ofereça, com devoção, uma folha, uma flor, um fruto, ou água — isso Eu aceito, a piedosa oferenda dos puros de coração.

Os deuses menores exigem sacrifícios que acarretam muito esforço e riqueza, e a recompensa que eles dão é transitória. Mas o Senhor, dotado de poderes e esplendores infinitos, pede apenas amor de Seus devotos e em troca recompensa-os com felicidade imperecível.

Porque isso é assim, portanto,

27. Tudo o que você fizer, tudo o que comer, tudo o que ofertar em sacrifício, tudo o que der, e tudo o que praticar na forma de austeridades, ó filho de Kunti — faça-o como uma oferta a Mim.

Nenhuma adoração exterior é necessária para agradar ao Senhor. Cada ação do homem pode ser transformada em adoração se o Senhor for constantemente mantido na mente. Uma vez que o Uno e o múltiplo são duas manifestações da mesma Realidade, pode-se adorar a Deus através tanto do trabalho quanto da meditação. Se uma ação não é egocêntrica, ela se torna um ato de adoração.

O resultado de tal adoração:

28. Assim ficará livre do cativeiro das ações, que produzem resultados bons ou maus. Com sua mente firmemente fixada no yoga da renúncia, se tornará livre e virá a Mim.

Assim — Ao entregar os frutos de todas as ações ao Senhor.

Yoga da renúncia — A oferta de todas as obras ao Senhor constitui o yoga da renúncia. Os seguidores deste yoga desempenham seus deveres, mas não buscam o resultado de sua ação. Portanto este método combina ambos yogas (*karma-yoga*) e *sannyāsa* (renúncia).

Se tornará livre etc. — Mesmo enquanto vivendo no corpo estará livre do cativeiro da ação e após a morte atingirá a liberação final em Mim.

O Senhor é dotado de amor e ódio? Concede Ele Sua graça apenas a Seus devotos e não a outros?

29. Eu sou o mesmo para com todos os seres; para Mim não há nenhum odioso ou querido. Mas aqueles que Me adoram com devoção — eles estão em Mim, e Eu também estou neles.

A natureza do Senhor pode ser comparada ao fogo, que dá calor a todos. Aqueles que estão perto do fogo sentem o calor, e aqueles que estão afastados não o sentem. Ou Sua natureza pode ser comparada ao vento, que sopra para todos os barcos na água. As velas que estão em boa condição podem tirar vantagem do vento, mas as velas com buracos falham em fazê-lo. O Senhor é imparcial para com todos.

Aqueles que amam o Senhor e desempenham seus deveres de uma maneira abnegada tornam-se puros de coração. Os puros de coração habitam no Senhor. Assim eles sentem Sua graça. Mas isto não se deve a qualquer apego particular de Sua parte. O Senhor, também, habita neles; isto é, Sua presença é sentida neles e não nos corações dos pecadores. Mas isto não significa que o Senhor odeia pecadores. Como a luz do sol, embora incidindo sobre tudo, é refletida num espelho limpo, assim a glória do Senhor é visível apenas naquelas pessoas de cujas mentes toda sujeira foi removida pela disciplina espiritual.

A glória da devoção ao Senhor:

30. Até o homem mais pecador, se ele Me adora com devoção inabalável, deve ser considerado como virtuoso; pois ele tomou a resolução correta.

Resolução correta — Abandonar os maus caminhos da vida. Se um homem acredita que a devoção ao Senhor é o caminho para a liberação e age de acordo, então ele é dito ter tomado uma resolução nobre.

O esquecimento do Senhor constitui pecado, e a lembrança d’Ele é santidade. A escuridão dos pecados acumulados é instantaneamente removida pela Luz de Deus.

Ele abandona os maus caminhos e pela força da resolução correta torna-se um santo.

31. Ele logo se torna virtuoso e alcança a paz eterna. Proclame-o corajosamente, ó filho de Kunti, que Meu devoto nunca perece.

Meu devoto — Aquele cuja alma mais íntima foi dada ao Senhor.

Disciplinas espirituais comuns, a menos que bem praticadas, não produzem resultados perfeitos. Mas o amor sincero a Deus traz paz imperecível ao devoto.

O amor a Deus redime mesmo aqueles que estão de outra forma desqualificados para a salvação Védica.

32. Pois aqueles que se refugiam em Mim, ó Pārtha, ainda que sejam de nascimento pecador — mulheres, *vaishyas*, e *shudras* — mesmo eles atingem a Meta Suprema.

Os *vaishyas* estão engajados na agricultura e comércio; mulheres e *shudras* são impedidos do estudo dos Vedas. Portanto todas estas classes de pessoas permanecem fora do esquema Védico de salvação. A declaração sobre *vaishyas*, *shudras*, e mulheres refere-se a uma antiga tradição religiosa indiana. Em muitos lugares o *Gītā* levanta uma voz de protesto contra certas injunções estreitas dos Vedas.

Sri Krishna incita Arjuna à realização do Senhor:

33. Quanto mais, então, se forem brāhmins santos ou sábios reais devotados a Deus! Tendo vindo a este mundo transitório, sem felicidade, adore a Mim.

Santos — De nascimento puro.

Sábios reais — Reis que atingiram santidade. Arjuna pertence a esta classe.

O nascimento humano é conducente à prática da disciplina espiritual. Mas não é fácil nascer num corpo humano. O mundo é transitório e sua felicidade irreal. Portanto todo homem deveria dirigir sua atenção inteira à realização do Senhor, que sozinha traz felicidade imperecível. O objetivo da vida humana é a obtenção de *jivanmukti*, ou liberação nesta mesma vida.

Como se deve adorar o Senhor?

34. Fixe sua mente em Mim, seja devotado a Mim, sacrifique a Mim, curve-se a Mim. Tendo assim se disciplinado, e considerando-Me como a Meta Suprema, virás a Mim.

Assim como os rios, seguindo seus diferentes cursos, no final se fundem no oceano e abandonam seus nomes e formas, assim os devotos, perdendo seus nomes e formas, tornam-se um com a Realidade Suprema.

Assim no Bhagavad Gītā, a Essência dos Upanishads, a Ciência de Brahman, as Escrituras do Yoga, o Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, termina o Nono Capítulo, intitulado:

O CAMINHO DA SABEDORIA SOBERANA E DO MISTÉRIO SOBERANO

X

AS MANIFESTAÇÕES DIVINAS

1. *O Senhor disse: Mais uma vez, ó poderoso Arjuna, ouve Minha palavra suprema, que Eu, por um desejo de seu bem-estar, transmitirei a você, para seu grande deleite.*

Palavra suprema – Revelando a verdade suprema.

Algumas das glórias das manifestações divinas foram mencionadas nos capítulos sétimo e nono. Estas, bem como a natureza essencial do Senhor, são agora descritas em detalhe no décimo capítulo.

As manifestações do Senhor são um mistério. Portanto Sri Krishna, por compaixão por Arjuna, pretende descrevê-las.

2. *Nem as hostes dos deuses nem os grandes sábios conhecem Minha origem; pois, em todos os aspectos, Eu sou a fonte dos deuses e dos sábios.*

Origem – A palavra “*prabhavam*” no texto pode também significar “poder do Senhor”.

Em todos os aspectos – O Senhor é tanto a causa eficiente dos deuses quanto o inspirador de sua sabedoria e inteligência.

O Senhor é sem uma causa. Ele é imutável e inalterável. Ainda assim Ele manifesta Suas glórias no universo de várias maneiras. O mistério dessas manifestações não é conhecido nem mesmo pelos deuses e sábios, muito menos pelos mortais comuns. O raciocínio humano não pode conhecer Sua natureza. Ele revela-Se, por Sua infinita compaixão, nos corações puros de Seus devotos.

O resultado do conhecimento do Senhor:

3. *Aquele que sabe que Eu sou não-nascido e sem um começo, e também que sou o Senhor Supremo dos mundos – ele, não iludido entre os mortais, é libertado de todos os pecados.*

Não-nascido – O Senhor é a causa dos deuses e dos grandes sábios e de tudo que existe. Ele é não nascido.

Senhor Supremo—Ele é transcendental, intocado pela ignorância ou seu efeito, o universo.

Todos os pecados—Cometidos consciente ou inconscientemente.

A ignorância do Senhor é a causa do pecado. Quando um homem não sabe que ele, na realidade, é o puro Brahman, então ele evoca a visão do universo com seus opostos. Ele se torna consciente do bem e do mal, *dharma* e *adharma*. Ele participa das atividades do mundo. A consciência da multiplicidade impele-o ao ódio por coisas desagradáveis e cria apego ao agradável. Mas o conhecimento do Senhor como seu Ser mais íntimo, intocado pela relatividade, destrói a ignorância e seu efeito. Assim ele é libertado de todos os pecados. As penitências prescritas pela religião não destroem a causa do pecado, que é a ignorância; portanto elas não podem libertar a alma ligada. O conhecimento do Senhor, sozinho, dá liberação.

4. -5. Inteligência, conhecimento, não-ilusão, paciência, verdade, autocontrole e calma, prazer e dor, nascimento e morte, medo e destemor; Não-violência, equanimidade, contentamento, austeridade, caridade, fama e desonra—estes diferentes atributos dos seres surgem de Mim apenas.

Inteligência—Um poder da mente pelo qual um homem compreende objetos sutis.

Conhecimento—Pelo qual se conhece a distinção entre o Ser e outros objetos.

Não-ilusão—Discriminação em ação sempre que uma situação particular surge.

Paciência—Tranquilidade da mente quando abusado ou agredido.

Verdade—Dar expressão à própria experiência real das coisas, como ouvido ou visto, com o objetivo de transmiti-la corretamente a outra pessoa.

Autocontrole—A retirada dos sentidos externos, como visão, audição, etc., de seus respectivos objetos.

Calma—Tranquilidade da mente, ou sentido interno.

Não-violência—A qualquer ser vivo.

Contentamento—Satisfação com o que já se possui.

Caridade—Compartilhar as próprias coisas com outros até onde os seus meios permitem.

O Senhor, apenas, é a causa e base do universo e de todos os seus seres. Os seres criados são dotados de diferentes atributos de acordo com seu karma. A lei do karma funciona no mundo relativo através do poder do Senhor.

6. Os sete grandes sábios e os quatro Manus dos tempos antigos, dotados de Meu poder, nasceram de Minha mente; e deles surgiram todas as criaturas no mundo.

Dotados de Meu poder—Porque seus pensamentos eram dirigidos exclusivamente ao Senhor.

Nascidos de Minha mente—Eles foram produzidos do pensamento do Senhor.

De acordo com a teoria da criação dada nos *Puranas*, ou mitologia hindu, Brahman associado com *mâyā* gerou o universo. A primeira manifestação de Brahman no tempo e espaço é conhecida como *Hiranyagarbha*, *Prāna*, ou *Sutratma*. Literalmente, estes termos significam o ‘Ovo Dourado’, ‘Vida’, e a ‘Alma Cósmica’, ou *Ātman*, que permeia o universo como um fio percorre uma grinalda. *Hiranyagarbha* produziu de sua mente os primeiros quatro seres criados, a saber Sanaka, Sanandana, Sanatana e Sanatkumara. Ele planejou que eles participassem da criação. No entanto, dotados desde seu nascimento com autocontrole, desapego, e o espírito de austeridade, eles foram direto para a floresta e devotaram-se à meditação. Então *Hiranyagarbha* produziu sete sábios e quatro *Manus*, todos de sua mente, e ordenou-lhes que povoassem o mundo com seres animados e inanimados. Tendo sido criados com um pouco de instinto mundano, eles cumpriram o comando de seu criador. Os sete grandes *rishis*, ou sábios, foram os mestres originais da sabedoria espiritual. Os *Manus* eram os governantes do mundo e eram dotados de poderes senhoriais. Porque seus pensamentos eram dirigidos ao Senhor, os sábios e os *Manus* foram dotados de sabedoria e poder. Os atuais habitantes do mundo, de acordo com a mitologia hindu, descendem desses personagens primordiais e herdaram sua sabedoria.

O resultado de conhecer estas glórias do Senhor:

7. Aquele que conhece em verdade esta Minha glória e poder adquire devoção inabalável; disto não há dúvida.

Glória – A vasta extensão do ser do Senhor. O conhecimento do Senhor é infinito.

Poder – A onisciência do Senhor, bem como Sua capacidade de realizar coisas poderosas. O poder e sabedoria dos *rishis* e dos *Manus*, referidos no verso anterior, é apenas uma fração do poder e sabedoria infinitos do Senhor.

Devoção inabalável – Esta devoção é frequentemente comparada à bigorna na oficina de um ferreiro. Apesar de repetidos golpes de martelo a bigorna permanece inabalada. Da mesma forma, o verdadeiro devoto do Senhor permanece inabalável em seu amor a Deus apesar das dúvidas ocasionais inevitáveis na vida espiritual. Tal devoção leva ao Conhecimento do Absoluto.

A natureza desta devoção inabalável:

8. Eu sou a origem de tudo; de Mim todas as coisas evoluem. Os sábios sabem disso e Me adoram com todo seu coração.

O Supremo Brahman, manifestado no mundo relativo como o Senhor Krishna, é a Fonte e a Causa Última de todo o universo. As leis morais e físicas controlando e sustentando as atividades no universo são manifestações de Sua glória e poder. Ele é o Regulador interno de todos os seres; portanto Ele apenas controla o universo em todas as suas mudanças, incluindo criação e destruição, ação, resultados e experiências. Em suma, Ele é o poder por trás da evolução do cosmos. O universo sem o Senhor é vazio e não existente, como uma miragem sem o deserto, ou um sonho sem uma mente sonhadora. Assim realizando a

vacuidade do mundo por si mesmo e conhecendo o Senhor como o Ser de todos, a Causa de tudo, o Mestre Onisciente de todos, os sábios se dedicam à tarefa de conhecê-Lo apenas. Quanto mais eles O conhecem, mais eles O amam com todo seu coração. Através do amor e conhecimento, seriedade e reverência, eles gradualmente atingem o Autoconhecimento.

Adoração do Senhor através do amor:

9. Com seu pensamento fixo em Mim, com sua vida absorvida em Mim, iluminando uns aos outros sobre Mim, e sempre conversando sobre Mim, eles derivam satisfação e deleite.

Vida — A palavra ‘*prāṇa*’ no texto pode também significar os sentidos.

Iluminando uns aos outros etc. — Por meio de razão e passagens das escrituras.

Satisfação — Devido à cessação de toda sede por objetos mundanos. De acordo com o *Mahābhārata*, toda a felicidade derivada de objetos mundanos e todo o êxtase desfrutado no céu não valem uma décima sexta parte do que vem da cessação dos desejos.

O próprio Senhor, através de Sua graça, dá o conhecimento correto àqueles que O adoram com amor.

10. Àqueles que são sempre devotados a Mim e Me adoram com amor, Eu concedo o yoga do entendimento, pelo qual eles vêm a Mim.

Com amor — Não para qualquer propósito egoísta próprio, mas por amor ao Senhor.

Yoga do entendimento — A palavra “*buddhi-yoga*” no texto refere-se a uma condição superior e exaltada da mente produzida pela meditação no Senhor, pela qual o aspirante realiza a natureza real do Senhor, livre de toda limitação.

A realização do Senhor é possível apenas através de Sua graça, que Ele concede àqueles que O adoram com amor de toda a sua alma. Como resultado de Sua graça seus corações tornam-se puros, e, sendo puros de coração, eles veem Deus. Os homens nunca podem conhecer a verdadeira essência do Senhor através de suas mentes mundanas ou seu poder de raciocínio. A obtenção do verdadeiro entendimento, pelo qual o Senhor pode ser conhecido e que vem apenas através de Sua graça, é o propósito de todo esforço e disciplina espiritual.

Por que o Senhor dá o entendimento correto a Seus devotos?

11. Unicamente por compaixão por eles, Eu, habitando em seus corações, dissipo com a lâmpada brilhante da sabedoria a escuridão nascida da ignorância.

Unicamente por compaixão etc.—O Senhor está sempre solícito pela liberação dos seres criados.

Habitando em seus corações—O Senhor manifesta-Se através da inteligência do homem.

Dissipo . . . a escuridão—Esta escuridão compreende tanto a nesciência sem começo quanto as percepções ilusórias resultantes dessa nesciência. Nesciência, ou *avidyā*, não pode ser destruída por qualquer conhecimento fenomênico, já que esse último em si pertence à nesciência. Apenas a Luz do Senhor pode destruí-la. A Luz Divina brilha através do *buddhi*, ou entendimento, e é este *buddhi* iluminado que dissipa a nesciência e o conhecimento ilusório.

Lâmpada da sabedoria—Caracterizada pela discriminação; alimentada com o óleo do contentamento devido ao amor divino; abanada pelo vento da meditação séria no Senhor; equipada com o pavio da intenção correta purificada pelo cultivo da piedade, castidade e das outras virtudes; mantida na câmara do coração desprovida de mundanidade; colocada no recesso protegido da mente retirada dos objetos dos sentidos e não manchada por apego e aversão; brilhando com a luz do conhecimento correto gerado pela prática incessante de concentração e meditação.—Śankaracharya.

Nascida da ignorância—A *avidyā* sem começo e também o conhecimento ilusório causado por *avidyā*. ***Avidyā*, ou *māyā*, funciona de duas maneiras: primeiro, ela oculta a luz do Senhor, e segundo, ela manifesta o mundo ilusório.**

Nenhuma quantidade de conhecimento mundano pode destruir a escuridão do coração do homem. O conhecimento mundano em si é uma manifestação da nesciência, como os sonhos são o resultado da inconsciência, pela qual o homem adormecido é vencido. É o Senhor que, manifestando-Se através da consciência do homem, remove a escuridão de sua mente. A inteligência, iluminada pela Luz do Senhor, revela o Senhor. O propósito da disciplina espiritual é purificar a mente para que o Senhor, a Alma interior, possa manifestar-Se através dela. Os puros de coração, ansiosos pela Luz, sempre recebem a Luz através da graça do Senhor.

Arjuna deseja saber em detalhe as glórias do Senhor, que foram brevemente descritas por Krishna.

12. -13. *Arjuna disse: Tu és o Supremo Brahman, a Suprema Morada, a Suprema Santidade. Todos os sábios Te declararam ser a Pessoa eterna, autoluminosa, o primeiro dos deuses, não-nascido e onipresente; da mesma forma os sábios divinos Nārada, Asita, Devala, e Vyāsa proclamaram. Assim também Tu me disseste.*

14. *Considero como verdade tudo o que me disseste, ó Keśava. Verdadeiramente, nem os deuses nem os demônios, ó Senhor, conhecem Tuas manifestações.*

Nem os deuses nem os demônios etc.—Arjuna refere-se às várias Encarnações do Senhor, no passado, para a proteção dos deuses e a destruição dos demônios. Nem os deuses nem os demônios, naquela época, estavam cientes das glórias do Senhor, embora as testemunhassem com seus próprios olhos. O Senhor permanece para sempre inescrutável para os de mentalidade mundana.

Senhor—A palavra “Bhagavān” no texto significa Aquele em quem existem sempre em sua plenitude todos os poderes, todo *dharma*, toda glória, todo sucesso, toda renúncia e toda liberdade. A palavra também se refere àquele que conhece a origem, a dissolução e o futuro de todos os seres, e a natureza do conhecimento e ignorância.

15. Tu apenas conheces a Ti mesmo através de Ti mesmo, ó Suprema Pessoa, ó Criador de todos os seres, ó Senhor de todos os seres, ó Deus dos deuses, ó Governante do mundo.

Conheces a Ti mesmo—Uma vez que o Senhor é dotado de sabedoria incomparável, soberania e outros atributos divinos, ninguém mais conhece todas as manifestações do Senhor, muito menos Sua natureza incondicionada e transcendente.

Através de Ti mesmo—Sem qualquer ajuda externa.

Suprema Pessoa—Além de *māyā* e dos três *gunas*.

Tu apenas conheces Tuas próprias manifestações; nem mesmo os deuses as entendem.

16. Tu deverias realmente me contar, por completo, sobre Teus poderes divinos, pelos quais Tu penetras todos os mundos e neles habitas.

Tu deverias realmente me contar—Uma vez que a natureza do Senhor é desconhecida e incognoscível para outros.

Arjuna chegou a perceber que toda a criação é nada mais que a manifestação dos poderes do Senhor, e ninguém além do próprio Senhor conhece seu mistério. Então ele deseja aprender sobre esses poderes do próprio Senhor.

17. Como posso Te conhecer, ó Yogi, pela constante meditação? Em quais coisas variadas, ó Senhor, deves Tu ser contemplado por mim?

Como posso Te conhecer etc.—Arjuna percebe seu próprio entendimento obscuro. Ele pergunta a Sri Krishna de que maneira ele deve meditar constantemente no Senhor para que sua inteligência possa ser purificada e ele possa conhecer o ser incondicionado do Senhor.

Yogi—O Senhor é tratado como um *yogi* porque Ele é dotado de poderes e glórias infinitos.

Todo o universo é a manifestação da glória do Senhor. Todos os objetos refletem Sua glória. Ele é a realidade imanente em todas as coisas. Mas alguns objetos, elevados em evolução e dotados de mais poder e sabedoria, refletem a glória do Senhor mais do que outros. Embora todos os objetos reflitam luz, ainda assim ela é vista mais em um espelho do que em um pedaço de madeira. É fácil para os devotos meditar em Deus através daqueles objetos nos quais Sua glória é mais manifesta. Portanto Krishna descreverá a seguir algumas das manifestações proeminentes do Senhor no universo.

18. Dize-me mais uma vez, em detalhe, ó Janārdana, sobre Teus poderes de yoga e glórias; pois nunca me canso de ouvir Tuas palavras de ambrosia.

Janārdana — Um epíteto pelo qual Krishna é chamado quando Ele é pensado como cumprindo as orações do homem por prosperidade e liberação.

19. O Senhor disse: Eu te direi agora sobre Meus atributos divinos, ó melhor dos Kurus — apenas daqueles que são preeminentes; pois não há limite para Minha extensão.

Aqueles que são preeminentes — Para que Arjuna possa mais prontamente ver o poder do Senhor.

Deus é infinito e Sua manifestação é infinita. Ele manifesta-Se no universo através de inúmeras formas. Cada forma é um símbolo de um atributo do Senhor. O verdadeiro vidente encontra cada forma finita carregando nela sua própria revelação do infinito.

A manifestação principal do Senhor:

20. Eu sou o Ser, ó Gudakesa, sentado nos corações de todas as criaturas. Eu sou o começo, o meio e o fim de todos os seres.

Ser — O Senhor deve ser pensado como o Ser mais íntimo de todas as criaturas.

Gudākeśa — Lit., conquistador do sono; um epíteto de Arjuna.

Começo etc. — Todos os seres vieram do Senhor, são sustentados por Ele, e no final todos se fundem n'Ele.

Se alguém é incapaz de meditar no Senhor como o Ser, então deve-se pensar n'Ele nas coisas mencionadas abaixo; pois Ele é a essência de todas as coisas.

21. Dos Ādityas Eu sou Vishnu; das luzes Eu sou o sol radiante. Eu sou Marichi dos Maruts, e entre os orbes da noite, Eu sou a lua.

Ādityas — Um grupo de doze divindades.

Maruts – Os ventos.

Sri Krishna enumera, neste e nos versos seguintes, os vários seres – deuses, criaturas super-humanas, humanas e sub-humanas, anjos, etc. – e aponta que o chefe e a cabeça de cada classe é uma manifestação especial da Divindade.

22. Dos Vedas Eu sou o Sāman; dos deuses Eu sou Indra. Dos sentidos Eu sou a mente, e nos seres vivos Eu sou a inteligência.

Vedas – As escrituras sagradas dos hindus.

Sāman – O Sama-Veda é notável por seu ritmo e melodia.

Mente – Através da mente os órgãos dos sentidos recebem as impressões dos objetos e reagem sobre eles. De acordo com a psicologia hindu há onze sentidos: cinco sentidos de percepção, cinco órgãos de ação e a mente.

Inteligência – Através da inteligência, ou consciência discriminativa, manifestando-se no agregado do corpo e sentidos, um homem se torna consciente de si mesmo e do mundo externo.

23. Dos Rudras Eu sou Shiva; dos Yakshas e Rakshasas Eu sou Kuvera. Dos Vasus Eu sou o fogo, e das montanhas Eu sou Meru.

Rudras – Um grupo de deuses, onze em número, supostamente manifestações colaterais de Shiva, que é seu líder.

Yakshas e Rakshasas – Uma classe de semideuses.

Kuvera – O senhor da riqueza.

Vasus – Uma classe de divindades, geralmente oito em número.

Meru – Abundante em ouro e outros tesouros.

24. Dos sacerdotes, ó Pārtha, saiba que Eu sou o chefe, Brihaspati. Dos generais Eu sou Skanda; dos reservatórios de água Eu sou o oceano.

Brihaspati – O sumo sacerdote de Indra, rei do céu.

Skanda – O comandante-em-chefe dos exércitos no céu.

25. Dos grandes *rishis* Eu sou Bhrigu, e das palavras Eu sou a monossílaba “Om”. Dos sacrifícios Eu sou o sacrifício de japa; das coisas imóveis Eu sou o Himālaya.

Bhrigu – Notável por seu poder e realização. De acordo com a mitologia hindu, o próprio Senhor carrega em Seu peito a pegada de Bhrigu.

Om – O símbolo mais eficaz do Senhor em ambos Seus aspectos pessoal e impessoal.

Japa – Repetição do nome do Senhor. Vários sacrifícios foram prescritos para o progresso espiritual do aspirante. A maioria deles requer o abate de animais ou ingredientes

custosos. Mas a repetição do nome do Senhor é a maneira mais simples e eficaz de alcançá-Lo.

26. De todas as árvores Eu sou a asvattha, e dos devarshis Eu sou Nārada. Dos Gandharvas Eu sou Chitraratha, e dos perfeitos Eu sou o sábio Kapila.

Asvattha — A sagrada figueira [da Índia]

Devarshis — Que são, ao mesmo tempo, deuses e *rishis*, ou videntes de mantras.

Gandharvas — Uma classe de semideuses considerados os cantores ou músicos dos deuses.

Perfeitos — Aqueles que desde seu nascimento são dotados de um alto grau de retidão, conhecimento, desapego e senhoria.

27. Dos cavalos saiba que sou *Uchchaisravas*, nascido do *amrita*; dos elefantes reais Eu sou Airavata, e dos homens Eu sou o monarca.

Uchchaisravas — O nome do cavalo real que saiu do oceano quando, de acordo com a mitologia hindu, ele foi batido para o *amrita*, ou elixir da imortalidade.

Airavata — Este elefante real teve a mesma origem que Uchchaisravas. Tanto o cavalo quanto o elefante foram dados a Indra, o rei dos deuses.

28. Das armas Eu sou o raio; das vacas Eu sou Kamadhuk. Eu sou Kandarpa, a causa da prole, e das serpentes Eu sou Vāsuki.

Raio — A arma pertencente a Indra. O sábio Dadhichi deu seus próprios ossos para fazer este poderoso míssil.

Kamadhuk — A famosa vaca do sábio Vasishtha, que cumpria todos os desejos. Ou pode significar qualquer vaca que produza leite abundante.

Kandarpa — O nome do deus hindu do amor. Através de sua influência homem e mulher buscam a companhia um do outro.

Causa da prole — A implicação é que a relação sexual é justificada apenas para procriar filhos e não simplesmente para prazer físico.

Vasuki — O mítico rei das serpentes.

29. Dos Nagas Eu sou Ananta; dos habitantes da água Eu sou Varuna. Dos Pitris Eu sou Aryamā, e daqueles que praticam autocontrole Eu sou Yama.

Nagas — Uma classe de cobras.

Habitantes da água — As divindades que controlam lagos, mares, oceanos, etc.

Pitris — Antepassados falecidos.

Yama—O rei da morte, que decide o destino das almas falecidas e as recompensa ou pune. Ele é dotado de grande autocontrole para que não seja influenciado por preferências pessoais.

30. Dos Daityas Eu sou Prahlāda, e dos medidores Eu sou o Tempo. Das feras Eu sou o leão, e das aves Eu sou Garuda.

Daityas—Lit., a prole de Diti. A palavra geralmente significa os demônios, que desafiam o poder do bem.

Prahlāda—Que era dotado de grande amor a Deus e outros atributos espirituais.

Tempo—Que é sem começo e fim no mundo relativo e é o medidor final de todas as coisas.

Garuda—O transportador do Senhor Vishnu.

31. Dos purificadores Eu sou o vento; dos guerreiros Eu sou Rama. Dos peixes Eu sou o tubarão, e dos rios Eu sou o Ganges.

Rama—O grande herói do *Rāmāyana*.

32. Das coisas criadas Eu sou o começo e o fim e também o meio, ó Arjuna. De todas as ciências Eu sou a Ciência do Ser, e na disputa Eu sou a razão.

A Ciência do Ser—Porque é a base de todas as outras ciências, e também porque leva os homens à liberação.

33. Das letras Eu sou a letra A, e das palavras compostas Eu sou o Dvanda. Eu mesmo sou o Tempo inesgotável, e Eu sou o Dispensador voltado para todos os lados.

A letra A—É a primeira das letras, e todos os sons são baseados no som A. Em sânscrito é pronunciado como 'o' em 'rod.' [da palavra inglesa]

Palavras compostas—A gramática sânscrita estabelece regras para juntar duas ou mais palavras em uma palavra composta, na qual o significado das partes componentes pode ser total ou parcialmente preservado. A peculiaridade do composto *Dvanda* é que ele mantém intactos os significados de suas partes componentes.

Tempo—A palavra aqui significa o momento. Como uma unidade de tempo, um momento segue outro em sucessão interminável.

Dispensador—Os deuses também dão os frutos da ação a seus devotos; mas esses frutos pertencem ao reino do finito. O Senhor, no entanto, concede a Seu devoto o fruto supremo da liberação.

Voltado para todos os lados—É apenas o Senhor a quem vemos em todos os lados. Por todas as bocas Ele come, por todos os olhos Ele vê, por todos os ouvidos Ele ouve, e por todas as mentes Ele pensa.

34. Eu sou a Morte que tudo agarra. Eu sou a prosperidade daqueles que devem ser prósperos, e dos poderes femininos Eu sou a Glória, a Fortuna, a Fala, a Memória, a Inteligência, a Constância e a Paciência.

Morte que tudo agarra—Assim como a perda da vida é morte, assim também é a perda da fortuna. O poder do Senhor é mais manifesto na primeira, já que essa forma de morte é a mais forte das duas. Ou o Senhor é chamado de Morte que tudo agarra porque no tempo da dissolução cósmica tudo se funde n’Ele.

Poderes femininos—Glória, Fortuna, etc. são as sete mais exaltadas divindades femininas.

35. Dos hinos *Saman* Eu sou o *Brihat-Saman*, e das métricas Eu sou o *Gayatri*. Dos meses Eu sou *Margasirsha*, e das estações Eu sou a primavera florida.

Brihat-Saman—Que contém os hinos a Indra e formula a ciência da liberação.

Gayatri—Uma métrica védica de vinte e quatro sílabas; também o nome de um verso védico sagrado repetido diariamente por cada brâhmin no momento de suas devoções regulares.

Margasirsha—Nos tempos antigos, o calendário hindu começava com este mês, que inclui parte de novembro e de dezembro.

36. Eu sou o jogo dos trapaceiros; Eu sou o vigor dos fortes. Eu sou a vitória; Eu sou o esforço; Eu sou a qualidade de *sattva* nos bons.

Jogo dos trapaceiros—Como jogos de dados, cartas, etc. Através desses meios pessoas astutas enganam outras. Toda manifestação de poder, glória, sucesso ou inteligência vem do próprio Senhor. Pode ser distorcida se o meio de manifestação é perverso ou injusto.

Qualidade de *sattva*—Dos três gunas, *sattva* denota bondade, serenidade, harmonia, e assim por diante.

37. Dos Yādavas Eu sou Vāsudeva, e dos Pândavas Eu sou Arjuna. Dos sábios Eu sou Vyāsa, e dos videntes Eu sou Usanas, o vidente.

Yādavas—A raça de Krishna.

Vāsudeva—Krishna, cujo nome do pai era Vasudeva.

Pândavas—Os cinco filhos de Pându: Yudhishtira, Bhima, Arjuna, Nakula e Sahadeva.

Sábios—Filósofos e pensadores.

Vyāsa—O compilador dos Vedas.

Videntes—Poetas inspirados, que veem a Verdade através de seu poder de intuição.

38. Eu sou o bastão daqueles que castigam e a arte de governar daqueles que conquistam. Das coisas secretas eu sou o silêncio, e dos sábios eu sou a sabedoria.

Castigam - Isto é, os ímpios.

Arte de governar - Que é a maneira mais eficaz de conquistar um inimigo. Os legisladores hindus recomendam quatro métodos de lidar com um inimigo, nomeadamente, apaziguamento, coação, divisão interna e arte de governar, de acordo com a situação.

O Senhor resume Suas glórias:

39. E aquilo que é a semente de todos os seres - isso sou Eu, ó Arjuna. Não há ser, seja movente ou imóvel, que possa existir sem Mim.

Pode existir sem Mim - O Senhor é Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta. Qualquer coisa que esteja sem o Senhor é vazia. Ele apenas permeia tudo.

40. Não há fim das Minhas manifestações divinas, ó temido Arjuna. Esta é apenas uma declaração parcial por Mim da multiplicidade dos Meus atributos.

Não há fim etc. - Como o Senhor é infinito, Suas manifestações são infinitas em número.

41. Qualquer ser glorioso ou belo ou poderoso existindo em qualquer lugar, saiba que brotou de apenas uma faísca do Meu esplendor.

42. Mas que necessidade há de você adquirir este conhecimento detalhado, ó Arjuna? Com um único fragmento Meu, permaneço sustentando todo o universo.

Nunca se pode conhecer plenamente o Senhor através de Suas manifestações no tempo e no espaço. É suficiente saber que o todo o universo representa apenas uma partícula da glória do Senhor. Ele transcende o universo. “Todos os seres formam Seu pé.” (*Taittiriya Aranyaka*.)

Assim, no Bhagavad Gītā, a Essência dos Upanishads, a Ciência de Brahman, as Escrituras do Yoga, o Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, termina o Décimo Capítulo, intitulado:

AS MANIFESTAÇÕES DIVINAS

A VISÃO DA FORMA UNIVERSAL

1. *Arjuna disse:* Por compaixão por mim, Tu pronunciaste palavras de suprema profundidade concernentes ao Ser, e elas dissiparam minha ilusão.

Minha ilusão - Arjuna está iludido ao pensar que será responsável pela morte de seus parentes no campo de batalha, esquecendo que só o Senhor é o agente, e o homem apenas Seu instrumento.

O décimo capítulo terminou com uma declaração do Senhor de que Ele sustenta todo o universo com um único fragmento de Seu ser. Arjuna está agora desejoso de ver com seus próprios olhos a forma do Senhor que sustenta o sistema mundial.

2. Eu aprendi de Ti extensamente, ó Krishna de olhos de lótus, sobre a origem e dissolução dos seres, e também sobre Tua grandeza inesgotável.

Origem e dissolução etc. - O próprio Senhor é a origem e dissolução dos seres.

Grandeza inesgotável - A infinita e inefável grandeza do Senhor consiste no fato de que Ele permanece inalterável, imparcial, não agitado, desapegado e indiferente, embora seja o Criador do universo, o guia e controlador de todos os seres, a causa de sua participação em ações boas e más, e o concedente de suas recompensas e punições.

3. Como Tu mesmo declaraste ser, ó Supremo Senhor - assim mesmo é. Ainda assim, eu desejo ver Tua forma como Ísvara, ó Supremo Purusha.

Forma como Ísvara - A forma divina como possuidora de onipotência, onipresença, sabedoria infinita, força infinita, virtude infinita, e esplendor infinito.

Arjuna demonstra humildade:

4. Se, ó Senhor, Tu me julgas capaz de contemplá-la, então, ó Mestre dos *yogis*, revele-me Teu Ser imutável.
5. O Senhor disse: Contemple Minhas formas, ó Pārtha, às centenas e aos milhares - múltiplas e divinas, variadas em forma e matiz.

6. Contemple os Ādityas e os Vasus e os Rudras e os dois Aswins e os Maruts; contemple, ó Bhārata, muitas maravilhas que ninguém jamais viu antes.

7. Contemple aqui hoje, ó Gudākeśa, todo o universo, dos móveis e dos imóveis, e qualquer outra coisa que deseje ver, tudo concentrado em Meu corpo.

Hoje - Leva milhões de nascimentos para um mortal comum compreender o universo em sua totalidade. E o Senhor revela aos olhos de Arjuna todo o panorama.

Qualquer outra coisa que deseje ver - Eventos futuros, tais como o desfecho final da batalha, sobre o qual Arjuna esteve em dúvida. O passado, presente e futuro - mais, o próprio tempo - existe apenas em um fragmento do Senhor.

Tudo concentrado em Meu corpo - Relacionado e unificado no Senhor.

Sri Krishna está prestes a revelar a Arjuna a visão mais assombrosa: a visão do Uno no múltiplo, o múltiplo no Uno, a visão que mostra que todos são o Uno. Esta visão apenas explica e justifica as aparentes contradições do mundo relativo e reconcilia as aparentes contradições de justiça e misericórdia, destino e livre-arbítrio, sofrimento e amor divino. Ela revela tudo que foi, é e será. Ela relaciona e unifica a diversidade do mundo. Vendo Deus em tudo e tudo em Deus, o homem supera toda dúvida e perplexidade e se submete à vontade divina. Assim, mesmo a coisa mais terrível do mundo perde seu terror e mesmo a coisa mais odiosa se torna um modo da manifestação do Senhor. O homem abençoado com esta visão aceita o mundo com uma alegria abrangente e grande coragem e avança com passos seguros para desempenhar sua tarefa designada. Ele vê todas as coisas *em uma visão*, e não de uma forma dividida, parcial e confusa.

8. Mas com estes olhos teus não podes ver-Me. Eu te dou um olho divino; contemple, agora, Meu soberano poder de yoga.

Olhos teus - O olho humano pode ver apenas aparências externas das coisas e suas múltiplas formas.

Olho divino - Que apenas pode ver a Divindade, a unidade que subjaz a todas as aparências.

9. *Sanjaya disse:* Tendo falado assim, ó Rei, Hari, o grande Senhor do Yoga, revelou a Arjuna Sua forma suprema como Íśvara:

Rei - Refere-se a Dhritarāshtra. Sanjaya é seu relator dos eventos no campo de batalha.

10. -11. Com muitas faces e olhos, apresentando muitas visões maravilhosas, adornado com muitos ornamentos celestiais, armado com muitas armas divinas erguidas; usando grinaldas e vestes celestiais, ungido com perfumes divinos, todo-maravilhoso, resplandecente, ilimitado, e com faces em todos os lados.

12. Se o resplendor de mil sóis irrompesse de uma vez no céu, isso seria como o esplendor do Poderoso.

13. Lá, na pessoa de Deus dos deuses, Arjuna contemplou todo o universo, com suas múltiplas divisões, tudo reunido em um.

Com suas múltiplas divisões - Deuses, semideuses, manes, homens, e assim por diante.

O universo multiplamente dividido é unificado na pessoa do Senhor.

14. Então, vencido pela admiração, seus cabelos arrepiados, Arjuna inclinou sua cabeça ao Senhor, juntou as palmas das mãos em saudação, e assim Lhe dirigiu a palavra:

15. *Arjuna disse:* Em Teu corpo, ó Senhor, eu contemplo todos os deuses e todos os diversos grupos de seres - o Senhor Brahmā, sentado no lótus, e todos os *rishis* e as serpentes celestiais.

16. Eu Te contemplo com miríades de braços e ventres, com miríades de faces e olhos; eu Te contemplo, infinito em forma, em todos os lados, mas não vejo Teu fim nem Teu meio nem Teu começo, ó Senhor do universo, ó Forma Universal!

17. Eu Te contemplo em todos os lados brilhando como uma massa de resplendor, com Tua diadema, maça e disco, brilhando por toda parte como fogo ardente e o sol ardente, difícil de olhar, e ultrapassando toda medida.

Arjuna pode suportar esta visão deslumbrante porque está dotado com o olho divino. A consciência comum é arrasada por tal resplendor.

18. Tu és o Imperecível, o Ser Supremo a ser realizado; Tu és o Supremo Suporte do universo; Tu és o Guardião imortal do Eterno Dharma; Tu és, na minha crença, o Ser Primordial.

Esta grande visão revela também a imagem terrífica do Destruidor:

19. Eu Te contemplo como aquele sem começo, meio ou fim; com braços infinitos e força imensurável; com o sol e a lua como Teus olhos; com Teu rosto brilhando como um fogo ardente; e queimando com Teu resplendor todo o universo.

20. Por Ti apenas são preenchidos todos os espaços entre o céu e a terra, e todos os quadrantes do céu. Ó Poderoso, os três mundos contemplam Tua maravilhosa e apavorante forma e tremem de medo.

21. Em Ti entram estas hostes de deuses, e alguns com medo Te exaltam com as mãos juntas. E grupos de *Rishis* e *Siddhas* exclamam: “Que haja paz!” e Te louvam com hinos esplêndidos.

Siddhas - Seres semidivinos de grande pureza e santidade, dotados de poderes sobrenaturais.

Exclamam etc. - A fim de afastar a iminente destruição do mundo.

22. Os Rudras, Ādityas, Vasus e Sādhyas; os Viswas, Aswins, Maruts e Ushmapas; e as hostes de Gandharvas, Yakshas, Asuras e Siddhas – todos Te contemplam e estão maravilhados.

Ushmapas - Os manes.

23. Contemplando Tua grande forma, ó Poderoso Senhor, com miríades de bocas e olhos, com miríades de braços e coxas e pés, com miríades de ventres, e com miríades de presas terríveis - os mundos estão aterrorizados, e assim também estou eu.

A Forma Universal do Senhor revela a Arjuna o aspecto terrível, assim como o belo, da criação; ambos são necessários para completar o quadro. O Senhor manifesta a Si mesmo no mundo relativo através tanto do bem quanto do mal, dor e prazer, vida e morte, e os outros pares de opostos; enquanto, em Sua essência mais íntima, Ele pode ser descrito apenas como Paz e Bem-aventurança.

A causa do terror de Arjuna:

24. Quando eu olho para Tua forma flamejante alcançando os céus e brilhando em muitas cores, quando eu Te vejo com Tuas bocas escancaradas e Teus grandes olhos brilhando intensamente, minha alma mais íntima treme de medo, e eu não encontro nem coragem nem paz, ó Vishnu!

Vishnu - Um epíteto da Divindade, devido à Sua natureza onipresente.

25. Quando eu contemplo Tuas bocas, causando terror com suas presas, como o fogo consumidor do Tempo, estou desorientado e não encontro paz. Sê gracioso, ó Senhor dos deuses, ó Morada do universo!

Fogo consumidor do Tempo - O fogo que consome o mundo no tempo da dissolução cósmica.

26. -27. Todos esses filhos de Dhritarāshtra, juntamente com as hostes de monarcas, e Bhishma, Drona e Karna, e os chefes guerreiros do nosso lado também, entram precipitadamente em Tuas bocas dentadas e terríveis, horríveis de se contemplar. Alguns são vistos presos entre Teus dentes, suas cabeças esmagadas até virar pó.

Arjuna teve dúvidas concernentes ao resultado final da guerra. Agora ele tem uma pré-visão do holocausto que ocorrerá no campo de batalha, no qual os líderes de ambos os lados serão destruídos; ele ainda percebe que seu lado será vitorioso. A lei inexorável do cosmos, emanando da Divindade, realizará tudo isso, usando Arjuna meramente como um instrumento.

28. Como as muitas torrentes dos rios correm em direção ao oceano, assim os heróis do mundo mortal correm para dentro de Tuas bocas ferozes e flamejantes.

29. Como mariposas correm rapidamente para um fogo flamejante para perecer lá, assim mesmo essas criaturas correm rapidamente para dentro de Tuas bocas para sua própria destruição.

Nem Arjuna nem ninguém mais pode deter a vontade do Senhor. Os esforços e razões dos homens são impotentes diante da marcha dos eventos já realizados pela Divindade.

30. Tu lambes Teus lábios, devorando todos os mundos de todos os lados com Tuas bocas flamejantes. Teus raios de fogo enchem todo o universo com seu resplendor e o queimam, ó Vishnu!

Tu lambes Teus lábios - O Senhor está desfrutando desta destruição com evidente deleite.

Se o destino dos homens e a vontade divina conspiram juntos para queimar a terra com o fogo da destruição, o esforço do indivíduo para detê-lo não pode ser nada além de inútil.

A alma de Arjuna está perturbada; ele não encontra paz. Com dor ele clama:

31. Diga-me quem Tu és que vestes esta forma assustadora. Saudações a Ti, ó Deus Supremo! Tem misericórdia. Eu desejo conhecer-Te, que és o Primordial; pois não entendo Teu propósito.

Teu propósito - Ao querer este holocausto.

Krishna tem sido o amigo e companheiro de toda a vida de Arjuna. No piscar de um olho Ele Se transformou no Deus Supremo, uma parte de cuja Forma Universal manifesta o horror da destruição. Arjuna, assustado e confuso, suplica para ser esclarecido quanto à verdadeira natureza do Senhor.

32. O Senhor disse: Eu sou o poderoso, Tempo destruidor de mundos, agora engajado aqui em matar esses homens. Mesmo sem ti, todos esses guerreiros postados em fileiras nos exércitos opostos não viverão.

Tempo - Uma manifestação da Divindade. O Tempo absorve no ventre do esquecimento todos os nomes e formas.

Em matar esses homens - O Senhor na plenitude do tempo destrói as antigas estruturas para construir um novo, poderoso e esplêndido reino. A destruição é sempre um elemento simultâneo ou alternado que mantém o ritmo com a criação, e é destruindo e renovando que o Senhor leva adiante Sua longa obra de preservação. No mundo relativo a destruição é a primeira condição do progresso. Individualmente, o homem que não destrói seu eu inferior não pode ascender a uma existência maior. Em uma escala maior, a nação ou comunidade ou raça que se esquivava por muito tempo de destruir e substituir suas formas de vida desgastadas é ela mesma destruída, e de seus escombros outras nações, comunidades e raças são formadas.

Mesmo sem você - A abstenção ou não-intervenção ou protesto do indivíduo não pode impedir o cumprimento da vontade divina; antes, pela lacuna, aumenta a confusão.

Kali ou Rudra, o Deus Destruidor, assim como Brahmā, o Deus Criador, são ambas manifestações da Divindade no mundo relativo. Um é incompleto, impotente, mais, ilusório, sem o outro. A mente fraca do homem, desejando verdades justas e confortantes ou fábulas agradáveis, rouba a Realidade de um de Seus aspectos e assim se ilude com uma meia verdade. Ignorar o aspecto severo e destrutivo da Realidade é perder o significado pleno do amor divino e paz e calma e eternidade. Colocar a responsabilidade por tudo que parece ser terrível ou destrutivo sobre os ombros de um semionipotente Demônio, ou explicar o aparente mal como parte da Natureza, ou jogar o fardo disso tudo sobre o homem e seus pecados, são dispositivos desajeitados, se convenientes. O *Gītā* nos ensina a ver a Realidade

como um todo. Deus o generoso e pródigo Criador e Preservador é também Deus o Destruidor e Devorador.

33. Portanto, levanta-te e conquista glória; conquista teus inimigos e desfruta de um reino opulento. Por Mim e nenhum outro eles já foram mortos; seja um instrumento apenas, ó Arjuna.

Arjuna - A palavra usada no texto é '*Savyasāchin*', um epíteto dado a Arjuna devido à sua destreza em atirar flechas com sua mão esquerda assim como com a direita.

O Senhor, como Tempo que tudo devora, já matou os guerreiros. Ninguém pode deter a mão da vontade divina. Sri Krishna lembra a Arjuna que este foi nomeado pelo Senhor como Seu instrumento humano nesta luta, que ninguém pode prevenir e que vindicará o poder da retidão destruindo a força do mal. Deixe a vontade de Arjuna ser uma com a vontade de Deus. Deixe-o cooperar com Deus no cumprimento de um propósito supremo. A recompensa que é prometida também é determinada pela vontade divina. Arjuna foi escolhido para o grande prêmio por causa de seu bom karma no passado.

34. Mate Drona e Bhishma e Jayadratha e Karna, e os outros grandes guerreiros também, que já foram mortos por Mim. Não estejas angustiado pelo medo. Luta, e tu conquistarás teus inimigos na batalha.

Que já foram mortos por Mim - Isto é, na mente que pré-ordenadora do Senhor. Arjuna temia incorrer em pecado por matar seus anciãos, mestres ou parentes. Agora ele percebe que é apenas um instrumento nas mãos de Deus, que sozinho é responsável por todas as ações. A consciência da agência divina e sua aplicação consistente em todas as obras liberta o homem da responsabilidade. Não estejas angustiado pelo medo - Drona, Bhishma e os outros mencionados no texto são grandes guerreiros. Drona tem em suas posses muitas armas celestiais. Bhishma, por uma bênção divina, não pode morrer até que ele queira. Quanto a Jayadratha, seu pai recebeu uma bênção de que quem quer que causasse que a cabeça de seu filho caísse na terra perderia sua própria cabeça também. Karna está armado com uma arma divina que o torna invencível. Há um medo persistente, na mente de Arjuna, de sua invencibilidade. O Senhor, com Suas palavras tranquilizadoras, encoraja Arjuna a cumprir seu dever com um coração destemido.

Tu conquistarás etc. - Porque tal é a vontade divina. Arjuna não tem permissão para levar o crédito por sua vitória.

35. *Sanjaya disse:* Tendo ouvido estas palavras de Krishna, Arjuna tremeu, juntou suas mãos em adoração, e prosternou-se. Dominado pelo medo, ele saudou Krishna e então Lhe dirigiu a palavra novamente, com voz trêmula.

Tremeu - Seu tremor, medo, voz trêmula, e assim por diante, mostram que Arjuna está abalado pela emoção. A Forma Universal do Senhor, enfatizando a destruição, incute terror em seu coração, e o encorajamento do Senhor o enche de gratidão.

Como o leitor pode lembrar, os dois lados no campo de batalha são representados pelos cem filhos de Dhritarāshtra e os cinco filhos de Pāndu. Como Dhritarāshtra é cego, Sanjaya age como seu relator.

As palavras de Sanjaya são muito significativas. Ele espera que o Rei Dhritarāshtra preveja claramente a inevitável destruição de seus filhos e assim, no desespero, traga a paz cumprindo as justas demandas de Yudhishtira e seus irmãos. Mas Dhritarāshtra é cego tanto fisicamente quanto espiritualmente. O destino deve ser cumprido.

36. *Arjuna disse: É justo, ó Hrishikeśa, que o mundo se alegre e se deleite em glorificar-Te; os Rakshasas fogem por todos os lados em terror, e as hostes dos Siddhas todos se curvam a Ti em adoração.*

O mundo se alegra - Porque existe por trás da forma aterradora o Ser reconfortante, destemido e deleitável do Senhor. Ele sempre protege os justos.

Fogem por todos os lados etc.-Porque o poder do mal e das trevas não pode suportar a força do bem e da luz, que é a natureza do Senhor.

Siddhas - Almas perfeitas.

Pela seguinte razão, também, o Senhor é o objeto de deleite:

37. *E por que eles não se curvavam diante de Ti, ó Ser Poderoso, maior que todos, já que Tu és a Causa Primordial mesmo de Brahmā? Ó Infinito, Senhor dos deuses, Morada do universo, Tu és o Imperecível, Ser e não-ser, e aquilo que é o Supremo.*

Brahmā - O Deus Criador, que é apenas um aspecto de Sua Trindade, os outros dois aspectos sendo Vishnu (o Deus Preservador) e Shiva (o Deus Destruidor).

Causa Primordial etc. - Existem evolução e involução da Trindade, mas a Divindade é eterna e imutável.

Ser e não-ser - Existência e não-existência, relativamente falando, são as duas condições da manifestação do Espírito.

O Supremo - Aquilo que está além do Ser e do não-ser e é sua base. Uma eternidade atemporal é a característica do Absoluto, do qual o tempo é apenas uma manifestação em *māyā*.

38. *Tu és o primeiro dos deuses, a Alma antiga; Tu és o supremo Repouso do universo; Tu és o Conhecedor e Aquilo que é para ser conhecido e a Meta Final. E por Ti o mundo é permeado, ó Tu de forma infinita.*

Primeiro dos deuses - Devido a Ele ser o Criador do universo.

Alma antiga - Ele é chamado *Purusha*, ou Alma, porque Ele reside em cada corpo. Ele é antigo porque Ele é o manifestador do tempo.

Supremo Repouso etc. - Na época da grande dissolução o universo repousa n'Ele.

Conhecedor - De tudo grande e pequeno.

Por Ti o mundo é permeado - O mundo ilusório é visto porque o Senhor forma seu substrato imutável. Como, na ilusão de uma corda aparecendo como uma cobra, a corda permeia a cobra, assim também, na ilusão do Senhor aparecendo como o universo, o Senhor permeia o universo.

O Senhor é a essência mais íntima de todos os deuses.

39. Tu és Vento e Morte e Fogo e Lua e o Senhor da Água. Tu és Prajāpati e o Bisavô. Saudações, saudações a Ti mil vezes, e de novo e de novo saudações, saudações a Ti!

Prajāpati - Um dos primeiros seres criados, cuja prole são os homens e mulheres do mundo.

Bisavô - O pai de Brahmā, que é o avô dos homens.

As emoções de Arjuna são grandemente despertadas. Ele repete suas saudações:

40. Saudações a Ti pela frente, saudações a Ti por trás, saudações a Ti em todos os lados, ó Tudo! Infinito em poder e imensurável em força, Tu permeias tudo e, portanto, Tu és tudo.

Em todos os lados - Uma vez que o Senhor está presente em toda parte.

Mas o Ser Supremo tem vivido com Arjuna como seu amigo e companheiro sem ser reconhecido como a Divindade. Arjuna O tratou como um homem e ignorou Sua divindade; então ele agora pede Seu perdão:

41. -42. Qualquer coisa que eu tenha dito imprudentemente por inadvertência ou amor, dirigindo-me a Ti como 'Ó Krishna', 'Ó Yadava', ou 'ó Amigo', considerando-Te meramente como um amigo, ignorando Tua grandeza; e de quaisquer outras maneiras que eu possa ter mostrado desrespeito a Ti enquanto brincava ou descansava, enquanto sentado ou comendo, enquanto sozinho, ó Eterno Senhor, ou na presença de outros - tudo isso eu imploro a Ti, ó Imensurável, que perdoes.

Tua grandeza - A Forma Universal.

43. Tu és o Pai do mundo - de tudo que se move e de tudo que não se move. Tu és o objeto de sua adoração, seu Mestre mais venerável. Não há ninguém igual a Ti; como então, nos três mundos, poderia haver outro superior a Ti, ó Tu de poder incomparável?
44. Portanto eu me curvo e prosterno meu corpo diante de Ti, o Senhor adorável, e busco Tua graça. Suporte-me, ó Senhor, como um pai com um filho, como um amigo com um amigo, como um amante com sua bem-amada.
45. -46. Eu me regozijo por ter visto o que nunca foi visto antes; mas minha mente também está perturbada com medo. Mostra-me aquela outra forma Tua. Sê gracioso, ó Senhor dos deuses, ó Morada do universo. Eu gostaria de ver-Te como antes, com Tua coroa e Tua maçã e o disco em Tua mão. Assume novamente Tua forma de quatro braços, ó Tu de mil braços e de formas infinitas.

Tua forma de quatro braços-Sri Krishna não é outro senão o Senhor Vishnu. Sua forma divina tem quatro braços, segurando uma concha, um disco, uma maçã e um lótus. Essa forma Ele de vez em quando revela a Seus devotos. Arjuna sempre a cultua em seu coração, embora Krishna se mova no mundo como um mortal comum com dois braços.

A Forma Universal do Senhor, incorporando os deuses, os demônios e as diferentes forças da Natureza, e também revelando o terror da destruição, é, para a mente comum, avassaladora, apavorante, incomunicável. A razão pode buscar a vastidão, onipresença, onipotência e completude da Divindade, mas o coração quer uma manifestação terna que é capaz de amar e ser amada em retorno. Portanto o Senhor assume, por causa de Seus devotos, uma forma humanizada. É este aspecto mediador - Nārāyana, o Deus-homem - que reconforta e acalma a alma faminta do devoto. Isso torna o Senhor próximo, íntimo, visível e vivo. O devoto estabelece com este símbolo humanizado uma relação terna, humana e o considera como Pai, Mãe, Amigo, Companheiro ou Bem-amado. A pedido do devoto o Senhor retira a forma humana e revela a ele Seu aspecto impessoal e universal.

Para aliviar o medo de Arjuna Sri Krishna assume Sua forma habitual e o consola:

47. O Senhor disse: Por Minha graça, através do Meu próprio poder de yoga, ó Arjuna, Eu mostrei a você esta forma suprema, resplandecente, universal, infinita e primordial, que ninguém além de você jamais viu.

Minha graça - Porque Arjuna é o amado devoto de Krishna. A revelação do Senhor depende apenas de Sua graça; o homem não pode forçá-la por seus próprios esforços.

Poder de yoga - O poder soberano inerente à Divindade.

Arjuna deve considerar-se altamente abençoado por ter visto a Forma Universal.

48. Nem pelo estudo dos Vedas e sacrifícios, nem por doações, nem por rituais, nem por severas penitências, esta forma Minha pode ser vista no mundo dos homens por ninguém além de você, ó Chefe dos Kurus.

Por esforço humano através do conhecimento, austeridades, sacrifício e autonegação pode-se ver um aspecto particular da Divindade. Mas Arjuna viu o Senhor em Sua Forma Universal, reconciliando todos os aspectos da divindade de uma só vez e em uma única visão. Em uma inefável unidade são reveladas todas as facetas da Divindade - espírito e matéria, ser e devir, criação e destruição, infinito e finito, espaço e tempo, passado e futuro. Esta visão é concedida apenas ao devoto que adora o Senhor com amor de todo coração, que a tudo consome e é inabalável.

49. Não fique amedrontado, não fique espantado, ao ver esta Minha forma terrível. Livre de medo e alegre no coração, contemple novamente Minha outra forma.

Minha outra forma – Que é tão querida por Arjuna. Esta forma do Senhor tem quatro braços.

50. *Sanjaya disse:* Tendo assim se dirigido a Arjuna, Vāsudeva revelou a ele Sua própria forma. O Grandioso assumiu uma forma graciosa novamente e confortou o aterrorizado Pândava.

Forma graciosa – A forma humana que Arjuna acaricia em seu coração.

51. *Arjuna disse:* Olhando para esta forma gentil Tua, ó Janārdana, eu agora me sinto em paz na mente; eu sou eu mesmo novamente.

Os *bhaktas*, ou amantes de Deus, não gostam de permanecer em Sua forma impessoal e transcendental. Enquanto eles vivem em um corpo humano, eles desejam adorar um Deus Pessoal através do amor.

52. *O Senhor disse:* É muito difícil ver esta Minha forma, que você viu. Até os deuses estão sempre ansiosos para ver esta forma.

Os deuses podem desejar ver a Forma Universal do Senhor, mas eles não podem vê-la. De acordo com a religião Hindu, os deuses passam seu tempo no reino celestial

desfrutando prazeres materiais intensos e refinados. Para experimentar a bênção da liberação eles têm que nascer novamente na terra como seres humanos.

53. Nem pelos Vedas, nem por penitências, nem por doação de esmolas, nem ainda por sacrifício, posso ser visto na forma na qual tu agora Me contemplaste.

Como pode alguém ver a Forma Universal do Senhor?

54. Mas por devoção a Mim somente posso ser conhecido nesta forma, ó Arjuna, realizado verdadeiramente, e alcançado profundamente, ó príncipe temido.

Devoção a Mim somente—Amor que não busca nada além do Senhor e que faz o devoto ver somente o Senhor através de todos os sentidos. Tal amor inabalável remove todas as distinções entre o devoto e o Senhor e capacita o primeiro, se ele desejar, a desfrutar o Conhecimento de Brahman.

Posso Eu ser conhecido etc.—Como declarado nas escrituras.

Realizado verdadeiramente—Por meio de percepção direta e imediata.

Alcançado profundamente—O devoto alcança liberação final no Senhor após abandonar o corpo.

O ensino essencial da Gita, que conduz à mais alta bem-aventurança, é agora resumido:

55. Aquele que faz Meu trabalho e Me considera como a Meta Suprema, que é devotado a Mim, que não tem apego ou ódio por qualquer criatura—ele vem a Mim, ó Pândava.

Faz Meu trabalho—Isto é, dedica todas as ações ao Senhor e não busca recompensa para si mesmo.

Sem apego—A parentes, riqueza, e assim por diante, embora ele possa ter que viver no meio deles.

Sem ódio—Até mesmo por aqueles que podem lhe fazer mal.

Vem a Mim—Desfruta o Senhor ininterruptamente enquanto vive e posteriormente torna-se um com Ele.

Assim no Bhagavad Gītā, a Essência dos Upanishads, a Ciência de Brahman, a Escritura do Yoga, o Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, termina o Décimo Primeiro Capítulo, intitulado:

A VISÃO DA FORMA UNIVERSAL

1. *Arjuna disse: Aqueles devotos que, sempre firmes, Te adoram desta maneira⁶, e aqueles outros que adoram o Imperecível e Não-manifesto – qual destes tem maior conhecimento de yoga?*

Sempre firme – Sempre unidos com o Senhor através de ações realizadas pelo bem do Senhor. Estes devotos têm o Senhor somente por seu suporte. Eles constantemente meditam em Sua Forma Universal manifestada e trabalham como Seus instrumentos, entregando os resultados a Ele.

Desta maneira – Referindo-se ao último verso do capítulo precedente (XI, 55).

Aqueles outros etc. – Referindo-se aos *sannyāsīs*, que renunciam todos os desejos e ações para realizar sua unidade com Brahman.

Adoram – A palavra é usada aqui no sentido de meditação ou contemplação. É óbvio que a adoração implicando um sujeito e objeto não pode ser aplicada ao aspirante buscando o Conhecimento de Brahman.

Não-manifesto – Inapreensível pelos sentidos, já que Brahman é desprovido de todos os *upādhis*, ou adjuntos limitantes.

Aspirantes podem meditar na Divindade de duas maneiras. Os devotos de Brahman Impessoal consideram-No como o incompreensível, indefinível, sem forma, sem relação, sem ação, sem características, sem atributos, e Absoluto transcendental. Os devotos de Deus Pessoal consideram a Divindade como o Senhor do universo, a Pessoa Suprema, o Criador, Preservador, e Destruidor, o onisciente e onipresente Senhor, dotado com a Forma Universal e possuído dos grandes poderes de yoga. O Absoluto nunca veste qualquer forma, abstém-se de toda ação, não entra em nenhuma relação com o universo, e é eternamente silencioso e imutável; mas o Deus Pessoal é nosso Senhor e Mestre, a Fonte e Origem de todos os seres, imanente em todas as coisas, manifesto em ambos, natureza e seres vivos, como seu Ser mais interior. Ambos estes aspectos da Divindade têm sido descritos por Krishna no *Gītā*, embora com uma ênfase no aspecto Impessoal nos Capítulos II até X. O décimo primeiro capítulo lida com a Forma Universal da Divindade e termina com uma exortação a Arjuna para adorá-Lo como o Senhor do universo. Agora Arjuna pergunta qual dos dois métodos de adoração é melhor: meditação no Impessoal ou adoração do Senhor através de trabalho e amor.

2. *O Senhor disse: Aqueles que fixaram suas mentes em Mim, e que, sempre firmes e dotados com suprema fé, Me adoram – a esses considero perfeitos em yoga.*

⁶ Conforme o indicado no último verso (XI, 55)

Mim—A Forma Universal, que revela a Divindade como o Supremo Senhor do universo.

Sempre firmes—Como descrito no último verso do décimo primeiro capítulo.

Suprema fé—Pela qual se vê Deus em todos os seres e também no Absoluto.

Me adoram—Como o Senhor onisciente, livre de apego, aversão, e outras más paixões.

A esses considero etc.—Porque eles passam seus dias e noites no pensamento ininterrupto do Senhor.

Nenhum contraste real é indicado entre os adoradores de Deus Pessoal e de Brahman Impessoal, como será explicado mais tarde.

Os outros, então, não são perfeitos em yoga? O Senhor diz que não pode haver qualquer questão de sua realização da Divindade:

3. -4. E aqueles que completamente controlaram seus sentidos e são de mente equânime sob todas as condições e assim adoram o Imperecível, o Inefável, o Não-manifesto, o Onipresente, o Incompreensível, o Imutável, o Inalterável, o Eterno—eles, devotados ao bem-estar de todos os seres, alcançam a Mim somente, e a nenhum outro.

Aqueles—Referindo-se aos sannyāsis que renunciam a tudo.

Sob todas as condições—Quer eles encontrem condições agradáveis ou desagradáveis, porque eles veem o Senhor em tudo.

Adoram—Isto é, meditam em Brahman, de acordo com as instruções das escrituras e do mestre, e permanecem ininterruptamente em uma corrente de pensamento único. Uma ilustração apropriada é o fluxo ininterrupto de óleo quando é derramado de um vaso para outro.

Imutável—A palavra ‘*Kutastha*’ no texto significa ‘Aquele que habita em *māyā* como sua Testemunha, Substrato e Senhor.’

Alcançam-Me somente etc.—Não precisa de enfatizar que os devotos do Impessoal realizam a Divindade somente. Não é necessário reiterar que eles são *yogis* perfeitos, já que eles são um com o próprio Senhor. “O homem dotado com sabedoria, Eu considero ser Meu próprio Ser.” (VII, 18)

Mas o caminho do Deus Pessoal é mais fácil para a maioria dos homens.

5. A tarefa daqueles cujas mentes estão fixadas no Não-manifesto é mais difícil; pois o ideal do Não-manifesto é difícil de alcançar para aqueles que são encarnados.

Não-manifesto—O Absoluto indefinível e incompreensível.

É mais difícil—Aqueles que buscam o Absoluto seguem uma disciplina mais difícil do que os adoradores do Deus Pessoal. Os primeiros devem praticar o máximo de autocontrole,

renunciar ao mundo exterior e interiormente, apagar toda emoção humana e desejo, e aquietar a mente na contemplação do Absoluto. Os adoradores do Deus Pessoal têm um Ideal tangível do Senhor, a quem eles podem direcionar sua emoção e amor. Aqueles que são encarnados — Aqueles que são conscientes de seus corpos e apegados a eles.

Obviamente nenhum contraste é indicado entre os seguidores do Absoluto sem atributos e os adoradores do Deus Pessoal, já que ambos alcançam o mesmo objetivo. O caminho do Absoluto é mais difícil; pois requer o abandono completo de todo apego ao corpo. Os seguidores do outro caminho consideram seus corpos como instrumentos de Deus e realizam seus deveres dedicando os resultados a Ele. Um devoto consciente de seu corpo e ego não pode facilmente fixar sua mente no Absoluto. Quanto mais um homem se realiza como Espírito incorpóreo, mais fácil se torna para ele pensar no Senhor como Espírito e Consciência.

Há duas classes de buscadores espirituais. Alguns gostam de reter seus egos, que foram purificados pelo amor e conhecimento de Deus, estabelecer um relacionamento com o Senhor, e desfrutar da comunhão com Ele através de meditação, adoração, e serviço de Seus devotos. Eles consideram o mundo e todos os seres como manifestações do Senhor. Eles seguem o caminho da afirmação. Há outros, no entanto, que desejam completamente fundir seus egos no Absoluto. Eles seguem o caminho íngreme de renúncia e negação. Sua disciplina espiritual culmina em sua absorção no que é conhecido como *nirvikalpa samādhi*, uma experiência transcendental na qual a alma individual torna-se uma com Brahman. Está dito nas escrituras Hindus que, no caso de um mortal ordinário, após aquela experiência aniquiladora o corpo cai como uma folha morta. Mas algumas almas especiais, como uma Encarnação de Deus e Seus discípulos íntimos, podem retornar ao plano relativo de consciência após a realização de *nirvikalpa samādhi* e viver no mundo para o cumprimento de uma missão divina. Enquanto lidam com o mundo eles sentem a presença de um 'ego', que é, no entanto, diferente de um ego ordinário, porque foi purgado de mundanidade pelo Conhecimento de Deus. Através deste 'ego puro' eles estabelecem um relacionamento íntimo com o Senhor e desfrutam a companhia de Seus devotos. Mas sempre que eles querem eles podem fundir-se no Absoluto. Eles vivem na fronteira entre o Relativo e o Absoluto. Olhando para cima, eles realizam Brahman sem características e sem atributos, e olhando para baixo, eles veem o universo de nome e forma preenchido com a essência do Senhor.

Ambas as classes de aspirantes, os adoradores do Deus Pessoal e os devotos do Absoluto, transcendem a tristeza e sofrimento do mundo relativo e desfrutam a bem-aventurança da comunhão com a Divindade.

Diferentes tipos de liberação são descritos nas escrituras Hindus. Um é chamado *sāṃjyā mukti*, um estado de liberação no qual a alma individual torna-se totalmente unificada com a Divindade, nenhum traço de individualidade sendo deixado. Esta liberação é buscada pelo *jñāni*, o seguidor do caminho do conhecimento. Nos seguintes tipos de liberação a individualidade da alma é retida embora seja completamente purgada de sua natureza terrena. Alcançando *sālokya mukti*, o devoto habita eternamente no mais alto céu com o Senhor. Em *sāmīpya mukti*, o devoto sempre desfruta a proximidade do Senhor, seu Amado. Realizando *sārshṭi mukti*, o devoto alcança igualdade com o Senhor em poder e todos os atributos divinos. Os dualistas buscam uma destas três formas de liberação. Paz, bem-aventurança, felicidade, imortalidade, ausência de mundanidade, e liberdade da relatividade caracterizam todas as formas de liberação.

Os adoradores da Forma Universal facilmente atingem perfeição através da graça do Senhor.

6. -7. Mas aqueles que consagram todas as suas ações a Mim, considerando-Me como a Meta Suprema, e que Me adoram, meditando em Mim com concentração firme – a eles, cujas mentes estão assim absorvidas em Mim, verdadeiramente Eu me torno logo, ó Pārtha, o Salvador do oceano do mundo repleto de morte.

Mim – O Senhor do universo.

Concentração firme – Porque para eles somente o Senhor é real e o mundo ilusório.

Repleto de morte – A vida no mundo é apenas outra fase da morte.

Oceano do mundo – É tão difícil cruzar o mundo quanto é cruzar o oceano.

As disciplinas dos seguidores do Absoluto consistem em discriminação e renúncia, e também em aprender a Verdade do mestre e das escrituras, e raciocínio, e contemplação. Os devotos da Forma Universal adoram o Senhor com amor, dedicam todas as ações a Ele, e meditam n'Ele com devoção inabalável. Estes últimos, através da graça do Senhor, muito em breve atingem liberação do sofrimento e morte da vida mortal.

Portanto,

8. Fixa tua mente em Mim apenas, repousa teu pensamento em Mim apenas, e em Mim apenas tu viverás daqui para frente. Disso não há dúvida.

Mente – O órgão interno de conhecimento que pensa sobre os prós e contras de um assunto.

Mim – O Senhor em Sua Forma Universal.

Pensamento – A palavra no texto é '*buddhi*', que significa a faculdade determinativa, pela qual a dúvida criada pela mente é destruída e uma decisão é alcançada.

Daqui para frente – Após a morte do corpo. Se um devoto, enquanto vivo, pensa somente no Senhor com todo seu coração e alma, ele O alcança após a morte.

O Senhor sugere uma disciplina simples para aqueles que não podem seguir o caminho difícil:

9. Se és incapaz de fixar tua mente firmemente em Mim, ó Dhananjaya, então busca alcançar-Me pelo yoga da prática constante.

O yoga da prática constante – Prática consiste em retirar o pensamento de todos os objetos e fixá-lo, repetidamente, em um ideal. O 'yoga da prática constante' significa a firmeza de mente adquirida por tal prática.

Se um devoto acha impossível fixar sua mente na Forma Universal, ele é instruído a adorar um símbolo tangível, como uma imagem de Deus, e meditar nela em seu coração, e assim através de prática repetida adquirir uma firmeza de pensamento que pode ser direcionada ao Senhor.

10. Se és incapaz da prática constante, então dedica-te ao Meu serviço. Pois até mesmo prestando serviço a Mim tu atingirás perfeição.

Meu serviço — Tais formas externas de adoração como repetir o nome e as glórias do Senhor, ouvir Suas glórias cantadas por outros, observar jejuns e outras austeridades, mostrar reverência a Suas imagens, e oferecer ao Senhor flores, comida, perfume, e assim por diante; ou o serviço do Senhor pode significar qualquer ação que é feita por Sua causa somente. Através de tal serviço pureza de mente é atingida, que é seguida por firmeza, conhecimento do Senhor, e realização d'Ele.

11. Se és incapaz de fazer mesmo isto, então seja autocontrolado, entrega o fruto de todas as ações, e tome refúgio em Mim.

Seja autocontrolado — Controla o ser inferior, ou o ego, que anseia pelo fruto da ação.

Entrega o fruto etc. — Se o devoto não busca o fruto da ação, sua mente permanece livre para lembrar do Senhor. A prática de indiferença ao fruto da ação e sua entrega ao Senhor colocam o devoto no caminho espiritual.

O yoga da ação sem desejo é exaltado:

12. Conhecimento é melhor que a prática, e meditação é melhor que o conhecimento. Renúncia do fruto da ação é melhor que meditação; a paz imediatamente segue tal renúncia.

Conhecimento — Da verdade por trás das coisas.

Prática — O ato de ouvir os ensinamentos das escrituras com o objetivo de obter conhecimento; ou a palavra pode significar a prática de meditação com uma resolução firme.

Conhecimento é melhor que mera prática que não é acompanhada de discriminação.

Meditação é melhor etc. — Meditação baseada em conhecimento é superior a mero conhecimento.

Renúncia do fruto etc. — Quando um devoto, praticando autocontrole e buscando refúgio no Senhor, renuncia o fruto da ação, ele imediatamente atinge calma interior e paz. Para aquele tranquilo no coração a cessação da ignorância vem sem demora.

O abandono do fruto da ação, ensinado como um meio para a Bem-aventurança Divina, aplica-se a uma pessoa ignorante que, incapaz de seguir os caminhos recomendados antes, se engaja no trabalho. Este abandono é exaltado no texto porque o caminho da ação é

para ser ensinado aqui. A renúncia de desejos traz paz imediatamente para a pessoa ignorante engajada em trabalho, e também para o aspirante iluminado que é firmemente devotado à meditação. Portanto a renúncia de desejos é um fator comum na obtenção da paz tanto para o ignorante quanto para o iluminado, e por isso é exaltada por Sri Krishna.

Dois métodos de adoração foram discutidos: a adoração da Forma Universal e a adoração do Absoluto imutável. O primeiro, destinado ao iniciante, enfatiza ação por causa do Senhor e pressupõe uma distinção entre o Senhor e a alma individual. O Senhor é o libertador destes adoradores. O outro método de adoração é destinado aos jñānis, que não veem qualquer distinção entre o Senhor e a alma individual. Eles não dependem de nenhum ser externo para sua liberação, já que eles realizam que todo o universo jaz no Ser. Estes dois caminhos de adoração são diferentes, embora a longo prazo eles tragam o mesmo resultado de liberação para seus respectivos seguidores. Por trás do Absoluto imutável e da Forma Universal jaz a mesma Divindade. Os versos seguintes descrevem os atributos dos adoradores do Absoluto através dos quais eles diretamente atingem imortalidade. Somente os sannyāsis renunciantes de tudo podem praticar estas virtudes plenamente.

13. -14. Aquele que nunca odeia nenhum ser e é amigável e compassivo para todos, que é livre dos sentimentos de 'eu' e 'meu' e equânime na dor e prazer, que é tolerante, sempre contente, e firme em contemplação, que é autocontrolado e de firme convicção, e que consagrou sua mente e entendimento a Mim—querido por Mim é aquele que está assim devotado a Mim.

Nunca odeia nenhum ser — Até mesmo aqueles que lhe causam dor; pois ele considera todas as criaturas como a si mesmo.

Amigável e compassivo para todos — Ele, um *sannyāsi*, deu garantia de ausência de medo a todos. Em seu coração um amor universal habita, e dele uma compaixão universal flui.

Equânime etc. — Dor e prazer não causam nele ódio e apego.

Sempre contente — Ele está satisfeito, quer ele obtenha os meios de sustento corporal ou não.

Firme convicção — Em relação à natureza essencial do Ser.

Ele é uma alma de paz com quem todos estão em paz.

15. Aquele por quem o mundo não é afligido e a quem o mundo não pode afligir, aquele que é livre de alegria e ira, medo e ansiedade — ele é querido por Mim.

Que é livre etc. — Porque ele está desapegado de sua natureza inferior constantemente agitada, ele é livre de suas ondas de alegria, medo, ansiedade, ira, e desejo, e é a personificação da calma.

16. Aquele que está livre de dependência, que é puro e sem hesitação, despreocupado e imperturbável, e que renunciou todas as iniciativas – querido por Mim é o homem que é assim devotado a Mim.

Dependência – Sobre o corpo, os sentidos, objetos, e suas conexões mútuas.

Puro – Tanto exteriormente quanto interiormente. Pureza exterior é obtida através de lavagem, e pureza interior através de autocontrole. Patanjali afirma que um aspirante desejoso de atingir pureza interior deve mostrar amizade para com os felizes, misericórdia para com os infelizes, alegria para com os bons, e indiferença para com os maus.

Sem hesitação – Capaz de decidir correta e instantaneamente sobre assuntos exigindo ação imediata. A palavra também pode significar vigilante.

Despreocupado – Imparcial mesmo nos assuntos de um amigo.

Todas as iniciativas – Calculadas para assegurar objetos de desejo, quer deste mundo ou do próximo; toda iniciativa egotista e pessoal. Um devoto deixa a vontade divina fluir através dele não desviada por seus próprios desejos e preferências; e ainda por essa mesma razão ele é rápido e habilidoso em todas as ações. A vontade e inteligência divinas trabalhando através dele capacitam-no a realizar todas as ações correta e prontamente.

17. Aquele que não se regozija e não odeia, que não se entristece e não deseja, que renunciou tanto ao bem quanto ao mal e é cheio de devoção – ele é querido por Mim.

Não se regozija – Ao atingir o que é desejável.

Não odeia – O indesejável.

Não se entristece – Ao se separar de um objeto amado.

Não deseja – O não atingido.

Renunciou tanto ao bem quanto ao mal – Porque um devoto considera todas as coisas vindas de Deus como boas.

O Senhor enfatiza igualdade, ausência de desejo, e liberdade das reivindicações da natureza egotista inferior como a fundação da vida espiritual:

18. -19. Aquele que é igual para amigo e inimigo, inalterado em honra e desonra; que é o mesmo no frio e calor, no prazer e dor; que está livre de apego, inalterado por elogio e censura; que é silencioso, contente com o que quer que tenha, sem lar, firme de mente, e cheio de devoção – aquele homem é querido por Mim.

Igual para amigo e inimigo etc. – É o apego de um homem a coisas mundanas que fomenta a ideia de inimizade, amizade, etc.

O mesmo no frio e calor etc. – Estes pares afetam apenas pessoas mundanas.

Contente com o que quer que tenha – Satisfeito com os meios básicos de sustento.

A enumeração das Virtudes de um sannyasi é concluída:

19. Excessivamente queridos por Mim são aqueles que Me consideram como a Meta Suprema e, dotados com fé e devoção, seguem este Dharma Imortal.

Este Dharma Imortal—A lei da vida que confere a seu seguidor a bênção da Imortalidade, e que foi descrita acima, começando com XII, 13.

Como aquele que pratica as virtudes descritas em XII, 13, e os versos seguintes é excessivamente querido pelo Senhor, elas devem ser cultivadas por todos os buscadores de liberação e todos aqueles que desejam desfrutar a suprema Bem-aventurança.

Assim no Bhagavad Gītā, a Essência dos Upanishads, a Ciência de Brahman, a Escritura do Yoga, o Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, termina o Décimo Segundo Capítulo, intitulado:

O CAMINHO DO AMOR DIVINO

XIII

A DISCRIMINAÇÃO ENTRE MATÉRIA E ESPÍRITO

Arjuna disse: Prakriti e Purusha, o Campo e o Conhecedor do Campo, o conhecimento e aquilo que é para ser conhecido – tudo isto, ó Keśava, desejo aprender.

Este verso é omitido em muitas edições do *Gītā*.

Todos os corpos materiais, órgãos dos sentidos, e objetos dos sentidos são feitos de Prakriti – Natureza, ou matéria. O agregado do corpo e dos sentidos serve a um propósito duplo para seres vivos: gozo de objetos dos sentidos e obtenção de liberação. Este agregado é agora descrito:

1. *O Senhor disse: Este corpo, ó filho de Kunti, é chamado o Campo, e aquele que o conhece é chamado o Conhecedor do Campo por aqueles que os descrevem.*

Corpo – Para ser descrito nos versos 5 e 6 deste capítulo.

Campo – A palavra no texto é '*kshetra*', que significa tanto 'corpo' quanto 'matéria'. O corpo é chamado 'campo' porque os frutos da ação são colhidos nele como em um campo, ou porque está sujeito a decadência.

O conhece – Como distinto do Ser, ou Espírito.

Conhecedor do Campo – A palavra no texto é '*Kshetrajna*', que significa a alma individual, que é, em realidade, una com a Alma Suprema.

No sétimo capítulo Sri Krishna descreveu as duas *prakritis* do Senhor. A *prakriti* inferior, ou matéria, consiste de três gunas e é dividida em oito partes; ela enreda o Espírito no mundo. Os três gunas são *sattva*, *rajas* e *tamas*. A *prakriti* superior é a alma individualizada (*jiva*), que é o Conhecedor do Campo e, em realidade, una com o Próprio Senhor. Através destas duas *prakritis* o Senhor Supremo cria, sustenta, e finalmente dissolve o universo. O décimo terceiro capítulo propõe descrever as duas *prakritis* – o Campo e o Conhecedor do Campo – a fim de determinar finalmente a natureza do Próprio Senhor Supremo.

2. *E saiba que Eu sou o Conhecedor em todos os Campos, ó Bhārata; e somente o conhecimento do Campo e do seu Conhecedor Eu considero como verdadeiro conhecimento.*

Eu – O Senhor Supremo.

Conhecimento do Campo e do seu Conhecedor – Conhecimento da matéria e Espírito.

Nós vemos inumeráveis seres vivos, variando da mais alta Pessoa Cósmica, ou Brahmā, ao mais ínfimo verme, habitando em inúmeros corpos ou ‘campos’. Eles são os conhecedores de seus respectivos corpos. Estes seres vivos executam várias ações, boas ou más, e experimentam seus resultados. Eles estão sujeitos ao cativeiro; através de disciplina espiritual eles finalmente atingem a liberação. Mas de acordo com a Vedānta a alma individualizada é realmente una com o Senhor Supremo. Através da ignorância o Senhor Supremo, sem-nascimento e sem-morte, torna-se associado com os múltiplos *upādhis*, ou limitações, dos corpos. Do ponto de vista do conhecimento, o Conhecedor do Campo é o Senhor Supremo e não o *samsāri*, ou alma individualizada, enredada no mundo. Embora o Senhor Supremo, como o Conhecedor do Campo, habite em todos os corpos, ainda assim Ele não é afetado pelos traços destes corpos, tais como nascimento, crescimento, decadência, morte, e assim por diante; pois a ideia de Sua associação com o corpo é devida a ignorância. Nem um único grão de areia no deserto é molhado por todas as águas da miragem que lá se vê através da ignorância. Os termos ‘cativeiro’ e ‘liberação’ não podem ser atribuídos ao Senhor, embora seja Ele apenas que habita no corpo. Eles são usados com referência à alma individual, que é criada por ignorância e falsamente chamada de Mestre, ou Conhecedor, do Campo, o corpo.

Os pontos salientes dos tópicos a serem discutidos:

3. Ouça brevemente de Mim o que é o Campo, qual a sua natureza, quais são as suas modificações, de onde ele vem, quem é o seu Conhecedor, e quais são os Seus poderes.

Conhecimento inspirado e intuitivo, como também razão e filosofia, têm descrito a natureza do Espírito e matéria.

4. Tudo isto tem sido cantado por sábios de muitas e diferentes maneiras, em vários hinos característicos, e também em passagens bem fundamentadas e convincentes indicativas de Brahman.

De muitas e diferentes maneiras – Em vários tratados sobre yoga.
Hinos – Dos Vedas.

O Campo é descrito:

5. -6. Os grandes elementos, a consciência do eu, entendimento, e o não-manifestado; os dez sentidos, a mente, os cinco objetos dos sentidos; Desejo, ódio, prazer, dor, o agregado, inteligência, e firmeza – isto, declarado brevemente, é o Campo juntamente com as suas modificações.

Grandes elementos — Os cinco *bhutas* — éter, ar, fogo, água, e terra — na sua forma sutil como originalmente evoluídos. Eles permeiam todas as modificações da matéria. Veja nota em VII, 4.

Consciência do eu — A causa dos cinco elementos.

Entendimento — A palavra '*buddhi*' no texto é definida como a faculdade determinativa. Ela é a causa da consciência do eu.

Não-manifestado — A palavra no texto é '*avyakta*'. É a energia, ou *śakti*, do Senhor, mencionada em VII, 14.

Dez sentidos — Cinco órgãos de percepção e cinco órgãos de ação. Os primeiros consistem de ouvidos, olhos, nariz, língua e pele. Os últimos consistem de mãos, pés, órgão vocal, e os órgãos de evacuação e geração.

Mente — O órgão interno, cujas funções são dúvida e vontade.

Cinco objetos dos sentidos — Som e o resto. Eles compreendem os cinco elementos grosseiros.

Desejo — Esta é uma propriedade do *antahkarana*, o órgão sensório interno.

Ódio, prazer, dor — Estes pertencem à categoria de matéria porque são objetos de conhecimento.

Agregado — A combinação do corpo e dos sentidos.

Inteligência — Um estado mental que se manifesta no agregado. É um reflexo do *Ātman*, ou Consciência, e é material em natureza, pois é cognoscível. Alguém está ciente da presença ou ausência de inteligência.

Firmeza — Um estado de mente pelo qual o corpo e mente deprimidos são sustentados. É também material em natureza, pois é um objeto de conhecimento. Se é consciente de sua presença ou ausência. De acordo com a Vedānta o conhecedor, ou sujeito, é Espírito, e o objeto de conhecimento é matéria.

Os cinco grandes elementos, a consciência do eu (*ahamkāra*), entendimento (*buddhi*), e o não-manifestado (*avyakta*) são conhecidos como *Prakriti*, ou Natureza, com sua divisão óctupla.

As categorias começando com os grandes elementos e terminando nos cinco objetos dos sentidos compreendem os vinte e quatro princípios cósmicos da filosofia *Sāmkhya*.

As categorias começando com desejo e terminando em Firmeza são descritas pela filosofia *Vaisheshika* como os atributos do *Ātman*. Mas de acordo com a *Vedānta* eles são os atributos da matéria.

Matéria, ou o Campo, referido no primeiro verso deste capítulo como o corpo, é assim descrito com todas as suas modificações.

Será dito presentemente que através de um conhecimento dos poderes do Conhecedor do Campo, ou do Senhor Supremo, a imortalidade é atingida. Aspirantes devem cultivar certas virtudes a fim de serem qualificados para o conhecimento do Senhor, que apenas é o objeto de conhecimento. Estas virtudes, descritas abaixo, são designadas como conhecimento porque elas são os meios de atingir o Conhecimento.

7. -11. Humildade, modéstia, não-violência, paciência e integridade; serviço ao preceptor, pureza, firmeza e autocontrole;

Desapego em relação a objetos dos sentidos, ausência de ego, percepção do mal do nascimento, morte, velhice, doença e dor;
Não-apego, não-identificação de si mesmo com filhos, esposa, lar, e o resto, invariável equanimidade de mente no meio de eventos agradáveis e desagradáveis;
Inabalável devoção a Mim através de meditação constante sobre sua não-separação, recurso a solitude, aversão à sociedade dos homens;
Constância no conhecimento do Ser, e uma percepção do objeto do conhecimento da Verdade—isto é declarado ser conhecimento, e tudo que é contrário a isto é ignorância.

Paciência—Não ser afetado quando ferido por outros.

Preceptor—Que ensina os meios de atingir liberação.

Desapego em relação a objetos dos sentidos—Em relação a objetos vistos ou ouvidos.

Velhice—O mal da velhice consiste na decadência da inteligência, poder e força.

Dor—Quer surgindo de fatores inerentes em si mesmo ou causados por um agente externo ou produzidos por forças sobrenaturais. Da percepção do mal da dor no nascimento, morte, e o resto, surge indiferença aos prazeres físicos. Então os sentidos são direcionados para o Ser mais interior para um vislumbre da Luz Divina. A percepção do mal da dor no nascimento, morte, e assim por diante, é dita como conhecimento porque tal percepção leva ao Conhecimento da Realidade. De acordo com o ponto de vista materialista, a vida no mundo, apesar de suas muitas sombras escuras, vale a pena; mas de acordo com o ponto de vista espiritual, a vida como a levamos no mundo é uma coisa triste, embora nos traga muitas alegrias ilusórias e transitórias.

Não-identificação de si mesmo etc.—Um apego intenso a filho, esposa, e assim por diante, faz alguém se sentir feliz ou miserável quando eles estão felizes ou miseráveis.

Invariável equanimidade de mente etc.—Devido à consciência que o Ser, habitando internamente, é imune aos choques de eventos externos.

Meditação sobre não-separação—Uma meditação firme, inabalável sobre o Senhor com a ideia de que não há ser superior e, portanto, Ele é nosso único Refúgio.

Solitude—Uma mata, a margem de um rio, ou um templo é geralmente útil para a prática de meditação.

Sociedade dos homens—Pessoas mundanas não iluminadas e indisciplinadas.

Constância no conhecimento do Ser—Meditar sobre fenômenos transitórios é aceitar mortalidade. A alma, uma vítima da aparência, perde sua natureza divina e continua girando no ciclo de nascimentos e mortes de seus corpos.

Percepção do objeto etc.—O fim do conhecimento é *moksha*, a cessação da existência mortal; é a obtenção da imortalidade.

Tudo que é contrário etc.—Tais como orgulho, hipocrisia, crueldade, impaciência, insinceridade e similares. Tudo isto é ignorância e, portanto, deve ser evitado como tendendo à perpetuação do *samsāra*.

O que é isso que é realizado através do conhecimento descrito acima?

12. Eu descreverei agora aquilo que deve ser conhecido, através de tal conhecimento, se atinge a Imortalidade. É o Supremo Brahman, que é sem começo e é dito como não sendo o ser nem o não-ser.

É afirmado no texto que Brahman não pode ser descrito como ‘ser’ ou ‘não-ser’. *Sat*, ou ‘ser’, é usado com referência a um objeto que pode ser provado existir por palavras ou os sentidos. Um objeto a existência do qual não pode ser provado por palavras ou os sentidos é ‘*asat*’, ou ‘não-ser’. Assim um pote pode ser um objeto de consciência acompanhado com a ideia de existência (quando ele está diante de um homem), ou um objeto de consciência acompanhado com a ideia de não-existência (quando ele é removido). Brahman está além do alcance dos sentidos. Ele não pode ser, como um pote, um objeto de consciência acompanhado com a ideia de existência ou não-existência, e portanto se diz ser nem ‘ser’ nem ‘não-ser’. Brahman pode ser conhecido através da evidência das escrituras, a qual é baseada na experiência direta e intuitiva do sábio vidente.

Brahman não pode ser indicado por tal palavra como ‘*sat*’, ou ‘ser’; pois uma palavra empregada para indicar uma coisa significa a coisa como associada com um certo gênero (tal como vaca ou cavalo), uma certa *qualidade* (tal como preto ou branco), uma certa *ação* (tal como cozinhar ou ensinar), ou um certo *modo de relação* (tal como senhorio ou pastor). Brahman é inexprimível por palavras porque Ele não pertence a nenhum gênero e porque Ele é desprovido de ação, qualidades e relações.

Brahman, sendo inacessível a palavra ou pensamento, poderia ser considerado como asat, ou não-ser. Para prevenir este erro o Senhor prossegue declarando Sua realidade como manifestada através dos upādhis, os sentidos de seres vivos. Brahman existe como o Ser mais íntimo de todos, como a fonte de todas as atividades dos sentidos, como a fonte de onde surge nossa consciência de existência com referência a todos os objetos ilusórios no mundo relativo, e como o Senhor do universo. Deve haver um princípio autoconsciente por trás das atividades de objetos inscientes tais como o corpo e sentidos.

13. Suas mãos e pés estão em toda parte; Seus olhos, cabeças, e faces estão em toda parte; Suas orelhas estão em toda parte; Sua existência envolve tudo.

Sua existência envolve tudo—Brahman permeia todos os seres como existência e consciência.

Que Brahman existe é indicado pela atividade dos órgãos dos sentidos; pois deve haver consciência por trás de seu funcionamento. Os órgãos dos sentidos agem em virtude da mera presença de Brahman, ou consciência. Matéria, ou o Campo (*kshetra*)—consistindo de corpo, órgãos dos sentidos, e assim por diante—é o *upādhi*, ou adjunto limitante, de Brahman, ou o Conhecedor do Campo. O múltiplo, falsamente imaginado em Brahman, ou Espírito, devido à variedade dos *upādhis*, é ilusório. Mãos, pés, e assim por diante, são atribuídos a Brahman em um sentido figurado. Através deles Sua existência é indicada. Brahman é ensinado pelo método de sobreposição e negação; isto é, *upādhis* são falsamente

sobrepostos sobre Ele e então negados através do processo de discriminação, revelando Pura Consciência.

Não deve se supor que Brahman é realmente dotado com os upādhis, ou limitações, de corpo, órgãos dos sentidos, e o resto. Eles são meramente sobrepostos sobre Ele.

14. Ele brilha através das funções de todos os sentidos, e ainda assim Ele é desprovido de sentidos. Ele é desapegado, e ainda assim Ele sustenta tudo. Ele é desprovido de gunas, e ainda assim Ele os desfruta.

Ele brilha através das funções etc. — O termo ‘sentidos’, que compreende os órgãos de ambos, percepção e ação, inclui também a mente e inteligência (*buddhi*), as quais também formam *upādhis* de Brahman. Brahman manifesta a Si mesmo através dos *upādhis* dos sentidos externos e internos, isto é, digamos, através de suas funções, viz., determinação, propósitos, pensamentos, audição, fala e similares. Brahman funciona, *por assim dizer*, através das funções de todos os sentidos. Este funcionamento de Brahman é uma aparência. Ele não funciona realmente quando os sentidos funcionam. “Embora sem mãos e pés, ainda assim Ele se move rapidamente e Ele agarra. Ele vê sem o olho. Ele ouve sem a orelha.” (*Svetasvatara Upanishad*, III, 19)

Ele é desapegado — Porque Brahman é incorpóreo.

Ele sustenta tudo — Brahman permeia todos os objetos como ‘*sat*’, Existência. Nenhum objeto pode se imaginar existir sem ‘Existência’. Mesmo uma ilusão deve ter uma base para sua existência. Uma miragem não pode existir sem a base do deserto. Portanto Brahman sustenta todos os objetos ilusórios.

Ele é desprovido de *gunas* etc. — Os *gunas* pertencem a *Prakriti*, ou matéria. Brahman é livre deles. Ainda assim a experiência dos *gunas*, na forma de som e outros objetos, pela alma é possível porque ela é animada por consciência, que é a própria natureza de Brahman. Portanto a existência de Brahman é indicada a partir da experiência de objetos pela alma individualizada. Que Brahman desfruta os *gunas* é usado em um sentido figurado.

Adicionalmente,

15. Ele está fora e dentro de todos os seres. Ele é imóvel e também móvel. Ele é incompreensível porque Ele é sutil. Ele está longe, e ainda assim Ele está perto.

Fora e dentro — Ele é tanto o corpo externo quanto o Ser mais íntimo. Como ouro que forma o exterior e interior de um ornamento de ouro, ou como água que forma o exterior e interior de uma onda, assim Brahman permeia o interior e exterior do macrocosmo e do microcosmo.

Imóvel e também móvel — Os objetos móveis e imóveis formam os *upādhis* de Brahman. Assim como uma corda pode aparecer como uma cobra, assim Brahman aparece como ambos corpos móveis e imóveis.

Sutil — Além do alcance dos sentidos.

Longe — Para os não iluminados, que O imaginam estar milhões de milhas de distância e incognoscível mesmo através dos esforços de bilhões de anos.

Ele está perto — Para os iluminados, pois eles O realizam como o Ser mais íntimo de todos.

Brahman é o único Espírito em todos e a Causa do universo.

16. Ele é indivisível, e ainda assim Ele é, por assim dizer, dividido entre os seres. Aquele Brahman Cognoscível é o Sustentador de todos os seres, e também seu Devorador e Gerador.

Ele é indivisível, e ainda assim Ele é etc. — Um exemplo disto é *ākāśa*, ou espaço, o qual, embora indivisível, parece ser dividido de acordo com sua associação com vários *upādhis*, tais, como um jarro, um pote, ou um cântaro. Assim alguém fala do espaço dentro de um jarro ou o espaço dentro de um pote. Arranha-céus também parecem dividir o céu indivisível. Embora Brahman seja um e indivisível, ainda assim Ele parece ser diferente em diferentes corpos.

Cognoscível — Uma referência ao verso 12.

Sustentador — Durante o período quando o universo é sustentado.

Devorador — No tempo da dissolução.

Gerador — No tempo da criação, ou manifestação.

A ilusão de uma cobra é produzida pela presença de uma corda; a cobra é vista existir porque a corda está lá; e ela finalmente merge na corda quando a natureza real do objeto é conhecida. Assim também todos os seres do universo vêm de Brahman no tempo da criação, são sustentados por Ele no tempo da preservação, e se fundem n'Ele no tempo da destruição. Como no caso da ilusão da cobra na corda tudo que é real é a corda, assim neste universo ilusório tudo que é real é Brahman.

Uma objeção pode ser levantada que Brahman é escuridão, uma vez que Ele não é percebido embora existindo em toda parte. Não é assim. Brahman é o Iluminador de tudo.

17. A Luz mesmo de luzes, se diz que Ele está além da escuridão. Como conhecimento, o objeto de conhecimento e a meta do conhecimento, Ele está estabelecido firmemente nos corações de todos.

A Luz mesmo de luzes — A existência de Brahman pode ser reconhecida como a Luz iluminando o sol, lua, e assim por diante, — e também a mente, razão (*buddhi*), e o resto. “Aquele Luz, iluminada pela qual o sol brilha.” (*Taittiriya Brāhmaṇa*.) “Por Sua luz tudo isto brilha.” (*Svetasvatara Upaniṣad*, VI, 14)

Além da escuridão — Não contaminado por *ajñāna*, ou nesciência.

Meta do conhecimento — Quando Brahman é realizado, Ele forma o fruto do conhecimento.

Estabelecido firmemente nos corações de todos — Estes três (conhecimento, o objeto de conhecimento, e a meta do conhecimento) estão implantados acima de tudo no coração de todo ser vivo. Lá apenas eles são claramente manifestados. Brahman está dentro de todos; Ele não está meramente no céu.

O tópico é concluído:

18. Assim brevemente foram expostos o Campo e também o conhecimento e o objeto do conhecimento. Meu devoto que compreende isto torna-se digno de Meu estado.

Campo — Descrito nos versos 5-6.

Conhecimento — Descrito nos versos 7-11.

Objeto do conhecimento — Descrito nos versos 12-17.

Meu devoto — Que considera o Senhor Supremo como a alma de tudo e que sabe que tudo que alguém vê ou ouve ou toca é o Senhor.

Meu estado — A liberação final.

Aquele que compreende o Campo, o conhecimento, e o objeto do conhecimento conhece toda a doutrina dos Vedas e do *Gītā*.

As duas prakritis do Senhor, a superior e a inferior, foram descritas no sétimo capítulo. Foi também dito que todos os seres criados nascem delas. (VII, 6) Este assunto é mais elucidado:

19. Saiba que Prakriti e Purusha são ambos sem começo; e sabe, também, que todas as formas e gunas nascem de Prakriti.

Prakriti — Natureza inerte, ou matéria.

Purusha — Alma, ou Espírito, como oposto a matéria.

Sem começo — *Prakriti* e *Purusha* são os dois aspectos, ou naturezas, de *Íśvara*, o Senhor. Como o Senhor é sem começo, assim Suas naturezas, também, são sem começo. Seu próprio Senhorio consiste em Sua posse destas duas naturezas,

Prakriti e Purusha, pelas quais Ele cria, preserva, e dissolve o universo.

Formas — Desde a inteligência (*buddhi*) até o corpo grosseiro.

Gunas — *Sattva*, *rajas*, e *tamas*, que se manifestam na forma de prazer, dor, ilusão, e assim por diante.

Nascem de Prakriti — *Prakriti* é *māyā*, a *śakti*, ou poder, do Senhor. Ela é a causa da manifestação do universo relativo. Uma vez que *Prakriti*, ou *māyā*, é a fonte eterna de todas as formas e gunas, Brahman permanece sempre inalterável e imutável.

As funções de Prakriti e Purusha:

20. *Prakriti se diz ser a causa da geração do corpo e dos órgãos, e Purusha se diz ser a causa da experiência de prazer e dor.*

Causa—Porque *Prakriti* é o material do qual o corpo e os órgãos são produzidos. Kapila e outros filósofos mantêm esta opinião.

Corpo—Os cinco elementos dos quais o corpo é feito, e os cinco objetos dos sentidos, são incluídos sob o termo ‘corpo’, ou ‘*kārya*’, usado no texto.

Órgãos—Estes são treze, que são, os cinco órgãos de percepção, os cinco órgãos de ação, a mente, inteligência (*buddhi*), e consciência do eu (*ahamkāra*). Prazer, dor, ilusão, e o resto, que nascem dos três gunas de *Prakriti*, são incluídos sob o termo ‘órgãos’ (*karaṇa*), uma vez que eles não podem existir independentemente dos órgãos dos sentidos.

Purusha—É sinônimo com *jiva* (a alma individualizada), *Kshetrajna* (o Conhecedor do Campo), e *bhokta* (o desfrutador). Obviamente o *Purusha* não significa aqui o *Paramātman*, ou Ser Supremo. Ele é aqui um princípio inteligente e um ser condicionado.

Purusha e *Prakriti* são declarados ser a causa de *samsāra*, ou existência fenomênica. *Prakriti* transforma a si mesmo em corpo e sentidos, como também em prazer, dor, e assim por diante, e *Purusha* experimenta prazer e dor. Esta conjunção entre *Purusha* e *Prakriti*—devido a ignorância—torna a vida relativa possível. Mesmo que o *Purusha*, a Alma, identifica a Si mesmo com o corpo e parece experimentar prazer e dor, ainda assim na realidade Ele permanece inalterado. É esta experiência aparente que constitui Seu mundo ilusório, ou *samsāra*, e que O faz um *samsāri*, ou ser fenomênico.

Como o Ātman sem-nascimento e imutável experimenta prazer e dor?

21. *O Purusha, encarnado em Prakriti, experimenta os gunas nascidos de Prakriti. É o apego a estes gunas que é a causa de Seu nascimento em ventres bons e maus.*

Purusha, encarnado em *Prakriti*—É devido a *Avidyā*, ignorância, que o *Purusha* identifica a Si mesmo com o corpo e sentidos, que são as transformações de *Prakriti*.

Experimenta os gunas—Os gunas se manifestam como prazer, dor e ilusão. Por conta da identificação com *Prakriti*, o *Purusha* pensa que Ele é feliz, miserável, iludido, sábio, e assim por diante.

É o apego etc.—Identificação com prazer, dor, e ilusão é responsável pelo nascimento do *Purusha* em corpos bons e maus.

Ventres bons e maus—Ventres bons são aqueles de deuses e similares; ventres maus são aqueles de animais inferiores.

Avidyā, ou ignorância, e *kāma*, ou apego aos *gunas*, juntos constituem a causa de *samsāra*, ou existência relativa. O aspirante buscando liberação deve evitá-los ambos. Ignorância é para ser removida por conhecimento, o conhecimento do Campo e do Conhecedor do Campo como declarado no início do capítulo. Apego é para ser destruído cultivando *vairāgya*, ou desapego. Renunciar o mundo ilusório é a injunção do *Gītā*.

Purusha está enredado no mundo por conta de Sua ignorância. Mas este enredamento é apenas aparente e não real. Sua natureza real é descrita:

22. O Supremo Espírito no corpo é dito ser aquele que é a Testemunha e o Aprovador, o Sustentador e o Desfrutador, e quem é o Senhor Soberano e o Ser Supremo.

Testemunha — A palavra ‘*upadrashtri*’ no texto tecnicamente significa um perito em um ato sacrificial, que se senta ao lado dos sacerdotes e do sacrificador, mas não toma uma parte ativa no sacrifício. Ele meramente testemunha o que é certo ou errado nas ações do sacrificador e dos sacerdotes.

Aprovador — O Ser expressa aprovação ou satisfação concernente às ações do corpo, sentidos, mente, e o resto. Sendo uma testemunha, Ele não fica no caminho do corpo e sentidos engajados em suas respectivas atividades.

Sustentador — O Ser é chamado o Sustentador porque o corpo, sentidos, mente, e o resto, refletem Sua inteligência e assim realizam atividades para servir o propósito do ser individualizado.

Desfrutador — O Ser é chamado o Desfrutador pela seguinte razão: Ele é da natureza de Inteligência eterna. Todos os diferentes estados de mente — caracterizados por prazer, dor, ou ilusão — tornam-se manifestos por conta da inteligência do Ser.

Senhor Soberano — Como uno com o universo e independente de tudo.

Ser Supremo — É chamado o supremo porque Ele é superior ao corpo, sentidos, mente, e todos os adjuntos materiais. O tópico será mais discutido em XV, 17.

O resultado do Autoconhecimento:

23. Aquele que assim conhece *Purusha* e *Prakriti*, junto com os gunas, não nasce de novo, não importa como ele possa se comportar.

Assim conhece *Purusha* — Como seu próprio Ser e como a Realidade básica subjacente a todas as manifestações, tais como a alma universal ou a individual.

E *Prakriti* — Como nesciência indefinível e sem começo, que é destruída pelo Conhecimento do Ser.

Não nasce de novo — A ausência de Autoconhecimento é a causa de encarnação.

Não importa como ele possa etc. — Esteja ele engajado em deveres prescritos ou naqueles proibidos por lei. Se liberação é possível para tal pessoa, então obviamente aquele que permanece firme no caminho do dever obtém liberação se ele também foi dotado com Autoconhecimento.

Diferentes caminhos levam ao Autoconhecimento. No entanto ao ser alcançado, este Conhecimento nos carrega além da morte para a Imortalidade.

24. Alguns pela meditação percebem o Ser em si mesmos através da mente, alguns pela devoção ao conhecimento, e alguns pela devoção ao trabalho.

Pela meditação etc.—Este caminho é seguido pela mais alta classe de aspirantes. Meditação é definida como retirando a audição, visão, e o funcionamento dos outros sentidos na mente longe de som, forma, e outros objetos; em seguida retirando a mente na Inteligência mais íntima; e então contemplando a Inteligência com concentração inabalável. Meditação é o pensamento contínuo, e a mente daquele absorto nela, como um fluxo ininterrupto de óleo fluindo, habitando no ideal ininterruptamente. Através da meditação o *Yogi* contempla o Ser, a Inteligência mais íntima, no ser, o *buddhi*, pelo ser, ou mente, refinada e concentrada por contemplação e autocontrole.

Devoção ao conhecimento—A palavra '*sāmkhya*' no texto denota conhecimento atingido através de discriminação filosófica entre o Ser e Natureza. Os *yogis* devotados ao caminho do conhecimento realizam que *Ātman* é distinto da Natureza e seus três *gunas* e é a Testemunha desapegada de suas ações.

Devoção ao trabalho—Que consiste em executar ação para a satisfação do Senhor apenas. Através de tal ação altruísta a mente torna-se pura e o aspirante ao final atinge o Conhecimento.

Os caminhos da meditação, do conhecimento, e trabalho são prescritos para as três classes de aspirantes, a saber, a superior, mediana e inferior.

O caminho da libertação para aqueles aspirantes que são de compreensão muito baixa:

25. E há ainda alguns que não O conhecem por estes meios. Eles ouvem d'Ele de outros e adoram. Eles também passam para além da morte através de sua devoção ao que ouviram.

Ele - O Ser.

De outros - De mestres ou homens santos, que lhes dizem o método de meditação.

Adoram - Com plena fé.

Morte - A vida no mundo é inseparável da morte.

Eles são ignorantes e para a obtenção da libertação dependem inteiramente da autoridade das instruções de outros. Eles também têm sucesso.

Tem sido afirmado que o conhecimento da identidade da alma individual e do Senhor leva à libertação. A razão é afirmada:

26. Qualquer coisa que nasça—seja animada ou inanimada—saiba, ó príncipe Bhārata, que é através da união do Campo e do Conhecedor do Campo.

União - Qual é a natureza desta união entre o Campo e o Conhecedor do Campo, matéria e Espírito, corpo e Alma? Matéria e Espírito são inteiramente opostos um ao outro em natureza; Espírito é incorpóreo. Portanto, a união entre eles não é como a união entre dois objetos materiais. A filosofia Vedânta descreve a relação entre matéria e Espírito, ou objeto e Sujeito, pelo termo '*adhyasa*', que significa 'falsa sobreposição de uma coisa sobre outra'. Os atributos da matéria são sobrepostos sobre o Espírito e vice-versa. Esta sobreposição é devida a *māyā*, ou ausência de discriminação. É como a ilusão de uma cobra em uma corda, ou uma miragem no deserto. Em tais ilusões, os atributos da cobra ou da miragem são sobrepostos sobre a corda e o deserto. Esta relação irreal, criada pela ignorância, evoca diante de nossa visão o múltiplo do mundo relativo.

Agora uma descrição é dada do conhecimento correto, que destrói a ignorância, a causa da encarnação, e permite a alguém atingir a libertação:

27. Aquele que vê o Senhor Supremo habitando igual em todos os seres, e não perecendo quando eles perecem – verdadeiramente apenas ele vê.

Habitando igual - Como Sat, ou Realidade.

Todos os seres - Desde a divindade mais elevada até um grão de areia. O mesmo Espírito Divino habita em todos. A forma material é apenas uma máscara. A diferença entre um objeto e outro, do ponto de vista relativo, reside no grau de manifestação do Espírito. Em um santo este Espírito é altamente manifestado, e em um objeto humilde Ele está escondido.

O resultado do conhecimento correto:

28. Porque ele vê o Senhor presente igualmente em toda parte, ele não fere o Ser pelo ser, e assim ele alcança o estado supremo.

Uma pessoa ignorante não vê o Ser nos outros e, devido ao falso conhecimento, considera o não-Ser (como corpo e mente) como o Ser. Identificando o verdadeiro Ser com o corpo, ele se engaja em ações boas e más e nasce de novo e de novo para colher seus resultados. Assim, através da ignorância, ele repetidamente fere seu Ser ao identificá-lo com um novo corpo. Através do conhecimento correto, ele vê o Ser como desapegado do corpo e assim alcança a suprema liberação.

Como pode o único Senhor permanecer igual em todos os seres, já que eles, dotados de qualidades diferentes, agem de maneiras diferentes?

29. Aquele que vê que todas as ações são feitas apenas por *Prakriti* e que o Ser é inativo – verdadeiramente apenas ele vê.

Prakriti - A *māyā*, ou *śakti*, ou poder, do Senhor, transformado em corpo, sentidos, e assim por diante.

A Realização da unidade da existência leva à obtenção de Brahman.

30. Quando ele vê que a natureza múltipla dos seres está centrada no Um e que toda evolução é daquele Um apenas, ele se torna um com Brahman.

Natureza múltipla dos seres etc. — Todas as várias classes de seres permanecem em Brahman, ou o Ser. Esta é a realização da unidade essencial do universo e do Ser.

Toda evolução é daquele etc. — Compare: “Do Ser está a vida, do Ser está o desejo, do Ser está o amor, do Ser está o *ākāśa*, do Ser está a luz, do Ser estão as águas, do Ser está a manifestação e o desaparecimento, do Ser está a alma.” (*Chhandogya Upanishad*, VII, xxvi, 1)

Torna-se um com Brahman — Ele realiza a natureza onipresente do Ser porque a causa de toda limitação foi destruída pelo conhecimento da unidade com Brahman.

Este verso refuta a visão da filosofia *Sāṃkhya* de que a Natureza, ou *Prakriti*, e suas manifestações são totalmente distintas de *Purusha*, ou Espírito, e que *Prakriti* existe independente de *Purusha*.

Se o Senhor Supremo é o ser de todos os seres encarnados, como pode Ele não ser afetado por seus traços físicos?

31. Não tendo início e nem possuindo algum dos gunas, este Ser supremo e imperecível, ó filho de Kunti, não age nem é manchado pela ação mesmo enquanto habita no corpo.

Não tendo início — Sendo sem qualquer causa.

Imperecível — Porque Ele é sem partes e qualidades.

Manchado pela ação — Isso é dizer, afetado pelo fruto da ação. Isto é devido ao fato de que o Senhor não é o fazedor da ação.

Se o Espírito habitando no corpo não age e não é contaminado pelo resultado da ação, então, pode ser perguntado, quem é o agente da ação e o colhedor de seu fruto? Não há ser encarnado distinto do Senhor Supremo, e o Senhor Supremo é inativo. A resposta é: É a *Prakriti* que age. (V, 14) Através da ilusão surge a ideia da ação, do fazedor, e do resultado da ação. Nenhuma ação realmente existe no Senhor Supremo. Do ponto de vista da Realidade não existe nem bem nem mal. Quando o conhecimento da unidade do Senhor e do universo é velado pela ignorância, surge a ideia dos pares de opostos, e também a ideia de ação caracterizada por agência, instrumento e resultado.

Uma ilustração:

32. Como o *ākāśa* que permeia todas as coisas não é manchado, por causa de sua sutileza, assim também o Ser habitando no corpo em toda parte não é manchado.

O *ākāśa*, ou éter, é tão sutil que permeia todas as coisas sem obstrução e não é afetado pelas qualidades boas ou más dos objetos que permeia. Da mesma forma, o Ser Supremo, habitando nos corpos de deuses e anjos, homens e animais, plantas e pedras, não é afetado por suas qualidades naturais.

O iluminador não é afetado pelos objetos que ilumina.

33. Como o único sol ilumina o mundo inteiro, assim faz Aquele que habita no corpo, ó Bhārata, iluminar o corpo inteiro.

Pela ilustração do sol é mostrado que, como o sol, o Ser é um e imaculado, isso é dizer, intocado pelos traços daqueles que Ele ilumina.

O capítulo é concluído:

34. Aqueles que percebem com o olho da sabedoria esta distinção entre o Campo e o Conhecedor do Campo, e também a libertação de *Prakriti*, a causa de todos os seres – eles alcançam o Supremo.

Olho da sabedoria – Autoconhecimento.

Prakriti – *Avidyā*, ou ignorância, que é a causa material de todos os seres.

Os meios de libertação da ignorância são meditação, renúncia, e outras disciplinas espirituais.

Assim no Bhagavad Gītā, a Essência dos Upanishads, a Ciência de Brahman, a Escritura de Yoga, o Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, termina o Décimo Terceiro Capítulo, intitulado:

A DISCRIMINAÇÃO ENTRE MATÉRIA E ESPÍRITO

XIV

A DISCRIMINAÇÃO DOS TRÊS GUNAS

1. *O Senhor disse: Mais uma vez irei expor aquele Conhecimento Supremo, a mais exaltada de todas as formas de conhecimento, ao obter o qual todos os sábios atingiram a mais alta perfeição após partirem deste mundo.*

Deste mundo - Da escravidão do corpo.

A conexão com o capítulo precedente é esta: Foi afirmado que matéria e Espírito - ambos dependentes do Senhor - são a causa do universo. A alma, por conta de seu apego aos gunas, nasce em vários corpos, bons ou maus. O décimo quarto capítulo trata dos *gunas*.

2. *Aqueles que, tendo se devotado a este Conhecimento, participaram de Minha natureza, não nascem no momento da criação, nem são perturbados no momento da dissolução.*

Criação - O aparecimento de um novo ciclo.

Dissolução - O fim de um ciclo, quando nomes e formas se fundem em *Prakriti*. É uma pausa temporária seguida por uma nova evolução. Todas as almas ligadas entram em um estado de sono durante a dissolução e nascem em novos corpos durante a nova criação de acordo com sua ação passada.

A união de matéria e Espírito, sob o controle do Senhor Supremo, causa o nascimento de todos os seres. A visão de filosofia Sāmkhya que eles podem criar independentemente do Senhor é refutada.

3. *A Grande Natureza é Meu ventre; neste Eu coloco o germe, e daí nascem todos os seres, ó Bhārata.*

Grande Natureza - A Grande Natureza, ou *Prakriti*, ou *māyā* ('Brahmā' no texto), é um aspecto do Senhor e inerente n'Ele.

Germe - A semente que impregna a Grande Natureza e dá origem a *Hiranyagarbha*, o Ovo Dourado, que por sua vez produz todos os seres. Durante o período de dissolução a alma (*Kshetrajña*), ainda sob a influência da nesciência, permanece fundida em *Prakriti*. No momento da próxima criação o Senhor dota a alma com um reflexo de Sua Inteligência e a une com um corpo apropriado determinado pelo seu karma passado.

O Senhor é o Pai e a Mãe do universo. Matéria e Espírito são Seus dois aspectos e inerentes n'Ele. Como a Alma-Universal, Ele lança a semente; como a Mãe, a Alma-natureza,

Ele a recebe. Do embrião assim formado, de *Hiranyagarbha*, são produzidos todos os seres criados.

Não apenas no início de um ciclo o Senhor une matéria e Espírito para causar o nascimento de seres criados, mas de todo nascimento que ocorre na terra Ele é a causa última.

4. Qualquer forma que é produzida, ó filho de Kunti, em qualquer ventre, a Grande Natureza é seu ventre, e Eu sou o Pai que dá a semente.

Qualquer forma - Pertencente a deuses, anjos, homens, animais, pássaros ou árvores.

Seres criados são produzidos da união de Purusha e Prakriti, pelo poder do Senhor. A Alma, ou Espírito, fica presa no mundo por seu contato com o corpo, ou matéria.

5. Os gunas - *sattva*, *rajas*, e *tamas* - que nascem de *Prakriti*, prendem firmemente no corpo a alma imortal, encarnada, ó poderoso Arjuna.

Gunas-Ver nota em II, 45.

Prendem firmemente - A escravidão da alma não é real; pois a alma, na realidade, é sempre livre.

Alma encarnada-Aquele que habita no corpo e parece estar identificado com ele.

A natureza de sattva e a maneira como ele prende:

6. Destes (gunas), *sattva*, sendo imaculado, é luminoso e saudável. Ele prende, ó Arjuna sem pecado, criando apego à felicidade e apego ao conhecimento.

Imaculado - Porque através de *sattva* pode-se destruir o poder ilusório de *māyā*.

Luminoso - Devido à sua pureza, *sattva* é o espelho perfeito para refletir a bem-aventurança espiritual.

Saudável - Da natureza da paz e serenidade.

Um homem sob a influência de *sattva* fica apegado a felicidade e conhecimento e diz, 'Eu sou feliz; eu atingi conhecimento.' Felicidade e conhecimento são atributos da mente, que é uma forma de matéria. Eles pertencem à categoria do objeto e pertencem ao *kshetra*. (XIII, 6) O Ser, que é da natureza da liberdade e totalmente desapegado, fica preso pela identificação com a matéria. É assim que *sattva* prende uma alma ao mundo.

A natureza de rajas e como ele prende:

7. Saiba que *rajas* é a essência da paixão e a causa da sede e apego. Ele prende firmemente a alma encarnada, ó filho de Kunti, pelo apego à ação.

A essência da paixão - Como um corante, ele mancha a alma imaculada e a faz parecer permeada de desejos.

Ação - Produz resultados visíveis e invisíveis. É a sede e o apego que impulsionam uma pessoa mundana à ação. Sede é direcionada a um objeto ainda não atingido, e apego, ao que já foi atingido.

Embora o Ser seja inativo, ainda assim *rajas* o faz sentir, “Eu sou o agente.”

A natureza de tamas e como ele prende:

8. E saiba ainda que *tamas* nasce da ignorância e que ilude todas as criaturas encarnadas. Ele prende firmemente, ó Bhārata, por inadvertência, indolência e sono.

Ignorância - O poder velador (encobridor) de *māyā*. O outro poder de *māyā* é o poder projetor, que funciona principalmente através de *rajas*. *Māyā* está armada com estes dois poderes.

Sob a influência de *tamas* torna-se desatento, preguiçoso e inerte.

As respectivas funções dos três gunas:

9. *Sattva* prende uma pessoa à felicidade, e *rajas* à ação, ó Bhārata; enquanto *tamas* encobre o conhecimento e o prende à inadvertência.

Através da influência de *sattva* o homem se sente feliz apesar da presença de tristeza e sofrimento; através da influência de *rajas* o homem é impelido à ação apesar de estar feliz; através da influência de *tamas* o homem é privado do poder de discriminação e negligencia seus deveres imperativos.

Como os gunas funcionam em um indivíduo?

10. *Sattva* se impõe prevalecendo sobre *rajas* e *tamas*, ó Bhārata; *rajas* se impõe prevalecendo sobre *sattva* e *tamas*; e *tamas* se impõe prevalecendo sobre *sattva* e *rajas*.

Quando um dos gunas prevalece sobre os outros dois, ele produz seu próprio efeito. Assim *sattva* produz conhecimento e felicidade, *rajas* causa apego e impulsiona um à ação, e *tamas* encobre a discriminação e causa inércia e inadvertência.

Qual é a marca característica pela qual se sabe que sattva é predominante?

11. Quando a luz do conhecimento brilha através de todos os portais do corpo, então pode ser conhecido que *sattva* prevaleceu.

Portais - Isto é, os sentidos, que são, para a alma, os portais da percepção.

O cultivo de *sattva* é, sem dúvida, a mais alta virtude no mundo relativo. **Mas não deve ser confundido com liberação, ou o Supremo Bem, que consiste em transcender todos os gunas.** Se demasiadamente estimado, *sattva* logo degenera em *rajas* e *tamas*, que estão sempre presentes, em menor proporção, junto com *sattva*.

As marcas características do rajas predominante:

12. Ganância, atividade, iniciativa, inquietação, anseio - estes surgem, ó senhor dos Bhāratas, quando *rajas* prevalece.

As marcas características do tamas predominante:

13. Escuridão, indolência, inadvertência, ilusão - todos estes surgem, ó descendente de Kuru, quando *tamas* prevalece.

Escuridão - Ausência de discriminação, discernimento.

A vida após a morte é influenciada pelos gunas.

14. Se a alma encarnada encontra a morte quando *sattva* prevalece, ela vai para os planos imaculados daqueles que conhecem o Supremo.

Planos imaculados - Os céus exaltados onde *tamas* e *rajas* nunca podem se afirmar.

Que conhecem o Supremo - Que adoram tais divindades como *Hiranyagarbha* e *Brahmā*.

15. Se a alma encarnada encontra a morte quando *rajas* prevalece, ela nasce entre aqueles que são apegados à ação; e se encontra a morte quando *tamas* prevalece, ela nasce nos ventres de criaturas desprovidas de razão.

Aqueles que são apegados à ação - Isto é, homens.

Criaturas desprovidas de razão - Animais e semelhantes.

Um resumo dos versos precedentes:

16. O fruto de uma boa ação é se diz ser bom e limpo; o fruto de *rajas* é dor; e o fruto de *tamas* é ignorância.

Boa ação - Uma ação caracterizada por *sattva*.

A felicidade que decorre de *sattva* é um reflexo da Bem-aventurança de Brahman.

As funções dos gunas são resumidas:

17. De *sattva* brota o conhecimento, e de *rajas*, ganância; de *tamas* brotam inadvertência, ilusão e ignorância.

De *sattva* brota o conhecimento - É por esta razão que o fruto da ação influenciada por *sattva* é caracterizado por felicidade. Este conhecimento é apenas um meio para a realização do Autoconhecimento.

De *rajas*, ganância - É por esta razão que o fruto da ação influenciada por *rajas* traz dor.

18. Aqueles que estão estabelecidos em *sattva* vão para cima; aqueles que são movidos por *rajas* permanecem no meio; e aqueles que estão imersos em *tamas*, sendo influenciados pelas tendências do guna mais baixo e inferior, vão para baixo.

Para cima - Aos reinos de seres superiores.

No meio - Entre homens.

Tendências do guna mais baixo e inferior - Tais como inércia, indolência, e assim por diante.

Para baixo - Ao nível de animais.

Através de diferentes nascimentos o Espírito experimenta prazer, dor, e ilusão por conta de Seu apego aos três gunas. A liberação é possível apenas através do conhecimento correto, que é agora ensinado:

19. Quando um homem de percepção não contempla nenhum agente [das ações] além dos gunas, e também conhece Aquele que está além dos gunas, alcança Meu ser.

Nenhum agente além dos gunas - São os gunas que se transformam em corpos, sentidos, e objetos sensoriais. O agente, o instrumento, e o resultado da ação são apenas modificações dos gunas e pertencem a *Prakriti*.

Aquele - O Senhor, que habita no homem como seu Ser mais íntimo. Ele é a Testemunha dos gunas e de suas funções.

Alcança Meu ser - Então sua identidade com Brahman torna-se manifesta.

O resultado do desapego dos gunas é a realização da Imortalidade.

20. Quando a alma encarnada elevar-se acima dos três gunas dos quais seu corpo é feito, ganha a liberação do nascimento, morte, velhice, e dor e torna-se imortal.

Elevar-se acima - Isto é, enquanto ainda vive no corpo.

Ganha liberação - Mesmo antes de deixar o corpo.

21. *Arjuna disse:* Quais são as marcas, ó Senhor, do homem que elevou-se acima dos três gunas? Qual é sua conduta? E como ele eleva-se acima dos gunas?

22. -25. *O Senhor disse:* Aquele que não odeia a luz, a atividade, e ilusão quando elas estão presentes, nem anseia por elas, ó Pândava, quando estão ausentes;

Aquele que, sentado como alguém indiferente, não é abalado pelos gunas, que permanece firme e nunca vacila, sabendo que apenas os gunas estão ativos;

Aquele que permanece no Ser e considera igual o prazer e a dor, que considera um torrão, uma pedra, e um pedaço de ouro como de igual valor, que permanece o mesmo no meio de coisas agradáveis e desagradáveis, que é um homem de sabedoria, e que não vê diferença entre elogio e censura;

Aquele que é o mesmo na honra e na desonra, o mesmo para amigo e inimigo, e que renunciou a todos as iniciativas - tal homem se diz ter se elevado acima dos gunas.

Luz - O efeito de *sattva*.

Atividade - O efeito de *rajas*.

Ilusão - O efeito de *tamas*.

Aquele que não odeia a luz etc. - O homem de conhecimento correto não odeia os efeitos dos três gunas quando eles claramente se apresentam como objetos de consciência, nem ele anseia por eles quando eles desaparecerem. Isto responde à primeira pergunta de Arjuna. Estas são marcas que outros não podem perceber; elas podem ser percebidas apenas pelo indivíduo em quem elas aparecem. Nenhum homem pode perceber o ódio ou desejo que se apresenta à consciência de outro homem.

Apenas os gunas estão ativos - Uma vez que os gunas transformam a si mesmos em corpo, sentidos, e objetos, todas as ações são apenas o funcionamento dos gunas. O Ser é a Testemunha desapegada.

Renunciou a todos os empreendimentos - Ele não inicia ação alguma, mas deixa todas as obras para serem feitas pelos gunas.

Estes atributos, descritos em XIV, 22-25, têm que ser adquiridos por esforço especial antes da realização do Autoconhecimento. O aspirante ao Autoconhecimento deve, portanto, cultivar estas virtudes, pois elas são os meios de atingi-lo. Mas ao nascer o Autoconhecimento, quando o aspirante se torna um *jivanmukta*, liberado enquanto ainda vive no corpo humano, todas as virtudes mencionadas aqui fazem parte integrante de sua natureza e servem como marcas de liberação, as quais ele pode perceber para si mesmo.

Como alguém passa além dos três gunas?

26. E aquele que Me adora com o yoga de amor invariável, eleva-se acima dos gunas e torna-se apto a ser um com Brahman.

Me adora - O Senhor, que habita nos corações de todos como seu Ser mais íntimo.

Amor - O qual é baseado no conhecimento do Senhor.

Ser um com Brahman - Isto é, ele está pronto para liberação.

Por quê?

27. Pois Eu sou a Morada de Brahman, o Imortal e o Imutável, e do Eterno Dharma, e da Bem-aventurança Absoluta.

Eu - O Ser mais íntimo, em quem Brahman, o Ser Supremo, habita.

Dharma-Lei e retidão.

Assim na Bhagavad Gītā, a Essência dos Upanishads, a Ciência de Brahman, as Escrituras do Yoga, o Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, termina o Décimo Quarto Capítulo, intitulado:

A DISCRIMINAÇÃO DOS TRÊS GUNAS

O CAMINHO PARA O SER SUPREMO

1. *O Senhor disse:* Eles falam de uma Árvore Ásvattha imperecível com sua raiz para cima e ramos abaixo. Suas folhas são os Vedas, e aquele que a conhece, conhece os Vedas.

Eles - As escrituras.

Imperecível - A Árvore do *samsāra*, ou existência cósmica, repousa sobre uma série contínua de nascimentos e mortes sem começo ou fim. Esta Árvore não pode ser cortada exceto pelo conhecimento e a experiência da identidade do homem com Brahman.

Ásvattha - Lit., aquilo que não dura até o próximo dia. O mundo fenomênico é comparado à árvore Ásvattha por causa de sua natureza mutável.

Raiz para cima - Em uma árvore comum a raiz principal se estende para baixo; mas na Árvore do Mundo a raiz principal está acima. Esta raiz é Brahman com *māyā* (*Saguna* Brahman), já que o Absoluto Imutável (*Nirguna* Brahman) está além da categoria de causalidade. A raiz é descrita como 'acima' porque Brahman com *māyā* é muito sutil e muito grande, e é supremo sobre todas as coisas.

Ramos - O *mahat* (mente cósmica), *ahamkāra* (consciência do eu), *tanmatras* (os cinco elementos sutis), e os outros princípios cósmicos são seus ramos, estendendo-se para baixo. À medida que os ramos vão para baixo tornam-se mais grosseiros.

Suas folhas são os Vedas - Assim como as folhas protegem uma árvore, assim os Vedas (especialmente a porção sacrificial) servem para proteger a Árvore do Mundo formulando seu *dharma* (ação meritória) e *adharma* (o oposto de *dharma*), com suas causas e frutos, e também mostrando o caminho para prosperidade e bem-estar no mundo relativo. O conhecimento dos Vedas dá aos homens um conhecimento dos deuses, dos princípios e poderes do cosmos; os frutos deste conhecimento são gozo e senhorio na terra, no céu, e no mundo intermediário.

Aquele que a conhece etc. - Porque nada mais resta a ser conhecido além da Árvore do Mundo e sua raiz, Brahman.

O décimo quarto capítulo terminou com a nota de que adorar o Senhor com amor inabalável leva à liberação. Mas tal amor não é possível sem desapego do mundo. Assim o Senhor começa o presente discurso com uma descrição da Árvore do Mundo para criar no aspirante um intenso desapego levando ao amor e conhecimento do Senhor Supremo.

Agora segue outra descrição figurativa das diferentes partes da Árvore do Mundo:

2. Acima e abaixo estendem-se seus ramos, nutridos pelos gunas. Objetos dos sentidos são seus brotos; e suas raízes agrupadas espalham-se para baixo no mundo dos homens, dando origem à ação.

Acima - Até o mundo de Brahmā, o céu mais alto.

Abaixo - Aos planos humano e subumano.

Gunas - Os três gunas formam a base material dos ramos.

Objetos dos sentidos são seus brotos - Som, forma, e os outros objetos são os brotos de sua folhagem.

Raízes - Estas são as raízes secundárias; a raiz principal já foi mencionada no verso precedente. Estas raízes são as impressões latentes, apego, aversão, e assim por diante, que são tanto a causa quanto o efeito de ações boas e más. Elas ligam firmemente a ações, tanto boas quanto más, e perpetuam a Árvore do Mundo. Depois de esgotar os efeitos de ação meritória nos mundos superiores ou inferiores – como deuses ou como animais - as almas retornam ao mundo dos homens para novas ações, a serem determinadas por suas obras passadas.

No mundo dos homens - Estas raízes secundárias estendem-se particularmente no mundo dos homens. Somente nesta terra podem as almas realizar ação que produz novos resultados, enquanto como deuses ou animais elas colhem o fruto do que fizeram como seres humanos. Já que o mundo relativo é sustentado pelas ações dos homens, se diz que as raízes da Árvore Cósmica se espalham especialmente no mundo dos homens.

3. -4. Sua verdadeira forma não é compreendida aqui, nem seu fim, nem sua origem, nem mesmo sua existência. Tendo cortado esta Aśvattha de raiz firme com o forte machado do desapego, deve-se orar, “Eu me refugio naquele Ser Primordial de quem jorrou esta atividade eterna,” e buscar aquela Meta de onde aqueles que a alcançaram nunca retornam.

Verdadeira forma - Como descrito acima. O mundo relativo é muito parecido com um sonho ou uma miragem ou uma cidade mágica produzida pela arte do mágico. Ele aparece e desaparece constantemente.

Fim - Na ausência de conhecimento correto o universo relativo não tem fim, uma vez que ignorância, desejos latentes, e obras, por sua ação e reação, mantêm-no perpetuamente ativo. A única maneira de pôr um fim a ele é recorrer à renúncia através da prática do desapego.

Existência - A natureza do universo como o percebemos.

Forte - Fortalecido por uma inclinação resoluta da mente em direção ao Eu Supremo, e afiado repetidamente na pedra de amolar da verdadeira discriminação.

Desapego - De filhos, riqueza, e o mundo celestial. É nivritti, a cessação do impulso original para a ação, que leva à liberação, a consumação do nascimento no mundo relativo.

De quem jorrou - Brahman, ou o Absoluto, é a fonte última da qual foi projetada a Árvore Ilusória do Universo, assim como um objeto ilusório é criado por um mágico.

Atividade eterna - A corrente nunca cessante de evolução, isto é, o mundo fenomênico.

Disciplinas para a realização do Objetivo:

5. Livres do orgulho e da ilusão, tendo conquistado o mal do apego, sempre devotados ao Ser Supremo, com os desejos completamente aquietados, liberados dos pares de opostos conhecidos como prazer e dor, os não-iludidos alcançam aquela Meta Imutável. Estas são as características de um verdadeiro sannyāsi.

Aquela Meta é designada:

6. Lá o sol não ilumina, nem a lua, nem o fogo. É Minha Morada Suprema, e aqueles que a alcançam nunca retornam.

Nunca retornam - Para encarnação no universo relativo. Aqueles que não realizaram o Senhor nascem repetidamente sob a compulsão da lei do karma. A alma iluminada não está sob nenhuma compulsão para retornar à vida mortal.

Parece que no momento da dissolução cósmica ou do sono profundo a alma esquece sua individualidade e sua natureza fenomênica e torna-se uma com a Existência. Então, o que é o jiva, ou alma individualizada? Isto é explicado nos cinco versos seguintes:

7. Uma porção eterna de Mim Mesmo, tendo se tornado uma alma vivente em um mundo de seres vivos, atrai a si os cinco sentidos, com a mente como o sexto, que repousam em *Prakriti*.

Mim Mesmo - O Senhor Supremo.

Tendo se tornado - Através de *māyā*, ou ignorância.

Uma alma vivente - O ser fenomênico, ou *jiva*.

Atrai a si - Enquanto retorna do sono profundo ou do estado de dissolução cósmica para o plano do nome e forma.

O *jiva*, ou alma individualizada, é aquele aspecto do Senhor Supremo que se manifesta em todos como o fazedor e o desfrutador, sendo limitado por *upādhis*, ou condições, estabelecidas por *avidyā*, ou ignorância. Mas na realidade ambos o *jiva* e o Senhor Supremo são o mesmo. A alma individualizada é como o sol refletido na água; o sol refletido é apenas uma porção do sol real. Com a remoção da água, o sol refletido retorna ao sol original e permanece um com ele. O sol é o Senhor Supremo, e a água é a mente, criada pela nesciência. Ou a alma individualizada é como o *ākāśa* (espaço ou éter) em um jarro, que é uma porção do *ākāśa* infinito; o *ākāśa* limitado pelo jarro torna-se um com o *ākāśa* infinito na destruição do jarro, que era a causa da limitação. Depois disso ele não pode novamente ser separado do *ākāśa* infinito. Isto explica a declaração “de onde aqueles que o alcançaram nunca retornam.”

De acordo com esta descrição do *jiva*, cada alma é em realidade divina, por mais parcial que a manifestação atual da Divindade possa ser em seu ambiente físico. Ela é muito

maior do que sua aparência atual, e seu objetivo é transcender limitações materiais. Na realidade, o Infinito não pode ter quaisquer partes. A aparência da alma vivente individualizada é devida a *avidyā*.

No momento da dissolução cósmica ou do sono profundo, a alma individualizada, sem dúvida, permanece fundida em *Prakriti*, ou a Natureza do Senhor; mas esta *Prakriti* é manchada por ignorância, ou *māyā*; não é a essência pura do Senhor. Portanto a alma retorna de *Prakriti* para o mundo da multiplicidade no momento de uma nova evolução ou do despertar. E naquele momento ela traz consigo a mente e os sentidos, que também se fundiram em *Prakriti*, para o gozo do mundo. **Mas a alma que se funde em Brahman após a realização do Autoconhecimento não volta à vida mortal.**

8. Quando o senhor [o *jiva*] adquire um corpo, e quando o deixa, ele leva estes consigo e segue seu caminho, como o vento leva os aromas de seus lugares.

O senhor - Do agregado de corpo e sentidos; isto é, a alma individualizada, *jiva*, mencionada acima.

Adquire um corpo - Para colher os resultados de sua ação passada.

Estes - Os órgãos dos sentidos e a mente.

Lugares - As flores.

Após a morte o corpo físico grosseiro é destruído por cremação ou enterro; mas o corpo sutil, que inclui a mente e sentidos, acompanha a alma como o cheiro das flores acompanha o vento. Quando a alma renasce, ele [o corpo sutil] entra no novo corpo, com os sentidos e mente, e os usa para desfrutar do mundo e seus objetos.

Os órgãos dos sentidos são descritos:

9. Presidindo sobre o ouvido e o olho, os órgãos de toque, paladar e olfato, e também sobre a mente, ele experimenta os objetos dos sentidos.

A alma que transmigra é visível apenas para homens de sabedoria.

10. Os iludidos não o percebem quando ele deixa o corpo ou habita nele, quando ele experimenta os objetos ou está unido com os *gunas*; mas aqueles que têm o olho da sabedoria o percebem.

Iludidos - Porque suas mentes são atraídas pelo gozo de objetos vistos e não vistos.

Não o percebem - Embora o ser seja o mais próximo de todos e possa mais facilmente ser percebido.

Unido com os *gunas* - Isto é, quando a alma experimenta prazer, dor e ilusão, através dos quais os três *gunas* se manifestam.

Olho da sabedoria - O conhecimento adquirido do estudo das escrituras auxiliado por reflexão e razão.

Nenhum Autoconhecimento é possível sem yoga.

11. Aqueles que se esforçam, armados com yoga, o veem habitando dentro de si mesmos; mas os indisciplinados e os irrefletidos não o percebem, embora se esforcem.

Yoga - Equilíbrio e serenidade adquiridos através de concentração e autocontrole.

Indisciplinados - Cujas mentes não são purificadas por austeridade e autocontrole.

Irrefletidos - Que não abandonaram seus maus caminhos e cujo orgulho não foi subjugado.

Mero estudo das escrituras, mesmo auxiliado por razão e reflexão, não será de muito proveito para aqueles cujas mentes são impuras e que não podem discriminar entre o Real e o irreal.

Os próximos quatro versos descrevem a imanência do Senhor como a Luz que tudo ilumina, como a Vida que tudo sustenta, como o fator que nutre em todos os organismos vivos, e como o Ser nos corações de todos:

12. A luz que está no sol e ilumina todo o universo, a luz que está na lua e está igualmente no fogo - saiba que essa luz é Minha.

13. Entrando na terra, Eu sustento todos os seres pela Minha energia, e tornando-Me a lua sávida, Eu nutro todas as ervas.

Entrando na terra - A terra é firmemente mantida pela energia, que é uma manifestação do poder do Senhor.

Lua - É a seiva que dá sabor aos cereais. A lua ('soma' no texto) é o repositório de toda seiva e a transmite às plantas através do orvalho. O plantio de mudas de trigo ou arroz sob a luz da lua é um costume seguido em muitas partes do mundo.

14. Como o fogo Vaishvānara Eu entro nos corpos de todas as criaturas vivas, e misturando-Me com os sopros ascendentes e descendentes, Eu digiro os quatro tipos de alimento.

O fogo *Vaishvānara* - O fogo que habita no estômago, pelo qual o alimento é digerido. Sopro ascendente e descendente - *Prāna* e *apāna*.

Quatro tipos de alimento - Aqueles que são comidos por mastigação ou sucção ou lambida ou deglutição direta.

15. E Eu estou sentado nos corações de todos; de Mim provém a memória e o conhecimento, e sua perda também. Sou Eu apenas quem deve ser conhecido através de todos os Vedas; Eu sou de fato o Autor da Vedānta e o Conhecedor dos Vedas.

Corações de todos - Como o Observador interior, Eu testemunho tudo que é bom e mau em seus corações.

De Mim provém a memória etc. - É através da Consciência interior que se toma consciência das experiências de nascimentos passados (memória) e conhece coisas transcendendo os limites ordinários de tempo e espaço (conhecimento). Através de ações más esta Consciência interior é obscurecida e sofre-se perda de memória e conhecimento.

O Autor da Vedānta - É o Senhor que mantém os ensinamentos da Vedānta vivos através de uma sucessão de mestres.

Nos quatro versos anteriores foram descritas as glórias do Senhor como manifestadas através de upādhis superiores, ou condições, tais como o sol, a lua, e assim por diante. Nos versos seguintes é declarada a verdadeira natureza do Senhor, pura, ilimitada, e não manchada por upādhis perecíveis ou imperecíveis:

16. Há dois seres no mundo: o Perecível e o Imperecível. O Perecível compreende todas as criaturas, e o Imperecível se diz ser o Imutável.

Dois seres - Duas categorias, descritas no texto como 'Purushas' porque são os upādhis, ou condições limitantes, do Purusha, ou Espírito Supremo.

O Perecível - Que compreende todas as formas mutáveis.

O Imperecível - A māyā-śakti, ou poder do Senhor, que ilude todos. É o germe de todos os seres perecíveis e se manifesta através de várias formas de ilusão. Samsāra, do ponto de vista relativo, é interminável; portanto sua semente é também imperecível. Samsāra é destruído apenas pelo Conhecimento de Brahman. Ou a palavra 'Imperecível' pode significar o Desfrutador consciente em todos, que permanece inalterado através de todas as experiências do homem.

Bem distinto do Perecível e do Imperecível, e não manchado pelos males de nenhum, está o Senhor Supremo, eterno, puro e livre.

17. Mas há outro Ser, o Mais Elevado, chamado o Ser Supremo, que como o Imutável, permeia e sustém os três mundos.

Outro - Distinto dos dois descritos no verso anterior.

Ser Supremo - Ele é chamado *Purushottama*, ou o Ser Supremo, porque Ele é mais elevado que o corpo, a mente, e o resto, e porque Ele é a Consciência mais íntima em todos os corpos.

Permeia - Por Sua energia vital, ou senciência.

Sustém - Por Sua mera presença como *Sat*, ou Existência.

O Senhor Mesmo é o Ser Supremo.

18. Como eu ultrapasso o Perecível e como eu sou mais elevado até mesmo que o Imperecível, eu sou exaltado no mundo e nos Vedas como o Ser Supremo.

O Perecível – A Árvore Ilusória do Mundo, descrita no início do capítulo.

O Imperecível – Que constitui a semente dessa Árvore.

As palavras ‘Perecível’ e ‘Imperecível’ podem também significar o corpo físico e a criatura consciente. A última está sob o controle do Ser Supremo.

O resultado do Conhecimento do Ser como descrito acima:

19. Aquele que, não estando iludido, conhece-Me assim como o Ser Supremo – ele conhece tudo, ó Bhārata, e ele Me adora com todo o seu coração.

Conhece-Me assim – Isto é, conhece a alma individualizada como uma com o Ser Supremo.

Ele conhece tudo – Porque o Ser Supremo é o Ser de todos os seres.

20. Assim, ó sem pecado, este ensinamento mais profundo foi revelado por Mim. Ao conhecê-lo um homem torna-se sábio, ó Bhārata, e cumpre todos os seus deveres.

Ensinamento mais profundo etc. – Os ensinamentos do *Gītā* e todo a *Vedānta* foram resumidos no décimo quinto capítulo.

Cumpra todos os seus deveres – Qualquer dever que se tenha a cumprir na vida terá sido feito quando Brahman for realizado.

Assim no Bhagavad Gītā, a Essência dos Upanishads, a Ciência de Brahman, a Escritura do Yoga, o Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, termina o Décimo Quinto Capítulo, intitulado:

O CAMINHO PARA O SER SUPREMO

A DIVISÃO DOS TESOUROS DIVINOS E DEMONÍACOS

1. -3. *O Senhor disse*: Intrepidez, pureza de coração, constância no conhecimento e yoga; caridade, autocontrole e sacrifício; estudo das escrituras, austeridade e retidão;

Não-violência, verdade, e liberdade da ira; renúncia, tranquilidade, e aversão à calúnia; compaixão pelos seres e liberdade da cobiça; gentileza, modéstia, e ausência de inconstância;

Coragem, perdão e fortaleza; pureza, e liberdade de malícia e orgulho excessivo – estes pertencem àquele que nasce com tesouros divinos.

Pureza de coração – Liberdade de engano, dissimulação, falsidade, e similares, nos tratos com outros.

Conhecimento e yoga – Conhecimento consiste em entender a natureza de coisas espirituais, tais como o Ser, o Senhor, e assim por diante, como ensinado pelas escrituras e pelo mestre. Yoga consiste em fazer o que foi assim aprendido, um objeto de experiência direta através de meditação e autocontrole.

Liberdade da ira – Mesmo quando injuriado ou espancado por outros.

Liberdade da cobiça – Permanecendo não afetado mesmo quando os sentidos desfrutam de seus objetos.

Ausência de inconstância – Abstenção de falar ou mover as mãos e pés quando não há necessidade para isso.

Fortaleza – Um estado de mente que sustenta tanto o corpo quanto a mente quando estão cansados ou desanimados.

Uma pessoa dotada desses atributos desfruta felicidade e paz. O décimo sexto capítulo começa com uma descrição dos tesouros espirituais através dos quais se atinge a sabedoria indicada no final do último capítulo.

Uma descrição dos atributos demoníacos:

4. Ostentação, arrogância e presunção; ira, grosseria, e ignorância – estes pertencem àquele que nasce para o legado dos demônios.

Os efeitos das duas naturezas descritas acima:

5. Os tesouros divinos se dizem ser para o propósito de liberação, e o legado dos demônios, para a escravidão. Não se entristeça, ó Pândava; você nasceu com tesouros divinos.

6. Há dois tipos de seres criados neste mundo: o divino e o demoníaco. O divino foi descrito longamente. Ouça agora de Mim, ó Pārtha, com relação ao demoníaco.

As características de pessoas demoníacas:

7. Os homens de natureza demoníaca não sabem o que fazer e o que se abster de fazer. A pureza não está neles, nem a boa conduta, nem a verdade.

O que fazer etc. — Quais atos são úteis para a consecução do objetivo da vida e quais são prejudiciais.

8. Eles dizem: “O mundo é desprovido de verdade, sem uma base moral, e sem um Deus. É trazido à existência pela união do macho e da fêmea, e a luxúria apenas é sua causa: o que mais [seria]?”

Desprovido de verdade — Assim como a vida e os tratos de pessoas demoníacas são baseados em falsidade, assim também, eles dizem, é a própria natureza do mundo. As escrituras ou as palavras de homens santos relativas ao mundo e à Alma são falsas.

Base moral — De acordo com a qual somente o certo perdura e a falsidade perece.

Deus — Que governa o mundo de acordo com o padrão moral.

Esta é a visão dos materialistas.

9. Mantendo tal opinião, estas almas perdidas de pouco entendimento e ações ferozes erguem-se como inimigas do mundo para sua destruição.

Pouco entendimento - Uma vez que se preocupam apenas com objetos sensoriais.

10. Entregando-se a desejos insaciáveis, cheios de hipocrisia, orgulho e arrogância, eles mantêm opiniões falsas através de ilusão e agem com resolução impura.

11. -12. Oprimidos com inúmeras preocupações, que terminarão apenas com a morte, considerando a gratificação do desejo como seu objetivo mais elevado, e sentindo-se certos de que isso é tudo;

Presos por cem laços de esperança, entregues totalmente à luxúria e à ira, eles se esforçam, por meios injustos, para acumular riqueza para a satisfação de suas paixões.

13. -16. “Isto eu ganhei hoje, e aquele desejo eu vou cumprir. Esta riqueza é minha, e aquela também será minha no futuro;

“Aquele inimigo eu matei, e outros, também, eu matarei. Eu sou o senhor de todos; eu desfruto; eu sou próspero, poderoso e feliz;

“Eu sou rico; eu sou de alta linhagem. Quem mais é igual a mim? Eu farei sacrifício, eu darei, eu me regozijarei.” Assim, iludidos pela ignorância,

Atordoados por muitas fantasias, enredados nas malhas da ilusão, viciados na gratificação da luxúria, eles caem em um inferno repugnante.

Até sua adoração e sacrifício são para autoglorificação.

17. Honrados por si mesmos, arrogantes, cheios do orgulho e da intoxicação da riqueza, eles ostensivamente realizam sacrifícios, que são assim apenas no nome, em completo desprezo aos preceitos.

Honrados por si mesmos - Não honrados por pessoas justas.

18. Possuídos de egotismo, poder e orgulho, e também de luxúria e ira, estas pessoas, invejosas por natureza, odeiam a Mim nos corpos de outros e nos seus próprios.

A Mim - O Senhor, que é a Alma mais íntima de todos os seres.

O destino daqueles que odeiam o Senhor habitando em seres vivos:

19. Estes odiadores cruéis, estes malfeitores, estes homens vis, eu arremesso sempre para os ventres dos demônios no ciclo de nascimentos e mortes.

Ventres dos demônios - Isto é, pessoas demoníacas nascem em sua próxima vida como animais ferozes, como tigres e javalis.

20. Tendo caído nos ventres dos demônios e sendo iludidos de nascimento em nascimento, eles nunca alcançam a Mim, ó filho de Kunti, mas vão mais para baixo até o estado mais baixo.

A ideia por trás do texto parece ser esta: A natureza demoníaca leva a uma série de maus resultados inimigos de todo progresso humano. Um homem deve, portanto, tentar livrar-se dela enquanto ainda é um agente livre e enquanto ainda não passou para um nascimento que o excluiria completamente da luz divina.

Esta descrição gráfica sobre a natureza das pessoas demoníacas e seu destino terrível não deve ser forçada a carregar mais do que significa. A criação dos dois tipos no mundo (XVI, 6) não significa a criação absoluta mas apenas a criação no início de um ciclo. A criação em si é sem começo. Os *devas* (almas com atributos espirituais) e *asuras* (almas com atributos demoníacos), representando as forças do bem e do mal, estão sempre presentes no universo relativo dos três gunas. Ambos são necessários para a evolução do universo relativo. Não se quer dizer que as almas humanas são assim criadas por Deus desde o início que elas devem ser ou boas ou más. Nem se quer dizer que há uma rígida predestinação espiritual, que alguns são rejeitados desde o início pelo Senhor e cegados por Ele para que possam ser lançados à perdição eterna. **As almas nascem com atributos espirituais ou demoníacos em conformidade com a lei do karma.** O poder do Senhor, que age como uma luz, pode ser usado para um bom ou um mau propósito, de acordo com a natureza do homem. **Mas todas as almas, os asuras bem como os devas, são porções eternas do Senhor (XV, 7) e todos um dia realizarão sua herança espiritual.**

A alma, sob a influência de *rajas* e *tamas*, é privada de luz, *sattva*, e cai vítima das perversidades de sua natureza inferior. Se não abandonar seus caminhos de erro, ela eventualmente nasce em um corpo sub-humano, como um *asura*, dotado com atributos demoníacos. Desviando sua visão da Luz e da Verdade, ela continua caindo, por causa da força do poder divino mal direcionado, até encontrar-se no poço mais baixo do mundo relativo, chamado inferno. Mas desde que é uma porção do Divino, ou melhor, na realidade um com o Próprio Senhor, não pode ser consignada por eternidade a este estado de auto-esquecimento. Um dia ela entende e se volta para a Luz. E então o outro ensino do *Gītā* (IX, 30) surge - que mesmo o maior pecador, através de seu fervor espiritual, pode seguir o caminho de *sattva* e finalmente atingir a perfeição e a liberdade.

Os três grandes atributos demoníacos que são a causa de todos os males:

21. Três são os portões deste inferno levando à ruína do ser - luxúria, ira e cobiça. Portanto que o homem renuncie a estes três.

Ruína do ser - Eles tornam o ser impróprio para qualquer nobre esforço.

O grande resultado que segue de sua renúncia:

22. O homem que escapou destes três portões da escuridão, ó filho de Kunti, pratica o que é bom para si mesmo e assim atinge a Meta Suprema.

Portões da escuridão - Levando ao inferno, que é cheio de dor e ilusão.

As escrituras são a autoridade quanto ao que deve ser abandonado e o que deve ser seguido.

23. Aquele que descarta as injunções das escrituras e age pelo impulso do desejo, não atinge nem perfeição nem felicidade nem a Meta Suprema.

Escrituras - Aqui a palavra significa os Vedas, que nos ensinam a natureza de Deus, a alma, o além, e a relação do homem para com o homem - tudo baseado nas experiências intuitivas dos sábios videntes. Moralidade e ética, ensinadas do ponto de vista da conveniência ou formuladas pela razão sem suporte, quebram sob o stress das circunstâncias. Elas devem ser baseadas em tais experiências espirituais como a realização da divindade da alma, a unidade da existência, e a Paternidade de Deus, e então ser formuladas através da razão.

24. Portanto, que as escrituras sejam sua autoridade em determinar o que deve ser feito e o que não deve ser feito. Tendo aprendido os ensinamentos das escrituras, você deve fazer seu trabalho no mundo.

Faça seu trabalho - Isto é, deve-se realizar o seu dever seguindo os preceitos de *karma-yoga*.

Os deveres estabelecidos nas escrituras purificam o coração de um homem e permitem-lhe adquirir conhecimento correto e atingir a liberação.

Assim no Bhagavad Gītā, a Essência dos Upanishads, a Ciência de Brahman, a Escritura de Yoga, o Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, termina o Décimo Sexto Capítulo, intitulado:

A DIVISÃO DOS TESOUROS DIVINOS E DEMONÍACOS

XVII

A DIVISÃO TRÍPLICE DA FÉ

1. *Arjuna disse: Quando os homens sacrificam para os deuses com fé, mas desprezam os mandamentos das escrituras, qual é a natureza de sua devoção, ó Krishna? É sattva, rajas, ou tamas?*

Escrituras - Estas contêm a sabedoria conquistada pela experiência coletiva de uma raça: sua cultura, religião, ciência, e descoberta progressiva da melhor regra de vida. Oposto aos mandamentos das escrituras é o impulso do desejo pessoal, que, de acordo com o caráter do indivíduo, pode dar origem a resultados benéficos ou prejudiciais. Veja nota em XVI, 23.

Desprezam os mandamentos etc.- O texto refere-se àqueles que abandonam os mandamentos das escrituras por preguiça, ou por causa da dificuldade inerente em cumpri-las estritamente, e adoram os deuses com fé criada por sua observância da conduta dos líderes da sociedade.

Devoção - A palavra sânscrita intraduzível '*nishthā*' significa a devoção inabalável que dá a um homem a fé em um ideal e impele-o a realizá-lo em ação.

É sattva etc. - A adoração oferecida por eles é baseada em *sattva*, *rajas*, ou *tamas*?

No final do capítulo precedente Sri Krishna disse que aquele que descarta as injunções das escrituras e age de acordo com os impulsos de seus desejos não pode atingir o Conhecimento Mais Elevado. Arjuna pergunta sobre o destino daqueles que adoram com fé mas que não conhecem as escrituras ou são indiferentes a suas regras.

2. *O Senhor disse: A fé dos homens, nascida de suas naturezas individuais, é de três tipos. É caracterizada por sattva, rajas, ou tamas. Ouça agora com relação a ela.*

Nascida de suas naturezas individuais- A natureza do homem consiste de tendências latentes criadas por suas ações- boas ou más- em suas vidas passadas. A fé de cada homem toma a forma, cor, e qualidade dadas a ela por sua natureza (*svabhāva*), a matéria de seu ser, sua substância inata. O homem age de acordo com sua natureza; ele não pode facilmente mudá-la. Pode-se transformar uma natureza mundana em uma natureza espiritual somente com a ajuda da compreensão ganha através do estudo das escrituras e uma determinação indomável.

Três tipos- Como todas as coisas em *Prakriti* ou Natureza.

A fé tríplice:

3. *A fé de cada homem está de acordo com sua disposição natural. Um homem, ó Bhārata, é feito de sua fé; o que é a sua fé, isso verdadeiramente ele é.*

Disposição natural- Isto é, de acordo com *sattva*, *rajas*, ou *tamas* predominando em sua natureza.

O que é a sua fé etc.- Se, por causa das ações corretas de suas vidas passadas, um homem nasce com uma natureza predominando em *sattva*, então sua fé é também caracterizada por *sattva*. O mesmo aplica-se a *rajas* e *tamas*.

A palavra '*śraddhā*,' usualmente traduzida como 'fé,' não é uma crença mecânica ou aceitação das palavras de um homem santo ou livro. É uma atitude afirmativa e reverente para com verdades supra-sensoriais. Através da fé um homem fica intuitivamente convencido da existência da Realidade subjacente ao universo, e sua capacidade para realizar essa Realidade. Não é imposta de fora, mas é produzida pelas tendências que são os resultados de sua ação passada. A intensidade desta fé está de acordo com a paixão com a qual ele persegue um empreendimento. Esta fé é o apelo de um homem a si mesmo, ou a algo potente e irresistível em si mesmo ou na realidade universal, por seu caminho para plenitude e perfeição. Assim um homem é feito de sua fé; ele é aquela fé e aquela fé é ele. A verdade que ele vê é determinada para ele por sua fé. Se as tendências inatas de um homem são caracterizadas por *sattva*, então sua fé irá direcioná-lo para a busca de conhecimento e felicidade. Se são caracterizadas por *rajas*, então sua fé irá direcioná-lo para a busca de ação, terminando em dor e sofrimento. E se são caracterizadas por *tamas*, então sua fé irá levá-lo à ignorância e ilusão.

A natureza da fé deve ser inferida de seus efeitos característicos, a saber, a adoração dos deuses e similares.

4. Homens em quem *sattva* prevalece adoram os deuses; homens em quem *rajas* prevalece adoram semideuses e demônios; e homens em quem *tamas* prevalece adoram fantasmas e espíritos desencarnados.

Deuses- '*Deva*,' a palavra no texto, significa literalmente um ser brilhante; um ser sobre-humano dotado com uma preponderância de *sattva*; uma deidade benigna cheia de qualidades nobres. Veja nota em III, 11-12.

Semideuses e demônios- As palavras no texto são '*yakshas*' e '*rākshasas*'. Elas denotam duas classes de seres sobrenaturais de natureza feroz e cruel.

Espíritos desencarnados- De acordo com a tradição hindu, um brāhmin que, enquanto na terra, negligencia seus deveres brahmânicos torna-se após a morte um espírito desencarnado, ou '*preta*'. A palavra significa, em geral, um espírito maligno adorado por certas pessoas para o cumprimento de desejos terrenos mórbidos.

Aspirantes buscando paz e felicidade adoram deuses benignos, que são da natureza de *sattva*. Aqueles que desejam gozos materialistas e prazeres físicos adoram deidades ferozes, que são incorporações de *rajas*. E pessoas sob a influência de *tamas* são atraídas a fantasmas e espíritos malignos, dotados com os traços de inércia, ilusão e morbidez. Diferentes seres, incorporando *sattva*, *rajas*, ou *tamas*, existem, e adoradores são atraídos a eles de acordo com sua fé e inclinação. Quando adorados com fé, eles respondem às preces

de seus devotos e cumprem seus respectivos desejos. Do ponto de vista Vedântico estas deidades são diferentes manifestações do Senhor. Do Senhor somente vem todo cumprimento.

Raro é o homem cuja adoração é caracterizada por sattva. A maioria dos homens realiza sua adoração sob a impulsão da fé caracterizada por rajas e tamas.

5. -6. Aqueles homens vãos e convencidos que, impelidos pela força de sua luxúria e apego, submetem-se a austeridades severas não ordenadas pelas escrituras, E, tolos que são, torturam todos os seus órgãos corporais, e a Mim, também, que habito dentro do corpo - saiba que eles são demoníacos em seus propósitos.

Austeridades etc. - Que causam dor a si mesmos e a outros seres vivos.

Mim- O Senhor, que é a testemunha dos pensamentos e ações do homem. Desprezar as injunções do Senhor é injuriar o Próprio Senhor.

7. Até a comida que é querida por todos é dos três tipos. Igualmente são os sacrifícios, as austeridades e as dádivas. Ouça agora as distinções entre eles.

A divisão da comida, sacrifício, austeridade, e dádiva de acordo com os três *gunas* é descrita para que os aspirantes possam comer a comida certa, realizar o sacrifício certo, praticar a austeridade certa, e fazer a dádiva certa de modo a assegurar o aumento no elemento de *sattva*.

A comida caracterizada pelos três gunas de acordo com seu efeito no corpo e mente daquele que come:

8. A comida que promove longevidade, vitalidade, força, saúde, prazer, apetite, e que é suculenta, oleosa, substancial, e agradável, é preferida por pessoas dotadas com *sattva*.

Vitalidade- Vigor mental.

Substancial- Cujas essências nutrem o corpo por um longo tempo.

Agradável- Prazerosa de se olhar.

Pessoas desejosas de aumentar *sattva* devem comer comida caracterizada por estas qualidades e evitar o que é descrito nos dois próximos versos.

9. A comida que é excessivamente amarga, azeda, salgada, picante, acre, seca, e ardente é preferida por pessoas dotadas com *rajas*. Ela causa dor, aflição e doença.

Excessivamente- Esta palavra deve ser entendida com todas as sete características.
Dor- No momento em que a comida é consumida.
Aflição- O efeito posterior na forma de angústia mental.

10. E a comida que é malcozida, sem gosto, pútrida, velha, suja, e deixada como sobra, é preferida por pessoas dotadas com *tamas*.

Os três tipos de sacrifício:

11. Aquele sacrifício é da natureza de *sattva* que é oferecido de acordo com as regras das escrituras por aqueles que não esperam nenhuma recompensa e que firmemente acreditam que é seu dever realizá-lo.

Sacrifício - A palavra no texto é '*yajña*', que significa literalmente a oferta de oferendas a uma deidade. Na antiga Índia através deste método de adoração os devotos comungavam com os deuses. Era obrigatório para um chefe de família realizar sacrifício. Ver nota em III, 10.

É seu dever etc.- O dever de um homem reside na performance da adoração em si e não em buscar qualquer resultado dela.

12. Mas aquele sacrifício que é realizado com expectativa de recompensa e por causa de ostentação - saiba que é da natureza de *rajas*.

Tal sacrifício pode ser realizado exteriormente de acordo com as escrituras, mas seu motivo é ostentação, orgulho, ou um forte desejo por seu fruto.

13. E esse sacrifício que não é realizado de acordo com as regras das escrituras, e no qual nenhuma comida é distribuída, nenhum hino é cantado, e nenhuma taxa é paga, e que é desprovido de fé, se diz ser da natureza de *tamas*.

Nenhuma comida é distribuída - A doação de comida para os brâhmins (os custodiantes da cultura espiritual hindu) e os pobres é uma parte indispensável do sacrifício, sem a qual ele se torna totalmente uma coisa para si mesmo.

Nenhum hino é cantado - Isso quer dizer, eles são proferidos de forma defeituosa, que os tornam inúteis para todos os propósitos.

Nenhuma taxa paga - Aos sacerdotes que oficiam no sacrifício.

O sacrifício caracterizado por *tamas* é realizado mecanicamente, seja porque o modo de vida exige, ou porque ele aparece em nosso caminho, ou porque outros o fazem, ou por

causa do desejo de evitar outra dificuldade maior que possa surgir pela sua não-realização, ou por algum outro motivo indigno.

Os três tipos de austeridade:

14. Adoração aos deuses, aos duas-vezes-nascidos, aos preceptores, e aos sábios; limpeza, retidão, continência, e não-violência - estes se dizem ser a austeridade do corpo.

Adoração aos deuses etc. - Os objetos desta adoração são os criadores e protetores da cultura espiritual da Índia.

Duas-vezes-nascidos - Ver nota em I, 7.

Austeridade - '*Tapas*', a palavra no texto, refere-se à autodisciplina, prescrita pela religião a fim de trazer corpo e mente sob controle.

15. Palavras que não ofendem e que são verazes, agradáveis e benéficas, e também a recitação regular dos Vedas - estes se dizem ser a austeridade da fala.

A disciplina da fala consiste na combinação de todas as quatro características mencionadas no texto; o propósito será frustrado se faltar qualquer uma delas.

16. Serenidade da mente, gentileza, silêncio, autocontrole, e pureza de coração - estes constituem a austeridade da mente.

Silêncio - O controle do pensamento, que precede o silêncio da língua.

Pureza de coração-Ver nota em XVI, 1-3.

As austeridades descritas acima classificadas de acordo com os três gunas:

17. Esta austeridade tríplice praticada com suprema fé por homens firmes, sem o desejo por fruto, se diz ser da natureza de *sattva*.
18. A austeridade que é praticada a fim de ganhar respeito, honra e reverência, e por ostentação, se diz ser da natureza de *rajas*. Seu resultado é incerto e transitório.

19. A austeridade que é praticada com uma determinação baseada em tolice, por meio de autotortura, ou com o propósito de arruinar outro está declarada como sendo da natureza de *tamas*.

As dádivas [doações] caracterizadas pelos três gunas:

20. Aquela dádiva [doação] que é feita a alguém que não pode nada devolver, e com o sentimento de que é um dever dar, e que é dada no lugar e tempo certos e a uma pessoa digna - tal dádiva é tida como sendo da natureza de *sattva*.

Que não pode nada devolver - Que não pode devolver, ou que embora seja capaz, não se espera fazer nada em retorno.

Lugar e tempo certos - De acordo com a visão tradicional, uma dádiva se torna muito efetiva quando é feita em um lugar sagrado e em uma ocasião auspiciosa.

21. Mas aquela [dádiva] que é dada em troca de recompensa ou com a expectativa de fruto [resultado] ou de modo relutante é considerada como da natureza de *rajas*.

Recompensa - Esperando um retorno do receptor.

Fruto - No céu ou na próxima vida.

22. E a dádiva que é feita sem respeito ou com desdém, em um lugar e tempo impróprios, e para uma pessoa indigna está declarada como sendo da natureza de *tamas*.

Pode parecer que todos os atos de sacrifício, austeridade e doação serão caracterizados ou por rajas ou tamas e que ninguém será capaz de praticar ou realizá-los à maneira de sattva. Sri Krishna sugere o modo de purificar uma ação imperfeita:

23. “*Om Tat Sat*” - isto foi declarado como a designação tríplice de Brahman. Por meio dele foram criados, no início, os Brāhmīns, os Vedas, e os Sacrifícios.

Om - O principal símbolo de Brahman tanto como o Deus Pessoal quanto como a Verdade Impessoal. Cada letra - A, U, M - indica uma de Suas três manifestações - grosseira, sutil, ou causal - em ordem ascendente, e a sílaba como um todo indica o estado transcendental, *Turiya*, que é idêntico ao Absoluto. Om também significa ‘sim’ ou afirmação. Ver nota em VII, 8.

Tat - Significando ‘Aquilo’, o Indefinível, que só pode ser indiretamente descrito como ‘Aquilo’.

Sat-Significando a Realidade, a Existência suprema e imutável.

Declarado - Na Vedânta, pelos conhecedores de Brahman.
Foram criados - Por Brahmā, ou Prajāpati.

Quando um rito sacrificial ou similar é considerado defeituoso, ele será tornado impecável pela pronúncia de um desses três símbolos de Brahman.

24. Portanto os atos de sacrifício, dádiva e austeridade, ordenados pelas escrituras, são sempre iniciados pelos seguidores dos Vedas com a pronúncia de “Om”.

25. E com a pronúncia de “Tat”, e sem buscar qualquer recompensa, são os vários atos de sacrifício, austeridade e dádiva realizados por aqueles que buscam a liberação.

A pronúncia de “Tat” no início de um sacrifício, austeridade ou dádiva purifica o coração e elimina o desejo pelo fruto.

26. A palavra “Sat” é usada para denotar realidade e bondade; e igualmente, ó Pārtha, a palavra “Sat” é usada para uma ação auspiciosa.

Ação auspiciosa - Tal como uma cerimônia de casamento ou o nascimento de um filho.

Ao expressar a realidade de um objeto que não é absolutamente real - como o nascimento de um filho - e também a bondade de uma coisa que não é absolutamente boa ou auspiciosa, a palavra “Sat”, um epíteto de Brahman, que sozinho é absolutamente real, bom e auspicioso, é usada.

27. Firmeza em sacrifício, austeridade e dádiva é também chamada “Sat”; e assim também é qualquer ação conectada com eles.

Com eles - Isso quer dizer, conectada com sacrifício, austeridade, e dádiva, ou com Brahman, cujo epíteto tríplice é “Om Tat Sat.”

Ações de sacrifício, austeridade e dádiva imperfeitamente realizadas são tornadas perfeitas pela pronúncia, com fé, de “Sat”, o nome de Brahman.

Mas sem fé tudo é fútil.

28. Qualquer sacrifício ou dádiva que seja feito, qualquer austeridade que seja praticada, qualquer cerimônia que seja observada - é tudo chamado “*asat*”, “não-existente”, se for feito sem fé. Não conta aqui ou no além.

Não-existente - Isso quer dizer, é como se não fosse realizado, porque não traz nenhum resultado.

Aqui ou no além - Embora dando muito trabalho, não é de nenhuma utilidade aqui pois não é aprovado pelos sábios, nem pode produzir qualquer bom efeito no além.

O ensino deste capítulo pode ser assim resumido: Há devotos que são ignorantes das injunções das escrituras e ainda assim dotados de *sraddhā*, ou fé. Sua fé, de acordo com sua natureza, pode ser caracterizada como pertencendo a *sattva*, *rajas* ou *tamas*. Estes devotos devem cultivar *sattva* puro evitando comida, adoração, dádiva e austeridade que são de natureza de *rajas* e *tamas*. Eles devem ser devotados a *sattva* somente. Quando sua dádiva, adoração ou austeridade for considerada defeituosa, deve ser purificada pronunciando “Om”, “Tat” e “Sat”. Isto purificará as mentes dos devotos e gradualmente lhes permitirá realizar Brahman.

Assim no Bhagavad Gītā, a Essência dos Upanishads, a Ciência de Brahman, a Escritura do Yoga, o Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, termina o Décimo Sétimo Capítulo, intitulado:

XVIII

O CAMINHO PARA A LIBERAÇÃO ATRAVÉS DA RENÚNCIA

1. *Arjuna disse:* Desejo conhecer a verdadeira natureza de *sannyāsa* e *tyāga*, como distintos um do outro, ó poderoso Hrishikeśa, ó Matador de Keśi.

Sannyāsa e tyāga - Ambas as palavras são geralmente usadas para significar renúncia. Elas têm sido assim usadas nos capítulos precedentes sem distinção.

Este capítulo dá um resumo de todo o *Gītā* e da religião e filosofia Védica.

2. *O Senhor disse:* A renúncia de ações induzidos pelo desejo é entendida pelos sábios como sendo *sannyāsa*, enquanto a entrega dos frutos de todas as ações é chamada *tyāga* pelos sábios.

Todas as ações - Há quatro tipos de ação. Ver nota em V, 13.

As duas palavras transmitem a mesma ideia geral de renúncia, com uma ligeira distinção.

3. Alguns filósofos declaram que todas as ações devem ser abandonadas como más; outros dizem que obras de sacrifício, dádiva e austeridade não devem ser abandonadas.

Como más - Porque é impossível fazer uma obra sem infligir miséria ou danos a alguém.

A palavra “karma”, significando ação, é geralmente usada no *Gītā* no sentido de ritos e cerimônias religiosas, que trazem ao seu executante, direta ou indiretamente, algum resultado. Também inclui obras de bem-estar público, como construir uma estrada ou cavar um poço. Na Índia antiga todas as atividades, mesmo as seculares, tinham alguma relevância ou significado religioso.

De acordo com o comentador Śankara, ação e conhecimento são incompatíveis. Ação denota uma consciência de diversidade, tal como a distinção entre o agente, o instrumento da ação, e o resultado. Mas um homem dotado com Conhecimento vê somente unidade. Ação forma a disciplina dos *karma-yogis*; eles purificam seus corações através do trabalho altruísta advogado no *Gītā* e assim se tornam prontos para o Conhecimento da Realidade. Renúncia, discutida neste e em alguns dos versos seguintes, aplica-se aos *karma-yogis*, que ainda não são iluminados sobre a Realidade Última e cuja disciplina espiritual se dá através do desempenho de deveres; não se aplica aos *sannyāsis*, que seguem o caminho do conhecimento. (III, 3) Os *sannyāsis* renunciam ritos e cerimônias religiosos, deveres

filantrópicos, e outras atividades seculares porque estas estão associadas com a ideia de um fazedor, um instrumento, e um resultado. Eles se dedicam à discriminação filosófica entre o Real e o irreal, e à contemplação do Real. A pouca ação eles realizam, tal como procurar comida ou estudar, é feito por eles sem qualquer apego, já que eles sabem que a ação pertence às gunas. (V, 8-9, 13) A vida dos *sannyāsis* foi descrita pelo Senhor como livre de todas as empreitadas. Portanto o presente verso e também o verso 8 deste capítulo aplicam-se a pessoas que são ignorantes da verdadeira natureza do Ser. Se pede a eles realizar deveres altruístas para a purificação de suas mentes. A injunção sobre trabalho também se aplica àqueles que, através de ilusão ou medo de problema, podem às vezes se sentir tentados a desistir da ação. Diferentes tipos de renúncia (XVIII, 7-9) e visões divergentes sobre ela (XVIII, 2, 4-6) são descritas em conexão com os *karma-yogis*, e não com referência aos *sannyāsis*.

A incompatibilidade do mais alto Conhecimento e o desempenho de deveres é discutida pelo tradutor nos parágrafos conclusivos da Introdução deste livro [no original em inglês].

Os diferentes tipos de renúncia aplicam-se aos karma-yogis.

4. Aprenda de Mim, ó melhor dos Bhāratas, a verdade sobre renúncia; pois renúncia é declarada ser de três tipos, ó tigre entre homens.

Verdade sobre renúncia - Como perguntado por Arjuna em XVIII, 1.

Os três tipos de renúncia aplicam-se somente aos *karma-yogis*, que são ignorantes sobre o Ser. O assunto é profundo e pode ser ensinado somente pelo próprio Senhor.

A verdade sobre renúncia como sugerida no texto acima:

5. Atos de sacrifício, dádiva e austeridade não devem ser abandonados, mas devem ser realizados. Pois verdadeiramente, sacrifício, dádiva e austeridade purificam os sábios.

Sábios - Que realizam ações sem desejar nenhum fruto.

6. Mesmo estas ações, no entanto, devem ser feitas sem apego e desejo por fruto. Isto, ó Pārtha, é Meu julgamento conclusivo e final.

A proposição declarada em XVIII, 4, está agora concluída. A palavra “mesmo” no texto implica que as ações de sacrifício, dádiva e austeridade devem ser realizadas por um buscador de liberação, embora causem escravidão no caso de alguém que está apegado à sua obra e deseja seu fruto.

Os três tipos de renúncia:

7. A renúncia de ação obrigatória não é apropriada. Seu abandono, por ilusão, é declarado ser da natureza de *tamas*.

Ação obrigatória - Tal como adoração diária e devoções, que todo aspirante deve realizar. Também inclui, para o chefe de família, deveres como alimentar animais e mostrar hospitalidade a convidados. Através do desempenho destes deveres o coração do aspirante se torna puro.

8. A renúncia de um homem que abandona um dever por medo de sofrimento físico, porque é doloroso, é da natureza de *rajas*; não lhe traz o fruto da renúncia.

O fruto da renúncia - Isso quer dizer, liberação. É negado a ele porque sua renúncia não é acompanhada por sabedoria.

9. Quando um homem realiza uma ação obrigatória somente porque deve ser feita, e renuncia a todo apego e ao seu fruto - sua renúncia, ó Arjuna, é caracterizada por *sattva*.

As características de um devoto cuja renúncia é da natureza de sattva:

10. O homem sábio de renúncia, que é dotado com *sattva* e cujas dúvidas estão dissipadas, nunca odeia um dever que é desagradável nem sente apego a um dever que é agradável.

Um aspirante que realiza seus deveres da maneira descrita acima e gradualmente remove as impurezas de seu coração, como resultado do qual ele chega a saber que o Ser é sem nascimento, sem morte, e imutável. Gradualmente ele renuncia todas as ações em pensamento e se torna devotado ao Autoconhecimento. Assim atingindo liberdade de ação, ele cumpre o propósito de *karma-yoga*.

Um homem não iluminado se identifica com o corpo e pensa no Ser como o agente ativo. Tal pessoa deve realizar os deveres prescritos, mas renunciar seu fruto.

11. É verdadeiramente impossível para um ser encarnado renunciar a ação inteiramente. Mas aquele que renuncia o fruto da ação é considerado como aquele que renunciou.

Ser encarnado - Alguém que se identifica com o corpo.

É considerado como um etc. - Isto somente significa uma glorificação da renúncia do fruto da ação.

A renúncia de toda ação é possível somente para aquele que não se identifica com o corpo e que conhece seu Ser como um com o inativo Brahman.

Que propósito é servido pela renúncia de toda ação?

12. O fruto tríplice da ação - desejável, indesejável, e misto – advém após a morte para aqueles que não renunciaram, mas nenhum para os sannyâsis.

Ação - Caracterizada por *dharma* e *adharma*.

Desejável - Desfrutado em um corpo celestial.

Indesejável - Experimentado em um corpo subumano.

Misto - Experimentado em um corpo humano.

Aqueles que não renunciaram - Que realizam ação devido à sua ignorância da Realidade Suprema.

Sannyâsis - Aqueles que renunciaram ao mundo e suas obrigações e que se dedicam apenas ao Autoconhecimento.

A pessoa ignorante identifica-se com o corpo e considera a ação, a agência e os acessórios como reais; portanto para ele o abandono da ação não é possível. Mas a ideia de que ação, agência e acessórios são reais deve-se à ignorância da Suprema Realidade.

13. -14. Aprende de Mim, ó poderoso Arjuna, as cinco causas que conduzem à realização de um trabalho, como declarado na filosofia do conhecimento, que põe um fim a toda ação:

O corpo, o fazedor, os diferentes sentidos, as muitas e variadas funções dos sopros vitais, e a divindade que preside como a quinta.

Filosofia do conhecimento - A palavra “*sāmkhya*” no texto refere-se ao Vedānta, no qual é exposto tudo que deve ser conhecido sobre a Realidade.

Que põe um fim etc. - Toda ação cessa quando o Conhecimento do Ser é atingido através do estudo da Vedānta. Compare: II, 46; IV, 33, 37.

Corpo - Através do qual se manifestam desejo, ódio, felicidade, miséria, e assim por diante.

Funções dos sopros vitais - *Prāna* (expiração), *apāna* (inspiração), e o restante.

Divindade que preside - Um poder não visto além dos fatores humanos. Cada um dos órgãos dos sentidos é controlado por um reflexo da Consciência chamado sua divindade que preside. Assim *āditya* (o sol) é a divindade presidindo o olho, por cujo auxílio ele vê e age; e assim por diante com os outros sentidos.

15. Qualquer ação que um homem realiza com seu corpo, fala, ou mente, seja correta ou incorreta - estas cinco, são suas causas.

16. Sendo assim, o homem de mente perversa, que, por causa de entendimento impuro, olha para o Ser, o Absoluto, como o agente [da ação] - ele não vê de forma alguma.

17. Aquele que está livre do sentimento de consciência do eu e cujo entendimento é imaculado - embora ele mate estes homens, ele não mata, nem é ligado.

Livre do sentimento etc. - Ele conhece os cinco fatores mencionados no décimo quarto verso como as causas de toda ação, e o Ser como a Testemunha inativa. Isto é devido ao seu conhecimento das escrituras, seu treinamento por um mestre competente, e sua posse dos princípios sadios de raciocínio.

Cujo entendimento é imaculado - Ele não identifica o Ser com uma ação boa ou má feita pelo corpo ou sentidos a mando dos gunas.

Embora ele mate - Do ponto de vista do ignorante.

Ele não mata - Do ponto de vista da Verdade.

Nem ele é ligado-Pelos resultados de matar.

Corpo e Alma, matéria e Espírito, são completamente diferentes um do outro. Os atributos de um não podem afetar o outro, assim como a água de uma miragem não pode umedecer um único grão de areia no deserto. Qualquer mudança que possa ter lugar no corpo não pode afetar o Espírito.

Os ensinamentos do *Gītā* podem ser ditos como concluídos aqui. No início Sri Krishna afirmou a proposição: "O Ser não mata nem é morto" (II, 19) e deu a imutabilidade do Ser como a razão (II, 20). Ele também brevemente introduziu a ideia (II, 21) de que uma pessoa iluminada não é compelida a se engajar em ação e explicou-a em detalhe através de todo o tratado. Agora Ele conclui o livro nas palavras que o homem sábio "não mata nem ele está ligado." A essência dos ensinamentos é esta: Um *sannyāsi* está livre da consciência do eu e identificação com o corpo; ele renuncia a toda ação porque é trazida por ignorância da verdadeira natureza do Ser. Portanto o fruto triplo da ação - bom, mau, e misto - não o afeta. Apenas um homem não iluminado é afetado por ele.

O Ser imutável não está de forma alguma conectado com a ação. O incitamento à ação é descrito:

18. O conhecimento, o objeto de conhecimento, e o conhecedor formam o incitamento triplo para ação; e o instrumento, o objeto, e o fazedor são a base tripla da ação.

Conhecimento etc. - A realização de uma ação, seja para obter ou para evitar uma coisa, é possível apenas quando há uma conjunção destes três.

Instrumento - É de dois tipos: externo, tais como os diferentes órgãos de percepção, e interno, tais como a mente e entendimento.

Objeto - Aquilo que é buscado e alcançado através da ação pelo agente.

Agente - [Fazedor] Aquele que põe os órgãos em movimento.

Todas as ações estão inerentes nestes três: o instrumento, o objeto, e o agente; portanto eles formam as bases de ação.

19. Conhecimento, ação e o agente são declarados na ciência dos gunas como sendo de três tipos, de acordo com a distinção dos gunas. Ouça como eles são.

Ciência dos gunas - Significando filosofia *Sāṃkhya*, proposta por Kapila. Ele é reconhecido por todos, incluindo os Vedantistas, como a autoridade na ciência dos gunas.

Uma vez que conhecimento, ação, e o agente são caracterizados pelos três gunas, eles caem na categoria de *Prakriti* - Natureza, ou matéria. Eles não têm conexão com o *Ātman*, ou Ser.

O caráter triplo do conhecimento:

20. O conhecimento pelo qual uma Substância indestrutível é vista em todos os seres, indivisa no divididos - saiba que esse conhecimento é da natureza de *sattva*.

Substância Indestrutível - Isso é dizer, Brahman, ou a Realidade Suprema. Ela não muda embora a forma exterior sofra modificações.

Todos os seres - Da divindade mais elevada a uma folha de grama.

Indivisa - Permeando da mesma maneira.

Com a ajuda do conhecimento caracterizado por *sattva*, se vê o *Ātman* não-dual como formando a substância interna de tudo, embora haja diferenças no grau de Sua manifestação.

O conhecimento caracterizado por rajas:

21. Mas aquele conhecimento através do qual se vê em todos os seres várias entidades de tipos diferentes como diferentes umas das outras - saiba que esse conhecimento é da natureza de *rajas*.

Entidades - Almas.

De tipos diferentes - Dotadas com características diferentes, tais como felicidade, infelicidade e similares.

Como diferentes umas das outras - Diferentes em diferentes corpos.

Encontrando criaturas felizes ou infelizes, sábias ou ignorantes, feias ou bonitas, um homem dotado com o conhecimento caracterizado por *rajas* pensa que almas diferentes habitam em corpos diferentes.

O conhecimento caracterizado por tamas:

22. E o conhecimento que está confinado a um único efeito como se fosse o todo, e é sem razão, sem fundamento na verdade, e trivial - esse conhecimento é declarado ser da natureza de *tamas*.

Um único efeito - Tal como o corpo, que é tomado para ser o Ser onipresente, ou uma imagem, que é considerada como o Senhor onipresente.

Trivial - Porque lida com um objeto trivial ou porque produz um resultado insignificante.

O *Ātman* é o Espírito onipresente. Um homem dotado com o conhecimento caracterizado por *tamas* encontra o *Ātman* confinado a apenas um corpo. Similarmente, ele pensa no Senhor como confinado a uma única imagem ou símbolo.

A natureza tripla da ação:

23. A ação que é obrigatória e é feita sem amor ou ódio por aquele que não deseja fruto [recompensa] e que é livre de apego - essa ação é caracterizada por *sattva*.
24. Mas a ação que é realizada com muito esforço por aquele que busca gratificar seus desejos ou que é impulsionado por um sentimento de “eu” — essa ação é declarada ser da natureza de *rajas*.
25. Enquanto que a ação que é executada através da ignorância, sem consideração as consequências ou perda ou dano, e sem consideração à própria habilidade — essa ação se diz ser da natureza de *tamas*.

Perda — De poder ou riqueza.

Dano — A seres vivos.

Os três tipos de agentes:

26. O agente [fazedor] que está livre de apego e egoísmo, que é dotado com firmeza e zelo, e que não é afetado por sucesso e fracasso — ele se diz ser da natureza de *sattva*.

27. O agente que é apaixonadamente apegado à ação e desejoso de seu fruto, que é ganancioso, violento, e impuro, e que é movido por alegria e tristeza — ele é declarado ser da natureza de *rajas*.

Movido por alegria e tristeza — No sucesso ou fracasso da ação na qual ele está engajado.

28. O agente que é instável, vulgar e arrogante; enganador, malicioso e indolente; desanimado e procrastinador — a ele se diz ser da natureza de *tamas*.

Os três tipos de entendimento e firmeza:

29. Ouça de Mim a distinção tripla de entendimento e firmeza, de acordo com os gunas, ó Dhananjaya, conforme Eu os explico separada e plenamente.

Entendimento — A palavra sânscrita “*buddhi*” significa a faculdade de discriminação, pela qual a dúvida criada pela mente é resolvida.

30. O entendimento que determina para um homem o caminho da ação e da renúncia, da ação correta e incorreta; que determina para um homem medo e destemor, escravidão e liberação — esse, ó Pārtha, é da natureza de *sattva*.

Ação correta e incorreta — Julgada pelas injunções das escrituras e ética social.

Medo e destemor — Isso é dizer, a causa do medo e do destemor, e a causa da escravidão e da liberação.

31. O entendimento que dá uma compreensão distorcida de *dharma* e *adharma*, do que deve ser feito e do que não deve ser feito — esse, ó Pārtha, é da natureza de *rajas*.

Dharma — Veja nota em II, 7.

Adharma — O oposto de *dharma*.

A influência de *rajas* no entendimento de um homem desvia sua atenção para a satisfação dos desejos aos quais ele está apegado e que ele acha que conduzem ao seu ganho e prazer. Deste ponto de vista de interesse e felicidade egoísticos ele estabelece o padrão de certo e justiça. Ele defenderá como certo ou legítimo os meios que melhor o ajudarem a atingir seu fruto cobiçado. A influência de *rajas* é a causa de três quartos do falso e distorcido entendimento da humanidade. *Rajas* é o grande pecador e enganador.

32. O entendimento que, estando envolto em escuridão, considera *adharma* como *dharma* e inverte todos os valores – esse, ó Pārtha, é da natureza de *tamas*.

O *buddhi*, ou entendimento, sob a influência de *tamas* chama luz de escuridão e escuridão de luz, toma o que não é *dharma* e o sustenta como *dharma*, persiste na coisa que não deveria ser feita e a apresenta para nós como a única coisa certa a fazer.

33. A firmeza que está acompanhada por concentração inabalável, e pela qual se controla as atividades da mente, dos *prānas*, e dos sentidos – essa, ó Pārtha, é da natureza de *sattva*.

Concentração inabalável – Concentração através do yoga sobre o ideal de Brahman.

Controla as atividades da mente etc. – Isso é dizer, as restringe de se precipitarem no que é oposto ao *dharma*.

Pode-se efetivamente restringir as atividades da mente, dos *prānas*, e dos sentidos apenas por aquela firmeza que é adquirida através da concentração em Brahman. Uma firmeza comum, não adquirida assim, cede sob o estresse das circunstâncias.

34. Mas a firmeza pela qual alguém se mantém firme em *dharma*, prazer, e riqueza, desejando o fruto de cada um através de um apego intenso – essa, ó Pārtha, é da natureza de *rajas*.

Dharma – O objetivo de observar *dharma* é desfrutar da felicidade tanto aqui quanto no além.

35. E a firmeza pela qual uma pessoa estúpida não abandona de seu sono, medo, tristeza, desânimo, e sensualidade – essa, ó Pārtha, é da natureza de *tamas*.

Não desiste etc. – Isso é dizer, é excessivamente viciada em sono e o restante, considerando estes serem os únicos objetos dignos de serem buscados.

Após afirmar a divisão tripla da ação e também dos vários fatores conectados com ela, Sri Krishna descreve a divisão tripla da felicidade, que é o objetivo da ação:

36. -37. E agora ouve de Mim, ó príncipe Bhārata, os três tipos de felicidade:

Aquela na qual um homem chega a se alegrar pela prática e na qual ele alcança o fim da dor, e que é como veneno no início mas como néctar no fim—essa felicidade, nascida do claro conhecimento do Ser, se diz ser da natureza de *sattva*.

Pela prática—A felicidade caracterizada por *sattva* não produz um resultado imediato, como o gozo sensual.

Como veneno no início—Porque tem que ser atingida através do conhecimento da Verdade, renúncia de objetos mundanos, meditação e concentração. Todos estes requerem árduo esforço no início.

Nascida do claro conhecimento do Ser—Porque o Autoconhecimento remove da mente a impureza de *rajas* e *tamas* e a dota com clareza e serenidade.

A fonte desta felicidade não está em coisas externas, mas dentro de cada ser humano. Os *yogis* a desfrutam através de sua comunhão com o Ser mais íntimo.

38. Aquela felicidade que surge do contato dos sentidos com seus objetos, e que é como néctar no início mas como veneno no fim—essa felicidade se diz ser da natureza de *rajas*.

Como néctar no início—Esta é uma das características de toda felicidade sensual.

Como veneno no fim—Porque leva à perda de força, vigor, compleição, sabedoria, inteligência, riqueza e energia.

39. Mas aquela que ilude a alma no início e mesmo após seu término, e que brota do sono, preguiça, e erro—essa felicidade é declarada ser da natureza de *tamas*.

O tópico é concluído:

40. Não há criatura aqui na terra, nem entre os deuses no céu, que esteja livre dos três *gunas* nascidos de *Prakriti*.

Todo o universo relativo, com suas várias entidades materiais, e ações, instrumentos de ação, e resultados, é caracterizado pelos gunas e estabelecido por avidyā, ou ignorância. Portanto pode parecer que a cessação da existência relativa não é possível e a liberação não pode ser atingida. Sri Krishna diz a Arjuna que o homem deve adorar o Senhor através da execução dos deveres para os quais ele é qualificado. Assim ele obterá a graça divina, e através dela, liberação.

41. Os deveres de *brāhmins*, *kṣatriyas*, *vaiśyas*, e *śūdras* têm sido atribuídos de acordo com os *gunas* nascidos da Natureza.

Atribuídos – Atribuídos a cada classe. As escrituras atribuem deveres diferentes às diferentes castas, levando em consideração a preponderância dos *gunas* em suas respectivas naturezas.

Gunas nascidos da Natureza – A palavra “Natureza” (*svabhāva*) pode significar *māyā*, o poder do Senhor, consistindo dos três *gunas*. De acordo com os *gunas* da Natureza, as diferentes castas são dotadas de atributos diferentes. A natureza de um *brāhmin* consiste principalmente de *sattva*; a de um *kṣatriya* de *rajas* e *sattva*, o último estando sob a influência do primeiro; a de um *vaiśya* de *rajas* e *tamas*, *tamas* estando sob a influência de *rajas*; e a de um *śūdra* de *tamas* e *rajas*, *rajas* estando sob a influência de *tamas*.

Ou o texto pode ser explicado de uma maneira diferente: A manifestação dos *gunas* não pode ser sem uma causa. A causa é a natureza (*svabhāva*) do próprio homem, formada pelas tendências (*saṃskāras*) adquiridas como resultado de seus desejos, ações, e associações em suas vidas passadas.

O *Gītā* coloca a máxima ênfase em *svadharma* – o *dharma*, ou dever, de um indivíduo – como determinado por seu *svabhāva*, sua natureza interior formada como resultado de suas próprias ações passadas. Quando a ação exterior de um homem é determinada por seu *svabhāva*, é a coisa certa e saudável, o movimento autêntico de sua alma. Arjuna é solicitado por Sri Krishna a lutar porque é seu *svadharma*, a própria essência de sua natureza *kṣatriya*. O próprio *dharma*, por mais defeituoso, é melhor para si mesmo do que o bem desempenhado *dharma* de outro. É desejável arriscar a vida no desempenho do próprio *dharma*; pois seguir o *dharma* de outro é perigoso para a alma e contrário ao caminho natural da evolução; é uma coisa imposta de fora e, portanto, um obstáculo para a conquista da verdadeira estatura do próprio espírito. O trabalho executado a mando do próprio *dharma* deve ser colocado como uma oferenda aos pés do Senhor; o fruto do trabalho pertence ao próprio Senhor. O ideal de *svadharma* determinado pelo próprio *svabhāva* e não imposto de fora é a base filosófica do sistema de castas hindu, que é principalmente responsável pela coesão e integridade da sociedade hindu durante os últimos vários milhares de anos.

42. Controle da mente, controle dos sentidos, austeridade, limpeza, paciência, e retidão, como também conhecimento, realização, e fé – estes são os deveres de um *brāhmin*, nascidos de sua própria natureza.

Austeridade – Descrita em XVII, 14-16.

Realização – Da natureza de Deus, da alma, e assim por diante, descrita nas escrituras.

Fé – No além como descrito nas escrituras.

43. Heroísmo, entusiasmo, firmeza, engenhosidade, intrepidez em batalha, generosidade, e soberania – estes são os deveres de um *kṣatriya*, nascidos de sua própria natureza.

Engenhosidade—O desempenho, sem confusão, de deveres que se apresentam inesperadamente e exigem ação pronta.

Soberania—O temperamento de um governante e líder.

44. Agricultura, criação de gado, e comércio são os deveres de um *vaiśya*, nascidos de sua própria natureza. E o dever de um *śūdra*, nascido de sua própria natureza, é ação que consiste de serviço.

Consiste de serviço—Prestado a membros das outras castas.

Estes deveres corretamente desempenhados trazem felicidade no além e tornam seus realizadores aptos para conhecimento superior.

45. O homem alcança a elevada perfeição pela devoção ao seu próprio dever. Ouça de Mim, ó Arjuna, como a perfeição é alcançada por aquele que está devotado ao seu próprio dever.

Elevada perfeição—Que consiste na aptidão do corpo e sentidos para a devoção ao conhecimento.

Mas a mera performance de um dever não traz perfeição.

46. Ao adorar Aquele de quem todos os seres procedem e por quem todo o universo é permeado—ao adorá-Lo através da realização do dever se alcança a perfeição.

Aquele—O Senhor Supremo, que é o Guia Interior de cada alma e que permeia o universo como Espírito e Energia.

O véu de *māyā*, criando a noção de deveres, ações, e assim por diante, separa o homem do Senhor. Trabalhando e esgotando o seu próprio karma, de acordo com a lei do seu ser, é o meio pelo qual o véu de *māyā* pode ser retirado e o Senhor realizado. O dever executado como um ato de adoração ao Senhor, sem desejo pelo resultado, realiza este fim, através de Sua graça.

47. Melhor é o próprio *dharma*, ainda que imperfeito, do que o *dharma* de outro bem executado. Aquele que faz o dever ordenado por sua própria natureza não incorre em pecado.

Assim como uma substância venenosa não fere o verme nascido nessa substância, assim também aquele que faz mesmo um dever desagradável ordenado por seu próprio

dharma não incorre em mal. Essa é a única coisa real para ele. Todos os outros deveres são alheios à sua natureza. Ao longo de toda a exortação de Sri Krishna a Arjuna sobre dever, não deve ser esquecido que o dever deve ser realizado como um ato de adoração. De nosso trabalho não devemos buscar qualquer ganho pessoal; devemos nos considerar apenas como instrumentos para o cumprimento de um propósito divino. Para Arjuna, a participação na cruel batalha é mais desejável que a vida de um recluso vivendo de esmolas e não infligindo danos a outros. Tal vida seria inteiramente alheia à natureza inata de Arjuna.

Um homem não iluminado não pode permanecer inativo nem por um momento. O trabalho impulsionado pela própria natureza não é prejudicial. Além disso, todas as ações têm alguma medida de defeito. Portanto,

48. Não se deve abandonar o trabalho para o qual se nasceu, ó filho de Kunti, ainda que ele tenha suas imperfeições; pois todas as obras são cercadas de imperfeições, como o fogo pela fumaça.

Todas as obras — Deveres pertencentes a si mesmo ou a outros.

Cercados de imperfeições — Porque todas as ações estão associadas aos três gunas.

Fogo pela fumaça — Assim como no caso do fogo, o homem sábio desconsidera a fumaça e utiliza seu calor e luz para destruir o frio e a escuridão, assim também no caso das ações deve-se ser indiferente às suas imperfeições inevitáveis e empregar suas virtudes para a autopurificação.

A ação é propriedade dos gunas, sejam eles considerados reais ou falsamente estabelecidos por *avidyā*, ou ignorância. É atribuída ao Ser através da ignorância; portanto, uma pessoa ignorante não pode se abster de ação nem por um momento. Por outro lado, aquele que realizou o Ser inativo pode renunciar à ação completamente, uma vez que sua ignorância foi dissipada pelo Autoconhecimento.

Foi dito (XVIII, 45) que o resultado de karma-yoga é a obtenção de aptidão para a devoção ao conhecimento. A consumação do conhecimento é a perfeição na forma de liberdade absoluta da ação.

49. Aquele cuja mente não está apegada a coisa alguma, que subjugou seu coração, e que está livre de todo anseio [desejos] — ele, pela renúncia, atinge a suprema perfeição, que é a liberdade da ação.

Coisa alguma — Filho, esposa, riqueza e outros objetos de apego.

Anseio — Por corpo, vida ou prazeres.

Renúncia — *Sannyāsa*. Ele conhece o Ser como idêntico ao Brahman inativo.

Suprema perfeição — Em contraste com a perfeição que se atinge através do *karma-yoga*. Veja XVIII, 45.

Ele... atinge etc. — Isto também pode ser interpretado como significando: Ele atinge o estado supremo, no qual permanece como o Ser inativo.

Como um homem que está apto para a devoção ao Autoconhecimento pela prática do karma-yoga atinge a perfeição conhecida como liberdade da ação?

50. Aprenda de Mim de forma breve, ó filho de Kunti, como aquele que atingiu tal perfeição realiza Brahman, que é a suprema consumação do conhecimento.

Perfeição — Aptidão do corpo, mente e sentidos para perseguir o caminho do conhecimento. O corpo e os órgãos adquirem-na através da graça de Deus, que Se agrada de um devoto quando ele realiza seu dever como um ato de adoração.

Brahman — O Conhecimento de Brahman é o mesmo que o Conhecimento do *Ātman*, ou Ser.

Consumação do conhecimento — O constante estabelecimento da mente em Brahman sem qualquer quebra ou interrupção.

Como é esta consumação alcançada?

51. -53. Dotado de um entendimento puro, restringindo o ser com firmeza, afastando-se do som e de outros objetos, e abandonando amor e ódio;

Morando em solitude, comendo pouco, controlando a fala, corpo e mente, sempre engajado em meditação e concentração, e cultivando a liberdade da paixão;

Renunciando à presunção e ao poder, orgulho e luxúria, ira e posses, tranquilo no coração e livre do ego — ele se torna digno de se tornar um com Brahman.

Entendimento puro — Um entendimento (*buddhi*) que é livre de dúvida e ilusão, e inabalável em sua devoção a Meta. O puro *buddhi*, porque reflete a Consciência sem distorção, é o mesmo que Brahman.

O ser — O corpo e os sentidos.

Afastando-se do som etc. — Renunciando a todos os luxos, todos os objetos exceto o mínimo que é necessário para a mera sustentação do corpo.

Abandonando amor e ódio — Desistindo do amor e do ódio mesmo por objetos que são necessários para a mera sustentação do corpo.

Morando em solitude etc. — Solitude e o controle da comida conduzem à serenidade da mente, porque eliminam distração, sonolência e outros males.

Sempre engajado — A palavra “sempre” implica que o aspirante ao Autoconhecimento desiste de todos os outros rituais e cerimônias e pratica apenas meditação e concentração.

Meditação — Sobre a verdadeira natureza do Ser.

Concentração — Foco da mente sobre o Ser.

Liberdade da paixão — Por objetos aqui e no além.

Poder — Aquele poder que está combinado com luxúria e paixão.

Renunciando ... posses—Esta é a característica de um *paramahansa sannyāsi*, um monge da mais alta ordem, que não mantém consigo as mais leves possessões, mesmo para a mera sustentação de seu corpo.

Digno de se tornar etc.—Um aspirante dotado com as virtudes declaradas no texto atinge a suprema perfeição de identidade total com Brahman.

O resultado de inabalável união com Brahman:

54. Tendo se tornado Brahman e estando tranquilo no coração, ele nem se entristece nem deseja. Ele trata igualmente todos os seres e atinge a suprema devoção a Mim.

Tendo se tornado Brahman—Firmemente fundamentado na convicção de que ele é Brahman.

Ele nem se entristece nem deseja—Por causa de sua ausência de identificação com o corpo, sentidos e mente.

Trata igualmente—Ele considera o prazer e a dor de outros como se fossem seus.

Suprema devoção—Mencionada em VII, 17.

55. Por essa devoção ele Me conhece, conhece o que, em verdade, Eu sou e quem Eu sou. Então, tendo Me conhecido em verdade, ele prontamente entra em Mim.

O que, em verdade, Eu sou—Ele sabe que o Senhor apenas é a essência das diversas manifestações causadas por Sua *māyā*.

Quem Eu sou—Ele sabe que o Senhor é desprovido de todos nomes e formas causados por *māyā* e é da natureza do Absoluto.

Tendo Me conhecido em verdade—Tendo conhecido que o Senhor é não-dual, não-nascido, não-decadente, imutável, e da natureza do Espírito e Consciência.

Entra em Mim—Os atos de conhecer e entrar são não duas ações separadas e consecutivas; elas são uma e a mesma. Conhecer o Senhor verdadeiramente é ser completamente absorvido n'Ele.

A Suprema Devoção (XVIII, 54), que é a consumação do conhecimento, é atingida pelo aspirante quando seu conhecimento da unidade do ser individual e do Ser transcendental realizado através das instruções das escrituras e do mestre e também através de sua prática de tais disciplinas como pureza, humildade, não-violência, e assim por diante—é acompanhado pela renúncia de toda atividade associada com a noção de um fazedor e um resultado, e também quando tal conhecimento é corroborado por sua própria experiência. Através de tal devoção ele cria uma corrente mental ininterrupta pela qual ele permanece sempre ciente de sua identidade com o Ser Supremo. É óbvio que o trabalho que assume uma distinção entre o fazedor, o instrumento e o resultado deve ser renunciado por um homem que quer manter tal corrente.

A liberação descrita acima pode também ser atingida através da realização dos próprios deveres.

56. Mesmo engajado em todos os tipos de ação, um homem que se refugiou em Mim alcança, por Minha graça, a eterna e imperecível Morada.

Todos os tipos de ação — Incluindo até mesmo ação proibida.

Refugiado em Mim — Realizando seu dever para agradar apenas o Senhor e não para ganhar qualquer resultado para si mesmo.

57. Entregando, em pensamento, todas as ações a Mim, considerando-Me como a Meta Suprema, e praticando firmeza de mente, fixe seu coração, ó Arjuna, constantemente em Mim.

Entregando etc. — Como declarado em IV, 24 e IX, 27.

58. Fixando seu coração em Mim, você superará toda dificuldade por Minha graça; mas se por presunção você não Me ouvir, você perecerá totalmente.

59. Se, deixando se levar pela presunção, você disser a si mesmo, “Eu não lutarei”, vã é sua resolução. Sua natureza o compelirá.

Natureza — A natureza *kshatriya*, com uma preponderância de *rajas*.

60. Ligado por seu próprio karma, ó filho de Kunti, que é nascido de sua própria natureza, o que através da ilusão você busca não fazer, você fará, mesmo contra sua vontade.

Karma -Tal como heroísmo, engenhosidade, e assim por diante, mencionados em XVIII, 43.

61. O Senhor mora nos corações de todos os seres, ó Arjuna, e por Sua *māyā* os faz girar como se montados em uma máquina.

Arjuna — A palavra também significa ‘branco’ e significa um homem de coração puro.

Montados em uma máquina — Como marionetes são movidas por um puxador de fios sentado atrás da tela, assim também **os seres criados se movem e agem no palco do mundo, sob o controle do Senhor sentado nos corações de todos.** Compare: IX, 10.

62. Tome refúgio n'Ele apenas com toda sua alma, ó Bhārata. Por Sua graça você ganhará Suprema Paz e a Eterna Morada.

Tome refúgio n'Ele apenas — Desista da autopresunção, pois todos as criaturas estão sob o controle do Supremo Senhor.

63. Assim por Mim esta sabedoria, mais profunda que a maior profundidade, foi declarada a você. Reflita sobre ela plenamente e aja como você quiser.

Ela — O ensino do *Gītā*.

Aja como você quiser — As escrituras servem ao propósito de dizer ao homem o que ele deve fazer e o que não deve. Cabe ao próprio homem escolher o certo e rejeitar o errado.

64. Novamente ouça Minha palavra suprema, a mais profunda de todas. Você é amado por Mim; portanto eu lhe direi o que é para seu bem.

65. Fixe seu coração em Mim, dê seu amor a Mim, adore Mim, curve-se diante de Mim; assim você virá a Mim. Esta é Minha promessa a você, pois você é querido por Mim.

O devoto que considera o Senhor como seu objetivo, meio, e fim, é certo de alcançar o Senhor. A promessa do Senhor não pode deixar de ser cumprida. Uma vez que a liberação é o resultado de devoção de todo o coração ao Senhor, deve-se considerar a Ele apenas como o mais elevado e único Refúgio.

66. Abandone todos os *dharmas* e venha apenas a Mim por abrigo. Eu o livrarei de todos os pecados; não se entristeça.

Dharmas — *Dharma*, ação justa e correta, aqui inclui o que é injusto e incorreto também. Toda ação, justa ou injusta, cria escravidão e, portanto, é incompatível com a suprema liberação ensinada aqui. Sri Krishna estabelece a renúncia de toda ação como a condição da liberação.

Eu — O Senhor, o Ser de todos, morando em todos como sua essência mais íntima.

Por abrigo — Pois não há nenhum outro exceto o Senhor.

Eu o livrarei — Revelando a verdadeira natureza do Senhor, que está além da multiplicidade do mundo relativo.

Todos os pecados — Isto é, a escravidão imposta aos homens na forma de *dharma* e *adharma*. O esquecimento da verdadeira natureza do Senhor, através de Sua *māyā*, cria a ilusão do bem e do mal, dor e prazer, e os outros pares de opostos, que impulsionam os homens à ação para a aceitação de um e a rejeição do outro.

A conclusão do *Gītā*, de acordo com o comentador Śankara, é que a suprema liberação, que também é a mais alta Bem-aventurança, não é possível nem através do trabalho (ritualístico, filantrópico, ou qualquer tipo de trabalho associado com a ideia de um fazedor, meio de ação e resultado) nem através de uma conjunção de trabalho e conhecimento; é possível apenas através do Autoconhecimento, ou Conhecimento de Brahman. A ação é possível apenas em um mundo relativo de multiplicidade. A percepção do múltiplo é devida a *avidyā*, ou ignorância, por conta da qual o homem sente um impulso para a ação. A ignorância é sem começo e assim também é o impulso para a ação. Assim como pela escuridão não se pode destruir a escuridão, assim por meio da ação não se pode remover a ignorância e atingir a mais elevada Bem-aventurança. Assim como a luz apenas pode destruir a escuridão, assim o Conhecimento do Ser – o Conhecimento que faz alguém realizar que o Ser é não-nascido, imortal, incorpóreo, sempre puro, sempre livre e intocado pelo tempo, espaço e causalidade – destrói a ignorância e com ela a noção ilusória do próprio dever no mundo da multiplicidade. De fato, o Conhecimento remove a ilusão da própria existência do universo relativo e revela a Realidade, que é Una e sem um segundo. Ademais, a eterna Bem-aventurança não pode ser o efeito da ação ou de qualquer outra coisa; nesse caso ela teria um começo e não poderia ser eterna. Esta Bem-aventurança, ou liberação, se diz ser produzida pelo Conhecimento apenas em um sentido figurado, na medida em que o Conhecimento destrói a ignorância, e esta destruição é simultânea com a revelação da Realidade sempre existente.

Os ensinamentos do Gita são concluídos. Agora o Senhor estabelece as regras para sua transmissão:

67. Você não deve falar sobre isso para aquele que não é austero na vida ou que não tem devoção, nem para aquele que não deseja ouvir, nem para aquele que fala mal de Mim.

Isso – A instrução incorporada no *Gītā*.

Que não tem devoção – A Deus ou ao seu mestre.

Que não deseja ouvir – A palavra no texto pode também significar “que não presta serviço ao guru”.

Que fala mal de Mim – Que Me considera, Krishna, como um homem comum e não reconhece Minha natureza divina.

O mérito de ensinar o Gītā aos devotos do Senhor:

68. Aquele que, com suprema devoção a Mim, ensina esta filosofia extremamente profunda àqueles que são devotados a Mim, sem dúvida virá a Mim.

Ensina – O preceptor do *Gītā* deve ter a fé que através de seu ensino ele está prestando serviço ao Senhor, o Supremo Mestre.

A devoção ao Senhor é a condição para ser um estudante ou um preceptor do *Gītā*.

69. Não há ninguém entre os homens que possa fazer algo mais agradável a Mim do que ele; nem haverá outro na terra mais querido por Mim do que ele.

Ele — Que explica os ensinamentos do *Gītā* aos devotos do Senhor.

O resultado do estudo do Gītā:

70. E aquele que estudar este nosso diálogo sagrado — por ele Eu terei sido adorado através do conhecimento como um sacrifício; tal é Meu julgamento.

Conhecimento como um sacrifício — Vários tipos de sacrifício (*yajna*) têm sido descritos no quarto capítulo do *Gītā* e foi apontado (IV, 33) que o sacrifício através do conhecimento é o melhor de todos.

O resultado de ouvir o Gita:

71. E o homem que ouve isto, cheio de fé e livre de malícia — mesmo ele, liberado do pecado, atingirá as felizes regiões dos virtuosos.

Mesmo ele — Que um resultado mais meritório aguarda aquele que compreende os ensinamentos do *Gītā* não precisa ser apontado.

O Divino Mestre quer saber se o aluno entendeu os ensinamentos do Gītā. Se não, Ele encontrará algum outro meio para trazer convicção à mente de Arjuna.

72. Foi isto ouvido por você, ó Pārtha, com uma mente concentrada? Foi destruída sua ilusão, nascida da ignorância, ó Dhananjaya?

O preceptor trabalha duro para explicar as escrituras, e o estudante trabalha duro para entender o ensino. O esforço da parte de ambos, visa a destruição da ignorância do estudante.

73. *Arjuna disse:* Minha ilusão se foi. Eu recuperei minha memória através de Sua graça, ó Krishna. Eu estou firme; estou livre da dúvida. Agirei de acordo com Suas palavras.

Ilusão — Nascida da ignorância, a causa do mal da existência mundana.

Memória — Em relação à verdadeira natureza do Ser.

Eu estou firme — Arjuna está pronto para lutar para cumprir a ordem de Krishna.

O propósito do estudo das escrituras é a destruição da ilusão, que é de imediato seguida pelo Autoconhecimento.

O ensino do Gita acabou. O resto é apenas a conclusão da narrativa principal.

74. *Sanjaya disse: Assim ouvi este diálogo maravilhoso entre Krishna e Arjuna, de alma elevada, que fez meus cabelos se eriçarem.*

Sanjaya diz isso ao rei cego Dhritarāshtra.

75. *Pela graça de Vyāsa eu ouvi este supremo e profundo yoga diretamente de Krishna, o Senhor do yoga, Ele mesmo o ensinando.*

Pela graça etc.- Pela graça do sábio Vyāsa, Sanjaya tinha sido dotado de visão divina, pela qual ele observou tudo o que aconteceu entre Krishna e Arjuna no campo de batalha e o reportou a Dhritarāshtra.

Yoga - O *Gītā* é chamado de “yoga” porque lida com yoga, ou a comunhão da alma com o Ser Supremo.

76. *Ó Rei, cada vez que me lembro deste maravilhoso e sagrado diálogo entre Krishna e Arjuna, eu me regozijo de novo e de novo e de novo.*

Rei - Dhritarāshtra.

77. *E a cada vez que me lembro daquela mais maravilhosa forma de Krishna, grande é meu espanto, ó Rei, e me regozijo novamente e novamente.*

Forma - A Forma Universal de Krishna, descrita no décimo primeiro capítulo do *Gītā*.

O resultado da batalha não pode mais ser duvidado.

78. *O lado que tem Krishna, o Senhor do yoga, e o lado que tem Arjuna, o manejador do arco Gāndiva - lá certamente haverá fortuna, vitória, prosperidade, e conduta correta. Tal é minha convicção.*

Gāndiva - O poderoso arco de Arjuna.

Assim, no Bhagavad Gītā, a Essência dos Upanishads, a Ciência de Brahman, as Escrituras do Yoga, o Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, termina o Décimo Oitavo Capítulo, intitulado:

O CAMINHO PARA A LIBERAÇÃO ATRAVÉS DA RENÚNCIA

*Aqui termina o Srimad Bhagavad Gītā.
Om. Paz! Paz! Paz seja com todos!
Om Tat Sat.*